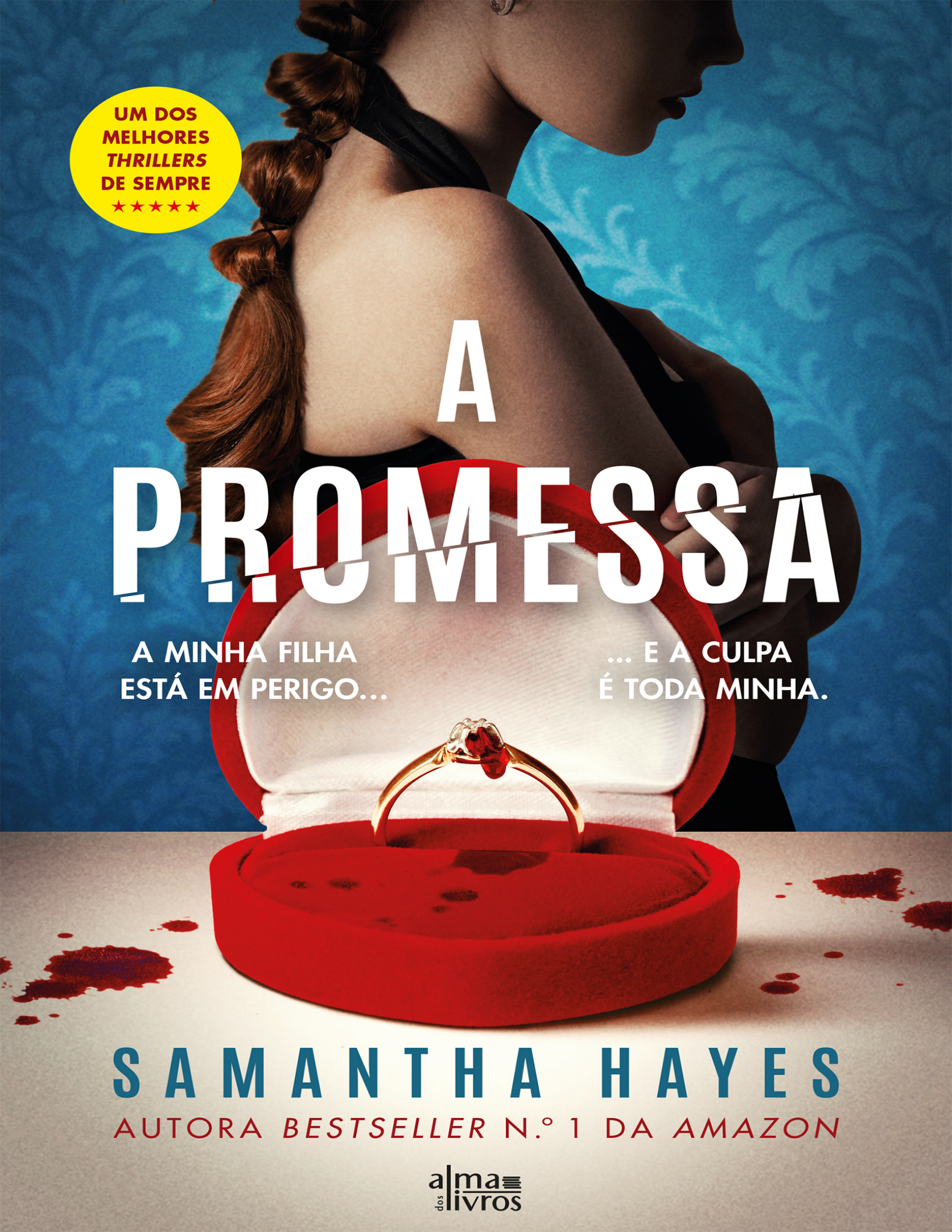

UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE
★★★★★
A PROMESSA
A MINHA FILHA ESTÁ EM PERIGO...
... E A CULPA É TODA MINHA.
SAMANTHA HAYES
AUTORA *BESTSELLER* N.º 1 DA *AMAZON*
alma dos livros

SAMANTHA HAYES

A PROMESSA

Tradução de
Sónia Lopes

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
© 2025
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © Samantha Hayes, 2023
Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em 2023
por Storyfire Ltd, comercializado como Bookouture
Samantha Hayes afirmou o seu direito
a ser identificada como a autora desta obra.
Título: *A Promessa*
Título original: *The Engagement*
Autora: Samantha Hayes
Tradução: Sónia Lopes
Revisão: Eva Silva
Paginação: Maria João Silveira
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock, iStock e Rawpixel
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 552695/25
1.ª edição: Outubro de 2025
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.
Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para o meu queridíssimo pai, com toneladas de amor.
Meu Deus!
xxx

Prólogo

A noite estava perfeita. As ondas suaves desdobravam-se na orla do Lac de Paladru e o grande sol cor de laranja afundava-se lentamente sobre a margem ocidental, lançando brilhos fogosos sobre a água. Ela estava sentada numa toalha na praia de seixos, com o bonito vestido de verão puxado até às coxas e os dedos dos pés mergulhados na água fresca.

– Meu Deus, adoro este sítio – disse ela, inclinando a cabeça para trás.

O céu estivera limpo todo o dia – toda a semana, na verdade. Dez dias antes, tinham apanhado um comboio para passar duas noites na costa, alojados em Nice, a explorar Cannes e a desfilar pelo passeio à beira-mar, fingindo ser ricos e famosos. Riram-se, comeram comida deliciosa, fizeram amor, beberam vinho e fumaram cigarros. Depois, regressaram a Lyon. A sua casa parecia agora tão distante como a lua e ela nunca mais queria voltar.

– Porque é que não ficamos a viver aqui para sempre? – perguntou, bebendo mais um gole do champanhe que ele tinha trazido para o piquenique. Que romântico, pensara, quando ele lhe disse que tinha alugado um carro, que tinha comprado um cesto e que iam passar o dia no lago. – Viste aquela casinha de madeira a caminho de cá? Uma coisa assim seria perfeita. Nadaria todo o dia, teria um jardim de flores, teria bebés, ter-te-ia a *ti*. Ficaria completamente satisfeita.

Ele riu-se.

– És mesmo sonhadora. – Passou-lhe a mão pela coxa. – E é isso que adoro em ti. A tua inocência e ambição.

– *Adoras*? – disse ela, virando costas ao pôr do sol para olhar para ele. Encavalitou os óculos de sol no cimo da cabeça.

Ele anuiu.

– Sim – disse solenemente. – Amo-te. Adoro que acredites que tudo é possível. Adoro que vejas o bem em tudo. E isso faz-me ver o bem em ti.

Ela sentiu as suas entranhas a derreter. Literalmente. Como se tudo se esvaísse e se transformasse em pura felicidade. Aquela viagem podia melhorar?

– Também te amo – disse ela, pegando-lhe na mão e agarrando-lhe os dedos. Beijaram-se, com os lábios a saberem a champanhe e a sol, e os corações a baterem ao mesmo ritmo. – Sinto-me tão… *tão diferente* contigo – sussurrou.

Como uma mulher a sério, pensou. Céus, não queria que aquela sensação terminasse, nunca mais queria voltar para casa. Embora, na realidade, soubesse que teriam de o fazer. Para começar, ele tinha o seu negócio, e ela compreendia que isso era importante. Mas, por agora, tencionava espremer até à última gota a alegria do tempo que estavam a passar juntos. Nunca imaginara que as suas férias de verão se desenrolassem assim.

– Queres casar comigo?

Ao início, perguntou-se se teria imaginado as palavras, se a sua mente estaria a inventar a sua fantasia mais louca, se seria apenas o vento a sussurrar nas ervas altas da margem ou se teria sido outra pessoa a proferi-las. Mas não havia mais ninguém por perto.

– Estou a falar a sério – disse ele, com os lábios encostados aos dela. – Quero que fiquemos noivos.

1

HANNAH – AGORA

O que achas? – Rodopio, segurando o vestido à minha frente.

O Rob é sempre tão amoroso, tão atento aos meus sentimentos, mas a ligeira hesitação e o lampejo de dúvida nos seus olhos não passam despercebidos.

Rio-me.

– Tens razão, é horrível. – Volto a colocar o vestido no varão, percorrendo com os dedos o tecido dos outros que estão expostos na loja.

– Não disse isso – contrapõe ele, sorrindo e deslizando uma mão para a parte inferior das minhas costas. – Ficarias linda com qualquer coisa.

Digo um *«pá»*, pousando brevemente a cabeça no seu ombro.

– E este? – Pega nele e encosta-o a mim. – Melhor – diz. – A cor faz sobressair os teus olhos.

– Vou experimentá-lo – decido, embora não tenha a certeza quanto às lantejoulas. – Demasiado exuberante?

– É uma festa exuberante – lembra-me o Rob. – A festa de dezoito anos da Belle *e* a festa de boas-vindas. – Tira um vestidinho preto do varão e junta-o à coleção que tenho na mão.

É uma das razões pelas quais amo o Rob com todo o meu coração e mais: a maneira como trata a Belle, a enteada, como se fosse sua. Em todos os anos que estivemos juntos, nem uma vez agiu como se não fosse do seu sangue, nem quando tivemos a Amber, a nossa filha mais nova. E entre elas não há nada que seja só «por afinidade».

Enquanto me dirijo para o provador, o Rob deixa-se cair numa cadeira de veludo na sala de espera. Lanço-lhe um pequeno sorriso enquanto corro a cortina.

– Não demoro – exclamo, desabotoando a blusa e tirando-a. Dispo as minhas calças cinzentas, uns dos vários pares semelhantes que uso no

trabalho e, como sempre, quando vejo as pernas ao espelho, os meus olhos desviam-se para a tatuagem que fiz para substituir outra na minha coxa. Um lembrete de uma outra vida. Uma marca de tudo o que era podre.

Estremeço. Já não sou eu. Há muito tempo.

Em vez disso, concentro-me no que estou a fazer: escolher um vestido novo e bonito para usar na festa de dezoito anos da Belle. Ela não faz ideia de que estamos a organizá-la. O segredo tem sido fácil de guardar, uma vez que ela tem estado fora, em França, nos últimos dois meses. E, por acaso, acontece que sou boa a guardar segredos.

Nunca contes…

Abraço-me, esfregando os arrepios que me apareceram nos braços. Nunca me vou livrar dos pensamentos nem dos ocasionais olhares para trás. Em vez disso, digo a mim mesma que são um lembrete de até onde cheguei. De como a minha vida é diferente agora com o Rob, a Belle e a Amber – todos nós felizes. Mas o meu corpo é um lembrete constante, como se ainda não fosse exatamente meu.

– O que achas? – pergunto, saindo do provador.

O Rob levanta-se.

– Fica muito bem – responde, dando um passo atrás e avaliando-me.

– Não achas que é muito decotado?

O Rob estende a mão e ajusta a altura das mangas sem ombros, ajeitando delicadamente o tecido de chifom azul com as suas pequenas lantejoulas e missangas.

– Não. É lindo. *Tu* és linda. – Levanta-me o queixo e dá-me um beijo leve nos lábios. – Precisas sequer de experimentar os outros?

Na caixa, saca da carteira, insistindo, mas reparo que dá uma olhadela rápida à etiqueta do preço antes de engolir em seco e suster a respiração enquanto entrega o cartão.

– Olá, miúda – diz o Rob, despenteando o cabelo da Amber enquanto ela se senta à mesa da cozinha.

A Natalia, a nossa *au pair*, está ao lava-loiça de costas para nós com os braços mergulhados na água enquanto esfrega uma panela.

Os músculos grossos exibem-se com orgulho nos seus braços, expostos pelo *top* preto sem mangas que está a usar.

– Está tudo bem? – pergunto-lhe.

Vira-se por um instante e sorri, um sorriso agradável no seu rosto jovem e

oval. Com vinte e dois anos, veio para Inglaterra há seis meses para aprender inglês e nós somos a sua primeira família. Embora não precise dela para tomar conta da Belle, tem sido uma dádiva de Deus a cuidar da Amber, bem como a cozinhar ocasionalmente e a manter a casa a funcionar em troca de alojamento gratuito e de um pequeno salário… além disso, leva as miúdas no pequeno carro que lhe comprámos. Apesar de tentarmos estar em casa o máximo de tempo possível, as nossas carreiras nem sempre são compatíveis com a vida familiar. Uma empregada interna era a opção mais económica para cuidar das crianças.

– Está tudo bem – diz ela, lavando a panela e colocando-a de cabeça para baixo no escorredor. – Esparguete sobrou, se quiser.

– *Sobrou esparguete* – intromete-se a Amber.

Embora não gostemos de corrigir o inglês da Natalia para não sermos demasiado críticos, a Amber não se coíbe de o fazer. É um pouco de poder que exerce sobre aquela mulher que não parece ter idade suficiente para ser mãe, mas que é demasiado velha para ser irmã. Mesmo assim, adora-a.

– *Sobrou esparguete* – repete a Natalia.

Os seus olhos brilham, emoldurados pelo cabelo curto e espetado de um louro quase branco. Tem um corte à escovinha à volta das orelhas e até às têmporas. De alguma forma, o visual combina com as suas feições delicadas.

Agradeço-lhe e acendo o fogão, pondo a panela de massa a aquecer. A Natalia acaba de lavar o lava-loiça e tira as luvas de borracha, retirando-se silenciosamente da cozinha. Quando chegamos a casa, ela normalmente vai para o quarto estudar ou, de vez em quando, sai com algumas raparigas da aula de inglês ou com outras amigas que também são *au pairs*.

Sirvo a comida nos pratos e eu e o Rob sentamo-nos à mesa com a Amber. Ela mal tocou na comida.

– Como é que correu o ATL?

O Rob levanta-se e vai buscar uma garrafa de vinho branco ao frigorífico, servindo dois copos.

– Bem – responde a Amber. Não olha para cima.

– Tiveste notícias da tua irmã hoje? – pergunto, olhando para o meu telemóvel na mesa.

Não há notificações, apesar das minhas tentativas de lhe ligar. A última vez que tive notícias da Belle foi há cinco dias e, mesmo assim, só

respondeu depois de lhe ter enviado várias mensagens para a desinquietar. Queria saber se estava bem.

– Não – diz a Amber, mergulhando o garfo no esparguete e enrolando-o. Depois desenrola-o.

– Ela deve estar ótima – diz o Rob. – Demasiado ocupada a divertir-se com imensos rapazes franceses para se dar ao trabalho de mandar mensagens a pessoas como nós.

Meu Deus, não… A minha Belle é uma beleza, sim, e atrai todo o tipo de atenções erradas. Mas, no âmago do seu corpo de jovem mulher, continua a ser uma menina – a *minha* menina – com um verniz de ingenuidade. Não, não é exatamente um verniz. A inocência percorre-a toda. Até aos ossos. Desde o momento em que nasceu, a minha missão tem sido protegê-la de qualquer coisa, ou de qualquer *pessoa*, que possa ameaçar isso.

– Mas não é típico dela não enviar mensagens – afirmo, com a preocupação a insinuar-se.

O vinho sabe-me bem. Fresco e distinto na língua. E é verdade, a Belle costuma responder prontamente. Diz-me sempre onde está, o que anda a fazer, se vai chegar tarde e com que amigos está. Só desde que foi na viagem da escola de línguas é que as coisas mudaram; *ela mudou*. Para começar, nunca quis que ela fosse, mas toda a gente que estava a fazer o nível A de Francês no seu ano na escola ia ficar com uma família de acolhimento. O professor disse que isso a ajudaria nos exames do próximo ano.

– Ela deve estar demasiado ocupada com o André ou o Jacques ou o Pierre, ou lá como ele se chama, para pensar em mandar-nos uma mensagem – acrescenta o Rob com um sotaque francês tolo, como se não tivéssemos percebido a piada à primeira.

– Hum – digo, tentando convencer-me de que está bem e que volta na sexta-feira à tarde, e que, depois, no sábado à noite, é a festa.

Surpresa!

– Não é assim que se chama – revela a Amber de repente, enfiando uma garfada de comida na boca.

Eu e o Rob olhamos para cima. E depois um para o outro.

– Como é que *quem* se chama? – pergunto à minha filha. Com dez anos, tem uma forma astuta de dizer apenas o suficiente para me chamar a atenção.

A Amber encolhe os ombros, parecendo de repente desconfiada.

– O homem de quem ela ficou noiva.

– *O quê?* – replico, batendo com o garfo no prato. – Noiva? De que é que estás a falar?

Sinto o joelho do Rob a chocar com o meu e ele olha para mim.

«As irmãs falam» tinha-me dito uma vez quando eu estava a questionar a Belle sobre os hábitos alimentares da Amber no verão passado, numa altura em que andava preocupada por a minha menina, já magra, estar a tentar perder peso. «Mas *não vão* falar se lhes fizeres um interrogatório. E depois em que pé ficas?»

Ele tinha razão, claro. Confio em cada uma das minhas filhas o suficiente para saber que, se uma confidenciar um problema grande à outra, elas vão pedir-me ajuda.

– Amber, o que é que queres dizer com «o homem de quem ela ficou noiva»? – pergunto outra vez, incapaz de resistir à inquisição.

– Não sei. É só um tipo que ela conheceu. – Depois, a sua cara abre-se num sorriso atrevido de dez anos, emoldurado pelo cabelo comprido e fino, com a orelha esquerda a sair por entre os fios. – A Belle está apaixonaaaada…

O Rob aperta-me o joelho, antecipando a enxurrada de perguntas que se acumulam dentro de mim.

– Não me lembro do nome dele, mas não é *français* – continua a Amber. Tal como o Rob, usa um sotaque francês exagerado.

– Bem, eu sou a favor de que ela tenha um namorado – diz o Rob. – De facto, estou surpreendido por a tua irmã não ter uma fila de rapazes a serpentear pela rua abaixo. – Ele aperta o queixo da Amber e ela finge morder-lhe o dedo. – Mas noiva? – Tens a certeza? – Lança-me outro olhar. *De certeza que isto não é verdade*. – Não parece nada coisa da nossa Belle.

Estou prestes a continuar a minha inquisição quando o telemóvel toca.

– Fala-se do diabo.

O alívio inunda-me. Levanto o telemóvel para que os outros vejam o nome da Belle e a foto que coloquei como imagem do seu contacto, uma fotografia dela a sorrir junto a uma piscina nas nossas últimas férias em família. Os seus dentes direitos brilham ao sol e os ombros bronzeados são largos e elegantes. Os óculos de sol grandes escondem os seus olhos escuros.

Também tenho saudades tuas, mãe. Mal posso esperar para te ver. Tenho muitas novidades. Beijos a todos, B xxx

2

HANNAH – AGORA

– Obrigada, sim, está ótimo – digo ao fornecedor ao telefone na manhã seguinte.

Ontem à noite tive dificuldade em adormecer e fiquei com o que a Amber me tinha dito às voltas na cabeça.

Noiva?

De certeza que a Belle não faria uma coisa tão estúpida.

Há muito para organizar hoje: fazer os últimos preparativos, verificar se está tudo pronto para a festa amanhã. Com a Belle de regresso esta noite, não quero que se aperceba de nada quando chegar a casa. O meu coração salta de excitação e nervosismo.

A Amber deve ter percebido mal.

– Acho que agora tens de relaxar, Han – diz o Rob quando desligo a chamada. Está ao meu lado, com as mãos nos meus ombros enquanto me sento no banco do toucador. Inclina-se para que veja a sua cara no espelho e a sua boca acaricia-me o pescoço. – A Belle vai ficar boquiaberta com todo o trabalho que tiveste.

– Espero que sim – suspiro.

Uma parte de mim teme que não goste da surpresa, mas ela não é de fazer alarido nem de ser ingrata. De repente, a minha mente volta *àquela altura*… como eu era completamente diferente dela com a mesma idade.

– Não achas que ela está *mesmo* noiva, pois não? – O meu estômago revolve-se só de pensar nisso. – Ainda é só uma miúda e tem mais um ano de escola.

– *Não*, claro que não – diz o Rob com uma gargalhada. – Já falámos sobre isto, querida. Ou a Amber se enganou ou a Belle está a enrolá-la com um romance de verão em França. Queres um café?

– Hum, sim, por favor – digo, levantando-me. – Oh, céus, é melhor

esconder isto antes de a irmos buscar. – Pego no meu vestido novo que está pendurado na parte da frente do roupeiro e enfio-o cuidadosamente lá dentro.

Quando descemos as escadas, olho para o relógio. Dez e meia. Temos de sair às quatro para chegarmos ao aeroporto a tempo. Tenho faixas e balões a dizer «Bem-vinda a Casa» para segurarmos quando ela chegar. Na cozinha, o Rob pega numas chávenas de café expresso e carrega em alguns botões da máquina.

– Lista, lista… – digo, passando os olhos por um monte de papéis empilhados numa das pontas da bancada. – Certo… já está, já está, já está… – continuo, passando o dedo pelo papel. A maior parte das coisas já foram riscadas, mas continuo a verificá-la cerca de três vezes por dia.

– O que posso fazer para ajudar? – pergunta, passando-me um café.

– Ainda podes ir buscar o bolo ao meio-dia? Leva-o para casa da Marcie. Ela fica a tomar conta dele até amanhã. E depois tens de ir buscar o teu fato à lavandaria.

O Rob acena com a cabeça, fazendo uma pequena continência.

– E cortas o cabelo? – atrevo-me a dizer.

– Não te preocupes. – Bebe metade do café de uma vez.

– E vamos buscar a Amber ao ATL a caminho do aeroporto.

– Parece que está tudo tratado – diz, pondo a chávena na máquina de lavar loiça.

Depois, pega nas chaves que estão ao lado e dá-me um beijo nos lábios antes de sair.

Depois de ouvir o carro do Rob a sair da nossa estrada de cascalho, dirijo-me para o escritório para verificar se o presente da Belle ainda está escondido. Comparada com a nossa cozinha clara e arejada, a divisão é escura, com um tapete verde-garrafa, paredes cinzento-trovoada e uma iluminação subtil. Em cada uma das nossas secretárias, colocadas em ângulo reto, temos um candeeiro articulado. Aproveitámos bem o espaço nos últimos dois anos, cada um de nós a trabalhar lado a lado sem problemas quando trabalhávamos a partir de casa, o Rob como consultor financeiro e eu a manter a minha empresa, a Greene & Clean, a funcionar. Tem sido difícil em termos de dinheiro e sinto que o Rob me tem poupado às suas preocupações profissionais para me proteger, mas estamos a aguentar-nos.

Introduzo o código familiar no cofre, escondido atrás de alguns livros. Mandámos construí-lo quando a casa foi remodelada. Não sou de ter muitas joias caras e as que tenho uso frequentemente e guardo no meu quarto. Mas as peças de aniversário da Belle são muito especiais: um conjunto de brincos eduardianos, um colar e um anel a condizer. Estão longe de ser ostensivas; são de bom gosto, sentimentais e um bom investimento. Estamos a poupar há muito tempo e sei que as vai adorar.

Puxo a porta de metal robusto para a abrir. Em cima dos papéis guardados lá dentro está o presente da Belle, embrulhado em papel lilás e dourado, atado com uma fita a condizer.

Guardamos aqui todos os documentos importantes habituais, incluindo os passaportes. Vamos precisar deles daqui a uns meses, porque faço quarenta anos em outubro e o Rob reservou uma escapadela de outono como presente. Não gosto de ir sem as miúdas, mas com a Natalia ao leme e a Belle a fazer dezoito anos amanhã, estou a tentar convencer-me de que vai correr tudo bem.

Toco de leve no presente da Belle e volto a fechar o cofre. Já não falta muito para voltar a ver a minha querida filha.

Nessa noite, o Rob tranca a porta da frente atrás de nós quando voltamos do aeroporto de Heathrow, ainda com um vestígio do seu suspiro a pairar entre nós. As minhas entranhas estão rasgadas e em carne viva quando deixo cair as faixas que fizemos no chão da entrada, sem me importar se acabam pisadas ou rasgadas. E a Amber pode rebentar os balões todos que é para o lado que eu durmo melhor, já que voltámos do aeroporto sem a Belle.

Ela não veio no seu voo.

– Ainda não acredito – desabafo, descalçando os sapatos.

– Anda, precisas de vinho – diz o Rob, guiando-me até à cozinha.

– Podes crer que sim. – Deixo-me cair num banco. – Só não percebo porque é que ela *fez* isto… quer dizer… nada disto faz sentido. – Esperámos durante o que pareceram horas nas chegadas, a acenar com os nossos cartazes enquanto víamos hordas de passageiros a passar. Nenhum deles era a nossa filha.

– Achas que *estas* pessoas estão a sair do voo dela? – perguntei ao Rob várias vezes, cada vez mais preocupada.

– É difícil saber – respondeu. – Estão sempre a passar pessoas.

– Aquela mulher tinha sotaque francês – notei com esperança, perguntando-me se isso significava que o voo de Lyon estava a desembarcar.

Não tinha recebido resposta a nenhuma das mensagens que enviara antes de a Belle embarcar no avião. Esperava que me avisasse de que tinha chegado bem ao aeroporto, mas, como não o fez, pensei que estivesse sem rede ou que talvez tivesse desligado o telemóvel quando entrei em contacto com ela.

A Amber aumentou as minhas poucas esperanças de que a minha filha estivesse a chegar ao gritar de repente:

– É ela? – Pôs-se aos saltos para ver melhor.

Sustive a respiração enquanto olhava para a figura que surgia, mas depois soltei o ar novamente.

– Não. Mas é parecida. – Uma rapariga mais ou menos da mesma idade da Belle tinha saído da alfândega com várias malas grandes equilibradas no carrinho.

Forcei-me a não pensar em todas as coisas terríveis que podiam ter acontecido para a impedir de regressar a casa – um acidente, uma fuga, doença, rapto… A Belle tem sido uma filha de sonho desde o momento em que nasceu, uma bebé tranquila e feliz, uma menina doce com muitos amigos e, agora, uma adolescente amável e atenciosa, sem um único osso rebelde no corpo. É verdade que talvez eu tenha sido um pouco superprotetora em relação a ela ao longo do tempo, mas, apesar de tudo, valeu a pena.

– Relaxa, querida – disse o Rob nas chegadas. – Ela não tarda a aparecer. Deve ter ido à casa de banho retocar a maquilhagem ou assim. Sabes como ela é.

Enviei-lhe mais mensagens de WhatsApp, claro, na esperança de que, se aparecessem como entregues, soubesse que pelo menos voltara a ligar o telemóvel depois do voo.

– Olha – disse eu ao Rob, mostrando o telemóvel. – Dois vistos cinzentos. Ela tem rede, por isso deve ter saído do avião.

Depois de algum tempo de espera infrutífera, o Rob foi ao balcão da companhia aérea pedir informações e eu encontrei um sítio para me sentar com a Amber.

– Não me disseram nada – anunciou ele quando regressou. – Nem quando

lhes disse que ela ainda era tecnicamente menor. Proteção de dados e isso tudo. – A sua cara era um misto de aborrecimento e preocupação.

Voltei a pegar no telemóvel e decidi ligar-lhe. Não me importava se a interrompia no controlo de passaportes.

– Está a tocar – constatei, olhando para o Rob. Mas, então, todo o meu corpo gelou. Passei-lhe o telefone para que pudesse ouvir.

Era um toque internacional.

O que significava que ainda estava em França.

– Toma, bebe isto – diz agora o Rob, entregando-me um grande copo de vinho. – Tenta não te preocupares, querida. Ela deve estar bem. Deve haver um motivo parvo para…

O meu telemóvel toca enquanto o seguro.

Belle.

Graças a Deus.

Deslizo o dedo para atender.

– Estou… Belle, querida, estás bem? O que é que se passa? Estamos aqui tão preocupados.

O riso doce da Belle surge através da linha.

– Oh, mamã… – diz, fazendo com que o meu coração dê um salto.

– Onde *estás*? – Sei que pareço estar em pânico. Não o consigo evitar.

– *Miiil* desculpas, mãe. Mandei-te uma mensagem ontem à noite, mas acabei de ver que não foi enviada, e…

– Estivemos no aeroporto à tua espera. Onde estás?

Um suspiro.

– Mamã, ainda estou em Lyon. Estou *beeem*.

Olho para o Rob, que está a olhar para a minha cara na expectativa.

– Por que raio ainda estás em França?

O Rob resmunga.

Uma pausa.

– É uma longa história, mas chego no voo de amanhã, prometo. – Lança uma risadinha.

Inclino a cabeça para trás e respiro fundo. Não sei se hei de chorar, gritar ou desatar a rir.

Mais um risinho e a Belle diz qualquer coisa, mas não consigo perceber o quê. Parece que tem a mão sobre o bocal.

– Belle, ouve. Não esperes até amanhã – digo, sem querer falar-lhe da

festa. – Deves ter outro voo esta noite. Ou, se não houver, podes apanhar um comboio para outra cidade e voar de lá?

– Mamã, já tenho voo marcado para amanhã e…

– Quer dizer que *planeaste* isto?

– Não exatamente, mas…

– Belle, não acredito. O que é que se passa contigo? Isto não parece nada teu.

– Tenho de ir, mãe, mas por favor não te preocupes. O meu voo chega amanhã à mesma hora. Apanhamos o comboio para casa, por isso não precisas de ir ao aeroporto outra vez. Adoro-te, adeus.

Depois, a linha fica em silêncio.

– Mas que raio…? – digo, ainda a olhar para o telemóvel. O que me disse não me faz logo espécie, mas alguma coisa na sua conversa me deixou inquieta. Sinto-me agitada enquanto tento perceber o comportamento da minha filha, que é totalmente fora do normal.

– O que é que aconteceu? – pergunta o Rob. – O que é que ela disse?

– Que volta amanhã – digo-lhe, olhando para a mesa, entorpecida. Depois olho para o Rob e apercebo-me do que me está a irritar. – Ela disse «nós». A Belle disse: «*Apanhamos* o comboio para casa.»

O Rob fica a olhar, com o mesmo ar de perplexidade que eu.

3

BELLE – AGORA

Belle acende um cigarro. Está sentada na esplanada do Café la Fontaine, numa pequena praça bonita, com um copo de vinho tinto intocado à sua frente na mesa. Inspira profundamente, retendo o fumo nos pulmões, antes de o expelir lentamente, com a cabeça inclinada para trás. O sol incide sobre a praça, aquecendo-lhe a pele e fazendo-a vibrar de dentro para fora. Embora já estivesse a vibrar muito antes de se ter sentado.

Levanta um dedo e toca no telemóvel que está ao lado do copo. Sentiu-se mal pela mãe quando falaram há pouco; parecia tão desiludida. Depois, leva o vinho aos lábios e bebe um gole. Pequeno. Quer que o vinho dure. Quer aproveitar estas últimas horas em Lyon, depois de ter prolongado a viagem por um dia para aproveitar ao máximo a sua aventura. E, amanhã, começa uma *nova* aventura.

– *Voici, mademoiselle* – diz um empregado, colocando um pequeno prato de azeitonas na sua mesa. É jovem e bonito, e hesita antes de se ir embora. Tem um olhar de expectativa no rosto. Belle habituou-se às atenções naqueles últimos meses em França.

Mas é a atenção que recebeu *antes* de sair de Inglaterra que mais a entusiasma.

– *Merci* – responde ela, olhando para ele e soprando mais uma nuvem de fumo.

Belle cruza as suas pernas longas e bronzeadas; a bainha dos calções das suas jardineiras de algodão floral sobe ainda mais sobre as suas coxas. Vários transeuntes – homens jovens – abrandam o passo e olham para ela. Mais sorrisos, mais olhares de apreciação. Belle gosta disso. *Adora-o*. Mas finge que não repara enquanto segura o cigarro entre os dedos compridos, com as unhas pintadas de verde-jade.

Desliza os óculos de sol da cabeça para o nariz. *Que dois meses foram*, pensa, sabendo que nunca os esquecerá. A melhor época da sua vida. Embora não possa admitir sinceramente que o seu francês esteja melhor – que era o objetivo da viagem em primeiro lugar. E nunca chegou a conhecer os anfitriões que lhe foram atribuídos pela escola, muito menos a participar na sua vida familiar. Os vários hotéis, pensões, viagens de carro e outras cidades e aldeias foram uma experiência muito mais educativa. Ri-se baixinho para si própria.

– Queres partilhar a piada? – diz uma voz masculina à sua esquerda.

Ela olha para o lado. Um homem acabou de se sentar. Americano, a julgar pelo sotaque. Está bem vestido, embora informal – calças castanhas, um polo azul-marinho e uns ténis brancos.

– Não – responde Belle, olhando para ele de lado. Volta a colocar os óculos de sol na cabeça.

– O que estás a beber, querida? – pergunta ele.

Belle fica em silêncio enquanto o empregado se aproxima.

– Cerveja, por favor. E outro vinho para a senhora.

Senhora, pensa Belle, com um sorriso interior. Se ao menos os seus amigos da escola a pudessem ver agora. Jen não acreditaria. Praticamente não tem publicado nada no Instagram desde que foi para fora, mas considera se o seu último dia não seria uma boa oportunidade para partilhar algumas fotografias. A praça é tão bonita… as bancas de mercado coloridas, o burburinho dos cafés de rua, os habitantes locais elegantes e cheios de estilo a passear ao sol.

– Obrigada – diz Belle ao homem quando o empregado coloca outro copo de vinho tinto à sua frente. Ainda mal tocou no primeiro.

– Um homem não pode deixar uma mulher atraente como tu com sede, pois não?

– Não – diz Belle depois de uma pausa. – Acho que não. – Pega no maço de cigarros e oferece-lhe um. Ele abana a cabeça e toca no peito. Ela acende outro para si.

– O médico não ia gostar que fizesse isso – diz ele. – Já sobrevivi a um ataque cardíaco.

– Credo – diz Belle, soprando o fumo. – Isso é horrível. Não parece ter idade para isso.

O homem ri-se e estende a mão.

– Ted – diz ele. – De Houston.

– Belle – diz ela, retribuindo. – De Inglaterra. – A palma da mão dele é grossa e suada.

– Boa vida e má sorte – diz-lhe ele. – Quarenta e nove anos quando aconteceu.

Belle pensa sobre isso. Ter-lhe-ia dado quarenta, talvez. Mas, tam- bém, o que é que ela sabe sobre a idade das pessoas? E, francamente, o que é que isso importa? Tal como tem constantemente relembrado a si mesma nos últimos tempos, a idade não passa de um número.

Descruza as pernas e estica-as, com a loção corporal com brilho que aplicou há pouco a cintilar ao sol.

– Estás aqui em trabalho ou em lazer? – pergunta Ted.

– Ambos – mente Belle. – Estou aqui com o meu… noivo. – Ainda não está habituada a dizê-lo.

– Homem de sorte – comenta Ted. Bebe alguns goles de cerveja, esvaziando o copo pela metade.

– E o Ted?

– Estou a visitar a família, querida. A minha filha vive aqui. Casou com um… francês.

Belle não responde. Em vez disso, fica a pensar na forma como ele disse francês, como se lhe tivesse deixado um sabor amargo na boca. Dirige-lhe um vislumbre de um sorriso, olhando para ele.

– Vai ter um bebé.

– Isso é emocionante.

O homem faz um ruído na garganta.

– Ouve, o meu hotel é ao virar da esquina – diz ele. – Ar condicionado. Serviço de quartos. Queres…

De repente, Belle apaga o cigarro e levanta-se, pegando no telemóvel. Desbloqueia-o e entrega-o ao homem.

– Tira-me uma fotografia? – pergunta ela, posando com a bonita praça atrás de si.

– Claro – responde Ted. Parece não se importar que ela não tenha respondido à sua pergunta.

Belle muda de posição algumas vezes – um braço atrás da cabeça, as mãos nas ancas, um olhar melancólico para o lado, um sorriso atrevido quando se inclina para a frente.

– Toma – diz Ted. – Tirei umas quantas. – Olha para o ecrã. – Parece que a tua mãe está preocupada contigo – acrescenta com uma gargalhada, devolvendo-lhe o telemóvel.

Belle tira-lho abruptamente e volta a sentar-se, abrindo a mensagem.

Querida, o que é que se passa? Estás com problemas? Por favor, liga-me outra vez. Beijos, mãe xxx

– Então, o que dizes, querida? – pergunta Ted. – Acabamos estas bebidas e depois voltamos para o meu hotel?

Lentamente, Belle vira-se para o encarar.

– Queres que faça sexo contigo, não queres? – Levanta as sobrancelhas enquanto bebe o seu vinho.

– Bem…

– Não. Não, obrigada. Vou encontrar-me com o meu noivo. De qualquer forma, é capaz de ter outro ataque cardíaco. – Mantém a voz doce. Nem uma ponta de agressividade, apesar de saber que ele o merece.

– Isso não sei, querida, mas que estás a *partir*-me o coração, estás.

Belle ri-se, olhando para as fotografias que ele tirou. *Esta*, pensa. *E aquela também*. O tempo fora fez-lhe bem. Adiciona um filtro, uma legenda engraçada e *hashtags* e carrega-as no Instagram. Depois vira a câmara para dentro e volta-se na cadeira, de modo a ficar de costas para a praça. Filma um pequeno vídeo de si própria a dar uma passa no cigarro, com os olhos escondidos atrás dos óculos de sol, e publica-o nas suas histórias.

Depois, desliga o telemóvel.

4

HANNAH – AGORA

– Continuo a achar que um de nós devia ter ido ter com ela ao aeroporto – digo ao Rob enquanto me preparo para a festa. – Quero dizer… depois do que aconteceu ontem, não sei se é boa ideia ela vir de comboio para casa. – Abano a cabeça, ainda sem acreditar que a Belle não veio no voo planeado.

– Ela vai ficar bem – responde o Rob. – Afinal de contas, já tem dezoito anos.

Uma pequena pontada de dor atinge-me.

– Lá se vai o pequeno-almoço de aniversário dela – comento, triste por a Belle não ter acordado em casa.

Tinha tudo planeado: *croissants* e sumo de laranja, seguidos da abertura dos presentes. Depois ia fazer ovos *Benedict*. Os seus preferidos.

Em vez disso, a Amber comeu uma tigela de *Cheerios* em frente à televisão e o Rob fez umas torradas. Eu estava demasiado stressada para comer.

– E se ela não vier no voo de hoje?

– Vem de certeza. Não faças disto um grande drama. Sobretudo no aniversário dela.

Tem razão, claro. Olho para o espelho do toucador. Tenho o cabelo molhado solto à volta dos ombros e a minha cara sem maquilhagem parece cansada. Nada que uns bons produtos não resolvam, mas faz-me pensar como é que passei de jovem a mulher que se aproxima da meia-idade num espaço de tempo tão curto que nem dei por ele. Sou mais velha do que me sinto por dentro. Não me parece possível que tenha quase quarenta anos.

Seco o cabelo com o secador e depois hidrato o rosto e o corpo, ignorando a tatuagem na coxa quando a minha mão passa por cima dela. Há uns anos, pensei em fazer uma remoção a *laser*, mas optei por fazer uma tatuagem de

uma flor para a tapar, pois estava preocupada com as cicatrizes. Parte de mim ainda acredita que merecia ficar com ela. Marcada para o resto da vida. O Rob acha que foi um erro fruto de uma bebedeira durante umas férias de raparigas em Ibiza antes de a Belle ter nascido.

Quando estou vestida, guardo as minhas sabrinas no saco de pano para mais tarde. Não há maneira de conseguir manter estes saltos altos até ao fim da festa. Depois, quando estou a maquilhar-me, o telemóvel toca, fazendo-me saltar e borrar o batom.

O voo atrasou-se meia hora. Chego a casa por volta das sete xxx

Fecho os olhos por um instante. Sete ainda está bem. Quando já tiver chegado e mudado de roupa, e a Natalia a tiver convencido a entrar no carro para a levar ao local da festa – fingindo que vai ter connosco para jantar –, serão oito horas, no mínimo. E isso partindo do princípio de que não há atrasos nos comboios.

Parabéns outra vez, querida!, respondo-lhe. Claro que lhe enviei uma mensagem a desejar os parabéns quando acordei, mas esta é a primeira vez que tenho notícias dela durante todo o dia. Tenho verificado a partilha da localização da nossa família desde que se foi embora, mas ela tem-na desligada, ignorando os meus pedidos para voltar a ligá-la. *Mal posso esperar para te ver. Mantém-me informada xxx*

Manter esta surpresa em segredo está a tornar-se cada vez mais difícil. Alguns dos familiares do Rob vieram de muito longe para a festa e gastaram dinheiro a reservar hotéis nas redondezas. Depois, sinto a dor habitual quando a família me passa pela cabeça. O que é que a minha mãe pensaria de tudo isto? Estaria orgulhosa de mim, do Rob e das raparigas? Será que me daria um abraço e me diria que sempre soube que eu teria sucesso na vida, apesar de tudo? Quereria fazer parte das vidas da Belle e da Amber, visitando-as, levando-as às compras e convidando-as para idas ao cinema e fins de semana fora?

– Será que ela lixaria…? – digo quando o Rob entra no quarto.

Ele lança-me um olhar curioso, mas não pergunta porque é que estava a murmurar para mim mesma. Se confessasse que estava a pensar na minha mãe, ele saberia mudar de assunto. Não falamos sobre ela.

Enfio alguns artigos essenciais numa mala de mão, juntamente com o telemóvel, e depois pego no meu saco de pano com o presente da Belle e alguns outros artigos de que vou precisar.

– Estás linda – diz ele.

– Obrigada – respondo, alisando o vestido novo. Por alguma razão, não estou tão apaixonada por ele como estava quando o experimentei na loja.

– Olá! Bem-vindos – digo, sorrindo enquanto abraço vários dos parentes mais velhos do Rob. – Muito obrigada por terem vindo.

– Não teria perdido isto – diz o George, dirigindo-se para a zona do bar.

O celeiro que alugámos no local do hotel – a dez minutos de carro a oeste de Clifton, a nossa zona de Bristol – está lindo agora que foi todo decorado. Está repleto de vigas e de flores silvestres, num estilo campestre chique, e os cheiros que vêm da cozinha são deliciosos.

– Amber, querida – digo. – Podes tomar conta disto por mim, fofinha? – Entrego-lhe o saco de pano. Tenho andado com ele desde que chegámos porque contém o presente da Belle, mas está a atrapalhar-me enquanto dou os últimos retoques nas decorações.

– Claro – diz ela, sentando-se numa cadeira de uma das mesas redondas espalhadas pelo espaço.

Cada uma tem uma toalha de algodão e um pequeno vaso com flores brancas e várias velas de chá. É tarefa da Amber substituir as velas e mantê-las acesas durante toda a noite.

– Guarda-o com a tua vida – digo-lhe, piscando o olho enquanto me dirijo a um grupo de convidados que acabam de chegar, três raparigas da escola da Belle.

– Onde está a Belle? – pergunta a Jenny, uma das melhores amigas da minha filha, enquanto olha em volta. Têm todas ordens expressas para não deixar escapar uma única palavra sobre a festa.

Faço uma careta, revirando os olhos.

– Vai aparecer em cima da hora. Atrasou-se em França. Tiveste notícias dela hoje? – O risinho que acrescento no fim não ajuda muito a esconder a minha ansiedade.

As raparigas olham umas para as outras e encolhem os ombros quando vários dos seus namorados da escola chegam e se aproximam delas.

– Desculpe, senhora Greene, não temos tido muitas notícias desde que se foi embora.

– Mas ontem publicou uma história no Insta – acrescenta a Abby. – Parecia estar a divertir-se e… – Faz uma careta quando a Jenny lhe dá uma cotovelada.

Sinto uma pontada de alívio. Se estava a publicar *online*, então deve estar bem. Eu própria não uso nenhuma rede social – além disso, a Belle já deixou claro que não me adicionaria como amiga –, por isso não tenho forma de verificar.

– Certo, divirtam-se, meninas. Vão buscar umas bebidas para vocês. Aproveitem que é bar aberto.

Dirijo-me para a cozinha para ver como está o bolo. Quando a Marcie o trouxe há pouco, reparei que a viagem no carro quente não lhe tinha feito nenhum favor. Parte do creme de manteiga estava um pouco mole.

Quando passo pela Amber, que já parece aborrecida, à espera de que o seu próprio pequeno grupo de amigos chegue, tiro o telemóvel da minha mala de mão. Tenho uma mensagem da Natalia.

A Belle acabou chegar a casa. Mas diz ir jantar fora! O que fazer?

Graças a Deus que ela está em casa, foi o meu primeiro pensamento, seguido rapidamente de *Porra*.

– Rob! – grito o mais alto que consigo por cima da música ambiente que o DJ está a tocar. Nada de muito barulhento à medida que as pessoas vão chegando.

– O que foi agora? – Ele aproxima-se.

Mostro-lhe a mensagem.

– Como é que ela pôde fazer isto?

– Porque não sabe que lhe preparámos uma festa, é por isso. – Tira o telemóvel do bolso e marca o número da Belle. Chama.

Respondo à Natalia, com os dedos a tremer.

– Disse-lhe para emboscar a Belle se fosse preciso… para fazer *qualquer coisa*. Metê-la no carro e certificar-se de que ela vem para aqui.

– Isso depende de a Natalia saber o que significa «emboscar» – resmunga o Rob. – Isto agora está a ficar ridículo. – Despenteia o cabelo no seu gesto habitual. – De qualquer forma, com *quem* é que ela vai jantar fora? Todos os seus amigos estão aqui.

Olho para o celeiro. Está a ficar cheio e mais barulhento. O DJ pôs a música ligeiramente mais alta. Envio outra mensagem à Natalia, a perguntar o que se passa, e depois outra à Belle.

Querida, ainda bem que chegaste bem a casa. A Natalia vai levar-te para vires ter connosco. Por favor, vai com ela xx

– Os meus pais acabaram de chegar – diz o Rob. – É melhor ir acomodá-

los com uma bebida. – Vai-se embora no momento em que o meu telemóvel toca.

A Belle arranjar boleia com alguém e seguir meu carro. Acho ela desconfiar alguma coisa, mas é o melhor que consigo.

Por esta altura, nem me interessa que a surpresa se estrague antes de ela chegar. Só preciso da Belle aqui. Com quase cinquenta convidados, não suporto a ideia de que o meu discurso planeado comece por lhes dizer que a minha filha não vem.

Vou ter com os pais do Rob e dou-lhes um beijo. Cada vez que os vejo, pontadas de arrependimento inundam-me os pensamentos. Pais decentes, pais que sempre se preocuparam profundamente com o Rob e com a sua irmã, e lhes deram a infância que eu nunca tive. Afasto as comparações, embora nunca se torne mais fácil.

– Nancy, está linda – digo à mãe do Rob. – Espero que a viagem tenha sido fácil.

– Tinha de fazer um esforço pela minha linda neta – responde a Nancy com um brilho nos olhos, o mesmo que já vi nos olhos do Rob muitas vezes. – Agora, onde está a aniversariante? Trouxemos presentes. – Tal como já fizeram quase todos os outros convidados, olha em redor do celeiro à procura da Belle.

– Receio que a Belle se tenha… atrasado. Perdeu o voo ontem, mas vem a caminho. Está quase a chegar.

– Adolescentes – responde a Nancy. – Embora, tecnicamente, agora já seja adulta.

Sorrio o melhor que consigo, pensando que não, a badalada da meia-noite não transforma uma criança num adulto.

Uma empregada passa com um tabuleiro de copos de *Prosecco*, por isso pego num e bebo uns goles. A Amber ainda está sentada sozinha, com uma mão em cima do meu saco. Depois, vejo-a levantar-se de um salto quando chegam alguns dos seus amigos da escola, deixando o saco em cima da mesa. Mas, antes que possa ir até lá, ela lembra-se e volta para o ir buscar.

Passa meia hora e ainda não há sinal da Belle. Nem a Natalia responde às minhas mensagens – espero que seja porque está a conduzir. A mulher responsável pelo *catering* está a resmungar que está a ficar sem canapés e que está a ter de empatar a comida quente para o *buffet*.

Tiro outro copo de *Prosecco* de um empregado que passa e deixo-me cair

numa cadeira numa mesa vazia ao canto. Passando o olhar pelo celeiro, toda a gente parece estar a divertir-se, mas, a este ritmo, vamos ter de pedir um empréstimo para a conta do bar e os convidados vão começar a ficar chateados se não comerem alguma coisa.

Merda, merda, *merda*. Emborco metade da bebida e deixo cair a cabeça nas mãos. Faço um pacto comigo mesma de que a Amber vai ter um jantar tranquilo em família para o seu décimo oitavo aniversário e que, se a Belle acha que vou organizar uma festa para o vigésimo primeiro dela, então tem outro…

– *Mamã*! – ouço de repente.

Levanto a cabeça e sinto o corpo envolvido por um par de braços esguios. Depois, as minhas narinas absorvem o perfume doce que me é familiar.

– Oh, meu Deus, *Belle*…! – Dou um salto, apertando-a contra mim e agradecendo a Deus por ela estar finalmente aqui e segura. Depois seguro-a à distância dos braços, radiante. – A minha querida, *querida* menina – digo. – Parabéns!

Sorri-me com timidez, olhando rapidamente à volta do celeiro.

– Fizeste tudo isto para *mim*? – pergunta, inclinando a cabeça para um lado.

O cabelo escuro cai-lhe sobre os ombros. Está a usar o vestido creme comprido que eu esperava que usasse, o que tem as costas abertas e detalhes em renda, que comprámos antes de ela se ir embora. Não fazia ideia do que eu tinha em mente para ele, mas disse-lhe que era um mimo especial.

– Claro que sim! Quero dizer… a tua chegada não foi exatamente como eu tinha planeado, mas contento-me com o facto de estares aqui. Foi uma surpresa? – Aperto-lhe as mãos nas minhas, quase incapaz de acreditar que está finalmente aqui.

Mas, antes que possa responder, alguns dos amigos da Belle avistam-na e aproximam-se, lançando os braços à sua volta e gritando de excitação, arrancando-a de mim enquanto, por todo o celeiro, os convidados se vão apercebendo de que ela finalmente chegou. Os familiares mais chegados do Rob aproximam-se e abraçam-na, e a mãe dele estende-lhe um presente. Afasto-me enquanto ela cumprimenta toda a gente, com as lágrimas a acumularem-se-lhe nos olhos perante a surpresa.

Graças a Deus, penso, e sinto o alívio a inundar-me. Depois vejo a Natalia a pairar fora do aglomerado de pessoas à volta da Belle. Vou ter

com ela.

– És uma estrela – digo-lhe. – Uau, estás linda. – Acho que nunca tinha visto a Natalia de vestido.

Faz uma careta.

– Não foi uma pureza fácil – responde, encontrando um sorriso por detrás da angústia no seu rosto.

Faço uma pausa, franzindo o sobrolho.

– Oh… queres dizer *proeza*. – Tento não me rir. – Mas parabéns por a teres trazido para aqui. Pensei mesmo que não ia aparecer.

– Sim, mereces um bónus por teres conseguido – ecoa o Rob, deslizando para perto de mim. Pega na minha mão e aperta-a. – Agora podes relaxar e aproveitar a festa, amor.

– Oh, acredita que é o que vou fazer. – Rio-me e atiro-me a outro copo de *Prosecco* quando uma empregada passa. Pego num copo a mais e entrego-o à Natalia. – Toma, bem mereces. O Rob não está a beber, por isso podes deixar o teu carro aqui e voltar connosco. Vimos buscá-lo amanhã.

– Obrigada, Hannah – diz ela, embora a sua expressão esteja novamente ansiosa.

Muda o peso de um pé para o outro, olhando por cima do ombro, como se quisesse dizer alguma coisa mas não conseguisse encontrar as palavras.

– Vou avisar o *catering* de que a Belle chegou – digo ao Rob, e ele anui enquanto me afasto, tirando a mão do meu ombro.

– Mãe!

Paro quando ouço a voz da Belle.

– Espera um segundo, mãe.

Vejo-a a acenar e tem um sorriso radiante no rosto, por isso viro-me e volto para trás.

– Quero que tu e o pai conheçam uma pessoa.

Um homem aproxima-se do lado dela. É alto, tem cabelo escuro e uma barba de cor semelhante no queixo quadrado. Está vestido com roupas caras – calças castanhas e uma camisa azul-marinho justa e, pelo canto do olho, vejo o brilho dos seus sapatos pretos. O seu relógio também parece caro, tipo *Rolex*. Não sorri, mas tem um esboço de uma curva ascendente na boca.

Ao início, não me apercebo do motivo que leva a minha mão a deslizar à volta do pulso do Rob para me tentar estabilizar, nem me apercebo

conscientemente de que o meu coração acelerou para um galope estrondoso.

Sou atraída pelos seus olhos, negros como azeviche. Nada e *tudo* escondido atrás deles.

– Mãe, pai, apresento-vos o Jack – diz a Belle, a balançar sobre os pés. Continua com um sorriso no rosto.

– Olá… Jack – diz o Rob para o homem, com uma nota cautelosa na voz enquanto lhe aperta a mão.

Tenho uma vaga noção dele a olhar para a Belle, à espera de que ela explique quem é… um professor, o pai de um dos amigos dela talvez, se calhar alguém do trabalho de fim de semana que teve há uns tempos.

Embora saiba que ele não é nada disso.

– Mãe? – ouço a Belle dizer.

Vejo o braço da Belle a unir-se ao do Jack enquanto se encosta a ele e sinto-me a gelar de dentro para fora.

É como se estivesse debaixo de água – tudo à minha volta é turvo e surreal. Não tiro os olhos do homem. Estou gelada como uma pedra. Nem sequer consigo levantar a mão ou dizer uma palavra.

– O Jack é o meu noivo – diz a Belle, aconchegando-se a ele. Apoia a cabeça no seu ombro. – Não é emocionante? Estamos noivos!

5

MOLLY – ANTES

Ouviu vozes do outro lado da porta e susteve a respiração, sem se atrever a abri-la. Mas sabia que tinha de entrar. Afinal de contas, ele dissera-lhe para o fazer e ela não tinha para onde ir. Ele fora bom para ela até agora, não fora? Mas Molly não podia negar que uma parte de si estava assustada. Uma *grande* parte de si, para dizer a verdade. Não estava em casa… o que, por si só, era uma coisa boa. Mas algo parecia não estar bem, como se estivesse prestes a entrar noutra vida – um mundo sobre o qual não sabia nada. E o instinto gritava-lhe para ter cuidado; para se ir embora enquanto podia.

Com a mão na maçaneta da porta, disse a si própria que o que quer que acontecesse ali seria pelo melhor, seria o início da sua nova vida. Simplesmente não tinha escolha.

Vinha música do outro lado da porta, uma canção com uma batida cativante que não reconheceu a tocar no rádio. E risos. Ajeitou a mala ao ombro, desejando ter sido capaz de trazer mais consigo. O facto é que, de qualquer forma, não tinha muito mais do que o que estava na mala, embora tivesse tido de deixar algumas coisas para trás. Não houvera outra hipótese, dadas as circunstâncias. Girou a maçaneta e abriu uma brecha da porta. Uma lufada de ar quente e perfumado encheu-lhe as narinas, com um travo de fumo do cigarro.

– Quem é? – perguntou uma voz feminina.

É agora ou nunca, pensou Molly, respirando fundo enquanto abria a porta.

As três raparigas na sala fitaram-na e os seus olhos percorreram-lhe o corpo de cima a baixo. Ela sabia que estava num estado lastimoso; não tinha tido onde se lavar desde… desde a sua *audição*. Fora o que ele lhe chamara, embora não tivesse sido nada parecida com a audição que tinha feito para a peça da escola uns anos antes. Riu-se mentalmente ao pensar

nisso – e ao pensar na escola. Há muito que andava a baldar-se. Se os professores a vissem agora…

– Estás a rir de quê?

Uma das raparigas, alguns anos mais velha do que Molly, levantou-se de um sofá velho e flácido, e aproximou-se da porta. O robe de cetim escarlate que vestia abriu-se à frente, revelando um sutiã preto e umas cuecas rendadas a condizer. A sua barriga era lisa e tinha uma joia brilhante no umbigo.

Molly recuou um passo, abanando a cabeça.

– Desculpa, eu…

– Não mastigues com a boca aberta – continuou, levantando o dedo e fazendo pressão para cima sob o queixo de Molly. – Tem maneiras. – A sua cara severa transformou-se num sorriso.

Molly engoliu a pastilha elástica.

– Entra lá. – Deu um passo para o lado, abrindo mais a porta. – Foi ele que te mandou subir, não foi? O Darren?

Molly acenou com a cabeça, olhando para ela. Ficava tão alta como um homem com aqueles saltos altos.

– Há regras aqui, sim? Se as cumprires, vai correr tudo bem – disse a rapariga, fechando novamente a porta. Embora parecesse mais uma mulher do que uma rapariga, pensou Molly, aventurando-se a entrar.

– Como é que te chamas? – perguntou outra rapariga, olhando-a de relance. Estava sentada num toucador desarrumado, de frente para o espelho.

– Molly.

– Chamo-me Hannah – disse-lhe a primeira rapariga de robe escarlate. – E esta é a Vanessa – acrescentou, apontando para a rapariga que estava a maquilhar-se. – E aquela é a Lilly. – Acenou com a mão para o sofá, onde outra rapariga, da mesma idade de Molly, estava enrolada debaixo de um cobertor branco. – Está doente.

Lilly levantou uma mão e depois tossiu. Não havia como negar que não tinha bom aspeto. O seu rosto estava pálido e a pele parecia misturar-se com o cabelo louro quase branco puxado para trás, que contrastava com os bronzeados de Vanessa e Hannah. Mas Molly achava que os bronzeados eram falsos. As manchas eram óbvias.

– Olá – cumprimentou Molly, voltando a ajeitar a alça da mala.

Mordeu o lábio inferior e olhou em volta. O espaço parecia acolhedor, embora estivesse uma confusão – uma mistura de um quarto de sonho de uma menina que não era arrumado há um mês e um antro de *crack*. Não que tivesse a experiência de algum deles.

– Deixa-me mostrar-te onde vais dormir – disse Hannah, pegando na mão de Molly e conduzindo-a através do chão irregular do sótão. Molly baixou a cabeça quando passaram por uma porta baixa e entraram noutro quarto. Havia três beliches e um par de armários velhos de melamina. – Aquele pode ser teu – disse Hannah, apontando para o beliche de cima, no canto. – Está livre.

Molly ficou a olhar para ele. O colchão estava despido, com uma bola de lençóis brancos e cinzentos amarrotados aos pés.

– A roupa de cama precisa de ser lavada, mas podes fazer isso amanhã. Por hoje, serve.

Molly acenou com a cabeça.

– Obrigada.

Os lençóis, sujos ou não, eram mais do que aquilo a que estava habituada. Nas últimas duas semanas, tudo o que tivera fora o seu saco-cama rasgado no vão de portas de lojas. O papelão no cimento frio tinha-lhe feito mal às costas, mesmo na sua idade.

– Aposto que ele gostou de ti – disse Hannah, olhando para Molly enquanto acendia um cigarro. Soprou o fumo para o teto amarelado.

Molly anuiu, sem saber bem o que ela queria dizer, e levantou a mala, atirando-a para cima do colchão. A estrutura metálica da cama rangeu.

– Tens de te arranjar em breve – disse Hannah. – Mas não te preocupes, nós ajudamos-te. Há coisas de reserva.

– Arranjar-me? – perguntou Molly.

– Claro. Para o trabalho. – Hannah ofereceu-lhe um cigarro. Molly aceitou-o. Era melhor do que roubar à mãe e levar um murro.

– Pois, claro – disse Molly.

Nada na vida é de graça, dissera Darren quando lhe oferecera emprego num sítio a que chamava Claustros. *Mas terás comida e um quarto. E companhia. Muita*.

Ela sabia o que queria dizer. Não era estúpida. Embora, desde a audição, em que, no final, lhe acenara que sim através de olhos exaustos e semicerrados, tinha tentado bloquear o que o seu novo trabalho implicaria.

Contas feitas, não tinha escolha.

– A casa de banho fica no patamar, onde subiste as escadas – disse-lhe Hannah. – Limpamo-la por turnos com as luvas de borracha, mas normalmente sou eu quem o faz. O mesmo em relação à cozinha. Se ficarmos sem alguma coisa, escreve no quadro ao lado do frigorífico. Vamos juntas às compras. Podes vir também. É divertido.

Molly engoliu em seco e acenou com a cabeça. Sentia-se tonta por causa do cigarro. Não fumava desde que saíra de Leeds e isso parecia ter sido há séculos, apesar de terem passado menos de três semanas.

– Não fiques tão preocupada – disse Hannah, acariciando-lhe o braço. – Vais ficar bem. Toda a gente fica nervosa quando vem pela primeira vez, mas a Luba vai tratar de ti como deve ser.

– A Luba?

Hannah assentiu, mostrando os dentes. Faltava-lhe um atrás e os da frente estavam um pouco tortos, mas mesmo assim era bonita.

– É a namorada do Darren. Mas ele não é o patrão. Esse é o Vaughn, e *esse* não vemos muitas vezes. E tu terás os teus clientes habituais. Costumam dar boas gorjetas. Vais-te adaptar a uma rotina.

– Certo, sim – disse Molly. Respirou fundo. Era melhor do que estar na rua. Ou em casa. – Acho que vou tomar um duche.

– Boa ideia – disse Hannah, voltando para a outra sala. – E depois vem tomar uma bebida connosco. Vais precisar.

6

BELLE – AGORA

– Mãe, não vais dizer nada? – O rosto vazio da mãe não revela nada. Talvez tenha sido um erro anunciar o noivado daquela forma, mas ela não fazia ideia de que lhe tinham organizado uma festa. – Pai?

Ao contrário do da mãe, o rosto do pai oscila entre expressões. O queixo está a repuxar-se, a boca a transformar-se numa careta e depois num sorriso forçado.

– Essa foi boa, Belle – diz ele, dando-lhe uma palmadinha no braço. – Por um minuto acreditei.

Belle puxa a manga de Jack. Não vai dizer nada? Afinal, a ideia de dar a notícia naquela noite fora dele. Ela achara que seria sensato esperar mais alguns meses antes de anunciarem o noivado, deixá-los conhecê-lo primeiro. Tinha tentado explicar-lhe como era a mãe dela, como se imiscuía em tudo o que fazia como se fosse uma erupção cutânea, mas ele não tinha percebido bem.

A mãe abana a cabeça.

– Não – sussurra, embora seja abafada pelo barulho da música e da conversa. – Isso é ridículo, Belle. Aproveita… aproveita a festa, sim? – Põe um dos seus sorrisos falsos, rindo nervosamente.

– Sei que deve ser um pouco… um choque – diz Jack, olhando para Hannah. – Mas nós estamos muito apaixonados. Não estamos, querida?

Finalmente, pensa Belle, olhando para Jack, grata por ele ter falado.

– Não… – sussurra novamente a mãe. Os seus olhos estão vidrados, o corpo rígido.

– Mãe, por favor… não comeces. A vida é minha. Posso fazer o que quiser. – Belle tenta não cair num tom de súplica, um hábito infantil que ainda não perdeu. As coisas agora são diferentes. É uma mulher adulta.

– Estás a falar a sério? – diz o pai. Cruza os braços.

– Muito a sério. Então hoje é uma dupla celebração, certo? O meu aniversário *e* o meu noivado com o Jack.

A mãe dá alguns passos para trás e deixa-se cair numa cadeira.

– Mãe, por favor, não fiques assim – diz Belle, sentando-se ao lado dela. Acaricia-lhe as costas. – Sabia que ias ficar um pouco surpreendida e chocada, mas, por favor, não podes ficar feliz por mim? O Jack e eu adoramo-nos. Ele é tão maravilhoso.

A mãe olha de novo para cima, para onde Jack estava, mas ele já se foi embora. No entanto, a julgar pelo estranho olhar que tem, é como se ainda o conseguisse ver.

– Sinceramente, mãe, não é nada de especial. Quando sabes, sabes, não é? Sempre disseste isso.

Hannah levanta a cabeça.

– Não, não, *não* sabes, Belle – diz ela. Está quase a rosnar, fazendo com que Belle recue. – Tu não sabes *nada*. Como… como é que pudeste fazer isto?

– Meu Deus, mãe, julguei que fosses ficar feliz por mim. Queres uma bebida ou coisa parecida? É o que costumas fazer. – Belle afasta-se da mãe.

– Pelo amor de Deus – sibila a mãe. – O que é que te deu? Estou sem palavras… Falamos sobre isto mais tarde. – Parece que nem sabe o que há de fazer consigo.

– Claro – diz Belle, encolhendo os ombros. – Mas não me vais fazer mudar de ideias. – Levanta-se para ir à procura de Jack, mas a mãe agarra-lhe o braço, obrigando-a a ficar sentada.

– E, acredita em mim, temos muito que falar. Tu realmente *não* sabes o que estás a fazer. – Mantém a voz baixa.

Belle faz uma careta quando o pai se senta do outro lado dela. Está encurralada, cercada pelos dois, e não há sinal de Jack para a salvar. Provavelmente foi ao bar buscar-lhe uma bebida. Tem esse tipo de atenções para com ela.

– Belle, não gosto de constatar o óbvio – diz-lhe o pai ao ouvido. – Mas… que *idade* tem o Jack, exatamente?

Belle vira-se, revirando os olhos.

– Bem, sabia que era só nisso que te ias concentrar – responde. – A idade não passa de um número. Não podes ficar feliz por mim?

– Quantos anos? – repete ele.

– Au, mãe! – guincha Belle quando a mãe lhe aperta o pulso com força. As unhas cravam-se-lhe na pele.

– Diz-lhe a idade. – Hannah aproxima-se do seu rosto. Está a suar e, mesmo com a maquilhagem, Belle sabe que está pálida como a morte.

– Trintas – responde Belle, levantando o queixo. – Trinta… trinta e nove, para ser exata. E se for essa a idade dele? Amamo-nos e pronto.

Hannah faz um ruído – algures entre um rosnado e uma gargalhada.

Rob deixa cair a cabeça nas mãos.

– Querida, tu ainda andas na escola. Podes ter dezoito anos agora, mas isto é uma loucura. Olha, não estou a dizer para não o veres, mas não te precipites para algo de que te vais arrepender. O casamento é uma coisa importante. O que é que achas?

Belle leva um dedo ao lábio e inclina a cabeça para as vigas do celeiro.

– Que me estás a controlar? Tenho dezoito anos, pai. É a minha vida.

– Belle, ainda estás na escola. Uma jovem que vai fazer os exames nacionais não se casa com um homem… *daquela* idade. – A cara da mãe está próxima e o seu hálito cheira a álcool.

Belle não gosta do seu tom. Não está a agir normalmente.

– Não vou voltar para a escola, por isso não importa, pois não?

– *O quê*? – geme Rob outra vez. – Belle, não estragues a noite. Se soubesses o trabalho que a tua mãe teve para…

– O Jack disse que os exames são uma perda de tempo e eu concordo com ele. Ele saiu-se muito bem e desistiu da escola aos quinze anos. Tem o seu próprio negócio, uma casa, um carro e tudo. Eu vou trabalhar para ele, o que é uma oportunidade fantástica, por isso não tens de te preocupar com sustentar-me. Já temos tudo planeado.

Belle vê a mãe a levantar-se de repente e a correr, abrindo caminho entre os convidados o mais depressa que consegue, sem sequer parar quando as pessoas tentam falar com ela. Desaparece lá fora através das grandes portas do celeiro.

– Meu Deus, Belle, que sentido de oportunidade – diz o pai dela. – Tenho tantas perguntas que nem sei por onde começar. Mas, por agora, faz-me só um favor. — Belle estende a mão e pega na do pai. – Aproveita o raio da festa.

7

HANNAH – AGORA

Respiro o ar do crepúsculo, ainda quente do sol de finais de agosto, mas com uma nota fresca da noite que se aproxima. Dava tudo para ter um cigarro, mas há quinze anos que não toco num. Bebo um gole do *Prosecco* que trouxe para a rua. Tinha de sair, de me afastar.

Afastar-me *dele*.

Noiva, penso. *A minha filha… de um homem mais de duas décadas mais velho do que ela*. Eu sei que não tem realmente trinta e nove anos. Mentiu à Belle em relação à idade.

Aperto os braços à minha volta, andando de um lado para o outro no parque de estacionamento. Dou pontapés à gravilha, sem me importar que os meus saltos caros se afundem nas pedras e fiquem arranhados. É a menor das minhas preocupações.

O *sacana*.

Dou por mim a rir, um balido vagamente histérico enquanto olho para o céu. Talvez à procura de respostas. Há uma lasca de lua no crepúsculo e vejo o brilho de Vénus. Lembro-me de estar deitada na relva com a Belle quando ela era pequena, a olhar para a escuridão, à procura de estrelas cadentes e a pedir desejos se víssemos alguma. Os meus olhos ficam desfocados pelas lágrimas, fazendo com que Vénus pareça irradiar raios de luz.

– Falhei-lhe – sussurro, passando um dedo por baixo do olho para evitar que o rímel fique borrado. – Distraí-me por um segundo e pu-la em perigo. Não fiz um trabalho suficientemente bom para a manter… para *nos* manter… em segurança.

Não faço ideia de como nos encontrou e a minha mente confusa já está a tentar convencer-me de que cometi um erro, de que não é ele. É só um sósia. Ou que foi o choque de a Belle ter anunciado o noivado que me fez

ver coisas que não são reais. Relíquias do passado que ainda me assombram.

Volta para dentro, digo a mim mesma. *Bebe mais um copo, conversa com os convidados, certifica-te de que a Belle desfruta da noite… e depois ele não estará lá. A pessoa que a Belle trouxe consigo será apenas um tipo por quem tem uma paixoneta… sim, pode ser um pouco mais velho, mas não será* ele.

Não é ele…

Não é possível.

É só um erro.

Volto para a entrada do celeiro. Tenho de me controlar, enfrentar a festa, os convidados, a comida, tentar aproveitar a noite ao máximo, e depois pensarei no que fazer.

Mas uma coisa é certa: sei que não é a minha filha que ele quer.

A maior parte das mesas já está cheia e os convidados já se serviram do *buffet*. O vinho está a fluir, a música a tocar, e a Belle tem um fluxo constante de atenção de amigos e familiares. O trio de amigas da escola com quem há pouco falei está sentado numa mesa com ela e… e o *Jack* está ao seu lado, com a comida à frente ainda intacta enquanto bebe lentamente uma bebida e olha calmamente em redor. A Belle devia estar sentada connosco.

Estou a observá-lo do outro lado do espaço, sentada à mesa com o Rob, a Amber e os pais do Rob. A Belle está a bloquear-me parcialmente a visão dele, mas de vez em quando ele recosta-se na cadeira, dando-me uma perspetiva melhor. O Rob volta a encher-me o copo de vinho.

– Tenta não pensar nisso por agora – diz-me baixinho, deslizando uma mão para o meu joelho por baixo da mesa. – Vai passar, vais ver. É só uma paixoneta de verão de uma miúda de escola.

Aceno com a cabeça, desejando que fosse verdade. Quanto mais olho para ele, mais tenho a certeza de que é ele. E *não* se chama Jack.

– Parece ridículo sentado com a Belle e as amigas. Um velho tarado nojento – sussurro ao ouvido do Rob. – É um maldito pedófilo, é o que ele é. – Já olhei para o dedo anelar da mão esquerda da Belle e não está lá nada. Ao menos isso, penso.

– Tecnicamente não é, receio.

– Ela disse mais alguma coisa enquanto estive lá fora? – pergunto. – Onde

se conheceram, por exemplo?

O Rob abana a cabeça.

– Decidi não a chatear muito. O melhor que temos a fazer é alinhar com ela por agora. Tu sabes como são os adolescentes… dizemos-lhes para fazerem uma coisa e eles fazem o contrário. – O Rob mantém a voz baixa.

Penso na minha adolescência – o oposto da experiência da Belle. Teria dado tudo para que alguém se preocupasse comigo, para me dizer para não fazer certas coisas. Algo contra o qual eu pudesse lutar e me rebelar. Mas, da forma como foram as coisas, tive de lutar sozinha.

– Que festa maravilhosa, Hannah – diz a Nancy. – Tiveste tanto trabalho. Não sei como conseguiste esconder isto da Belle este tempo todo.

A Nancy é o mais parecido que alguma vez tive com uma mãe. Desde que eu e o Rob nos conhecemos quando a Belle era pequena, tem sido amável e generosa com o seu tempo e afeto.

– Não foi assim tão difícil, já que ela esteve em França durante dois meses.

– Custou uma fortuna – acrescenta o Rob, apesar de eu ter tentado fazer tudo com um orçamento limitado.

Ainda assim, ficou calado quando lhe mostrei os recibos e falei com ele sobre os custos. Embora não tenha aludido a muito, sei que as coisas têm estado mais paradas no trabalho dele ultimamente.

A Nancy semicerra os olhos para mim, sentindo a minha preocupação. Inclina-se para a frente na mesa.

– Não te preocupes, querida – diz. – O Rob tem razão. Quem quer que ele seja, vai passar não tarda.

Sorrio-lhe, grata por ela ter percebido a situação sem eu ter de explicar. Embora nunca possa explicar tudo – nem ao Rob. Alguns segredos nunca podem ser partilhados.

– Lembro-me de quando a Fliss trouxe o seu primeiro namorado a casa – continua a Nancy. – Quase deu um ataque cardíaco ao teu pai. – Quer esteja a falar com o Rob ou comigo, refere-se sempre a ela e ao Bill como se fossem os nossos pais.

– Meu Deus, eu lembro-me – diz o Rob. – Quis dar-lhe um murro na cabeça.

– Acho que o Bill deu, não deste, querido? – diz a Nancy. O seu rosto suavemente enrugado desdobra-se numa gargalhada.

– É muito provável – diz Bill, servindo-se de mais vinho.

– A Fliss só tinha dezassete anos e o rapaz, bem, devia ter dezanove ou vinte. Todo cabedal preto e tatuagens, e com o raio de uma mota, ainda por cima. – A Nancy estremece visivelmente.

– E tresandava a marijuana e a suor – acrescenta o Bill.

– E a óleo e batatas fritas gordurosas.

– Um belo partido, então – brinco, olhando de novo para a mesa da Belle. O lugar do Jack está vazio e não o consigo ver em mais lado nenhum.

– Ficámos horrorizados, Hannah, mas também sabíamos que a Fliss estava apenas a passar por uma fase. Dissemos-lhe para não ir de mota com ele, mas claro que ela foi. Na verdade, fez o contrário de tudo o que lhe dissemos.

– Vês? – diz o Rob, olhando para mim.

– Acabou por ter de descobrir por si que ele era mau. Quero dizer, não estou a dizer que as pessoas que usam casacos de cabedal e andam de mota são todas más, claro, mas aquele de alguma forma tresandava a… malícia. Mal nos disse uma palavra nos seis meses em que foram um casal.

– O que é que aconteceu? – A Felicity, a irmã do Rob, está sentada com o marido de longa data e os seus dois filhos. São a família perfeita e eu sei que a Nancy e o Bill estão imensamente orgulhosos da sua filha mais nova.

– Essa é fácil – diz a Nancy com um sorriso satisfeito. – Ele não se enquadrava com os amigos da Fliss e ela depressa percebeu que eles gostavam de coisas diferentes, especialmente quando ele foi preso por roubo. Deixou-o por vontade própria e é isso, querida Hannah, que a Belle vai fazer. Um homem vinte anos mais velho do que ela não vai querer andar com um bando de raparigas risonhas de dezassete e dezoito anos, escreve o que te digo. Quando começar a ser posta de lado pelo grupo de amigas, a Belle vai acordar.

– Espero que tenha razão – digo. – E obrigada.

Volto a olhar e vejo que o Jack está de regresso ao seu lugar, com o braço em torno da pele nua dos ombros esguios da Belle, a sua cara de barba a despontar encostada à dela, a sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. Enquanto o faz, os seus olhos voltam-se na minha direção e um dos lados da sua boca curva-se para cima.

Ele sabe que eu sei. Sabe que não posso fazer nada. Agora não. Aqui não.

Nem em *lado nenhum*.

– Muito bem – digo ao Rob, com o estômago a dar cambalhotas para trás. Já estava suficientemente nervosa com a ideia de fazer isto, mas, com *ele* a observar-me, já vai ser bom se não desmaiar. – Acho que está na altura do meu discurso.

8

HANNAH – AGORA

Continua, digo a mim própria, depois das boas-vindas e dos agradecimentos iniciais. Os meus dedos brincam com a folha de papel que tenho na mão para não me esquecer de mencionar ninguém. Todos os olhos estão postos em mim.

– E, claro, por último, gostaria de agradecer ao Rob. Se não fosse ele… – Da pequena plataforma onde estou, vejo-o sentado na sua cadeira, com um café à frente enquanto me observa orgulhosamente. – Se não fosse ele ser o parceiro mais amoroso e leal de sempre, o melhor dos pais para a Belle e para a Amber, então… bem, acho que a nossa família não seria unida e forte como é. Ao Rob! – Ergo o copo com uma mão trémula e engulo em seco, forçando-me a não olhar para a mesa da Belle, onde sei que o Jack está a observar-me atentamente. Mas, como é natural, os meus olhos querem fixar-se na razão de ser desta festa, a minha querida filha.

– *Ao Rob*… – ecoa de todos os convidados.

O Rob levanta a mão numa continência.

Aclaro a garganta quando a sala volta a ficar em silêncio.

– Não… não sei como é que é possível que a minha menina tenha feito dezoito anos hoje. Parece que nem há cinco minutos a minha querida Belle era uma bebé nos meus braços.

Não consigo evitar, como posso *não* olhar para ela neste dia? Os meus olhos vão para a Belle. Está sentada, virada na cadeira, com o queixo apoiado nos braços e um olhar tímido no rosto. Mas não olho para *ele*. Se o fizer, vacilo e vou-me abaixo.

– E, desde aqueles primeiros momentos, quando a segurei nos meus braços, quando percebi que era minha para sempre, a vida com a Belle tem sido uma alegria absoluta.

Engulo em seco, lembrando-me do seu nascimento, do trauma, da agonia,

do sangue, do pânico e dos gritos. Depois disso, senti-me tão só – além do som daquele maldito vídeo que passava repetidamente na televisão antiga e que ecoava na minha cabeça.

Pigarreio.

– Vê-la crescer e tornar-se uma bebé curiosa, uma criança ativa e inteligente à medida que avançava na escola… – Tusso, olhando para os meus apontamentos para não me dispersar, mas as palavras estão desfocadas à frente dos meus olhos, o que me faz desejar não ter bebido tanto *Prosecco*. – E… e depois até ao secundário, estudou muito, divertiu-se com os amigos, a sua bondade e generosidade contagiaram todos os que a rodeavam… Em suma, a alegria que a Belle trouxe à nossa família, às vidas de todos os que conhece, é incomensurável. Simplesmente não podia ter desejado uma filha melhor.

Outra tosse, mas desta vez não é a minha.

As minhas pernas estão a tremer, os meus tornozelos parecem estar prestes a ceder nestes estúpidos saltos altos. Deixo as mãos ao lado do corpo para que ninguém repare no papel a tremer.

– Com exceção da Amber, claro – acrescento com um riso nervoso, olhando para ela. – Mas tenho a certeza de que vai concordar que a Belle é a melhor irmã mais velha de sempre.

Paro, estendo a mão para a pequena mesa ao meu lado e pego na minha bebida, dando um gole instável e autoconsciente. Porquê, mas *porque* é que não pedi ao Rob para fazer isto?

– Lembro-me de uma vez quando a Belle tinha cerca de doze anos e o Rob lhe perguntou o que é que ela gostaria de ser quando fosse grande. A sua fase de querer ser princesa já tinha acabado há muito tempo… embora vá sempre ser a nossa princesa… e acabou por levar a pergunta muito a sério. Disse-nos que queria ser tradutora, que viajar e usar as línguas estrangeiras era o que queria fazer na vida. Quero dizer, que sonho para ter numa idade tão jovem! – Puxo para trás uma madeixa de cabelo solto enquanto a minha voz vacila. – Encorajámo-la sempre, claro, e só hoje é que a Belle voltou de… de dois meses em França para estudar a língua…

A minha mente volta-se para o susto que nos pregou quando não apareceu ontem. E depois para o anúncio absurdo que fez esta noite. Quero gritar, berrar-lhe para não ser tão estúpida, dizer a toda a gente que está um monstro entre nós a tentar roubar a minha bebé. Que um homem com mais

de quarenta anos mentiu e aliciou a minha filha de dezoito, e que agora ela está *noiva* dele.

Mas não posso.

Se der sequer um pio, acaba-se tudo.

– Um brinde à nossa querida, bela, amável, inteligente e ambiciosa filha, Belle, que faz hoje dezoito anos e tem a vida toda pela frente! Que tenhas sempre bom senso, meu amor.

Sei que saltei quase tudo o que tinha planeado dizer, breves anedotas sobre a vida dela, histórias engraçadas e enternecedoras, mas é tudo o que consigo fazer dadas as circunstâncias. Levanto o meu copo, lançando-lhe um olhar de súplica.

– Feliz aniversário, Belle!

Os convidados juntam-se a nós e levantam-se para o brinde.

– *Feliz aniversário… para a Belle!* – reverbera pelo celeiro.

Apresso-me a sair da plataforma e volto para a minha mesa, com as lágrimas a encher-me os olhos quando me deixo cair ao lado do Rob, a tremer e aliviada por já estar.

– Muito bem – diz ele, aproximando-se. – Foi perfeito.

A Nancy estende a mão para a minha.

– Muito comovente, Hannah. Tirei fotografias. – Acena-me com o telemóvel.

De repente, ouço algo a bater num copo – o tilintar estridente a cortar o ar. A sala volta a ficar em silêncio e, quando olho para cima, vejo-o a *ele* e à Belle de pé, lado a lado na plataforma, com os braços à volta um do outro e grandes sorrisos nos rostos.

– Obrigada, mamã – diz a Belle, afastando o seu longo cabelo para trás.

Une as mãos e sopra-me um beijo. Não consegue parar de sorrir e tapa a cara quando alguém lhes diz para cantarem uma canção. Outra pessoa assobia e bate palmas e depois a sala volta a sossegar quando *ele* bate no copo pela segunda vez.

– Sim, muito obrigado, Hannah – diz o Jack, virando-se lentamente para mim. Os seus lábios demoram-se sobre o meu nome, cada uma das duas sílabas divididas em tragos ameaçadores. Mais ninguém na sala repararia nisto… só eu. – Achei que era o momento certo para dizer algumas palavras, visto que agora sou um elemento permanente na vida da Belle.

Olha para mim de novo enquanto alguns convidados murmuram entre

eles. Ouço o Rob fazer um som de resmungo ao meu lado e os nossos dedos entrelaçam-se debaixo da mesa, apertando-se.

– O que muitos de vós talvez ainda não saibam é que eu e a Belle estamos noivos.

Ouve-se mais burburinho na sala e alguns arquejos de choque, enquanto várias pessoas gritam e batem palmas.

Jack levanta a mão para silenciar toda a gente, sorrindo através da barba bem aparada enquanto passa o outro braço à volta da cintura da Belle, puxando-a para mais perto. A Belle descansa a cabeça no ombro dele, encarando-o com um ar radiante.

– Estou a sentir-me mal – sussurro para o Rob.

A sua expressão é vazia, embora veja o franzir de nojo da sua boca, a forma como as narinas se dilatam e as rugas na testa se aprofundam. A Nancy e o Bill estão sentados, rígidos, a olhar para a neta sem saberem o que pensar. A Amber está agarrada ao telemóvel, a balançar as pernas com um ar de tédio.

– Sei o que alguns de vocês podem estar a pensar – continua o Jack.

– Oh, não sabes, não – sussurra-me o Rob.

– Porque é que uma jovem tão bonita como a Belle estaria interessada num homem mais velho como eu?

– Só arranjar um já é bom! – exclama alguém.

– *Quem* raio disse isso? – resmungo, olhando à volta da sala.

– A resposta simples a isso – continua o Jack – é o amor. Amor puro, profundo e sincero.

Rio-me alto de desdém e algumas pessoas próximas viram a cabeça, levantando as sobrancelhas. Não sei se é por solidariedade ou por me acharem mal-educada.

– Quando eu e a Belle nos conhecemos, foi tanto um encontro de mentes como um encontro de corpos.

– Oh, por amor de Deus – rezingo.

– Vou acabar com isto dentro de três segundos – sussurra o Rob, empurrando a cadeira para trás, pronto para se levantar.

– Não… não, espera, não – sussurro também, com o pânico a dominar-me. O Rob não sabe que não podemos antagonizá-lo. – Não… não… não estragues a noite à Belle. Vamos parecer pais controladores e depois ela vai querer continuar ainda mais. Vamos resolver isto em casa.

O Rob detém-se, pensando no que eu disse. Depois, relaxa um pouco, ficando quieto na cadeira. Até descobrir o que fazer, até saber o que é que ele quer, teremos de alinhar. Fazer com que o Rob perceba vai ser difícil e nem sequer posso contar a ninguém que ele não se chama mesmo Jack.

– Sim, há uma diferença de idades entre nós, mas o verdadeiro amor não conhece limites. Se se acende o rastilho entre duas pessoas, então não há como o apagar. Felizmente para mim, a Belle não se deixou perturbar por alguns anos entre nós. Como ela está sempre a dizer, «a idade não passa de um número».

– Alguns anos? – diz o Rob, abanando a cabeça. – É mais duas décadas.

E tudo o resto, penso.

– Devem estar a perguntar-se onde é que nos conhecemos – continua o Jack com uma gargalhada. Olha carinhosamente para a Belle. – Num parque é a resposta. A primeira vez que vi a Belle, ela estava sentada num baloiço, sem qualquer preocupação enquanto deixava o cabelo esvoaçar atrás de si e…

Continua a falar sem parar. Quero ouvir o que está a dizer para tentar perceber alguma coisa sobre esta situação terrível que me possa ajudar a sair dela, mas não aguento.

– A porra de um baloiço? – O Rob abana a cabeça e tapa a cara. – Ela estava no raio de um parque infantil a ser uma *criança*, por amor de Deus.

– Rob… não faz mal, havemos de tratar disto. – Aperto-lhe a coxa por baixo da mesa. Não quero que comece a discutir.

– Então, fui sentar-me no baloiço ao lado e começámos a conversar. O resto, senhoras e senhores, é história. Era como se nos conhecêssemos há anos. Tínhamos tanto em comum que era como se estivéssemos destinados a encontrar-nos naquele dia.

Começo a sentir arrepios e a suar quando o Jack olha para mim.

– E, depois de passarmos dois meses gloriosos em França juntos, decidimos dar o nó.

Os dois sorriem radiosamente um para o outro na plataforma, enquanto alguns dos amigos da Belle assobiam e batem palmas.

– Em *França*? – sussurro para o Rob, incrédula. – Ele esteve lá *com* ela?

A Nancy olha para nós do outro lado da mesa com um ar preocupado.

– Não há dúvida de que foi por causa dele que ela veio mais tarde – diz o Rob enquanto tentamos perceber tudo.

– Tentei telefonar ontem do aeroporto para a família de acolhimento com quem ela ia ficar, mas não obtive resposta.

O Rob olha para mim de uma forma que me diz que estamos os dois a pensar a mesma coisa.

– Pronto, já ouvi o suficiente – diz ele, levantando-se e dirigindo-se para a plataforma antes que o possa impedir.

O Jack ainda está a contar histórias de amor para os convidados aparentemente extasiados.

– Obrigado, obrigado – diz o Rob, avançando e pondo-se à frente dele. Percebo que está a conter-se pela forma como bate palmas sem convicção. Alguns convidados fazem o mesmo. – Certo, vamos acabar com os discursos e começar a festa. – Olha para mim. – Vamos ao bolo, Hannah?

Meu Deus… tinha-me esquecido disso. Corro para a cozinha e acendo rapidamente todas as velas, depois levo-as para o salão principal. Como pedido, o DJ faz soar o «Parabéns a você» nas colunas assim que apareço e todos começam a cantar.

Lentamente, levo o bolo para a mesa que está montada em frente à plataforma e a Belle desce, dando-me um abraço. O Jack continua colado ao seu lado. Quando todos acabam de cantar, a Belle prende o cabelo e inclina-se para a frente, soprando as velas.

Para meu horror, o Jack faz o mesmo, ajudando-a a apagá-las.

Todos aplaudem.

– Pede um desejo! – grita alguém.

– Sim, sim, pede um desejo, querida – digo à minha filha.

O Jack mete-se entre nós.

– Já pedi o meu – diz, olhando diretamente para mim.

9

HANNAH – AGORA

– Até que enfim – digo à Belle – que te apanho sozinha. – Quando a vi a ir para a casa de banho, fui atrás dela. Ela está a lavar as mãos e sorri-me.

– Então, gostas dele? – pergunta a Belle.

– Eu… hum… olha, amor, não é uma questão de *gostar* dele ou não.

Não, odeio-o… odeio-o por tudo o que ele me fez, às outras raparigas…

– Eu sabia que ias reagir assim – diz ela, tirando algumas toalhas de papel do dispensador.

– Bem, estás à espera de que eu diga o quê exatamente, Belle? Vais para França, não voltas quando estava previsto e depois anuncias que estás noiva de um homem várias décadas mais velho do que tu, de quem não sabemos nada… *nada*. – Engulo a mentira. Sei tudo sobre ele. E nada é bom. – E, ainda por cima, dizes que vais deixar a escola. E os teus exames no próximo ano? A universidade? Tinhas tudo planeado. O teu ano sabático, o teu curso de línguas, o teu sonho de viajar.

– Mãe… – diz a Belle, estendendo a mão e tocando-me no braço. Ainda tem os dedos húmidos. – As coisas mudam, não é? O Jack é um bom homem. Nós… nós entendemo-nos um ao outro. Não sei explicar, mas ele está em sintonia comigo. A diferença de idades não é assim tão importante.

Abano a cabeça e vejo a minha cara de pânico ao espelho.

– Já te ocorreu o que um homem da idade dele *quer* de uma rapariga como tu? És pouco mais do que uma criança, Belle. O que não o deixa bem visto. E que treta é essa de se conhecerem num parque infantil? Ele disse-te que tinha cachorrinhos e doces no carro? Tens sorte por o teu pai não ter ido lá dar-lhe uma bofetada.

– Mãe, pára. – A Belle está a rir-se. – Estava a passar uma tarde com a Jen no parque. O Jack estava sentado num banco ali perto. Estávamos sempre a

olhar um para o outro e, quando a Jen se foi embora, ele veio ter comigo e meteu conversa.

Sinto-me maldisposta. São precisas todas as minhas forças para não correr para um compartimento e vomitar a pequena quantidade de comida que me forcei a engolir há pouco.

– Quando é que foi esse… encontro fortuito, exatamente? – pergunto, suspeitando de que não houve nada de fortuito.

– Foi em maio. Mesmo no fim do período.

– Não te parece estranho? Que um desconhecido te estivesse a observar no parque? Ele foi claramente ao teu encontro. E agora, que mal passaram três meses, pediu-te em *casamento*?

A cara da Belle fica séria.

– Olha, mãe. Não vou ter esta conversa na casa de banho. Ou aceitas ou não aceitas. Olha que já tenho dezoito anos e posso fazer o que quiser.

Agarro-me à borda do lavatório, olhando diretamente para o espelho. A Belle está atrás de mim com o seu lindo vestido creme. Quando lho comprei, não fazia ideia do que iria acontecer quando ela finalmente o vestisse.

– Está bem – murmuro, forçando um sorriso. – Não vamos falar sobre isto agora. Que tal o pai e eu darmos-te o teu presente? Mal posso esperar para ver o que achas!

A Belle olha para mim e depois sorri. Dá-me um abraço, que eu retribuo, não conseguindo evitar a ideia de que os braços *dele* estiveram à volta da minha filha.

– Obrigada, mãe – diz ela, e saímos da casa de banho.

– Amber, onde está o meu saco, querida? – Inclino-me para que ela me consiga ouvir, pois o DJ voltou a pôr a música mais alta. Algumas pessoas estão a dançar.

Está sentada com as amigas nas cadeiras confortáveis, longe da pista de dança, e ergue o olhar do telemóvel. Olha em volta e, a seguir, para o chão, de ambos os lados dos pés. Depois, levanta-se, com o olhar a alternar entre a mesa onde se sentou quando lhe dei o saco e a mesa onde jantámos.

– Espera – diz ela, com as bochechas a corar enquanto se apressa a afastar-se.

– Amber! – chamo, seguindo-a, mas ela não me ouve por causa da música.

Antes de chegar à nossa mesa, já ela se baixou e deu uma vista de olhos e

depois foi a correr para a primeira mesa.

– Onde é que está, amor? – pergunto, alcançando-a.

Olha para mim do chão, de joelhos e com metade do corpo debaixo da toalha de mesa. Um segundo depois, levanta-se, sorrindo com o saco de pano a baloiçar na mão. Os meus sapatos rasos estão a espreitar pela parte de cima.

– Obrigada – digo, com o alívio a invadir-me. – Pedi-te para não tirares os olhos dele. – Dou-lhe um abraço rápido.

– Desculpa, mãe – responde ela. – Esqueci-me. – Volta a trotar para junto dos amigos.

Levo o saco de volta para a nossa mesa, onde o Rob está sentado com a Belle. Não há sinal do Jack, felizmente.

– Muito bem, hora da prenda – anuncio, suficientemente alto para que a Nancy e o Bill oiçam e aproximem as cadeiras. Espreito para dentro do saco, remexendo nos objetos que lá enfiei. Olho para cima, enquanto a minha mão vasculha. – Bem, será quando conseguir encontrá-la!

No fim, tenho de tirar tudo e, quando as últimas peças caem na mesa, fico boquiaberta de choque.

– Rob – digo, agarrando-lhe no braço. Sacudo o saco vazio para ele. – A prenda… *desapareceu*.

Ele tira-me o saco e espreita lá para dentro, embora sem necessidade, pois é fácil sentir pelo peso que não tem nada dentro.

– Tens a certeza de que a puseste aí? Vê na tua mala de mão.

Aceno-lhe com a minha mala.

– Não está aqui, é demasiado pequena. Foi por isso que trouxe o saco.

A Belle está a falar com a avó e não reparou no meu pânico.

O Rob remexe nas coisas que estão em cima da mesa e no meu colo, e até procura dentro dos meus sapatos rasos.

– Alguém deve tê-la levado – afirmo.

– É pouco provável. Talvez tenha caído. Vamos lá dar uma vista de olhos.

– Boa ideia – respondo, e levo o Rob até onde a Amber tinha deixado o saco.

Mas não está lá, nem no chão nem na mesa. Procuramos noutras áreas, incluindo a mesa que está cheia de presentes dos convidados, para o caso de alguém a ter encontrado e posto lá, mas nada. Tentando não causar alarido, voltamos para interrogar a Amber.

– Desculpa, mãe, não sei – diz ela, com as amigas a olharem para nós. – O saco esteve comigo a maior parte do tempo. Só me esqueci de o trazer quando me vim sentar aqui. Desculpa.

– Tens a certeza de que puseste mesmo a prenda lá dentro, amor? – pergunta o Rob quando nos vamos sentar com os pais dele outra vez. A Belle olha para cima na expectativa quando voltamos.

– *Sim* – sibilo. – Verifiquei umas dez vezes antes de sair.

– Talvez tenha caído no carro?

Uma onda de esperança invade-me.

– Vou ver – digo, tirando as chaves do bolso do casaco dele e dirigindo-me para a rua.

Atravesso rapidamente o parque de estacionamento, com os pés a pisar o cascalho. Está escuro como breu quando o fecho centralizado do carro faz barulho ao meu toque e vejo as luzes a piscar no momento em que o *Volvo* do Rob se destranca umas filas mais atrás.

Dirijo-me para ele, com os ouvidos ainda a zumbir da música alta lá dentro. Quando me aproximo, vejo o brilho de uma ponta de cigarro na escuridão – nada mais, apenas um ponto laranja a arder.

Depois, quando estendo a mão para abrir a porta do passageiro do *Volvo*, vejo um vulto do outro lado do carro, junto à sebe que dá para os campos.

– Quem está aí?

Mais uma chama laranja na ponta do cigarro e começo a distinguir o cheiro do fumo que sopra na minha direção.

– Está aí alguém? – Abro a porta do carro para que a luz acenda, mas só torna mais difícil ver alguma coisa na escuridão. Espreito para dentro e só demoro um momento a perceber que a prenda não está no carro.

Depois, ouço passos no cascalho a aproximar-se. Finalmente, uma figura sombria aparece do outro lado do *Volvo*, com o cotovelo a subir e a apoiar-se no tejadilho.

O seu rosto ilumina-se à luz interior do carro e ele leva uma mão à boca, dando uma longa e lenta baforada no cigarro. Sopra o fumo para mim.

– Olá… Hannah – diz o Jack lentamente, com os olhos fixos nos meus.

10

MOLLY – ANTES

Molly caminhou em bicos de pés pelas tábuas nuas do pequeno patamar no cimo da casa. Tinha uma toalha enrolada à sua volta. Encontrara-a atrás da porta da casa de banho e cheirava a mofo. Prendeu os braços de lado, tentando mantê-la à volta do corpo, enquanto o cabelo lhe pendia em madeixas molhadas e a pingar à volta dos ombros. Estremeceu ao olhar para a escada. Não tinha alcatifa, apenas tábuas de madeira lascadas que serpenteavam pelo centro da casa. Pareciam não ter fim, levando a uma queda infinita pelos muitos andares abaixo.

Pensou em todos os pés que teriam pisado os degraus.

Bem, *supunha* que era uma casa, mas ainda não tinha bem a certeza. Além das inúmeras portas que tinha visto ao subir, as únicas partes do edifício em que tinha estado até então eram os quartos do sótão. Não tinha prestado atenção ao exterior quando Darren a trouxera para ali – anunciando que os Claustros eram a sua nova casa – e lhe ordenara que não entrasse em nenhuma das outras divisões quando subisse ao último andar. Tinham chegado na mota dele, onde viera agarrada a Darren como se a sua vida dependesse disso; a viagem tirara-lhe o fôlego e ainda não o conseguira recuperar.

A viagem resumia o que sentia naquele momento: terror e entusiasmo.

As coisas estavam finalmente a mudar, o que só podia ser uma coisa boa.

Nunca tinha andado de mota e tinham vindo diretamente do estúdio do colega de Darren. Não se lembrava do nome dele e, na verdade, não era bem um estúdio… era mais um quarto nas traseiras de uma casa degradada que cheirava a esgoto e a batatas fritas. Mas ele tinha uma câmara, alguma iluminação e um daqueles guarda-chuvas prateados, e Molly não se importava de posar para ele se isso fosse necessário para o trabalho de que Darren lhe falara.

Já lhe explicara que as fotografias eram necessárias para o trabalho, embora ela tivesse hesitado quando lhe disseram para se despir e posar em roupa interior. Depois, deram-lhe umas calças e um sutiã diferentes para vestir, dizendo-lhe que ficaria mais bonita. Não cheiravam muito bem, mas ela vestiu-os na mesma. Para as fotografias.

– Anda, vá, entra – disse Hannah enquanto Molly pairava de toalha à entrada da sala principal do sótão. Hannah estava sentada ao toucador a maquilhar-se e Molly mal a reconheceu.

– Estás muito bonita – disse ela, sentindo-se de repente como uma menina em comparação.

Hannah tinha os olhos delineados com *eyeliner* preto e tinha esfumado uma sombra azul brilhante. O *blush* cor de pêssego e os lábios escarlates davam-lhe um ar sedutor, e o seu vestido branco justo quase não cobria nada. O cabelo pendia-lhe em ondas à volta dos ombros. Molly olhou para as outras raparigas, que estavam em diferentes fases de preparação, exceto Lilly, que ainda estava pálida e doente, deitada no sofá, a fumar.

– Tu também vais ficar – disse Hannah, levantando-se e aproximando-se. Levantou-lhe o cabelo molhado, colocando-o no cimo da cabeça, estudando-lhe o rosto de diferentes ângulos. – Gira – disse ela, tocando-lhe na ponta do nariz. Depois puxou a toalha. – Deixa-me ver – acrescentou, dobrando um pouco os joelhos para que a sua cara ficasse ao nível da de Molly.

Molly agarrou a toalha com mais força, apertando-a contra o peito.

Hannah riu-se.

– Querida, se não consegues pôr-te nua à nossa frente, como é que vais trabalhar?

– Isso é diferente – disse Molly, embaraçada, embora ainda não tivesse pensado nisso.

Ainda que Darren não lhe tivesse dito explicitamente o que ia fazer, já tinha percebido. Não era estúpida. Era um acordo subentendido, um acordo que não tinha outra escolha senão aceitar. Ele deixara claro o que lhe aconteceria se não o fizesse. Mas tinha sido bondoso, tinha-a encontrado a chorar à porta de uma loja encharcada de mijo e tinha-se sentado com ela durante muito tempo. Tinha-lhe comprado comida, uma lata de *Coca-Cola* e prometera-lhe o novo começo que ela procurava.

Não queria voltar para a rua. As últimas duas semanas tinham sido

absolutamente lúgubres. Nunca se tinha sentido tão sozinha e desesperada – a remexer nos caixotes do lixo dos supermercados, sentada no chão frio com um copo de plástico ao seu lado e sem ninguém com quem falar. A maior parte das pessoas que lhe tinham dado dinheiro tinham-no deixado cair sem sequer olharem para ela. Aliviava-lhes a consciência. Algumas disseram-lhe algumas palavras e uma senhora comprou-lhe uma sandes e uma bebida quente. A maioria passou por ela como se não existisse.

Não queria voltar a isso.

– Os clientes farejam o medo. – Hannah puxou a toalha com mais força, fazendo com que Molly a largasse. – Tira-lhes o tesão. Por isso, sê confiante, sim?

Enquanto Hannah a estudava, Molly endireitou os ombros na esperança de que os seus pequenos seios ficassem mais salientes. Já tinha estado nua com rapazes antes, mas nunca nenhum tinha olhado para ela assim tão de perto. A sua pele ficou arrepiada.

– Vais ser popular – disse Hannah, andando à volta dela. – Que tamanho vestes… 34, 36?

– Não… não sei – disse Molly com sinceridade.

Não se lembrava da última vez que tinha comprado algo novo para vestir. A mãe nunca tinha dinheiro e ela não se atrevia a roubar nada com etiqueta. Normalmente era só comida ou pequenas coisas do *Boots*. Alguma da roupa que tinha no saco ainda era de quando tinha cerca de doze anos.

Hannah remexeu nos cabides de um varão de roupa. Algumas peças estavam equilibradas por cima dele e outras tinham caído para o chão. Cores berrantes e látex, rendas pretas e fitinhas… as peças não se assemelhavam a nada que costumasse usar. Mas Molly sabia que as suas calças de ganga rasgadas e uma *T-shirt* não iam funcionar. Além disso, as suas coisas não eram lavadas há muito tempo e estavam a ficar gastas.

– Apanha – exclamou Hannah, atirando-lhe um objeto. Molly precipitou-se para ele e segurou-o à sua frente, dando-lhe voltas e mais voltas, sem saber ao certo de que forma estava direito. – Assim – disse Hannah, agarrando na pequena quantidade de tecido elástico cor-de-rosa e puxando-o por cima da cabeça de Molly. – Braços aqui… abana-te para ele descer.

– Estou a tentar – disse Molly, puxando o material fino.

O vestido, se é que se lhe podia chamar isso, ficava apenas dois centímetros abaixo do seu traseiro e quase não cobria nada. Rachas na parte

da frente expunham-lhe a maior parte da barriga, enquanto os seus seios estavam escondidos, por pouco que fosse, por uma faixa de tecido com dois centímetros e meio de largura. Uma série de tiras cruzavam-se nas suas costas.

– Calça isto também – disse Hannah, inspecionando um par de botas de cano alto de vinil preto. – São o 39.

– Eu calço o 38 – disse Molly, sentando-se numa cadeira enquanto enfiava as pernas dentro delas. Chegavam quase ao cimo das coxas e os dedos dos pés ficavam à solta nas pontas. Quando se levantou e tentou andar, o tornozelo esquerdo dobrou-se para o lado com os saltos de 15 centímetros.

– Vais habituar-te a elas – disse Hannah, sentando-se de novo ao toucador. Juntou um par de mortalhas antes de as encher de tabaco e erva. Acendeu o charro e deu duas passas profundas.

Molly abanou a cabeça quando lhe ofereceu um pouco.

– Vai ajudar-te a relaxar.

– E a não quereres saber de nada – acrescentou Vanessa, estendendo o braço e pegando no charro.

– Então toma um destes – disse Hannah, abrindo uma gaveta e tirando de lá uma garrafa de *vodka* sem marca e uns copos de *shot*. Serviu um a cada uma.

Molly bebeu o *shot*. Fumar erva fazia-a sentir-se mal, mas Hannah tinha razão. Precisava de um pouco de alguma coisa para a ajudar a superar a noite. Desde que fugira, as coisas não tinham sido fáceis.

Mas continua a ser melhor do que em casa.

– Há quanto tempo estão aqui nos Claustros? – perguntou Molly às outras raparigas. A *vodka* escorreu-lhe pela garganta numa torrente quente.

– Tipo, toda a minha vida – disse Lilly do sofá.

– Três anos, eu – disse Hannah. – Um dia vou casar-me e ter uma família. Talvez abrir o meu próprio negócio. – A esperança brilhou-lhe no rosto.

– Vai sonhando – disse Vanessa, dando mais uma passa no charro. Fechou os olhos e franziu os lábios, acabando por soprar. Estendeu-o a Molly, tocando-lhe no braço várias vezes.

Molly abanou a cabeça, olhando para os pés. Não gostava das botas.

– Vem cá – disse Vanessa, dando uma longa e profunda passa no charro. Depois aproximou-se de Molly, inclinou-lhe o queixo para cima e encostou os seus lábios aos dela, abrindo-os com a língua. A seguir exalou.

Molly tossiu e afastou-se, de olhos arregalados.

– Inspira. Trava e desfruta. – Vanessa riu-se, olhando para si própria ao espelho de corpo inteiro. – Estou tão cansada – disse, passando uma mão pela barriga. Não era tão magra como Hannah ou Lilly, e o vestido justo mostrava as protuberâncias das ancas. Vanessa ajeitou os seios no sutiã, depois enfiou os pés nuns sapatos de salto agulha brancos e sujos.

– Então, já conheces o Vaughn? – perguntou Hannah, servindo-se de mais *vodka*.

– O Vaughn?

– Um gajo mais velho. Bigode e pila de minhoca.

Molly acenou com a cabeça, tentando esconder um sorriso. As outras raparigas riram-se.

– Na audição? – disse Vanessa com uma voz trocista.

– Acho que sim. – Molly bebeu a *vodka*, sentindo-se zonza do charro.

– Ele é o patrão – explicou Hannah. – Tipo, é o dono disto. E de um clube noturno e de uma loja de esquina. Também tem alguns *pubs*. E um restaurante chinês e um monte de outras coisas. É um homem de negócios.

Molly pensou na forma como Darren tinha agido com ele. Todo lambe-botas e servil. Pensou na audição, na forma como Vaughn examinara de perto as fotos que o colega de Darren tinha tirado. Depois, os cheiros estranhos que sentira quando se deitara com ele – a suor seco e desespero. Perguntara-se se seria assim o cheiro da morte. Lembrava-se da pele seca dele, de como escamava por cima dela. Das suas mãos ásperas. De como se engasgara.

– Posso? – disse Molly, estendendo a mão. – Dá-me uma passa.

11

HANNAH – AGORA

Fito o Jack do outro lado do tejadilho do carro. Os seus olhos semicerraram-se até parecerem casas de botões e os seus lábios estão comprimidos à volta do cigarro.

– O que é que queres?

Ele não responde.

– Afasta-te da minha filha – digo, com a voz a vacilar.

Ele sopra o fumo para mim, mas uma brisa leva-o para o lado.

Sentindo-me corajosa, contorno a frente do carro e aproximo-me dele. De certeza que não vai tentar fazer nada aqui. Se passar muito tempo, o Rob virá à minha procura. O problema é que não *quero* que o Rob venha à minha procura. Preciso de lidar com isto sozinha.

– Responde-me. O que é que queres? – Tento disfarçar, mas estou a tremer, aterrorizada, e sinto-me como um peixe fora de água.

– Continuas a delirar, então – diz na sua voz antiga, a que reconheço. Não a que ele tem usado em frente à Belle.

– Como é que te *atreves* a aproximar-te da minha filha?

– Sabes porque estou aqui.

Fico a olhar para ele, com a cabeça a mil. Tudo o que mantive enterrado durante tanto tempo. Nada disso tem lugar na minha vida agora.

– Tens uma coisa que eu quero – diz ele.

Olho para o seu cigarro, que faz com que os seus lábios finos se estiquem num sorriso. Mudou ao longo dos anos; tornou-se um homem. Por baixo das suas roupas elegantes, parece que faz exercício. Se não soubesse quem é e o que fez, até diria que era bem-parecido.

– És mais velho do que *eu*, seu monte de merda nojento. Já disse, deixa a minha filha em paz, senão…

– Senão o quê? Vais à polícia? – Tira um maço de cigarros e abre-o,

oferecendo-me um. Eu fico a olhar para eles. – Em nome dos velhos tempos, hã?

Tiro um, pondo-o entre os lábios enquanto ele aproxima um isqueiro e a chama arde entre os nossos rostos.

– Diz-me o que queres – repito, com palavras tão amargas como o fumo que me enche os pulmões.

– Parece que te saíste bem. – Dá palmadinhas no tejadilho do carro, apesar de não ser um modelo particularmente novo. Depois, como se só agora se tivesse lembrado, baixa-se e apanha um pedaço de gravilha, uma pedra afiada. O cigarro oscila entre os lábios quando está prestes a arrastar a pedra pela porta do passageiro.

– Pára! – Afasto-lhe a mão, atirando a pedra para o chão.

– O que é que eu *quero*? – diz ele, andando de um lado para outro. – Ficaste a dever-nos. Ou já te esqueceste, Hannah? – De cada vez que diz o meu nome, alonga-o, a gozar comigo.

– Não te devo nada – digo, baixando-me e agarrando numa mão-cheia de pedras. Atiro-as contra ele, frustrada, quando ouço uma voz a chamar do outro lado do parque de estacionamento. O Jack afasta-se e ri-se quando as pedras lhe caem em cima.

– Hannah… *Hannah*… estás aqui fora?

– Estou aqui – respondo, virando-me e andando rapidamente no cascalho, tropeçando nos meus sapatos estúpidos.

O Rob encontra-me a meio caminho e caio nos seus braços, olhando para trás por cima do ombro.

Não há sinal do Jack.

Mais tarde, em casa, eu e o Rob estamos na cozinha. O resto da festa passou num borrão, mas a Belle parece ter-se divertido, pelo menos. A Amber já foi para a cama e a Natalia está a trazer os restos de comida do carro. O que sobreviveu do bolo encontra-se em cima da bancada da ilha.

– É melhor ir ajudá-la – digo ao Rob, e é a primeira coisa que lhe digo desde que saímos da festa. Ainda estou furiosa com ele.

– Han, o que é que eu devia ter feito? – Agarra-me no braço, impedindo-me de sair.

– Convidaste um *estranho* para a nossa casa.

– Era isso ou a Belle ir-se embora com ele esta noite. Não te ouvi a apresentar uma alternativa. Não é melhor termos a Belle aqui connosco,

mesmo que isso signifique que ele venha também?

Quando voltei a vê-lo dentro do celeiro, o Jack regressara ao seu outro eu, o homem a quem Belle se pendurou durante o resto da noite, enquanto ele encantava os amigos dela e vários membros da nossa família. Além do Rob, dos pais dele e de mim, ninguém parecia particularmente incomodado por a minha filha estar noiva de um homem mais de vinte anos mais velho do que ela. Ele fez questão de me chamar a atenção algumas vezes, lançando-me olhares que só eu compreenderia. A raiva assanhou-se furiosamente no meu peito.

– Tudo isto é um pesadelo – desabafo, encostando-me à bancada. – E o que é que faço em relação à prenda dela? Já procurei por aqui, mas não há sinal dela em lado nenhum. *Sei* que a pus no meu saco.

– Essa é a menor das nossas preocupações neste momento – diz o Rob. – Podemos acionar o seguro. Olha, vamos dar a noite por terminada de uma vez por todas. De manhã, dizemos-lhe que temos planos e esperamos que ele perceba a dica e se vá embora. Depois podemos meter juízo na cabeça da Belle quando a tivermos sozinha.

– Suponho que sim – digo. – Tive vontade de dar um murro na cara convencida do Jack quando anunciou que a Belle ia voltar para o hotel com ele. Quero dizer… são os dezoito anos dela, além de ter estado fora durante dois meses.

– Foi exatamente por isso que sugeri que viesse e ficasse aqui – diz o Rob, e suponho que percebo o seu raciocínio. Mas se soubesse o que está a fazer… aquilo a que está a expor a nossa família.

– Deixa-me ajudar-te com isso – digo à Natalia quando ela entra na cozinha, com os braços carregados de tabuleiros prateados de comida empilhados uns em cima dos outros.

– Já ‘tá tudo – responde ela, pousando-os na bancada ao lado do frigorífico. – Trancar carro para ti. – Coloca as chaves no gancho ao lado do nosso quadro de família. Está coberto com as nossas fotografias favoritas, menus de comida e recados tolos que deixámos uns aos outros ao longo dos anos. Não quero que *ele* veja nada disso e sei que não vou dormir nada enquanto ele estiver debaixo do nosso teto.

Depois, ouço a porta da frente a abrir e a fechar, e o som da voz da Belle a tagarelar animadamente no corredor. Ela insistiu em vir para casa no carro dele. Um momento depois, estão os dois na cozinha, a poucos metros de

mim.

– Mãe, muito obrigada pela festa maravilhosa. Foi o máximo. – A Belle descalça os saltos altos, o que a faz parecer subitamente mais infantil enquanto está ali de pé, com o cabelo já menos bem arranjado e a maquilhagem a desaparecer.

Depois, vem ter comigo e dá-me um abraço. Ao início, não percebo porque é que de repente me sinto atordoada e tonta, o que é que os meus olhos viram e o meu cérebro não percebeu. Tento convencer-me de que é da bebida, mas sei que não é.

– E olha o que o Jack acabou de me dar – diz ela, radiante ao recuar. Toca no pescoço e afasta o cabelo para expor as orelhas. Depois levanta a mão esquerda, abrindo os dedos. – Ele encostou a uma paragem de autocarro a caminho de casa e deu-me isto. Foi *tão* romântico. Não são lindos? Finalmente arranjei o anel de noivado dos meus sonhos. É um conjunto a condizer!

A Belle exibe o colar, os brincos e o anel – o anel no dedo anelar, claro – e preciso de toda a minha força de vontade para não lhos arrancar e atirá-los ao Jack.

Está a usar as joias que eu e o Rob escolhemos para ela.

Deslizo até ao Rob e aperto-lhe a mão com força, a rezar para que ele não diga nada.

– São… são lindos, querida – consigo dizer. – Não são, Rob? – Se ele me vir a alinhar, talvez também o faça. Não faço ideia de como lhe vou explicar quando estivermos sozinhos, mas hei de inventar alguma coisa.

– Mas que *raio*… – O Rob examina o colar, com a cara a ficar vermelha. Olha para o Jack. – Belle, querida, houve uma confusão qualquer. Essas são as joias que a tua mãe e eu comprámos para ti. – O Rob lança-me um olhar, encorajando-me a apoiá-lo.

– Está enganado, Rob – diz o Jack calmamente. – Comprei-os especialmente para a Belle. Nada se não o melhor para a minha noiva. – Passa um braço à volta do ombro da Belle.

– Não, estás a mentir e…

– Pai, pára. O Jack pediu-me em casamento em França e prometeu que me dava algo especial quando voltássemos. Nunca esperei isto tudo. – A Belle sorri, olhando para a sua mão esquerda, com o pequeno diamante a brilhar. – Não podes ficar contente por mim?

– E não te esqueças da tua outra surpresa, querida – diz-lhe o Jack, embora sinta que está a falar para nós. – Chega na segunda-feira.

– O que é que é, exatamente? – pergunta o Rob com firmeza. Olha para mim e vejo nos seus olhos que sabe que o Jack roubou as joias.

– Não seria uma surpresa se dissesse, pois não? – diz ele, piscando o olho ao Rob. – Posso beber um chá?

– Nós temos planos para amanhã de manhã cedo, só para que saibas – diz o Rob, ainda furioso.

A Belle liga a chaleira elétrica enquanto tiro chávenas e pesco saquinhos de chá do armário.

– Estás bem, mãe? – sussurra-me baixinho, agarrando-me na mão enquanto me debato com a tampa do recipiente. – Estás a tremer.

– Sim, sim, estou bem, amor. Só… um pouco cansada.

– Como assim? – ouço o Jack a responder bruscamente ao Rob.

– Todos os meus amigos adoraram a festa – diz a Belle enquanto estamos ao lado da chaleira, o som a ficar mais alto, abafando o que quer que o Rob esteja a dizer ao Jack. Desligo antes que chegue a ferver completamente.

– Planos em família – diz o Rob. – Vamos todos sair cedo.

– Mal posso esperar para mostrar isto aos meus amigos – diz-me a Belle, mostrando de novo o anel e tocando no colar. – O Jack deve ter gastado uma fortuna.

Quero tanto dizer à minha filha que não, que não gastou um único cêntimo com ela, que roubou os presentes que eu e o pai lhe comprámos, apresentando-os como fossem dele. Mas não posso. Não faço ideia de porque é que o Rob de repente decidiu alinhar comigo, mas estou grata por o ter feito.

– São realmente lindos – digo, tocando no pequeno diamante do anel, lembrando-me de como o Rob e eu andámos pelo bairro dos ourives durante horas à chuva, à caça do presente perfeito que ainda estivesse dentro do nosso orçamento. – Ficam-te tão bem. – Pestanejo para afastar as lágrimas, despejando água quente em várias canecas. Só quero esconder-me lá em cima, enroscar-me debaixo do edredão e rezar para que este pesadelo acabe. Mas não me atrevo a *deixá-lo* sozinho com o Rob.

– Obrigado – diz o Rob, tirando-me a caneca. A Belle dá ao Jack a sua bebida.

– Sei que deve ser um choque – diz o Jack, puxando um banco alto e

sentando-se. – Nós estarmos noivos. – A Belle desliza para o banco ao lado do dele.

As minhas filhas sentaram-se naqueles mesmos bancos ao longo dos anos, a comer as tigelas de *cornflakes* ao pequeno-almoço, a improvisarem um jantar cedo antes de irem para as escuteiras ou para os inúmeros outros clubes que frequentaram. Sentaram-se ali a colorir desenhos, viram-me a cozinhar e tiveram centenas de conversas… a rir, a chorar, a partilhar as suas esperanças e medos. E agora *ele* está ali sentado, com os cotovelos apoiados na bancada, com ar de quem vive aqui.

– Isso é dizer pouco – responde o Rob. Encosta-se ao lava-loiça, com a tensão entre ele e o Jack a estalar. – Não vou dizer que aprovo, porque não aprovo.

– *Pai*… – intromete-se a Belle.

– A Belle é pouco mais do que uma criança. Ainda tem mais um ano de escola e planeia ir para a universidade. Por isso, não, Jack, não me agrada muito. É demasiado nova para estar noiva ou pensar sequer em casar-se, especialmente com alguém com idade para ser seu pai.

– Essa é boa, vinda de alguém que *não* é pai dela – retalia o Jack com um sorriso escarninho.

O Rob avança um passo, de cabeça erguida, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Tem a cara vermelha de raiva.

– Parem com isso, os dois. *Por favor* – diz a Belle, levantando uma mão. – Já não sou uma criança, pai. Não te falei do Jack antes porque sabia que ias reagir exatamente assim. – Baixa a cabeça dramaticamente.

– Acho que devíamos acabar de beber o chá e depois ter todos uma boa noite de sono – digo, embora não faça tenção de dormir. Vou estar à escuta do ranger das tábuas do chão e das maçanetas das portas, à espera de que seja de manhã. Não confio naquele homem em minha casa.

12

HANNAH – AGORA

A C-Tech ligou há uns minutos – diz a Amy quando chego ao escritório, apanhando-me enquanto passo pela secretária dela.

Estou a chegar ao trabalho uma hora mais tarde do que o habitual e já me sinto assoberbada, ainda abalada pela noite de sábado.

– E? – Paro ao lado dela.

A Amy abana a cabeça e uma madeixa do cabelo ruivo solta-se do gancho.

– Más notícias, parece-me.

Está vestida como de costume, com uma variedade de peças de vestuário que chocam e demasiado coloridas, nenhuma das quais parecendo servir-lhe – uma saia em balão com flores cor-de-rosa e verdes que parece dolorosa à volta da cintura e um *top* sem alças justo e decotado em amarelo berrante que mostra a parte de cima do seu sutiã escarlate. As suas roupas refletem a sua personalidade
– arrojada e única – e está-se nas tintas para o que os outros pensam. A Amy, produto de um sistema de acolhimento falhado quando era adolescente, é de confiança e foi a minha primeira empregada. Não sobreviveria sem ela e adoro-a da cabeça aos pés.

– Disseram-te porquê?

Abana novamente a cabeça.

– Começa bem a semana – comento, tentando não mostrar a minha desilusão.

A C-Tech ia ser a nossa maior conta até à data, um cliente empresarial de referência no nosso portefólio e um degrau acima na nossa carteira de clientes – um gigante corporativo com um coração ecológico. A nossa nova campanha publicitária ia incluir imagens nas suas instalações. Deus sabe que precisamos de alguma coisa para dar um impulso ao negócio. As coisas têm estado difíceis ultimamente.

Vou para o meu escritório e fecho a porta. Atualmente, temos uma suíte que ocupa o último andar de um armazém de uma fábrica convertida, com vistas invejáveis sobre a margem do rio e a cidade. Uma grande melhoria em relação ao pré-fabricado numa zona industrial em que estivemos alguns anos antes e, por sua vez, muito diferente de um portátil no meu joelho no sofá quando criei a empresa pouco tempo depois de a Belle ter nascido. Agora, com quarenta e cinco empregados no terreno e quatro funcionários no escritório, a Greene & Clean praticamente funciona sozinha, embora não me possa dar ao luxo de baixar a guarda. Não faço ideia de quanto tempo mais serei capaz de continuar a pagar a renda aqui.

Na minha secretária, ligo o computador e tiro o telemóvel da mala. Depois de tudo o que fiz para ganhar aquele contrato, deixarem um recado informal à minha assistente não foi a resposta que esperava.

– Olá, Jim – digo quando ele atende. – É a Hannah da Greene & Clean. Acabei de chegar ao escritório e a Amy deu-me o seu recado.

– Não tenho muito tempo, Hannah. Estou atrasado para uma reunião.

– Não o vou reter. Mas diga-me, o que posso fazer para tornar a nossa oferta mais apelativa? Acredito mesmo que faremos uma grande diferença em relação à forma como tem as coisas organizadas atualmente.

– Receio que não esteja nas minhas mãos – responde o Jim. – Decisão da sede. Questões orçamentais.

– Compreendo, e podemos contornar isso – digo. – Olhe, vou ao seu lado da cidade na quarta-feira. E se for ao seu escritório outra vez e fizer uma proposta mais atraente? Temos opções.

A linha fica em silêncio por um momento.

– Claro. Se quiser. Ligue à minha assistente e marque qualquer coisa. Tenho de ir.

A linha fica muda e deixo cair o telemóvel em cima da secretária. Sei que o Jim está ansioso por usar os nossos serviços, mas também sei que somos vistos cada vez mais como um luxo hoje em dia. Deus sabe como sofremos nos últimos anos, com toda a gente a trabalhar a partir de casa e os escritórios fechados. Mas todas as casas e escritórios do país precisam de limpeza – e se tivermos em conta a vertente de aluguer de plantas e manutenção da nossa empresa, bem como os nossos produtos e métodos ecológicos, somos uma opção verdadeiramente única.

Verifico os *e-mails*, percorrendo os cerca de duzentos que chegaram desde

que saí do escritório na quinta-feira à noite. Estremeço ao lembrar-me de tudo o que aconteceu nos últimos três dias.

Ontem o Rob levantou-se cedo, mas não tão cedo como eu. Fiquei lá em baixo toda a noite, no sofá da sala de estar, de guarda, e não fui capaz de pregar olho. Já estava sentada na cozinha, com a cabeça entre as mãos, o portátil e a terceira chávena de café expresso à frente quando o Rob desceu. Como distração, estava a tentar planear algumas atividades agradáveis com as miúdas para o dia.

– Não sei se percebi a tua abordagem simpática em relação às joias, Han – foi a primeira coisa que disse enquanto fazia café para si. A porta da cozinha estava fechada, mas mesmo assim falámos baixo. – Devíamos chamar a polícia. É o raio de um roubo.

– Eu sei, eu *sei*… mas a encenação foi só para a Belle – respondi, embora isso fosse apenas parcialmente verdade. – Ficaria de coração partido se soubesse o que aconteceu. Como é que podemos chamar a polícia? Ela ia odiar-nos.

– Bem, além do roubo, agora pensa que não lhe comprámos nada para os anos – disse o Rob, a andar de um lado para o outro. – E também não faz ideia de que o noivo é um vigarista. Nem penses que ela se vai casar com ele. Só por cima do meu cadáver.

– Não faz mal, eu expliquei-lhe tudo – disse, pensando que o cadáver seria provavelmente o meu.

A verdade é que não tinha explicado nada à Belle. Na festa, disse-lhe que tinha deixado a prenda em casa e, quando chegámos, ela estava tão absorta no Jack e no *seu* suposto presente para ela, mais na surpresa que lhe ia ser entregue na segunda-feira, que não voltou a falar nisso.

– Podíamos levá-la a comprar alguma coisa para substituir hoje – sugeri. – Isso dava-nos uma desculpa para nos livrarmos dele. Dizemos que depois nos vamos encontrar com a família ou algo do género.

A cara do Rob estava cheia de raiva.

– Por que raio havíamos de o fazer? Quase que lhe dei um murro quando ele disse que eu não era o pai da Belle.

– Eu também.

Calámo-nos os dois nessa altura ao ouvir passos no patamar. Conheço todos os rangidos e sons que a nossa casa faz, todos os canos a gorgolejar e portas a fecharem-se. Vivemos aqui há quase catorze anos e, até ontem à

noite, sempre acreditei que era o nosso espaço seguro. O *meu* espaço seguro. O nosso refúgio familiar. Trabalhámos arduamente para o pagar ao longo dos anos, para dar às nossas filhas uma boa vida, e não consigo suportar a ideia de que agora parece… *contaminado*.

O telefone na minha secretária toca.

– Sim, Amy.

– Desculpa incomodar-te, mas temos novamente um problema com a casa Morris. Dizem que… bem, dizem que desapareceu algum dinheiro na sexta-feira, quando a Leanne lá esteve.

– Caramba – digo, recostando-me na cadeira. Sinto que vem aí uma dor de cabeça e ainda nem sequer são dez da manhã.

– Parece que têm provas em vídeo, pois já tinham suspeitado de alguma coisa. Queres que te reencaminhe o *e-mail* que enviaram?

– Sim, claro, obrigada – digo.

Não é a primeira vez que temos problemas com a Leanne, mas não quero desistir dela. Parte da filosofia da Greene & Clean é empregar trabalhadores desfavorecidos que, de outra forma, teriam dificuldade em encontrar emprego. Mesmo que faça apenas uma pequena diferença nas suas vidas, vale a pena. E a Leanne conquistou-me desde o início da nossa entrevista.

Clico no *e-mail* e reproduzo a gravação. Parece que os Morris instalaram uma câmara secreta numa prateleira do seu quarto. Não é invulgar os clientes fazerem isto e, embora o nosso pessoal nem sempre tenha tido o melhor começo de vida, todos eles passam por verificações de antecedentes.

Vejo a Leanne a entrar na sala com o seu balde de limpeza. Está bem arranjada com as suas *leggings* pretas e *T-shirt* verde com o nosso logótipo nas costas, e o cabelo está apanhado, como insisto sempre. Todos os empregados passam por uma formação antes de começarem a trabalhar para nós, tanto sobre a sua apresentação pessoal, como sobre os nossos métodos.

Carrego no botão de avanço rápido, observando-a enquanto percorre o quarto, tira e muda a roupa de cama, limpa o pó e dá lustro a todas as superfícies com os nossos produtos ecológicos. Desaparece na casa de banho adjacente e depois surge com o seu pequeno regador. Adiciona o adubo e depois rega as três plantas do quarto. De memória, a casa Morris tem doze das nossas plantas e também tratamos da limpeza semestral de todas as cortinas e alcatifas, além de alguns outros trabalhos de limpeza e manutenção.

Paro o vídeo, rebobino alguns segundos e volto a reproduzi-lo, desta vez em câmara lenta. A rapariga afasta alguns objetos do toucador, incluindo o que parece ser dinheiro. Suponho que seja uma armadilha dos proprietários, para testar a sua fiabilidade. Que é pouca, deduzo, quando a vejo enfiar umas notas nas calças, olhando furtivamente em volta do quarto.

– Amy, podes pedir à Leanne para vir ao escritório às duas? – pergunto ao telefone.

Não quero ter de a despedir, mas quero uma explicação. Não é a primeira vez que um empregado rouba coisas das casas ou dos escritórios que visita, e há sempre uma razão por detrás que é mais profunda do que a ganância ou o oportunismo – uma criança para alimentar, um pai de quem cuidar, problemas de saúde, dívidas ou um parceiro toxicodependente. E, de todas as vezes, encontrámos uma forma de resolver o problema. Não desisto dos meus funcionários.

– Leanne, entra e senta-te – digo mais tarde quando aparece à porta do meu escritório.

Continua a usar o uniforme e parece mais pálida do que me lembro. O vídeo granulado que vi há pouco não transmitia a sua expressão cansada e magra, nem as linhas de ansiedade escritas na sua testa. O seu rosto está demasiado franzido para uma rapariga de dezanove anos.

Senta-se na cadeira em frente à minha secretária, olhando nervosamente em volta do gabinete. Abre a boca como se estivesse prestes a falar. Mas não diz nada. Fica na ponta da cadeira, com as mãos cruzadas no colo. As suas pernas não são muito mais grossas do que os braços e os ombros ossudos estão curvados para a frente.

– Como é que está a correr tudo? Estás connosco há quê, seis meses?

Acena com a cabeça, pestanejando – pestanas compridas que parecem desproporcionadas na sua cara de criança.

– Tudo bem – diz.

Se não soubesse, diria que tem uns quinze anos.

– E estás a lidar bem com os horários? Sei que tens de começar muito cedo.

Acena de novo com a cabeça.

– Não tem problema – diz ela. – A minha mãe chega do turno da noite no hospital quando estou a sair, para poder tomar conta da Kate.

A Kate, se bem me lembro, é a sua irmã mais nova.

– O que é que a tua mãe faz? – pergunto, sabendo que provavelmente não devia. Mas, para ajudar a Leanne, preciso de saber mais sobre ela.

Olha para mim com uma expressão vazia.

– Limpezas – responde.

Aceno com a cabeça enquanto tento fazer uma ideia da família dela.

– E és só tu, a tua mãe e a tua irmã?

– Sim. – A Leanne olha para as mãos. – A não ser que o mais recente da minha mãe passe por lá – acrescenta rapidamente, sem olhar para cima.

– Parceiro?

Acena novamente com a cabeça.

– Gostas dele?

Desta vez, abana a cabeça.

– Porquê?

A Leanne encolhe os ombros.

– Ele não é bom para a Kate. É uma… má influência.

– Deve ser difícil – comento, fechando os olhos um pouco.

Vejo o rosto de uma rapariga inocente, ansiosa e com vontade de agradar. Um dos olhos tem uma auréola violeta e tem o medo permanentemente instalado por detrás das pupilas largas, enquanto se apercebe de que tem de sair, fugir…

Respiro fundo, bloqueando tudo.

– Ele bate-lhe – diz a Leanne, quase se encolhendo ao ouvir as suas próprias palavras.

– Meu Deus, lamento imenso – digo, inclinando-me para a minha secretária. – E a ti… também te bate?

A rapariga levanta a *T-shirt*, revelando as costelas. As marcas vermelhas parecem recentes.

– Estou a poupar para sairmos de casa. Só eu e a Kate. Para ela poder continuar na escola.

Aceno com a cabeça à medida que a história dela se torna mais clara.

– Tu e a Kate devem ser muito chegadas – comento. – Têm sorte em terem-se uma à outra. – Engulo o nó na garganta. Teria adorado ter uma irmã, uma irmã *de sangue*.

– A minha mãe só o deixa ficar porque ele traz drogas e bebidas. – Mais um encolher de ombros estoico.

– Isso é difícil.

Quero dizer-lhe que está a tomar a decisão certa e que, ao sair, ao deixar os maus-tratos, as suas vidas vão melhorar. Mas, no meu caso, foi pior a emenda do que o soneto.

– Foi… foi por isso que tiraste o dinheiro da casa dos Morris? – pergunto. Quero dar-lhe uma oportunidade para explicar.

– Ninguém compreende – diz ela, olhando diretamente para mim, com os olhos cinzentos a implorar. – Eles têm tudo… dois carros, férias de luxo, uma casa enorme, e devia ver os quartos dos filhos deles. Têm, tipo, televisão, iPads, consolas de jogos, os últimos telemóveis… e as roupas. – A Leanne ri-se então. – Não devia dizer isto, mas às vezes finjo que eu e a Kate vivemos lá e que o senhor e a senhora Morris são os nossos pais.

– Oh, querida… – Levanto-me e dou a volta à secretária, sentando-me na cadeira ao lado dela. Pego-lhe nas mãos. Os seus dedos estão frios nas minhas palmas.

– Uma vez experimentei umas roupas, só para ver como era vestir coisas bonitas. Um vestido e umas botas que pertenciam à Jessica, a mais velha. Quando me olhei ao espelho, senti-me… senti-me especial. Só por um minuto, era como se fosse importante, como se alguém se preocupasse comigo. Nunca me tinha acontecido isso.

– Então tiraste o dinheiro? – pergunto, agarrando-lhe nas mãos.

Ela faz um pequeno aceno e baixa a cabeça.

– Desculpe.

– Não estou zangada contigo, Leanne, e apesar do que possas pensar, não te vou despedir nem fazer queixa de ti.

Ela levanta a cabeça repentinamente.

– Eu não sou uma ladra – sussurra. – É que… era para a Kate. Ela precisa de coisas, como o uniforme da escola, e a bicicleta dela é muito velha. Tem de andar quilómetros até à escola e o bilhete de autocarro não é barato. Foram só quarenta libras e ia devolvê-las quando pudesse.

– Eu percebo, percebo mesmo – digo-lhe, embora me passe pela cabeça que não percebo. Não totalmente, já não. As arestas do desespero foram suavizadas por anos de vida familiar feliz. Abano a cabeça para me livrar dos pensamentos. Do que fiz. No fundo, não sou assim tão diferente da Leanne, na verdade.

A Leanne olha para mim de uma forma que me faz pensar que não acredita em mim.

– Olha, tenho uma ideia – começo. – E se eu te desse mais horas, para começar? De forma a encaixar no horário escolar, para poderes estar lá para a Kate. E um aumento de salário, também? Eu própria farei com que os Morris sejam reembolsados e mudo-te para outro emprego. Mas, em troca, não roubas mais, está bem?

A Leanne acena com a cabeça, com um ar preocupado no rosto.

– Mas há outra coisa que quero que faças por mim. Vou fazer uma apresentação na quarta-feira para um grande cliente empresarial. Gostava que fosses comigo.

13

BELLE – AGORA

– Nem *acredito*… – Belle põe as mãos sobre a boca. – Estás a brincar comigo, certo?

Fica ali a olhar para o carro, um *BMW* preto reluzente. Está estacionado na periferia do parque de estacionamento de um centro comercial fora da cidade.

– Só o melhor para a minha noiva – diz Jack, fazendo balançar um porta-chaves à frente da cara dela.

– Mas… mas eu nem sequer sei conduzir – responde ela, balouçando sobre os pés e abanando a cabeça em descrença. Depois ri-se, uma gargalhada incontrolável e excitada, enquanto todas as coisas que aquele carro significa lhe passam pela cabeça. No fundo, sabe que representa a liberdade.

– Mandei-o vir especialmente para ti. É de… de Newcastle. Demorei algum tempo a encontrar o certo, mas sabia que ias adorar. Pedi ao meu amigo que o entregasse aqui há pouco. Tem todos os extras.

Belle aproxima-se dele como se estivesse a perseguir um animal raro que pode fugir ao mais pequeno som. Atreve-se a tocar no capô.

– É lindo – admite, virando-se para Jack. – Oh, meu Deus, os meus amigos vão ficar *loucos* de inveja.

Jack abre a porta do lado do condutor.

– Anda, experimenta-o para veres como é.

Belle desliza para o banco de couro e agarra o volante. Faz um som de motor com a garganta e finge que o roda.

– Pi-pi!

Carrega no acelerador e mexe em alguns botões do painel de instrumentos, sem saber para que servem.

– Queres pô-lo a trabalhar? – Jack dá a volta e entra no lado do

passageiro. – É um carro automático, por isso não precisas de te preocupar com as mudanças. Eu ensino-te a conduzir num instante.

– Adoro-o! – guincha Belle enquanto Jack lhe mostra como funciona o arranque automático, não que ela se lembre de alguma coisa naquele momento. Está demasiado entusiasmada para absorver tudo. – Os meus pais vão passar-se completamente, claro, mas vou convencê-los de alguma maneira. Quando lhes disser que depois de passar no exame vou poder andar com a Amber, ajudá-los nas tarefas, eles habituam-se à ideia.

Jack não comenta, mas retribui o abraço apertado e o beijo profundo que Belle lhe dá.

– Este é literalmente o melhor aniversário de sempre! – guincha quando pára para respirar. – E diverti-me imenso em França contigo, muito melhor do que ficar em casa de uma família mal-amanhada com um rapaz de quinze anos que não fala uma palavra de inglês. Amo-te, Jack.

Para Belle, os últimos meses têm sido um sonho que se tornou realidade. Jack é literalmente o seu homem perfeito. Já teve a sua dose de rapazes da sua idade a importunarem-na na escola, a babarem-se por ela na cantina e a perseguirem-na nas redes sociais. Julga que foi o destino que os uniu.

– Mal posso esperar para passar o resto da minha vida contigo – diz ela. – Teremos a nossa própria casa linda e os nossos carros estarão lado a lado na estrada. Vamos passar férias luxuosas, comprar as melhores coisas de marca e comer em restaurantes elegantes. Não consigo pensar numa única razão para querer ser uma estudante esfomeada com um bando de miúdos malcheirosos.

É então que Belle se lembra de que tem de contactar o diretor da escola para o informar de que não vai voltar. A sua mãe não vai querer fazê-lo, de certeza. Desde que conheceu Jack, deixou de ver sentido em ir para a universidade. Já fala fluentemente francês, alemão e espanhol, o que será útil quando trabalhar para Jack. Ele mencionou que lida frequentemente com clientes internacionais, embora ela ainda não saiba muito bem o que ele faz. Diz-lhe que é um empresário com muitos interesses comerciais.

Jack olha para Belle e, por sua vez, ela vê algo nos seus olhos. Pensa que é antecipação, entusiasmo, o mesmo que está a sentir, mas durante muito tempo ele não diz nada, limita-se a ficar ali sentado a fitá-la enquanto ela olha para o carro, incrédula.

– Até tem um pequeno compartimento para a minha maquilhagem, olha –

diz ela. – E um sítio para o café.

– Quero-te – rosna-lhe Jack, deslizando a mão pela coxa dela. – Agora.

Belle fica paralisada. Ainda não está habituada às coisas que ele diz. Sabe que é mais experiente do que ela – confiante e exigente quando se trata de sexo. Ele foi o seu primeiro e aconteceu tudo muito depressa. Dizia aos pais que estava a estudar em casa de Jenny ou no treino de atletismo, mas na verdade estava com Jack. Um dia, olhando para trás, vai lembrar-se de como ele a arrebatou, como a fez sentir-se a única rapariga no mundo.

– Não no meu carro novo – ri-se Belle. Agarra-lhe a mão para a impedir de subir mais. Sabe como ele é e acha que um parque de estacionamento não é o melhor sítio para o fazer. Alguém pode ver. – Quando é que me vais ensinar a conduzir?

– Em breve – murmura Jack, com a respiração mais pesada. Afasta a mão dela e os seus dedos continuam por baixo da saia. Belle não é muito boa a dizer-lhe não, mas sabe que isso é porque se amam tanto. – Preciso de ti – sussurra-lhe Jack ao ouvido.

– Podíamos voltar para o teu apartamento – sugere Belle, ajeitando a saia. Não lhe parece correto recusá-lo quando tem sido tão generoso. Primeiro as joias e agora o carro. – Ainda nem sequer vi o teu apartamento – lembra-lhe, esperando que a distração seja suficiente.

Jack afasta-se, suspirando pesadamente enquanto se encosta à porta do passageiro com uma expressão estranha nos olhos. Belle só o viu irritado uma ou duas vezes, e de ambas arrependeu-se de ter agitado as águas.

– Já te disse, os homens das obras estão lá a trabalhar. Está uma confusão e tenho as coisas todas guardadas. Ainda estou a viver no hotel.

Belle tinha estado no Starlight Lodge várias vezes com Jack antes de irem para França. Não achara que fosse um grande hotel – mais parecido com uma pensão ou casa de hóspedes, mas não tinha dito nada. Mas Jack, sendo Jack – o tipo intuitivo e sensível que parecia saber sempre o que ela estava a pensar –, tinha dado uma explicação quando a viu a avaliar o quarto rasca a que ele ia chamar casa por uns tempos.

– Culpa o meu contabilista por isto – disse com um sorriso enviesado, quase envergonhado, enquanto abarcava com o braço o espaço de três metros quadrados. – Queixa-se de que as minhas despesas são demasiado elevadas, diz que gosto demasiado das coisas boas da vida. A remodelação do apartamento ultrapassou em muito o orçamento e disse-me que tinha de

apertar o cinto.

Belle riu-se, supondo que fazia sentido. Vinhos finos, roupas de marca, um carro vistoso… sabia que Jack adorava esbanjar dinheiro. Mas também o admirava por ser capaz de cumprir um orçamento. A mãe dela tinha-lhe ensinado que a verdadeira felicidade não vem das coisas, mas sim das pessoas com quem se está. Nunca isso lhe parecera tão verdadeiro.

– Podíamos então passar só pelo teu apartamento – continua Belle, desesperada por vê-lo. – Mostra-me o que estás a mandar fazer, pelo menos. – De certeza que Jack sabe que ela não o vai julgar se as coisas ainda não estiverem perfeitas. – Posso dar-te algumas ideias de *design*.

– Quando estiver pronto, Belle, prometo. Nem sequer vamos viver lá quando nos casarmos. Sabes que vou comprar uma casa para nós.

Belle cede e acena com a cabeça, decidindo não insistir. Além disso, ele mostrou-lhe fotografias da casa no telemóvel. A julgar pelo seu gosto quanto a apartamentos, sabe que a sua casa vai ser deslumbrante. A *penthouse* deixara-a sem fôlego quando viu as fotografias – uma varanda a toda a volta, um terraço e enormes janelas de vidro com vista para a cidade e para o rio. Era tudo branco e reluzente e, para ser honesta, não percebia porque é que Jack precisava de fazer obras. Parecia perfeito tal como estava.

– Podíamos ir para minha casa, então – sugere Belle. – Os meus pais estão a trabalhar e a Amber está numas atividades quaisquer. A Natalia é capaz de lá estar, mas não se mete.

– Ótimo – diz Jack, apertando a coxa a Belle, com a cara de repente a iluminar-se outra vez. – Salta daí para eu poder conduzir. Não queremos que a polícia nos mande parar, pois não?

14

HANNAH – AGORA

Não é só o carro caro na entrada que não reconheço, mas também há um cheiro estranho no corredor quando entro – algo que não se encaixa quando o inspiro. Como se a minha casa já não me parecesse minha.

Descalço os sapatos de trabalho, contente por me ver livre deles, e largo a mala na mesa do *hall*. É onde largamos tudo – chaves, luvas, livros escolares, lancheiras e as coisas que geralmente saem dos bolsos do casaco à medida que a minha família entra e sai. Paro, com o casaco leve de verão a meio dos ombros, em parte para apreciar o facto de estar em casa e em parte para verificar o que é que me levou a franzir as narinas.

Quando vi esta casa pela primeira vez, há tantos anos, sabia que seria perfeita. Era como se tivesse sonhado com ela antes mesmo de saber que existia – um refúgio seguro para mim e para a Belle. Desde que saíra de Londres que andava à rasca, a alugar, e sabia que queria fazer de Bristol o meu lar. Era suficientemente longe de tudo o que tinha deixado para trás mas, ainda assim, tinha a agitação citadina de que precisava – tanto para a minha empresa como para me integrar. Quando cheguei, não conhecia ninguém, o que, acima de tudo, era o objetivo de ter saído de Londres.

Inicialmente, o agente imobiliário não me levou a sério quando a vi, partindo do princípio de que era demasiado jovem para comprar uma casa em banda em mau estado que precisava de obras.

Mas convenci-o de que era mais velha do que parecia e ri-me quando lhe disse que, por vezes, ainda me pediam a identificação nos bares.

– Quando chegar à minha idade, vai agradecer aos seus bons genes por isso – brincou.

Depois, falei-lhe da minha empresa e de como estava a ganhar fôlego, como tinha trabalhado todas as horas dos últimos três anos para a criar. Não

fora fácil com uma bebé, que se tornara criança, a reboque. A sua atitude mudou rapidamente quando lhe expliquei que um familiar me tinha deixado algum dinheiro. Era mentira, claro.

– Vai ser a minha casa para sempre, para mim e para a minha filha. E quem sabe – disse, passando a mão pela bela escadaria esculpida –, talvez conheça o homem dos meus sonhos e tenha outro bebé.

E consegui – primeiro o Rob, e depois a Amber.

– Está alguém em casa? – exclamo do fundo das escadas.

O carro do Rob não estava lá fora à entrada. Em vez disso, um *BMW* preto de aspeto caro ocupava o seu lugar habitual – nada que nós comprássemos ou que qualquer um dos nossos amigos tivesse. Temos uma pequena garagem ao fundo da rua, nas traseiras da casa, mas nenhum de nós põe lá o carro. Está demasiado cheia de tralha para isso. Por um segundo, penso que o Rob comprou um carro novo por capricho, mas sei que jamais o faria sem falarmos sobre isso. E um *BMW* como este estaria muito fora do nosso orçamento.

– Natalia? – grito para o cimo das escadas. – Estás em casa?

Nada. Provavelmente foi buscar a Amber ao ATL.

– Belle, amor, estás em casa?

De novo o silêncio, embora me pareça ouvir alguma coisa – mas talvez seja apenas o ranger da casa, quase como se me desse as boas-vindas.

Encolhendo os ombros, dirijo-me para a cozinha, a precisar urgentemente de uma chávena de chá. O dia de hoje foi uma confusão, passado a tratar problemas no escritório e também a elaborar uma nova proposta para a C-Tech, e mandei a Leanne embora com o coração um pouco menos pesado do que aquele com que tinha chegado. Algumas pessoas merecem uma pausa na vida e a Leanne é uma delas.

Outra vez… sem dúvida, um barulho vindo do andar de cima.

– Rob, és tu? – Levanto os olhos da bancada da cozinha, onde a Natalia deixou o correio, vários extratos de cartões de crédito, um lembrete de um exame oftalmológico para a Amber, folhetos de entrega de *pizzas* e uma conta da água.

Encho a chaleira no lava-loiça, vagamente consciente de que alguém entrou e abriu o frigorífico atrás de mim enquanto pouso a chaleira na base e a ligo. Quando me viro, solto um arquejo ao ver as pernas nuas de um homem por baixo da porta aberta do frigorífico. O resto do corpo está

escondido atrás dela.

– Rob? – pergunto, apesar de saber imediatamente que não são as pernas dele.

Lentamente, a porta fecha-se e um homem, vestido apenas com roupa interior preta, fica ali a olhar para mim. Tem um pacote de leite numa mão.

– Olá, Hannah – diz o Jack, como se fosse perfeitamente normal estar na minha cozinha, praticamente nu.

– Que raio *estás* aqui a fazer?

Não consigo evitar percorrê-lo com o olhar. Desde a última vez que o vi sem roupa, ganhou corpo, não deixando dúvidas de que vai ao ginásio regularmente. O seu peito é profundo e largo, definido por peitorais bem desenvolvidos, e os braços são igualmente musculados. Uma fina camada de pelos escuros vai do peito e desce pela sua barriga lisa, desaparecendo por baixo da bainha dos seus *boxers* da *Calvin Klein*. Só de o ver, sinto-me maldisposta.

– Isso não é maneira de cumprimentares o teu futuro genro, pois não? – Ri-se, tira a tampa do pacote de leite e bebe diretamente dele. Quando acaba, passa as costas da mão pela boca.

Fico especada a olhar, sem palavras.

– Bela casa que aqui tens – diz ele. – Desta vez fiz a visita completa. O teu quarto é… particularmente impressionante. Chegaste longe. Chegaste *bastante* longe.

Os meus dentes cerram-se e o maxilar aperta-se. A chaleira borbulha atrás de mim, mas não é de chá que estou a precisar agora – é de uma bebida forte.

– Não te preocupes, não estava a bisbilhotar. A Belle mostrou-me a casa. Gosto do papel de parede das fadas princesas no quarto dela.

– Está lá desde que era pequena. E tu sabes que ela *ainda* é pequena, não sabes? Pouco mais é do que uma *criança*, por amor de Deus.

– Claro – diz o Jack com uma gargalhada que me deixa a ferver de raiva. – Sabes como eu sou… ela tem a idade perfeita. E é muito bonita. Faz-me lembrar um pouco tu, mas diria que tem mais… potencial.

– O que é que queres? – Cruzo os braços. – Esquece os jogos e diz-me. – Os meus olhos dirigem-se para a porta, sabendo que a Belle está lá em cima.

– Acho que já sabes… Hannah. – Odeio a forma trocista como diz o meu

nome, como se me desprezasse. Vira-se para o frigorífico aberto e examina o conteúdo, tirando uma embalagem de alumínio com comida que sobrou da festa. Deixa-a cair sobre a bancada da ilha e abre a tampa. – Não te importas, pois não?

Não falo nem me mexo; apenas observo o que está a fazer. É verdade, eu *sei* o que ele quer. Não se esqueceu do que fiz.

– Quanto é que queres? – pergunto-lhe. – Para te ires embora.

Espalha migalhas de folhado de salsicha quando se ri.

– Estás a oferecer-me dinheiro para guardar o teu segredo? – Ri-se, com os olhos a percorrerem a cozinha, a assimilar tudo. O seu olhar pousa no quadro de família, cheio de fotografias nossas. – Ninguém diria que são irmãs – diz ele, arrancando uma fotografia da Amber. – Não é tão bonita, mas é querida. Que idade tem?

– Vai-te lixar – sibilo-lhe, aproximando-me veementemente. Arranco-lhe a fotografia, captando o calor e o cheiro do seu corpo praticamente nu. – Diz-me quanto e desaparece.

Encolhe os ombros e contorna-me, servindo-se de mais comida.

– Mas não é isso que *eu* quero, pois não? Sabes como é o Vaughn quando está lixado. E, acredita em mim, já há muito tempo que está lixado da vida.

Imagino a sua raiva quando descobriu o que eu tinha feito. Ainda assim, raramente mostrava a cara em público, pois mandava os capangas fazerem o trabalho sujo. Rancor era o seu nome do meio.

– Como é que me encontraste?

Ri-se outra vez, mastigando devagar enquanto anda de um lado para o outro, com as migalhas a caírem-lhe pelo peito.

– Tive sorte – diz batendo na aba do nariz.

Deixo-me cair num banco, sentindo-me subitamente tonta. Tudo aquilo por que trabalhei tão arduamente, tudo aquilo que me é querido, está em risco. No entanto, uma parte de mim sempre soube que este momento chegaria; com o passar dos anos, tornei-me negligente quanto a olhar por cima do ombro, não fui tão vigilante como devia ter sido. Tinha-me convencido de que estávamos livres. Ouço outro barulho lá em cima, a Belle a ir do quarto para a casa de banho. Não aguento pensar no que os dois têm andado a fazer lá em cima, nas mãos dele na minha filha.

Mas não *posso* ir à polícia… simplesmente não posso. E ele sabe-o.

– Se é dinheiro que queres, tens de me dar tempo – digo, tentando

descobrir a melhor forma de angariar os fundos. Se é isso que é preciso para deixares a Belle em paz, então que seja.

– Mas o problema não é só o dinheiro, pois não? – contrapõe ele. – Não, é a… *inconveniência* do que aconteceu. Causaste muitos problemas ao Vaughn. A todos nós. Tivemos muito que remediar.

Não penses no passado… digo a mim mesma. *Trata isto como uma negociação comercial. Lida com isso e segue em frente*.

– Cinco mil – proponho, sabendo que não chega nem de perto. Mas um acordo tem de começar por algum lado.

Ri-se e senta-se no banco ao meu lado, deslizando-o para perto de mim.

– Não – sussurra-me ao ouvido, com os lábios a roçar-me a pele.

Recuo, afastando-me dele.

– Dez mil em dinheiro e podes tê-lo na quarta-feira. Depois dizes à Belle que acabou, que cometeste um erro, e desapareces das nossas vidas.

Fica ali sentado a olhar para mim, lambendo as migalhas da boca, com os olhos escuros a avaliar-me, a apreciar a minha agonia.

– Estás a dar um valor à tua filha? De certeza que ela vale mais do que isso.

– Não tenho mais nada – digo-lhe. – E o que é que o Vaughn vai fazer se eu recusar? Vai à polícia e diz-lhes de onde veio o dinheiro? – desdenho. – Impasse.

– Está bem – diz, com uma voz que me dá arrepios na espinha. – Então vou levar a Belle para o cartório antes que possas dizer «parabéns» e depois vou parar na esquadra da polícia para lhes contar o que fizeste. Por isso, não é de todo um impasse, pois não?

Olho para ele, rezando para que esteja a fazer *bluff* enquanto o meu corpo treme, incapaz de responder, mesmo que quisesse, porque a Belle está à porta.

– Olá, mãe! – trina ela. – Meu Deus, viste o que é que o Jack me deu? – Tem o cabelo húmido e veste o roupão cor-de-rosa fofo que tem desde os catorze anos.

Só sou capaz de olhar para ela, imaginando a sua reação se descobrisse a verdade. A reação do Rob… da Amber. *De todos*…

– Mãe? Ele deu-me um carro! O *BMW* que está à entrada é todo meu, acreditas?

Mas o sorriso na sua cara desaparece rapidamente quando olha para nós

os dois. Talvez veja algo nos meus olhos, ou se pergunte porque é que o Jack está sozinho na cozinha comigo, vestido apenas com a roupa interior. A minha filha aproxima-se descalça do monstro sentado ao meu lado e passa o braço à volta das suas costas. E não há nada que eu possa fazer para a impedir.

– Está tudo bem? – pergunta ela com um ar preocupado.

– Claro, minha querida – responde o Jack, sem tirar os olhos de mim. – A tua mãe e eu estávamos a conhecer-nos melhor. Não é, Hannah?

15

HANNAH – AGORA

Foi impossível adormecer e, mesmo quando conseguia, virava-me e revirava-me, e depois ficava deitada a olhar para o teto. O Rob ressonava suavemente ao meu lado, mas não foi isso que me levou a levantar-me e a descer as escadas para o meu escritório ao amanhecer.

Não, *ele* foi a razão.

Ontem à noite, depois de a Belle ter descido as escadas de roupão, a falar entusiasticamente sobre o carro novo – de cujo ridículo ainda não se apercebeu –, o Jack desapareceu lá para cima e voltou pouco depois, completamente vestido.

Recusei-me a despedir-me quando me disse alegremente que se ia embora, que me veria em breve, apesar de quase ter chorado de alívio. A única coisa boa do breve encontro foi que o Rob não estava em casa para o testemunhar. A Belle foi atrás do Jack até à porta da frente, a falar com uma voz aguda de bebé enquanto eles se despediam demoradamente, como se fossem separar-se para sempre. Quem me dera.

Depois, voltou para a cozinha e deve ter pensado que ia ser interrogada sobre o carro, pois lembro-me vagamente de dizer coisas como o Jack pagar o seguro e o combustível, além de a ensinar a conduzir. E prometeu-me que estaria segura.

Segura… não faz ideia de que está o oposto disso neste momento.

Tentei ouvi-la, mas a minha mente estava a fazer um apanhado da minha situação financeira, tanto pessoal como empresarial, e do que poderia vender ou pedir emprestado para angariar fundos, ou se o Rob iria reparar se eu vendesse o meu carro. Mas, mesmo depois de uma rápida soma de tudo o que me veio inicialmente à cabeça, sabia que não chegaria, nem de perto nem de longe. Como raio é que vou arranjar dinheiro suficiente para me livrar dele?

Agora, à luz do candeeiro articulado que está em cima da minha secretária, sento-me debruçada sobre o computador portátil, a analisar os extratos bancários e a pensar se poderia pedir um adiantamento à minha empresa sem levantar suspeitas. E, mesmo que conseguisse juntar o suficiente, obter uma grande soma de dinheiro sem que o banco e o meu contabilista me fizessem algumas perguntas muito incisivas seria rasar o impossível.

– Hannah?

Olho para cima.

– Então? – diz o Rob, entrando no meu escritório. – São três e meia, amor. O que é que estás a fazer?

– Não conseguia dormir – desculpo-me, minimizando as contas no meu ecrã e mudando para um separador do Google em branco.

O Rob dá a volta à minha secretária e põe-se atrás de mim.

– O que é que andas a fazer? Diz-me que não estás a trabalhar a esta hora.

– Não. Apenas um pouco de navegação inútil na Internet na esperança de me dar o sono.

– Hum – diz o Rob, fazendo um ruído no fundo da garganta. – Não sei se olhar para um ecrã brilhante vai fazer isso. – Pousa-me as mãos nos ombros e pressiona os dedos nos meus músculos.

– Hum, credo, estou tensa – comento. Qualquer coisa para o distrair de fazer perguntas.

– Pois estás – diz ele. – Estava a ressonar outra vez?

– Um bocadinho – rio-me, desejando que fosse essa a verdadeira razão de estar acordada.

– É ele, não é?

Inclino a cabeça para trás e olho para o Rob, acenando levemente.

– Estou tão abalada como tu, mas o que é que podemos fazer? – digo, completamente em desacordo com o que estou a pensar.

– Abalado é favor – responde o Rob, tocando num ponto particularmente sensível e fazendo-me estremecer.

– Espero que morra por si não tarda – afirmo, sabendo que não vai acontecer. – E quanto a este disparate de a Belle desistir da escola, amanhã telefono ao diretor e falo com ele. Mesmo que tire umas semanas de férias no início do período, não é um desastre. Consegue recuperar o atraso quando ganhar juízo.

Assim que encontrar uma maneira de me livrar dele…

– Bem, não gosto disto nem um bocadinho – responde o Rob. – E acho que deixar as coisas ao acaso também já não é o melhor plano. Não me odeies, Han, mas tive uma conversa com uns rapazes no bar quando parei a caminho de casa.

Viro-me na minha cadeira.

– Uns rapazes?

O Rob senta-se ao canto da minha secretária.

– Sim, alguns dos tipos do Doug do centro de reciclagem.

– Céus, Rob.

O Doug é um dos amigos mais chegados do Rob. Conhecem-se há alguns anos do clube de *rugby*. O Doug tem um metro e noventa e três e é um tanque, tal como a maior parte dos homens que emprega no seu negócio de sucata. Reúnem-se todos de duas em duas semanas no Three Feathers para beber umas cervejas.

– Não estou a falar de nada de muito pesado, só um pequeno aviso. Assustá-lo um pouco.

– Dar-lhe uma tareia num beco escuro, queres tu dizer? – O Rob não sabe que estou a ser sarcástica. E também não sabe que está a brincar com o fogo ao pensar em tal coisa.

– Dar uma lição àquele idiota convencido.

– Então, o quê? Vão ameaçar arrancar-lhe a cabeça se ele não deixar a Belle em paz?

O Rob anui.

– Disseram que o faziam por cinquenta libras cada um. Eles têm filhas. Compreendem. Pensa nisso, amor. Faz sentido.

Se soubesses o que eu sei, não faz, penso, mas fico calada. O Vaughn e os seus comparsas fariam carne picada dos rapazes do Doug, independentemente de serem corpulentos e duros. Retaliariam onde dói: nas suas famílias.

– Não sejas ridículo – digo. – Não podes recorrer à violência.

– Então o que é que sugeres, Hannah? – Anda de um lado para o outro no escritório, com os pés descalços a afundarem-se na alcatifa fofa. Tem os ombros curvados dentro da parte de cima do pijama de xadrez e a cabeça inclinada para a frente em reflexão. – Não podemos deixar que esta… *relação* ridícula continue, pois não?

– Não, mas…

– Quanto mais dissermos que não à Belle, mais ela se vai opor a nós. A única opção é tomarmos as coisas nas nossas próprias mãos e afugentá-lo.

– Queres receber uma visita da polícia? – Assim que a polícia estiver envolvida, para mim acabou. Tenho a certeza de que o Vaughn e os da sua laia terão histórias de fachada para encobrir as suas histórias de fachada. Eles são intocáveis. Eu não sou.

– Se for preciso, então sim. Não temos nada a esconder. Ele é um maldito pedófilo.

– Mas, como tu próprio disseste, tecnicamente não é, pois não? Não estás a ser racional, Rob.

– E tu também não! É da nossa filha que estamos a falar, Han, e tu estás a agir como se não te importasses que ela queira deixar a escola e casar com um tipo vinte anos mais velho do que ela.

– Da *minha* filha – respondo, arrependendo-me de imediato.

– Ah, estou a ver. Estás a jogar essa carta outra vez, não estás? É o que fazes sempre que há um problema. De repente, ela é a *tua* filha. – Anda de um lado para o outro, com os dedos a mexer no cabelo. – *Pelo amor de Deus*… – O Rob dá um murro na parede, não com força, mas a suficiente para me fazer dar um salto. – Sabes que não é assim que me sinto.

– O comentário do Jack sobre não seres o pai biológico dela afetou-te, foi isso? – Mais arrependimento. Estou a atacar o Rob simplesmente porque não tenho mais nenhum sítio onde descarregar a minha frustração e o meu medo.

Ele gira nos calcanhares e fulmina-me com o olhar.

– Estiveste a beber, Hannah? Estás a ser irracional.

Cruzo os braços. Não vale a pena defender o meu ponto de vista. O Rob tem sempre de ter a última palavra. O problema é que eu também. Foi algo que aprendi a mal ao longo dos anos, a defender-me. Era a única maneira de sobreviver.

– Desculpa – sussurro. – Não o quis dizer dessa maneira. Sei que te preocupas com a Belle como se ela fosse tua.

– Então *quiseste* dizer de que maneira? – O Rob olha para o carrinho de bebidas no canto, com algumas das suas garrafas de *whisky* favoritas ao lado de copos limpos. Reparo na indecisão no seu rosto: demasiado tarde para uma bebida, mas demasiado cedo para um café. É a terra de ninguém

da noite.

– Olha, hoje vou ter uma boa conversa com a Belle. Vou tentar que ela perceba que está a cometer um grande erro. – Esfrego as mãos na cara, exausta, mas demasiado stressada para voltar para a cama.

– Se achas que isso vai resultar – diz o Rob.

Aceno com a cabeça.

– Vou dar o meu melhor. Mas cancela os cães de caça, está bem? Guarda isso para último recurso, se tiver de ser.

O Rob hesita antes de acenar solenemente com a cabeça.

– Por agora – promete, e sai, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Quando o ouço voltar para cima, abro de novo os meus extratos e olho para os números. Não é preciso ser contabilista para saber que a única forma de conseguir o dinheiro necessário para me livrar do Jack é vendendo a casa. Mas para isso preciso de tempo, coisa que não tenho.

16

MOLLY – ANTES

Com o passar das semanas, Molly entrou numa espécie de ritmo nos Claustros, algo semelhante a uma rotina, que, por sua vez, lhe dava uma vaga sensação de segurança – mas apenas porque a alternativa era tão funesta. No fundo, estava longe de se sentir satisfeita ou feliz. Acordar com a cabeça a latejar e a boca tão seca que parecia que se tinha engasgado com serradura tornara-se a norma. Não andava a comer muito – sentia-se demasiado ansiosa para isso – e até as roupas mais pequenas do varão começavam a ficar-lhe largas. Enquanto as outras raparigas acordavam com uma vontade insaciável de comer comida do McDonald's, Molly bebia *Coca-Cola Diet* e fumava erva. Darren mantinha-as bem abastecidas de drogas, apesar de implicarem um custo. Mas estava a receber boas gorjetas e achava que o que quer que lhe entorpecesse o cérebro valia a pena.

Ainda assim, era melhor do que o sítio de onde tinha vindo. Pouco, mas era.

Até ao início do trabalho, ao fim da tarde, Molly ficava quase sempre nos quartos do último andar. Saíra algumas vezes com Hannah para comprar comida, apenas coisas que podiam ser enfiadas no micro-ondas, que depois depenicava. Às vezes, sentavam-se lá fora, no terraço, bem acima da cidade, a olhar para os telhados e a imaginar o que se passaria dentro dos prédios à sua volta. Hannah obrigara-a a jurar segredo da primeira vez que lhe mostrou como se subia pela claraboia da casa de banho, ajudando Molly a subir, para que depois Molly içasse Hannah enquanto ela se balançava na borda da banheira. Sendo jovens e ágeis, conseguiram-no facilmente – outra razão pela qual se sentiam seguras lá em cima, apesar da queda enorme que as rodeava. Ninguém as encontraria. Molly sentiu-se em êxtase – era o seu lugar especial, só ela e Hannah em paz, a fumar e a conversar.

– Quem me dera ser outra pessoa – disse Hannah uma vez, olhando para a linha do horizonte. – Com um futuro perfeito à minha espera. Um marido, uma casa, uma família. Imagina isso…

Mas Molly não conseguia, não conseguia mesmo, embora não fosse por não tentar. Mesmo ali em cima, longe de tudo o que se passava por baixo delas, Molly sentia-se presa à sua sorte na vida e só via um futuro que consistia em lutar e sobreviver em vez de desfrutar.

Depois de passarem as manhãs, Molly ia tomar duche. Aprendera a tomar duche antes de as outras se prepararem para ainda ter água quente, embora uma ou duas vezes tivesse sido vencida e se tivesse lavado com água fria. Depois, enquanto se sentava a arranjar o cabelo e a maquilhar-se, servia a primeira *vodka*, misturada com *Coca-Cola Diet*, saboreando o gosto à medida que lhe escorria pela garganta. O esquecimento estava a caminho. Mais tarde, entre clientes, bebia da garrafa.

– O Darren andava à tua procura há pouco – disse Hannah um dia, secando as pernas, com o pé em cima de um banco. – Viste-o?

Molly anuiu. Tinha-o visto, sim.

Por alguma razão, naquele dia, não queria dar-se ao trabalho de se arranjar. Estava cansada e o seu corpo estava fraco. Fitou ao espelho os seus ombros ossudos, as clavículas salientes, a forma como as suas pálpebras se transformaram em capuzes cinzentos, fazendo-a parecer meio adormecida o tempo todo.

– E…? – Hannah estava a pôr creme nas pernas, de baixo para cima. Parou, apontando para a tatuagem na coxa, observando Molly. – Agora somos irmãs?

Molly acenou. Ainda não se tinha atrevido a olhar para ela e a pele ainda lhe ardia. Tinha chorado ao fazê-la, mas sabia que não valia a pena fazer estrilho. As consequências seriam ainda piores.

– Deixa ver, então.

Molly girou no banco e levantou a toalha para revelar a perna – branca como leite, com veias de opala a transparecer na pele. Pela primeira vez, olhou para a tatuagem.

– Agora és uma de nós – disse Hannah. – Uma rapariga do Vaughn.

– É tão grande – sussurrou Molly, passando um dedo ao longo das crostas de sete centímetros que se tinham formado. As iniciais VJ tinham sido gravadas na sua pele num tom preto-esverdeado, e por cima havia uma

coroa. Parecia que tinha sido desenhada por uma criança.

Molly cravou-lhe as unhas e soltou um soluço.

– Significa que estás segura, tonta – disse Hannah, sentando-se no banco ao lado dela. Pôs o braço à volta de Molly, puxando-a para si. – Significa que confia em ti, que não te vai deixar partir. Nunca vais andar na rua ou passar fome.

Molly olhou para ela. Mas e se *quisesse* ir-se embora? Nem pensar que ia ficar ali para sempre. Qual era o objetivo de Hannah ter o seu sonho de constituir família e de começar o seu próprio negócio, nesse caso? Era tudo a fingir? Molly também tinha sonhos, e não implicavam ficar ali. O problema é que quase não poupava dinheiro. Todas as receitas dos clientes eram recolhidas por Darren ou Luba e acabavam nas mãos de Vaughn. Os clientes habituais davam-lhe por vezes umas libras extra como gorjeta, mas a maior parte era gasta em erva, tabaco e *vodka*.

– Pronto, vá lá – disse Hannah, levantando-se. – Não fiques trombuda. É sábado à noite e é fim do mês. Dia de receber.

Molly olhou para ela.

– Dia de receber?

– Talvez recebamos um pouco mais. Cinquenta, cem libras se tivermos sorte. Mas eu arranjava um sítio seguro para o guardar, percebes, porque as outras raparigas vão e vêm. Não queres que desapareça, pois não?

Hannah cuspiu a pastilha para o caixote do lixo e continuou a hidratar as pernas.

Mais tarde, quando Molly se deitou na cama depois de o último cliente se ter ido embora, ficou a olhar para o teto, a contar. *Dezoito, dezanove, vinte… vinte e três, quatro, cinco…* De cada vez, havia um número diferente de estrelas. Lembravam-lhe o seu antigo quarto, agora uma memória distante. Não tinha a certeza de quem tinha colado as constelações luminosas nos ladrilhos de poliestireno por cima da sua cama em casa, mas tinham servido de algum conforto depois das discussões lá em baixo. Punho contra osso. Osso contra parede.

Fechou os olhos, forçando o sono a chegar. Tinha sido uma noite movimentada e estava exausta, mas também demasiado agitada para sucumbir ao descanso. Visões dos clientes da noite inundaram-lhe a mente – aquele cujas costas estavam cobertas de pelos pretos, emaranhados e pegajosos de suor. Outro que fizera barulhos estranhos. Os que lhe

chamavam nomes que não eram os dela – *querida*, *bebé* e *gatinha*. Às vezes diziam que a amavam, que ela era o seu anjinho, a sua princesa, a sua menina especial.

Ela achava que não era nenhuma dessas coisas. Tentava bloquear tudo.

Um homem que a visitava todas as semanas chorava quando ela lhe tocava. Lágrimas quentes e molhadas a pingarem-lhe para a pele. Na maior parte das vezes, só queria um carinho e dizia que a mulher não o compreendia. Dizia-lhe que ela era diferente, que ela o *percebia*.

Molly achava que não.

Trinta e sete, trinta e oito… ou será trinta e seis…? Os seus olhos saltavam, obrigando-a a recomeçar a contagem. O homem suado demorara imenso tempo, esgotando-a e fazendo com que Luba batesse à porta. Ela era rigorosa, não aceitava disparates dos clientes. E mostrara a Molly onde estava a campainha se houvesse algum problema e se precisasse de ajuda. No entanto, ainda não tivera de recorrer a ela.

Enquanto tentava adormecer, imaginava que estava em casa, a mãe sentada lá em baixo com uma garrafa e um cigarro, alheia ao paradeiro de Molly, e ainda mais alheia a se tinha ou não comido ou ido à escola nesse dia. Os assistentes sociais visitaram-na ao longo dos anos, claro que sim. Isso deveu-se a um professor na escola, quando ela fora apanhada a roubar a lancheira de alguém porque tinha muita fome. Mas a sua mãe tinha uma forma de se tornar algo próximo do normal na altura certa – uma mulher que parecia ser capaz de lidar com a situação quando eles apareciam, em vez da «alcoólica viciada em cocaína que tinha perdido completamente a noção de tudo e vivia para o próximo homem que se metesse na sua cama e fizesse com que tudo ficasse bem outra vez durante algum tempo».

Molly meteu a mão por baixo dos cobertores e coçou a pele das pernas. Estava dorida e com comichão. Depois do último cliente, tinha querido esfregar-se. Ao sair, dera-lhe uma nota de vinte libras, pela qual ela agradeceu, olhando para o chão. Era-lhe demasiado difícil olhá-los nos olhos, com medo do que poderia ver. Depois, no duche – um duche frio, porque a água quente já tinha acabado –, Molly tinha espremido o resto de uma garrafa de lixívia. Fazia isso todas as noites e a sua pele estava cheia de bolhas e em carne viva nalguns sítios. Lavara cuidadosamente a nova tatuagem, odiando cada linha. Tinha sido marcada como uma vaca – uma marca de propriedade. *Uma das raparigas do Vaughn*.

Agora, deitada no seu beliche, algumas lágrimas caíram dos seus olhos para a almofada fina. Não queria estar ali, mas não tinha para onde ir. Não imaginava que a mãe se tivesse dado ao trabalho de a procurar quando reparara que tinha desaparecido. Claro que já tinha fugido antes, mas as noites geladas e a falta de comida tinham-na sempre mandado de volta para casa com o rabinho entre as pernas. Desta vez, porém, tinha sido diferente. Um interruptor dentro dela tinha-se ligado. Agora já não podia voltar atrás.

17

HANNAH – AGORA

Atravesso a zona residencial em segunda velocidade, olhando para a esquerda e para a direita, à procura do número quarenta e oito. Nem sequer estou convencida de que estou na rua certa – a maior parte dos sinais foram grafitados ou arrancados – e o meu GPS tem-me posto a andar em círculos nos últimos dez minutos. Para piorar, os números das casas e dos apartamentos não parecem seguir qualquer ordem, saltando sem lógica.

Podia ser em qualquer parte do Reino Unido, Limehouse Fields. Para quem não soubesse, podia até parecer exótico – talvez um empreendimento empresarial de grandes construções novas, o nome de uma casa de campo ao fundo de uma longa estrada ou uma rua rodeada de tílias e espaços verdes abertos. Mas, como os habitantes locais sabem, Limehouse não é nada disto – é antes uma extensa propriedade dos anos 70 degradada, composta principalmente por apartamentos de habitação social e alguns arrendamentos privados com senhorios que se estão nas tintas para os inquilinos ou as propriedades, a julgar pelo evidente estado de abandono em que se encontram, como vejo quando passo pela mesma estrada pela terceira vez.

– Onde é que *estás*, Leanne? – murmuro, desviando-me para evitar um conjunto de caixotes de lixo cheios na estrada.

Um deles tombou e o seu conteúdo espalhou-se no asfalto. Logo à frente, há um grupo de adolescentes a caminhar na minha direção e estou prestes a encostar para lhes pedir indicações, mas penso duas vezes quando vejo melhor. Tal como vi na minha própria juventude revoltada, tresandam a sarilhos mesmo a esta distância… e os meus receios são confirmados quando um par de rapazes se mete à frente do meu carro, fazendo-me parar à força, enquanto os outros do grupo me flanqueiam.

O mais alto dos rapazes bate no capô.

– Belo carro, senhora – ouço-o dizer através do vidro.

Tem um cigarro pendurado entre os dedos ossudos e um boné de basebol puxado para baixo sobre os olhos. Os outros espreitam pelas janelas de ambos os lados quando consigo enfiar o telemóvel na mala e atirá-la para a zona dos pés do passageiro, na esperança de não a verem.

Atrevo-me a baixar a janela dois centímetros. A última coisa que quero é que sintam o meu medo.

– Fazem alguma ideia de onde é Brownside, número quarenta e oito, rapazes?

Eles fitam-me com os rostos contraídos envoltos em capuzes cinzentos e os olhos desconfiados a avaliar-me.

– É a Leanne Stokes, não é? – diz uma rapariga quando os rapazes ficam em silêncio. Um deles dá-me um pontapé no pneu.

– Sim – confirmo. – Sabes onde ela mora?

A rapariga aponta para um bloco de apartamentos mais abaixo na rua.

– Último andar – diz ela. – Mas não deixaria isto sozinho por muito tempo – acrescenta, batendo no meu tejadilho e rindo-se.

Olho para ela, perguntando-me se me vão seguir e roubar-me todas as peças do carro ou tentar levá-lo enquanto vou buscar a Leanne. É um risco que vou ter de correr. Já estou a ficar atrasada para a reunião na C-Tech.

– Obrigada – digo e fecho a janela, avançando um pouco para que os rapazes da frente sejam obrigados a desviar-se enquanto arranco.

Deixo o meu carro no parque de estacionamento atrás do bloco de apartamentos, encontro a escadaria de cimento e aventuro-me em Brownside. Está escuro e a entrada com as paredes grafitadas cheira a mijo e cigarros. Quando chego ao terceiro andar, encosto-me à parede para deixar que um par de homens desça, os dois com anoraques pretos e calças de fato de treino sujas. Quando passam, deixam um cheiro forte a erva atrás de si.

No último andar, percorro a varanda de cimento, cuja lateral está murada com blocos cobertos com mais *graffiti*. Duas bicicletas bloqueiam parcialmente o caminho e, por fim, paro à porta do número quarenta e oito. A porta está mais bem arranjada do que as outras e tem uma pequena coroa pendurada com flores de plástico desbotadas pelo sol.

Bato, esperando que a Leanne abra.

– Olá, querida – digo quando uma rapariga abre a porta. Presumo que seja a Kate. – A tua irmã está?

Olha para mim por detrás de longas pestanas iguais às da Leanne, segurando a porta aberta apenas um palmo.

– Quem é? – pergunta uma voz vinda de trás. Aparece um homem careca com um colete branco e sujo. Olha-me de cima a baixo, com uma sanduíche numa mão e uma lata de cerveja na outra. – É da bófia?

Sorrio, divertida por ele pensar isso. Embora talvez o meu fato de calças escuras possa ser confundido com algo que um detetive usasse. Quase me sinto tentada a dizer que sim, se isso significar que podemos sair a horas.

– Vim buscar a Leanne. Ela está à minha espera. Sou a Hannah, chefe dela. – Acrescento mais um sorriso para o caso de ele pensar que estou aqui para causar problemas.

– Ela não está à espera de ninguém – diz ele, prestes a fechar a porta com o pé.

– Espere, vou já – ouço uma voz que reconheço. Depois, a Leanne baixa-se por baixo do braço do homem, com uma cara de preocupação. – Ficas bem por um bocado, Kate? – diz à irmã mais nova. A rapariga não parece muito segura enquanto olha para o homem a agigantar-se sobre ela.

– Claro que fica – diz ele com uma tosse com expetoração. Uma mão gorda pousa-lhe no ombro, fazendo a rapariga estremecer.

– A mãe volta daqui a pouco – diz a Leanne em voz baixa, saindo para a varanda, olhando para trás por cima do ombro enquanto partimos, comigo a liderar o caminho de volta para o carro.

– Onde é que vamos? – pergunta a Leanne quando estamos a caminho. – Não me posso demorar muito. Eu… eu não devia ter deixado a Kate lá. Não confio nele. – Ela remexe-se no banco, puxando o cinto de segurança.

Agarro no volante, lutando contra os meus instintos de voltar atrás e ir buscar a irmã dela. O homem tinha de facto um aspeto pouco recomendável, fazendo-me lembrar… Abano a cabeça. Não há lugar para pensamentos intrusivos esta manhã.

– E se eu fosse ao teu apartamento depois da reunião para ver se a Kate está bem? – Se houver um indício de problemas, entro em cena e faço alguma coisa para ajudar, chamo a assistência social ou falo com a mãe delas. Mas a Leanne limita-se a encolher os ombros.

O trânsito na cidade, por uma vez, é-nos favorável, e quinze minutos

depois descemos a rampa para o estacionamento subterrâneo da C-Tech, depois de ter falado várias vezes com a Leanne sobre o motivo da reunião. Também lhe digo que resolvi as coisas com a família Morris e que lhes devolvi o dinheiro, explicando-lhes que a Leanne tinha intenção de o pôr num lugar seguro para eles, mas que se tinha esquecido.

– Então, esta reunião. Quer que seja a sua história de sucesso, mas ao contrário? A sua história de *meter dó*, é isso? – pergunta.

– Não, não, de todo, Leanne. Mas, como sabes, a Greene & Clean contrata empregados que, por vezes, tiveram alguma dificuldade na vida. Gostamos de dar a todos uma oportunidade justa de ganhar a vida. É a tua oportunidade de contar a tua história, além de que eu posso mostrar uma das minhas melhores empregadas de limpeza, mostrar-lhes como estamos a fazer a nossa parte não só pelo planeta, mas também pela sociedade.

– Mas… mas eu roubei quarenta libras.

– É melhor deixarmos de fora essa parte – recomendo, puxando o travão de mão. – Vá lá, sê tu própria e vai correr tudo bem.

No final dessa tarde, quando estou de volta ao escritório, recebo um telefonema do Jim.

– Olá, Jim, desculpe aquilo de há pouco – digo, já sabendo o que aí vem. A reunião não podia ter corrido pior. – A Leanne tem passado por um mau bocado recentemente. Em retrospetiva, não a devia ter trazido comigo. Só posso pedir-lhe…

– Do que é que está a falar, Hannah? Os outros adoraram a sua nova proposta. Ouvir falar das dificuldades daquela jovem e de como lhe estaríamos a dar a ela, e a outros como ela, um objetivo na vida… encaixa perfeitamente no nosso espírito aqui na C-Tech. São ótimas relações públicas para nós e, se o resto da sua equipa tiver tanta garra como ela, então vamos dar-nos muito bem. Agora estamos dentro do orçamento, por isso enviar-lhe-emos o contrato por *e-mail* em breve com todos os pormenores. Como sabe, temos filiais em todo o Reino Unido.

– Oh – digo, sem estar à espera de ouvir isso, embora não consiga deixar de me irritar com as palavras que escolheu.

«Outros como ela» faz-me lembrar demasiado eu, como se aqueles que têm um começo de vida menos afortunado fossem uma espécie diferente. A Leanne não só se zangou com a equipa de RH da C-Tech quando lhe fizeram perguntas intrusivas, como também desatou a chorar e fugiu da sala

depois de lhes ter dito que tinha de ir para casa porque o homem que a mãe tinha metido lá estava provavelmente a bater na irmã mais nova naquele momento e ela nunca devia ter vindo. Tentei telefonar-lhe depois da reunião e até passei pelo prédio dela de carro, aventurando-me de novo a ir ao apartamento, mas não obtive resposta quando bati à porta.

Assim que a minha cabeça parou de girar devido ao choque de ela ter saído a correr da reunião, pedi desculpa em nome da Leanne e continuei com o resto da minha proposta, explicando novamente os nossos produtos e métodos ecológicos, mas presumindo que estava a perder tempo. Afinal, enganei-me.

Mas, logo a seguir a desligar, a doçura de um novo acordo é interrompida quando o telefone toca com um número desconhecido.

– Olá, Hannah – diz ele do outro lado da linha. *Ele*.

É a segunda vez que a minha cabeça gira hoje e, depois de me ter recomposto, levanto-me e fecho a porta do escritório. A Amy ergue o olhar da secretária e, por isso, fecho as persianas de ripas ao longo da parede de vidro que me separa do resto do escritório aberto.

– O que é que queres?

Faz uma pausa antes de voltar a falar, o que me leva a perguntar se terá acontecido alguma coisa à Belle. Mas, tanto quanto sei, hoje está em casa, porque a Jenny ia lá.

– Pensei só em saber de ti para ver como estás. Um futuro genro não pode fazer isso?

– Não vais chantagear-me – replico, fazendo *bluff* e tentando manter a voz firme. Os meus nervos já estão em frangalhos. – Se continuas com este assédio, vou à polícia. Não me importo com as consequências para mim, mas não te vais casar com a minha filha e ponto final. – A ameaça oca reverbera em mim e o riso dele faz-me afastar o telefone do ouvido.

– Sempre me fizeste sorrir.

Não me lembro de uma única vez em que isso tenha acontecido. Mas também é verdade que a minha memória tem espaços em branco que se recusam a ser preenchidos. Um buraco negro no cérebro a sugar todas as coisas más. A autoproteção a entrar em ação para redimir a pessoa em que me tornei.

– Vamos encontrar-nos – continua o Jack. – Tenho uma coisa para te mostrar que talvez te faça mudar de ideias.

Hesito, considerando que agora é a vez de ele fazer *bluff*. Nada do que disser me fará mudar de ideias. Fiz o que fiz e, se tiver de enfrentar o meu castigo para salvar a minha filha, então assim seja. Mas não sem dar luta.

– Não – respondo.

– Às seis horas no Bull Inn na Eastlands Street.

– Já te disse que não me vou encontrar…

– A Belle está a tomar duche na minha casa de banho neste momento. Queres que ela chegue bem a casa esta noite, não queres? Não te atrases, Hannah.

E a linha fica muda.

18

HANNAH – AGORA

O *pub* tresanda a cerveja quente e a batatas fritas, fazendo o meu estômago já agitado revirar-se quando entro. Está cheio de grupos de pessoas a beber, principalmente homens de meia-idade que se aglomeram ao lado do balcão, a acenar com notas e cartões a um par de *bartenders* com ar stressado. Estudo todas as mesas espalhadas pelo espaço, deslizando entre os grupos de gente a beber, pedindo desculpas até chegar ao fundo do *pub*. Há uma mesa de bilhar, um alvo de dardos e as portas das casas de banho, mas não há sinal *dele*.

Passo novamente pelo balcão e dou a volta para o outro lado, onde há mais algumas mesas junto à janela. E é então que o vejo, sentado com uma caneca de cerveja intacta à frente e um maço de cigarros bem visível no bolso do peito da camisa branca simples que tem vestida.

Está a olhar pela janela, a ver a chuva bater nas vidraças, e não olha para mim quando me sento.

– Ainda bem que ganhaste juízo – diz, ainda a olhar para a rua molhada.

Tiro a gabardina, dobrando-a do avesso, e sacudo o cabelo molhado. Não vou ficar cá tempo suficiente para me secar.

– O que é que queres de mim? – Aperto as mãos na mesa pegajosa e inclino-me para a frente. Apesar de estar barulho aqui dentro, não quero que ninguém ouça.

Lentamente, o Jack vira-se para mim. A sua expressão permanece vazia.

– Estás a dever-nos, Hannah. Pelo que fizeste.

– Não faço ideia do que estás a falar – respondo, mantendo-me fiel ao meu plano.

O Jack fica claramente surpreendido com isto, pois a sua boca contorce-se. Abana a cabeça lentamente e olha para mim como se eu fosse uma criança travessa.

– Está bem. Então a Belle vai ficar no hotel comigo esta noite – diz ele com uma voz ponderada. – Talvez fique bem. Talvez não.

– Nem pensar que ela vai ficar num antro qualquer contigo. Vou buscá-la e ela vem para casa comigo. – Tentei ligar-lhe várias vezes antes, para saber onde estava, mas não obtive resposta. E, mais uma vez, ela tinha a partilha de localização com a família desligada.

O Jack solta uma gargalhada e olha para o lado, abanando a cabeça.

– E *onde* é que a vais buscar, exatamente?

Claro que não faço ideia de onde está alojado.

– Então, faço queixa de ti à polícia por rapto – respondo, sem ceder ao *bluff*.

– Que bom para ti, Hannah. Que bom para ti. Vou dizer-lhes de bom grado que a Belle está comigo de livre vontade. E ela confirmará. Afinal, tem dezoito anos.

O meu estômago aperta-se e cravo as unhas nas palmas das mãos, olhando para ele do outro lado da mesa.

– A propósito, ela está ansiosa por começar o seu novo emprego.

– Deixa a minha filha fora disto – digo. – Porque é que quiseste encontrar-te comigo? – Sinto as primeiras picadas de lágrimas de frustração e raiva.

– Trouxe-te um presente – diz ele, tirando uma pasta de cartão de debaixo da mesa. Desliza-a para a minha frente. – Uma recordação.

Olho para ele por um momento antes de abrir timidamente a pasta, mal me atrevendo a ver o que está lá dentro. Ao início, não me apercebo de quem está nas fotografias brilhantes, mas não consigo evitar arquejar. Uma rapariga muito maquilhada a posar em *lingerie* não é o que eu esperava. Atrevo-me a levantar a primeira e a folhear as outras – todas fotos igualmente ordinárias de uma mulher jovem. Tem os seios fartos e a barriga lisa, e ao pescoço uma gargantilha preta com tachas. Em algumas fotografias, está completamente nua.

Franzo os olhos, mas o meu cérebro não quer reconhecer o que estou a ver.

A rapariga, a fazer beicinho com batom escarlate e olhos escuros e esfumados, é a Belle.

– És um sacana. – Fecho a pasta e empurro-a de volta para ele.

– Fica com elas. Manda emoldurá-las para a tua sala de estar.

– Drogaste-a, seu tarado?

Ergue a caneca e leva-a lentamente à boca, olhando para mim por cima da borda.

– Nada muito forte, não te preocupes. *Por enquanto* – acrescenta.

– Estas devem ter sido tiradas quando ela tinha dezassete anos.

Ele acena, fazendo uma cara pensativa.

– Parece que sim. O portefólio dela já está a causar agitação. Vai ser popular.

– Popular com *quem*, por amor de Deus? A Belle não teria feito isto de livre vontade.

– É óbvio que não conheces a tua filha – diz ele, rindo. – Ela é surpreendentemente… *aberta* para alguém que teve uma vida tão protegida. – Bebe outro gole da sua cerveja. – Está apaixonada por mim, claro. Faz tudo o que eu disser.

– Não, não faz.

– Se ao menos *fizesses* o que eu te digo, não teria de tornar isto público, pois não? – Bate na pasta.

– Não podes fazer isso.

– Olha – diz ele, inclinando-se para a frente. – O Vaughn é um homem paciente, mas tem os seus limites. E tu estás a ultrapassá-los. Mas sempre o fizeste, não foi? Se não lhe consegues pagar, então a Belle vai ter de pagar a tua dívida. Parece justo, não é?

– Estou-me a cagar para o Vaughn e para o dinheiro dele – digo eu. – E também me estou a cagar para ti.

Ele abana um dedo à minha frente.

– Não sejas assim, Hannah. – Cospe o meu nome. – Seres cabeça quente e desobediente foi o que te meteu nesta confusão, lembras-te?

Fito-o com a cara contraída pela raiva. Juro que, se houvesse uma faca em cima da mesa neste momento, o esfaqueava com ela.

– Viste a última fotografia? – continua. – Achei que ias gostar especialmente dessa.

Engulo em seco, sem querer morder o isco, mas também preciso de saber do que é que ele está a falar.

Lentamente, abro de novo a pasta, fazendo questão de não me concentrar nas fotografias da minha menina… o meu coração já sangra o suficiente por ela. Viro-as para expor a última fotografia e, mais uma vez, os meus olhos demoram um momento a assimilar o que estou a ver.

A minha mão levanta-se para tapar a boca quando sinto o vómito a subir… e, com a outra, fecho a pasta. Depois, sem pensar, atiro o braço à caneca de cerveja dele, entornando-a e encharcando-o de cerveja.

Ele levanta-se de um salto, a gritar obscenidades. Um grupo de rapazes por perto goza e alguém bate palmas lentamente perante o que pensa ser um acidente.

– Sua cabra – cospe, atirando-se a mim do outro lado da mesa. Mas, de repente, um par de mãos fortes à volta dos seus ombros puxa-o para trás.

– Oh, calma aí, amigo – diz o homem. Parece um jogador de *rugby* e as suas reações são rápidas. – Não há necessidade disso. Foi só um acidente, não foi?

O Jack desenvencilha-se dele, levantando as mãos.

– Sim – diz ele, olhando-o de lado. Endireita a camisa. – Foi só um acidente.

Quando o jogador de *rugby* volta para os seus amigos, o Jack debruça-se.

– Fica com isto – diz por entre dentes cerrados, atirando-me com a pasta. – Um pequeno incentivo, digamos assim? Eu depois entro em contacto contigo.

Depois pega no casaco e sai.

Fico ali sentada, atónita. Através do barulho, ouço vagamente alguém a perguntar se me vou embora para ficarem com a minha mesa, mas não respondo. Continua a chover intensamente, as gotas caem sobre o vidro velho e canelado da janela do *pub*.

A Belle. A minha linda filha foi… *conspurcada*. Uma frágil borboleta apanhada numa teia de uma aranha.

Isto é muito mais sério do que uma paixoneta de adolescente ou a lisonja e a novidade de um homem mais velho a prestar-lhe atenção e que acabará por se desvanecer. Ele não a vai deixar ir. Não até conseguir o que quer. É uma brincadeira perigosa – é território desconhecido para a Belle, cheio de maldade que ultrapassa tudo o que ela possa alguma vez compreender. E a única razão pela qual o sei é porque eu mesma já estive lá.

– Estás bem, linda? – diz uma voz.

Lentamente, olho para cima. O jogador de *rugby* está de novo ao lado da mesa, com um ar preocupado.

– Ele excedeu-se sem motivo. Se fosse a ti, deixava-o. – Ri-se por detrás da sua barba cor de areia. – A vida é demasiado curta.

Forço-me a falar.

– Quem me dera que fosse assim tão fácil – digo baixinho. – Obrigada por teres intervindo.

– Não há problema – diz, apoiando-se nas costas da cadeira vazia à minha frente. – Posso oferecer-te uma bebida?

Faço uma pausa.

– Na verdade, sim, obrigada. Dava-me jeito uma. Gin tónico?

– É para já – diz, dirigindo-se por entre a multidão para o balcão.

Poucos minutos depois, regressa e põe a bebida à minha frente. Traz outra caneca de cerveja para si.

– Importas-te que me junte a ti? Estão a falar de futebol. Não é a minha cena.

Olho fixamente para ele.

– Claro, à vontade – digo, apontando para a cadeira. – Obrigada por isto. Saúde.

– Saúde. Que se lixem os namorados otários.

– Oh – digo eu, conseguindo rir. – Não é meu namorado.

– Sorte a tua. Vi-lhe a raiva nos olhos. – Bebe a sua cerveja. – Já agora, chamo-me Grant. – Estende uma grande mão sobre a mesa.

– Hannah – respondo, apertando-lha levemente. Conversa fiada é a última coisa que quero neste momento, mas estou grata pela bebida. Não posso ir para casa assim tão alterada como me sinto.

– Então, quem é?

– Desculpa? – Desvio os olhos para a rua lá fora, rezando para que ele não volte. Ou pior, que não esteja lá fora à espera de que eu saia.

– O senhor Zangado.

– Uma longa história – respondo, esperando que seja suficiente.

– Aqueles vão falar da forma do Arsenal no último jogo durante toda a noite, por isso sou todo ouvidos, se isso ajudar.

Apesar do tamanho e do nariz torto, o Grant exala amabilidade. Embora, como eu sei muito bem, a aparência às vezes iluda.

– Ele quer algo que eu não tenho, é essa a versão curta – digo-lhe, vendo uma gota de condensação a serpentear pelo exterior do meu copo.

– Então não lha podes dar, pois não?

– Acredita, ele não é bom a aceitar um não como resposta.

– Isso é óbvio. – O Grant recosta-se na cadeira, a pensar. Tem olhos

meigos, reparo, o perfeito oposto das fendas cheias de veneno do Jack.

– Eu tirei-lhe uma coisa – dou de repente por mim a admitir. – Bem, não a ele. Ao patrão dele. Mas é a mesma coisa. – Posso estar a imaginar, mas algo dentro de mim sente-se um pouco mais solto com a confissão. – Mas foi há muito tempo.

– Então, também guarda rancor.

Aceno com a cabeça.

– O que se passa é que eu sabia que era errado, mas não tinha alternativa.

O Grant inclina a cabeça para o lado, acenando ligeiramente. Está a ouvir com atenção.

– Eu era jovem e tinha uma bebé acabada de nascer – continuo. – Estávamos numa situação má. – Por muito bom que seja falar sobre isso, não quero dizer demasiado. Estou demasiado habituada a guardar tudo cá dentro.

– Ter filhos muda tudo – observa o Grant. – Faz-se qualquer coisa para os proteger.

Anuo. É verdade. Embora me sinta como se estivesse a fazer o contrário neste momento.

– É melhor ir-me embora – digo. – Tenho de ir buscar a minha filha. – Não deixo transparecer que não faço ideia de onde ela está.

– Que idade tem ela?

– Dezasse… Acabou de fazer dezoito anos.

– Já crescida – diz ele com um sorriso. – Os meus filhos têm onze e nove anos.

Dirijo-lhe o melhor sorriso que consigo fazer e levanto-me, vestindo a gabardina molhada. Baixo-me e bebo um último gole da minha bebida, agradecendo-lhe novamente.

– Toma – diz ele, meio de pé, e tira a carteira do bolso de trás das calças de ganga. Tira um pequeno cartão e dá-mo. – Para o caso de precisares de mais ajuda – acrescenta. – Sabes, com o senhor Zangado.

Olho para ele rapidamente – apenas um número de telemóvel escrito à mão e o seu nome.

– Obrigada – digo antes de sair para o carro.

19

BELLE – AGORA

– Não acredito que não vais voltar para a escola – diz Jenny. Está sentada de pernas cruzadas na cama de Belle, olhando para um espelho de mão enquanto mexe no novo conjunto de contorno facial que Belle recebeu no seu aniversário.

– Estou farta da escola – responde Belle, ignorando as dúvidas incomodativas que tem tido. Olha para o seu guarda-roupa, atirando peças para fora e deixando-as cair no chão. – Credo, não acredito que alguma vez usei isto – ri-se. – Em que é que estava a pensar?

– Vais deitar fora?

– Sim. Parece uma coisa de um filme piroso passado numa escola secundária. – Faz uma careta para a camisola cor-de-rosa coberta de borboletas.

– Eu fico com ela – diz Jenny, estendendo a mão.

Belle vira-se para a amiga.

– Diz-me que só vais dormir com ela e não a vais usar em público?

Jenny hesita.

– Sim, era isso que queria dizer. – As suas faces ficam coradas.

– O Jack vai levar-me às compras. Vai oferecer-me umas coisas novas, para quando começar a trabalhar para ele.

– Fixe – responde Jenny. – O que é que vais fazer para ele?

Já lhe perguntara uma vez, mas na altura Belle fora vaga. Na verdade, ninguém do seu grupo de amigos sabe muito sobre ela ultimamente. Não tem respondido no *chat* do WhatsApp – desde antes de ir para França. Todos tinham jurado guardar segredo sobre o facto de ela ter ido para fora com o novo namorado em vez de ficar com a família francesa.

– O Jack tem o seu próprio negócio – diz Belle vagamente. – Diz que eu vou estar na gestão, a angariar novos clientes.

– Que tipo de negócio?

Por um momento, Belle parece incerta.

– É hospitalidade e entretenimento – responde. – Ele disse-me que vou ser perfeita para o trabalho.

Jenny mostra-se pensativa, chupando as bochechas enquanto tenta esbater as marcas castanho-ferrugem que tem no rosto. Nunca usa maquilhagem e a cor não lhe fica bem.

– Mas não achas que devias acabar a escola primeiro? Só nos falta um ano. Com os exames nacionais, estarás mais bem preparada para…

– Jen, eu sei que tens boas intenções, mas não é negociável. Já tomei a minha decisão.

– Ou o Jack já decidiu por ti – murmura Jenny.

– O que é que se passa contigo? – diz Belle, cruzando os braços. – Não estás feliz por mim? Vou casar-me com o homem dos meus sonhos. – Mostra o dedo anelar, como se Jenny precisasse de se lembrar. Nos últimos dias, tem espalhado o anel por todo o Instagram.

– Eu e as outras… estamos só preocupadas contigo. – Jenny levanta-se e tira uma toalhita desmaquilhante da embalagem que está no toucador de Belle. Esfrega-a por toda a pele, contente por se ver livre do estúpido contorno. – Ele é muito mais velho do que nós.

– Estás com ciúmes… porque não tens namorado?

– Belle, não. Não é nada disso.

– Mas andaram todos a falar disso nas minhas costas?

Jenny suspira.

– *Claro* que sim. Preocupamo-nos contigo. Quero dizer, já conheceste algum dos amigos dele, ou a família dele?

Belle fica em silêncio por um momento, voltando ao seu guarda-roupa e tirando ainda mais peças para dar a instituições.

– A idade não passa de um número – diz ela pela centésima vez ultimamente, embora não tenha a certeza da lógica por detrás disso. Sabe perfeitamente que ele é mais velho, mas simplesmente não se importa. – E ele não tem família, pelo menos não que lhe seja próxima. Tudo o que fez teve de fazer sozinho, e é por isso que o admiro tanto. É um lutador.

– Não sei, Belle. Algo me parece estranho.

Belle deita-se na cama ao lado da amiga.

– Está bem. Então, vou provar-te que ele não tem nada a esconder. Que

tem o seu próprio negócio e a sua própria casa e que só quer que sejamos felizes.

– Ótimo – diz Jenny. – Vou-te obrigar a isso. De qualquer forma, tenho fome.

– Queres ir almoçar fora em vez de comer aqui? – sugere Belle.

A sua mãe sabia que Jen ia passar por lá e avisara-a de que tinha deixado algumas coisas no frigorífico – triângulos de queijo e tomates-cereja, dissera. E também embalagens pequenas de queijo *cheddar* e pacotes de sumo. Quer dizer, que idade é que julga que elas têm… oito anos?

– Não tenho muito dinheiro para isso – respondeu Jenny. – E não estou vestida para sair. – Olhou para as *leggings* velhas e a *T-shirt* larga. Pensara que iam apenas passar uma tarde calma juntas, finalmente pôr a conversa em dia depois da viagem de Belle.

– É por minha conta – diz Belle. – Na verdade, é por conta do Jack, porque te vou levar ao clube dele. Espero que isso te tranquilize em relação a ele. Não sei se ele vai lá estar, mas, assim que lhes disser quem sou, vão atirar-nos comida e bebidas de graça.

– Boa – diz Jenny, fazendo uma cara que espera que transmita a sua relutância em sair.

– E podes levar qualquer coisa emprestada para vestir. – Belle vasculha no guarda-roupa. – Toma, veste isto. Vais ficar linda. – Atira à amiga umas calças de ganga justas e um *top* cor de laranja. – E tenho uns saltos altos que podes usar também. É um sítio sofisticado.

Quarenta e cinco minutos depois, Belle faz Jenny descer do autocarro no cruzamento entre West Street e Trinity Road, a cerca de um quilómetro e meio do centro da cidade. Na realidade, nunca entrou no local de trabalho de Jack, apesar de ele lhe ter indicado uma vez onde era. Julga que não é longe de onde estão.

– Tens a certeza de que sabes onde é? – pergunta Jenny por cima do barulho do trânsito enquanto caminha atrás de Belle. Não está habituada a usar saltos altos e as calças de ganga que Belle lhe emprestou parecem cortar-lhe a circulação nas pernas.

– Claro, tonta – diz Belle. – Fica aqui em cima.

Antes de ir para França, Belle tinha feito algumas perguntas a Jack sobre o clube, o local onde lhe tinha dito que ela iria trabalhar quando regressassem, embora não conseguisse deixar de pensar que ele parecia

relutante em revelar muito mais. Uma vez, quando estavam no carro e Belle estava a perguntar-lhe outra vez sobre o clube, ele desviou-se do caminho durante cerca de um quilómetro e meio e de repente apontou com a mão para um edifício numa rua lateral, dizendo-lhe que era ali.

– Satisfeita? – perguntara-lhe, lançando-lhe um olhar enquanto agarrava o volante.

Tinha sido um pouco abrupto com ela algumas vezes desde que se tinham conhecido, mas sabia que ele tinha tido um dia difícil, por isso não o culpava por ter sido brusco. Provavelmente, estava a falar demasiado sobre o assunto, mas sentia-se entusiasmada.

– Desculpa – respondera na altura, sentindo-se mal por ele.

Depois disso, Jack prometera-lhe que a levaria lá quando voltassem de França, para que ela pudesse dar uma boa vista de olhos antes de começar a trabalhar. Mas, até agora, não o tinha feito.

Agora, ela queria surpreendê-lo, para lhe mostrar que estava a falar a sério sobre o trabalho. Esperava que ele estivesse a trabalhar lá hoje. Se não, ela e Jenny podiam dar uma vista de olhos, talvez até conhecer os outros funcionários. Isso mostraria a Jack que estava muito empenhada.

Poucos minutos depois, Belle pára à porta do que parece ser um velho armazém ou fábrica em desuso – um edifício de tijolo de três andares com janelas antiquadas e uma roldana a sair do último andar. É capaz de jurar que foi para ali que ele apontou. Era de noite quando passaram e ela lembra-se de um letreiro vertical de néon por cima da entrada. Várias das luzes tinham-se fundido e ela rira-se da palavra «Sca…tt’s» quando, na verdade, devia ler-se «Scarlett’s».

– Por aqui, acho eu – diz Belle, virando numa rua estreita que lhe parece familiar. Olha para os edifícios em volta. – Ali está! – exclama, reconhecendo o sinal. – Aposto que é um daqueles sítios superfixes com um ambiente da moda e pouco convencional.

– Não gosto disto – diz Jenny, olhando em volta. – Cheira muito mal aqui… a lixo a apodrecer. Não preferes ir ao Maccy D’s? Passámos por um no autocarro.

Belle pára, lançando-lhe um olhar.

– O que se *passa* contigo? – diz ela, dando o braço à amiga. – Vá lá, quando estivermos lá dentro vais adorar. Faz de conta que tens dezoito anos, está bem? Eu confirmo por ti.

As portas duplas do Scarlett’s estão fechadas. A tinta verde desbotada está a descascar da madeira e alguém deitou um saco de plástico com lixo no degrau. Belle tenta chutá-lo para fora do caminho, não querendo sujar os sapatos de salto alto.

– Tens a certeza de que estão abertos? – pergunta Jenny. – Se for uma discoteca, é capaz de estar fechada até mais tarde.

– O Jack disse que está aberto do meio-dia até à uma. – Belle vê uma campainha e toca, limpando sub-repticiamente o dedo na sua minissaia de ganga. As raparigas ficam ali paradas durante o que parece ser uma eternidade, por isso Belle toca novamente.

Por fim, ouvem o barulho de chaves e o deslizar de ferrolhos. Uma das duas portas abre-se uma fresta e, na escuridão, Belle distingue a silhueta de um homem magro. O seu rosto é pálido e os olhos estão rodeados de cinzento, como se alguém os tivesse empurrado para dentro do crânio. Entre os seus dedos manchados de nicotina está um cigarro, e ele está vestido com calças de fato de treino brancas e sujas com buracos em ambos os joelhos, e uma *T-shirt* cor-de-rosa desbotada com o nome de uma banda que Belle não reconhece estampado à frente. Não lhe parece que ele tenha muito mais do que vinte e cinco anos.

– Olá – diz Belle animadamente, querendo causar uma boa impressão, apesar de agora achar que Jenny pode ter razão. – Estão abertos?

O homem olha-as de alto a baixo, demorando-se nas pernas de Belle. Dá uma passa no seu cigarro.

– Vens por causa do trabalho?

Belle está impressionada. Jack já lhes deve ter falado dela.

– Sim, sim, venho. – Ela exibe o seu melhor sorriso.

– É melhor entrares, então – responde, fechando a porta atrás de si enquanto as raparigas entram.

20

HANNAH – AGORA

Quase me dissolvo numa poça de alívio no chão da entrada quando vejo a Belle enrolada no sofá da sala. Recordo-me de quando era pequenina, quando precisava de mim, quando tudo o que acontecia na sua vida era suavemente orientado por mim. Quem me dera, do fundo do coração, que ainda fosse assim.

Depois de ter saído do *pub*, telefonei-lhe e enviei-lhe mensagens pelo menos uma dúzia de vezes, mas não consegui contactá-la. O pânico instalou-se. Com centenas de hotéis e pensões em Bristol e arredores, não valia a pena perder tempo à procura do sítio para onde o Jack a tivesse levado – o meu plano era verificar em casa primeiro e rezar para que ela estivesse lá e, se não estivesse, então falaria com o Rob, contar-lhe-ia o que tinha acontecido. Depois decidíamos juntos o que fazer a seguir.

– Olá, querida – digo casualmente, a esforçar-me por esconder a minha ansiedade. Depois de pousar a mala do trabalho, certificando-me de que está fechada para que a pasta com as fotografias não fique visível, atravesso a sala e sento-me ao seu lado. Invulgarmente, não está maquilhada e tem os joelhos debaixo do queixo e o cabelo preso num rabo-de-cavalo. – Há muito tempo que não te vejo com essa camisola. Costumavas viver nela.

A Belle puxa a camisola cor-de-rosa-pálida, a que tem as borboletas estampadas. Acena, sem olhar para mim.

– O que é que fizeste hoje?

– A Jenny veio cá.

– Não viste o Jack hoje?

A Belle abana a cabeça, olhando para a lareira, apesar de não estar acesa.

Então ele mentiu-me quanto à Belle estar no seu hotel. Estava a usar a minha filha como um peão nos seus jogos perversos.

– Estás bem, amor? Pareces… calada.

– Estou bem. – A Belle encolhe-se mais sobre si própria, enterrando a cara atrás dos joelhos.

– Tiveste uma discussão com a Jen? – Sei muito bem como as duas podem ser uma com a outra… como irmãs, na verdade. Num minuto estão à bulha, no outro são as melhores amigas… um resultado de se conhecerem desde os cinco anos, quando começaram a escola primária juntas.

– Ela é tão… tão infantil hoje em dia – confessa a Belle.

Acaricio-lhe as costas.

– Ou talvez ela se preocupe que estejas a crescer demasiado depressa – digo eu, pensando se a Jenny a terá tentado avisar sobre o Jack. Como o Rob disse, a influência mais poderosa virá dos amigos.

– Acho que tem ciúmes. Nunca teve um namorado, quanto mais um que fosse um homem a sério. – A Belle pega no telemóvel e olha para o ecrã. Vejo de relance todas as chamadas perdidas e notificações de mensagens, a maioria minhas. No topo da lista, vejo uma mensagem do Jack.

– O que é que ele diz? – pergunto eu, esperando que não esteja a pedir para ver a Belle ou, pior, prestes a aparecer.

Belle vira o ecrã para longe de mim enquanto abre a mensagem dele. Depois, suspira e encosta a cabeça às almofadas.

– Diz que está a caminho de Londres.

Outra parte de mim derrete-se por dentro. Assim ganho um pouco mais de tempo.

– Em trabalho? – pergunto, sabendo que será para algo obscuro.

– Não sei. – Dá uma volta no sofá e vira-se para mim. – Não percebo porque é que toda a gente está contra ele. Ele só fez coisas boas por mim. Quero dizer, deu-me um carro, um emprego… isto tudo… – Enfia-me o anel debaixo do nariz novamente e toca no pescoço onde o pendente que eu e o Rob escolhemos ainda está pendurado. Não suporto olhar para ele.

– Oh, amor – digo, não querendo mais do que envolvê-la nos meus braços. Mas sei que odiaria isso agora, ser tratada como uma menina. Embora seja exatamente isso que me parece, ali sentada com as suas calças de pijama de lã e a camisola com borboletas. – Toda a gente está preocupada por teres decidido deixar a escola de repente. E depois há a diferença de idades. Podes não dar por ela agora, mas quando tiveres, digamos, cinquenta anos, ele vai ter quase oitenta.

A Belle ri-se.

– Sempre foste assim tão má a matemática, mãe? Ele não é *assim tão* velho.

Claro que a Belle não se apercebe de que ele mentiu quanto à idade e ao nome, quanto ao seu suposto negócio e, pior, quanto ao que sabe sobre mim. Quem me dera ter família num sítio remoto para onde a pudesse levar, para a manter em segurança… mas não tenho. E os pais do Rob estão demasiado perto de Londres para ficar descansada. Mas não estou a pensar como deve ser – não posso esconder a Belle para o resto da vida.

Não, preciso de lidar com isto de outra forma – de uma forma que mantenha o meu segredo, porque, se se descobrir, então está tudo acabado de qualquer maneira. Quando olho para trás, tudo o que fiz foi pela Belle. De alguma forma, salvámo-nos uma à outra.

– Tu e a Jen comeram a comida que eu vos deixei?

A Belle abana a cabeça.

– Fomos sair.

– Deixa-me adivinhar… ao Nando’s? – Estou a tentar manter as coisas normais, pelo menos até o Rob chegar.

– Na verdade, fomos ao clube do Jack. É… é super-impecável.

– Então… então ele tem mesmo um negócio? – Estou confusa e pergunto-me se os negócios ilícitos do Vaughn se espalharam para fora de Londres. A sua rede deve ter sido muito mais vasta do que eu sabia na altura.

– Não te preocupes. Fomos tratadas como realeza. A Jen ficou muito impressionada por eu ir trabalhar para lá. Eu disse-lhe que arranjava um desconto nas bebidas. Eles têm artistas ao vivo à noite e tudo.

Fecho os olhos por um instante.

– Onde é que fica, amor? – pergunto, tentando parecer interessada, embora não pelas razões que a Belle pensa.

– Vou ver se têm um *site*.

Sorrindo, pega no telemóvel e abre um separador no Google, mas o ecrã fica subitamente negro quando o telemóvel se desliga sem bateria. Antes que a possa impedir, já ela se pôs de pé e está na entrada, a tirar a minha mala da mesa do *hall*. É como se estivesse a acontecer em câmara lenta… a Belle a abrir o fecho e a remexer lá dentro. As chaves do carro e a escova de cabelo caem.

– Tens o telemóvel aqui, mãe? – pergunta ela, olhando para mim, com uma mão ainda enfiada na mala que levo para o trabalho.

Vejo a pasta a sobressair. Um movimento errado e também cai no chão. Imagino as fotografias a espalharem-se, a cara dela quando souber que as vi. Ficaria mortificada – para não dizer furiosa por eu as ter.

De repente, ponho-me de pé e atiro-me a ela, agarrando na mala.

– Não… não sei – balbucio. – Não tenho a certeza. Se calhar está no carro.

– Meu Deus, mãe, não entres em pânico. Acalma-te, sim?

Volto a meter a pasta na mala e fecho-a novamente.

– Desculpa, mas estão aqui documentos confidenciais. Proteção de dados e tudo isso. Tu percebes.

A Belle faz uma careta, indicando que não, não percebe.

Volta a atirar-se para o sofá.

– Chama-se Scarlett's, perto da Trinity Street. Não parece grande coisa por fora, mas… – A Belle interrompe-se, hesitante. – Bem, tu sabes. É um daqueles sítios peculiares e boémios. Acho que muitos homens de negócios vão lá à noite.

Nunca ouvi falar, mas consigo imaginar exatamente o tipo de sítio que é.

– Comeram lá?

– Bem, não, não comemos. – A Belle hesita. – Não estavam abertos quando lá fomos, mas estava lá um tipo que sabia tudo sobre mim. Depois fomos ao Maccy's. A propósito, a ideia foi da Jen.

– Como é que ele era, esse tipo?

– Não sei. Normal.

A Belle desvia o olhar outra vez, algo que faz sempre que não quer que eu lhe leia os pensamentos. É uma coisa que sempre tivemos e, se acreditasse nessas coisas, diria que beira o sobrenatural. Alguns diriam que é a genética que os pais partilham com os filhos, mas eu não acho que seja isso. Parece mais uma ligação, uma intuição, uma compreensão profunda nascida do amor.

– Belle… – Sustenho a respiração por um momento, sem saber qual a melhor forma de o dizer para que ela não rejeite a ideia. – Querida, e se eu te dissesse que o Jack pode não ser exatamente quem diz ser?

A cabeça dela gira de modo que os nossos rostos ficam a centímetros de distância.

– Eu diria que estás a ser exatamente como a Jen. Não me vais afastar dele, mãe, se é essa a tua intenção.

– Sei que é difícil pôr essa hipótese, mas confias em mim?

Talvez seja alguma coisa no tom da minha voz – ou a intuição entre mãe e filha a entrar em ação outra vez –, mas de qualquer forma noto uma certa centelha nos seus olhos. Algo que a faz pelo menos considerar o que lhe estou a dizer.

– Às vezes, as pessoas dizem coisas em que *queremos* acreditar para… bem, para conseguirem o que *elas* querem. É cruel, enganador e muito injusto, mas acho que tens de pensar porque é que o Jack pode estar interessado numa rapariga como tu. – É o melhor que posso fazer por agora.

– Não é que eu tenha dinheiro nem nada do género – diz a Belle. – Por isso dificilmente anda atrás do meu dinheiro.

Diz-lhe, digo a mim mesma. *Diz à tua filha o que fizeste*…

– É só uma coisa para teres em conta – replico, agradecendo a Deus por ouvir a Natalia e a Amber a entrarem pela porta no momento certo.

21

HANNAH – AGORA

Quando a Belle tinha quatro anos, levei-a para a creche pela primeira vez. Ela não tinha saído da minha vista desde o dia em que nascera e pareceu que me tinham arrancado o coração e o estava a deixar ao cuidado de um estranho quando me despedi dela à porta. O que se passou foi que a Belle mal reparou que eu me estava a ir embora, apesar de me ter dirigido para a saída em câmara lenta.

– Ela vai ficar bem – disse a responsável. – Vá e aproveite a sua manhã e, quando a vier buscar ao almoço, ela vai ter muitas histórias para lhe contar.

Eu não tinha tanta certeza. Por alguma razão, tinha marcado várias reuniões – a minha primeira experiência de trabalho sem filhos desde que tinha criado a empresa –, mas o que é que fiz em vez disso? Sentei-me no meu carro à porta da creche e remarquei todas as reuniões, com o pretexto de estar doente. E, em vez de voltar para o meu escritório – bem, na verdade, para a mesa da cozinha do apartamento acanhado que alugava na altura –, fiquei no carro durante as três horas inteiras que a Belle esteve na creche, com os olhos colados à porta.

Enquanto a minha filha brincava alegremente lá dentro, eu estava sentada no meu veículo abafado, a precisar de ir à casa de banho, desconfortável, com sede e agitada. Cada pessoa que passava pela porta da Daisy's Day Care era escrupulosamente controlada por mim: observava se agiam de forma suspeita, verificava com quem saíam… especialmente os homens. Estava convencida de que alguém tentaria levar a minha filha para longe de mim.

Com tudo o que acontecera na altura do seu nascimento, não era um medo infundado.

Ao meio-dia e meia em ponto, saí do carro, espreguicei-me e percorri o caminho até à porta da creche, toquei a campainha de segurança e um dos

funcionários deixou-me entrar.

– Como foi a sua manhã? – perguntou-me a educadora.

– Ótima – disse-lhe. – Despachei muito trabalho.

Lembro-me de como os meus olhos percorreram as cerca de vinte crianças, todas ocupadas com várias atividades, à procura da minha filha. Mas ela não estava em lado nenhum. Comecei a entrar em pânico e a adrenalina subiu-me à cabeça. Será que alguém a tinha levado por uma saída nas traseiras?

– Onde está a Belle? – exclamei, no momento em que ela saiu do bengaleiro com o casaco meio vestido e um desenho húmido a abanar na outra mão.

Apeteceu-me cair de joelhos quando ela veio a correr para mim. As minhas mãos tremiam visivelmente enquanto a ajudava a vestir o casaco, ajeitando para trás uma madeixa do seu cabelo ondulado que se tinha soltado do gancho. Tinha tinta azul no queixo.

– Ela passou um bom bocado, não passaste, Belle?

A minha filha acenou com a cabeça, sorrindo para mim.

– Posso vir outra vez, mamã? Fiz novos amigos.

A caminho de casa, expliquei à minha filha, pela milésima vez na sua curta vida, a importância de não sair com estranhos e de eu ser a única pessoa autorizada a ir buscá-la à creche.

– Não me vou embora com o homem mau, mamã, não te preocupes – disse a Belle, sorvendo sumo de um pacote.

Pelo espelho retrovisor, vi o seu rosto a passar por várias expressões enquanto ela refletia sobre o que eu tinha dito: uma mistura de ansiedade, medo e inquietação. Era verdade, queria assustá-la para que ficasse vigilante e alerta, e, quando chegássemos a casa, queria ensiná-la a morder, a pontapear e a gritar se alguém a agarrasse.

No entanto, quando chegámos a casa, tornou-se claro que havia mais alguma coisa a perturbar a minha filha.

– Mas e se o homem mau te vier buscar *a ti*, mamã? – perguntou ela enquanto lhe desapertava o cinto da cadeirinha do carro. Mal sabia eu que, muitos anos mais tarde, viria.

– Pareces estar muito longe daqui – diz uma voz.

A minha cabeça ergue-se repentinamente.

– Oh… – digo, relaxando quando vejo o Rob ali parado. Parece feito num

oito. – Estás atrasado. Tentei ligar-te.

Desde que cheguei a casa e encontrei a Belle enrolada como um gato no sofá, tenho estado preocupada com a pasta de fotografias e com o que fazer com elas. Pensei em queimá-las todas ou levá-las para o escritório para as esconder, mas não queria deixar a Belle sozinha e, além disso, queimá-las na lareira destruiria provas de que ainda poderei vir a precisar. Por isso, por enquanto, optei pelo cofre do escritório, mas tomei a precaução extra de mudar o código da fechadura. Como o Rob sabe, era a minha data de nascimento de trás para a frente desde que me lembro, mas, por precaução, substituí-o por outra data memorável, novamente de trás para a frente, para maior segurança. De qualquer forma, o Rob nunca vai lá: contém documentos que raramente usamos e sou sobretudo eu que preciso de coisas dele, por isso, a curto prazo, não há hipótese de ele ou qualquer pessoa encontrarem a pasta.

– Desculpa, devia ter-te avisado – diz ele.

– Está tudo bem?

Instintivamente, sinto que não está. Conheço o Rob quase tão bem como ele se conhece a si próprio e a forma como se move pela cozinha – o corpo rígido, o olhar dirigido para qualquer lado exceto para mim e os lábios finos e franzidos – diz-me que está algo a preocupá-lo. E, enquanto o meu cérebro analisa o que poderá ser, também me questiono quão bem o conheço *mesmo*, com base apenas no facto de que, no fundo, ele não me conhece.

– Estou só cansado – responde, servindo-se de um copo de água. Bebe-a; depois, como era de esperar, dirige-se para a garrafa de vinho aberta, de que eu já bebi dois terços. – Queres acabar? – pergunta, olhando para os centímetros que restam depois de ter servido um copo para si. É a sua voz que me diz que sou a causa da sua estranha disposição. Estendo o meu copo. Preparando-me.

– Vá lá, então – digo. – O que é que se passa realmente?

Solta um longo suspiro e senta-se à mesa ao meu lado. Como sempre, está cheia de detritos da vida familiar. A Natalia dá o seu melhor para ter a arrumação em dia, mas não é o seu forte. O seu forte é manter a Amber entretida e sem fazer diabruras, que é exatamente o que está a fazer agora no parque local com uma bola.

– Tu conhece-lo, não conheces?

A minha pele fica arrepiada quando me pergunto a quem se refere.

– A quem?

– Ao Jack.

Levanto-me e viro-lhe costas enquanto vou ao lava-loiça encher um copo de água com o mesmo copo que o Rob usou. Fecho os olhos por um momento.

– Ao Jack – repete o Rob, no caso de eu não ter ouvido à primeira.

Volto-me.

– Não estou a perceber.

– Foi onde estive.

– Estiveste com *ele*? – Sento-me novamente, antes que caia, mas desta vez numa cadeira de frente para o Rob. Encaramo-nos à mesa. – Como assim?

– Ele telefonou-me. Pediu-me para me encontrar com ele.

– Mas ele disse à Belle que ia para Londres.

– Vais responder à minha pergunta? – À superfície, o seu rosto não revela nada, mas a sua expressão diz-me qualquer coisa.

– Não… não, claro que não o conheço. – A mentira não me sai facilmente… o que é estranho, já que toda a minha vida adulta é uma mentira. – O que te faz pensar isso?

– Também nunca me disseste que viveste em Londres.

A minha mão vai até à testa, hesitando algures entre coçar e pentear o cabelo para trás.

– Tenho… tenho a certeza de que sim – digo, sabendo que não. – Não foi durante muito tempo.

O Rob acena com a cabeça. Só uma vez.

– Que mais não me contaste?

O meu cérebro incha contra o interior do crânio, como se estivesse a tentar conter tudo. É demasiado para guardar, mas também não o posso deixar sair. Ter a Belle mudou tudo, como se ela me tivesse exorcizado de mim própria. Tornei-me uma pessoa diferente depois de ela ter nascido. Uma pessoa responsável, que ama, cuida e toma conta, e tudo o que queria era proporcionar-lhe uma boa vida. Era fácil saber o que é que isso devia ser. Era o oposto de tudo o que tinha acontecido antes.

– Nada – respondo. – Não percebo porque é que me estás a perguntar estas coisas, Rob.

O rosto do Rob é uma pintura a óleo de desânimo e desconfiança. Vejo

nas pinceladas nos seus olhos que quer *muito* acreditar em mim, mas o traço da sua boca diz-me que não é capaz. Foi o que me atraiu nele quando nos conhecemos – as suas feições expressivas que achei tão fáceis de decifrar. A forma como a sua cabeça se inclinava para mim, as pupilas dilatadas como moedas pretas nos seus olhos verde-mármore. O seu sorriso torto e o seu riso por vezes estranho. E gostava da forma como me tocava no braço de vez em quando enquanto conversávamos no nosso primeiro encontro. Não de uma forma untuosa – e Deus sabe que eu sabia o que *isso* era –, mas sim de uma forma que mostrava que me compreendia. Que as nossas almas vibravam na mesma frequência.

Foi no banco, numa segunda-feira chuvosa. Tinha estado a preparar a abertura de uma conta para a minha empresa durante todo o fim de semana, sabendo que ia passar para o nível seguinte. Depois de ter desgastado os meus dedos até aos ossos a limpar as casas de outras pessoas durante vários anos, tendo finalmente contratado ajuda extra quando as coisas se tornaram demasiado pesadas, decidi que era melhor para mim gerir uma equipa. Queria algo melhor para a Belle do que andar a arrastá-la de casa em casa e pô-la a passar horas como um animal enjaulado no seu pequeno parque para bebé enquanto eu trabalhava.

– Gostava de abrir uma conta – disse à jovem atrás do balcão. – Uma conta empresarial. – Respirei fundo algumas vezes. Estava tudo a tornar-se real.

– Terá de falar com alguém da equipa comercial. Tem marcação?

Tinha abanado a cabeça, sem me aperceber de que precisava de marcar.

A caixa do banco dirigiu-se para um gabinete nas traseiras e, alguns minutos depois, voltou a sair com um jovem no seu encalço. Fitei-o, abrindo ligeiramente a boca, acreditando subitamente no destino. Tinha mais ou menos a minha idade e vestia um fato escuro elegante que, de alguma forma, não combinava com o seu cabelo rebelde nem com as suas feições ligeiramente assimétricas e impolidas. Reparei como algo no seu rosto mudou quando me viu ali, como se também me reconhecesse. A Belle estava aninhada na curva da minha anca, a contorcer-se, por isso levantei-a e ela riu-se, estendendo a sua bolacha de chocolate babada ao homem, apesar do vidro que nos separava.

– És tu! – disse eu enquanto ele saía de trás do balcão, estendendo a mão.

Nunca esquecerei aquele primeiro toque elétrico – e sei que o Rob

também não. Como um relâmpago a cair entre nós, durou mais do que o necessário. A Belle também o sentiu, ficando rígida enquanto a segurava. Enquanto permaneci suspensa no tempo, ela também. Quando o mundo finalmente voltou à vida, ela estendeu os braços e inclinou-se para ele, como se quisesse que ele a levasse.

– Também és tu! – disse ele. – Ainda bem que vais seguir o meu conselho.

Eu ri-me.

– Não, Belle – sussurrei, enquanto ela lhe estendia de novo a mão. – Tens os dedos pegajosos.

Era possível que a Belle também se lembrasse dele, da forma como nos tinha ajudado a pegar em tudo depois de o carrinho dela ter caído para trás com o peso das coisas que tinha penduradas. Fora duas semanas antes daquele encontro por acaso no banco e eu estava com dificuldade para subir alguns degraus no fim do parque, aquele com os jardins e a fonte, com a Belle agarrada ao meu lado enquanto me debatia com o carrinho, quando ele parou e se ofereceu para me dar uma ajuda. Enquanto recolhia as minhas coisas espalhadas, tudo o que disse quando viu os maços de notas de vinte libras embrulhados em película aderente dentro do meu saco de compras, enquanto colocava o copo de plástico da Belle de volta lá dentro, foi:

– Devia pôr isso no banco, sabe?

Quando lhe expliquei que precisava de abrir uma conta bancária para uma empresa, fingindo que o dinheiro era para um carro que ia comprar (embora, na realidade, andasse sempre com algum comigo para o caso de ter de fugir numa emergência), ele deu-me alguns conselhos e recomendou-me uma agência local. Não tive oportunidade de lhe agradecer nem de lhe perguntar o nome porque se foi embora a correr.

– Rob Mason – disse no banco, com os seus olhos calorosos a saltarem entre a minha cara e a da minha filha. – É bom voltar a ver-te. Vem ao meu gabinete.

Parecia jovem para ter o seu próprio gabinete, pensei. Mas era fácil perceber, pela forma como caminhava, como me ofereceu uma cadeira, como me preparou um café da máquina e pelo seu trato fácil, que gostava do seu trabalho. Adorava lidar com pessoas. Ou talvez fosse só a mim que adorava.

– Tens alguma identificação? – perguntou dez minutos depois de me

questionar sobre as minhas necessidades comerciais. – Vai ser tudo muito simples de criar. Parece que te tens saído bem.

– Sim… tenho. Ganhei um prémio há uns meses – disse com um pequeno sorriso, sem querer gabar-me.

Na verdade, eu não *queria* ganhar nada… e certamente não tinha a intenção de chamar a atenção para mim… mas um cliente tinha-me proposto para o prémio e ninguém ficou mais surpreendido do que eu quando a Greene & Clean venceu a concorrência.

– Um prémio, hã? Alguma coisa de que já tenha ouvido falar?

Fiz um gesto displicente, sentindo-me envergonhada.

– É uma coisa que a universidade de Bristol dá de dois em dois anos. Parte do prémio são conselhos da faculdade de gestão deles, caso precise, e houve uma pequena cerimónia e um artigo nos jornais locais. Não foi nada de especial, a sério. – Corei ao lembrar-me de como tinha tentado escapar a ter de fazer um discurso de agradecimento e evitado as fotografias depois. – Desculpa, querias a minha identificação – acrescentei, mudando de assunto enquanto pegava na minha mala velha e desmazelada que estava no chão. Continha principalmente coisas para a Belle: uma muda de roupa, lanches, sumo, um pouco de creme para a mancha de eczema na parte de trás do joelho. Lá tirei tudo. Seguido do meu passaporte. – Será que isto serve?

– Também preciso de um comprovativo de morada – disse o Rob, olhando para a Belle e fazendo-lhe uma cara engraçada. Ela riu-se. – E bom trabalho. Pelo prémio – acrescentou, olhando para mim de uma certa maneira… uma maneira que fez o meu estômago dar uma cambalhota.

Sorri e senti o rubor a acentuar-se.

– Sim, sim, claro.

Continuei a vasculhar na mala até encontrar a conta dos serviços públicos do apartamento. Tive vergonha da morada – vivíamos no último andar de uma casa geminada em mau estado, escondida na pior rua da pior zona da cidade. Mas era suficientemente sossegada e não tínhamos tido problemas desde que lá vivíamos, embora já tivéssemos visto muitos. Mantínhamo-nos discretas na esperança de que, quando a minha empresa se estabelecesse, pudesse comprar uma casa para nós. Tinha um bom depósito e estava bem dentro das minhas possibilidades, mas precisava de vários anos de salário estável para provar que era uma aposta sólida para o extra que precisaria de pedir emprestado. Enquanto isso, estava a viver o mais frugalmente

possível.

– Está tudo feito – disse o Rob por fim, imprimindo alguns documentos. – Assina aqui e aqui – indicou. – A Greene & Clean está pronta para começar.

– Ótimo – disse eu, não querendo que a reunião acabasse. – Só uma ideia – continuei. – Quem é que faz a limpeza aqui no banco?

– O Jack disse que costumavas trabalhar para ele, Hannah – diz o Rob agora. Os seus dedos tamborilam no exterior do copo numa dança agitada. – Não te ocorreu dizeres-me?

Faço uma careta, inclinando a cabeça para trás, abanando-a ligeiramente e fazendo um beicinho vago.

– É possível – digo, forçando uma gargalhada e rezando para que ele não saiba mais nada. – Não me lembro. Tive alguns empregos de merda durante esse tempo. Servia às mesas, fazia limpezas. Tu sabes. – Credo, sou uma boa mentirosa. – Provavelmente limpava para ele ou para alguém que conhece. O mundo é pequeno, não achas?

– Pois – assente o Rob, lançando-me um olhar que questiona o quão bem me conhece. E tem razão em questionar-se.

22

HANNAH – AGORA

É fácil esquecer quem sou quando estou rodeada de plantas. O ar rico em oxigénio para me pedrar, a humidade espessa para suavizar as rugas de preocupação no meu rosto, mais o calor da vasta estufa, que se infiltra profundamente nos meus ossos cansados. Mas, fora das paredes de vidro e do telhado, a realidade ainda existe – a selva contida cá dentro só pode abafar a minha ansiedade enquanto estiver aqui, a armazenar plantas para o contrato da C-Tech.

Dirijo o meu carrinho para os meus espécimes de eleição para uma receção de escritório: uma *Fatsia japonica* com as suas folhas cerosas do tamanho da mão, tolerante à luz fluorescente e ao ar condicionado, escolhendo cinco plantas saudáveis. Por capricho, acrescento meia dúzia de *Sansevierias* e um *Ficus benjamina* para cada um dos gabinetes dos diretores. É quando me dirijo para a caixa que o telemóvel toca. Os meus ombros encolhem-se instintivamente até às orelhas quando leio o ecrã.

O Vaughn quer o dinheiro. Ou a Belle.

Quando coisas como esta não nos estão a acontecer diretamente, quando aparecem nos filmes ou numa história que ouvimos, é fácil dizer para não ceder, para ir à polícia ou simplesmente entregar uma mochila cheia de pedaços de jornais cortados e chamar a polícia. Mas, na vida real, quando tudo o que nos é querido está em jogo, não parece tão preto no branco. Procuramos outras saídas, opções alternativas. Formas de fazer com que tudo desapareça. Suponho que seja a parte negocial do luto. E eu *ainda* estou a fazer o luto, apercebo-me, da minha juventude perdida. De tudo o que o dinheiro representa. *Dinheiro de sangue*.

O resultado é que, na verdade, o que estou a fazer é enterrar a cabeça na areia e a fingir que é tudo um sonho aflitivo. Rezo para estar no meio de um pesadelo e, quando acordar numa poça de suor, me afogar em alívio porque

nada disto é real.

Não o tenho, escrevo. O meu dedo suspende-se sobre o botão de enviar.

Depois apago-a.

– Temos alguns filodendros novos esta manhã – diz a proprietária do viveiro de plantas, aparecendo por trás de mim e fazendo-me saltar. Trato a Jan pelo primeiro nome e ela avisa-me sempre das novas chegadas. – Perfeitos para os teus clientes domésticos, talvez?

– Obrigada, ótimo.

Dirijo-me para onde está a apontar, abrindo caminho por entre o mar de folhagem. Quando passo pelas suculentas, lembro-me do peitoril da janela do meu quarto de infância, na casa onde vivia com a minha mãe. Acreditava que tinha salvado a planta de uma morte certa.

– São difíceis de matar – disse o homem do momento da minha mãe, entregando-lhe o seu presente.

Lembro-me de que ele também lhe tinha dado uma garrafa de *vodka* sem marca, que ela preferira muito mais. A minha mãe fizera um sorriso escarninho para a planta, espreitando por cima do aro dos óculos partidos. Sem se deixar impressionar, deixou-a ao lado do lava-loiça da cozinha, onde ficou, sem ser regada, durante vários meses, até que foi derrubada e o cepo redondo e espinhoso caiu ao chão numa chuva de terra.

Tinha-a encontrado e, maldizendo os seus espinhos afiados, raspei a sujidade e voltei a colocá-la no vaso o melhor que pude. Depois disso, viveu no parapeito da janela do meu quarto, sendo regada e virada todos os dias, enquanto eu a media diligentemente para ver se crescia. Não demorou muito para que inchasse e murchasse, e o seu caule ficasse descolorido e pálido. Na altura não me apercebi, mas estava a matá-la com bondade. A minha necessidade de cuidar de um ser vivo – que fora o resultado direto de não ter tido ninguém a cuidar de mim – tinha-me saído pela culatra. A própria coisa que queria manter viva estava a escapar-se-me quanto mais me agarrava a ela.

Olho de novo para o telemóvel, fitando a mensagem do Jack.

Será o mesmo agora, pergunto-me? Ao fugir do perigo com a Belle quando era recém-nascida, ao superprotegê-la durante toda a sua vida, ao mimá-la e atender a todas as suas necessidades, ao acreditar que fiz o melhor quando fugi, terei de alguma forma provocado o efeito contrário?

Tal como o cato, pergunto-me agora se a amei demasiado.

Está calor no meu carro e há uma selva no meu espelho retrovisor. Quando saio do grossista especializado em plantas, a minha intenção é voltar diretamente para o escritório para descarregar o que comprei no nosso armazém. É bem iluminado, com janelas em três frentes, mas temos pouco espaço, por isso as plantas não vão ficar lá muito tempo, até porque já temos as reservas feitas para que se instalem nos seus novos ambientes, bem como um plano de cuidados e limpeza para os clientes. Em vez disso, encosto na estrada movimentada e tiro o telemóvel. Ignoro a mensagem do Jack, a que ainda não respondi, e procuro no Google o nome do sítio que a Belle mencionou.

Scarlett's.

Pelas poucas críticas que vi, parece ser um bar numa cave numa zona pouco recomendável da cidade, provavelmente frequentado por homens casados e grupos de despedidas de solteiro. Introduzo a morada no GPS e viro o carro na direção que me é indicada. Depois de várias filas de trânsito e um par de hesitações sobre se estarei a tomar a decisão certa, encontro-me numa estrada principal do lado oposto da cidade onde vivo, sabendo que estou a aproximar-me.

Estaciono numa zona de trinta minutos, fecho o carro e enveredo pela rua lateral, Nest Lane. Não tem nada de pitoresco. Em vez disso, é um beco por detrás de algumas lojas, com caixotes do lixo industriais a transbordar, bem como algumas entradas para o que parecem ser apartamentos degradados em cima. A meio do caminho, à esquerda, há um letreiro vertical de néon apagado onde se lê Scarlett's. Tem um aspeto sombrio. E uma parte de mim sente-se em casa.

O local, com todo o ar de bar de danças exóticas manhoso, parece fechado, mas uma carrinha de entregas está estacionada no exterior, a descarregar grades de cerveja no passeio.

– Está lá alguém? – pergunto ao condutor, um rapaz com uma *T-shirt* preta e calças de ganga.

Ele limita-se a acenar, mas depois vejo que a porta pouco convidativa do Scarlett's está entreaberta, presumivelmente para a entrega, por isso subo o degrau pejado de lixo e entro. Ao fazê-lo, não consigo deixar de me perguntar quem é a Scarlett. Ou *era*.

Está escuro lá dentro e tem um cheiro… familiar. O meu corpo capta o indício sensorial, fazendo-me apertar o meu casaco de verão à minha volta.

Estremeço quando o cheiro a erva e a álcool velho me inunda as narinas.

– Está aqui alguém? – chamo ao longo do corredor escuro. Não faço a mínima ideia do que estou à procura ou, na verdade, do que vou encontrar. Mas a minha filha esteve aqui por uma razão… por causa *dele*… e eu quero descobrir porquê.

Continuo a descer a passagem, iluminada apenas por luzes vermelhas fracas ao nível do chão a cada poucos passos. Tem um ar misterioso e teatral, e uma porta com cortinas pretas no fim, como se eu estivesse prestes a aparecer no palco.

– Está aqui alguém? – pergunto, desviando as cortinas.

De repente, há luz suficiente e dou por mim num grande espaço com nichos arredondados de veludo roxo, cada um com uma mesa no centro. No meio das mesas estão fixados varões prateados que vão até ao teto e, de perto, dá para ver que estão manchados e baços. Do outro lado da sala, há um bar e um pequeno palco com uma passarela que se estende entre mesas com cadeiras de costas douradas – do tipo que se encontra num copo-d'água.

Depois, vejo um homem magro com ar de doninha à minha frente, encostado ao balcão.

– Está no sítio certo? – pergunta, aproximando-se.

– Olá, estou à procura do Jack.

Mantenho-me firme, sem me deixar intimidar por ele, apesar das suas feições vincadas e zangadas. É mais baixo do que eu e provavelmente pesa menos também. As veias dos seus antebraços sobressaem por entre as tatuagens desvanecidas e, à medida que se aproxima, sinto um cheiro a suor e a falta de higiene. Não parece ser muito velho, talvez tenha vinte e poucos anos.

– Aqui não há nenhum Jack – diz ele. – Porque é que anda toda a gente a perguntar por ele?

Naquela altura, era sempre assim, tratava-se toda a gente com desconfiança. Não se admitia nada e nunca se revelava nada. Era com base nisso que estes sítios prosperavam – negação e segredo. E eu fiz parte disso.

– Deve ser o homem do momento – comento, mantendo uma cara séria. Não vale a pena ser amigável. – Conhece-o?

Abana a cabeça e os seus olhos semicerram-se até parecerem casas de botões.

– No outro dia, duas raparigas perguntaram por ele – diz o homem com ar de doninha. – Tem a certeza de que está no sítio certo?

– E ao Darren?

É verdade. Tenho evitado usar o seu nome verdadeiro. Ouvir aquelas duas sílabas saírem-me da boca é como cuspir algo que tem estado preso entre os meus dentes, a apodrecer. Admitir a mim mesma que a minha filha planeia casar com o Jack foi um pouco mais fácil de engolir – quase como se a possibilidade de me ter enganado ainda existisse. Mas não existe. Seja qual for o nome por que seja conhecido agora, continua a ser o Darren.

O homem contorna-me e depois dirige-se para o bar sem confirmar se o Darren está ou não. Faz-me sinal para me aproximar e pega numa garrafa de *whisky*. Estes sítios são alimentados pelo álcool e muito pior, pelo que, se aceitar a sua hospitalidade me der informações, então que seja. Aceno com a cabeça e sento-me num banco à frente dele. Desliza um copo de *shot* para mim.

– Obrigada – digo, erguendo-lhe o copo. – Então, o Darren?

– Depende de quem está a perguntar.

– Eu, obviamente. – Desta vez sorrio, esperando que isso atenue a sua carranca de vespa.

– Anda por aí. Às vezes.

– Trabalha aqui?

– Tantas perguntas, hã? É da polícia?

– Porque é que toda a gente pensa isso de mim? – Rio-me. – Tenho ar de polícia?

– Nem por isso – responde. – Mas eu também não tenho ar de porteiro, pois não?

É verdade, não tem. Não tem a cabeça rapada nem um metro e noventa de estatura volumosa com um olhar ameaçador.

– Tenho uma empresa de limpezas – digo-lhe.

– Também anda à procura de trabalho?

É verdade que estou a improvisar cada palavra que me sai da boca, tendo vindo cá por impulso e sem qualquer tipo de plano.

– Sim – respondo. – Oferecemos contratos comerciais e também temos um pacote de aluguer e tratamento de plantas. Mas parece que este sítio é um pouco escuro para plantas. – Não tem janelas.

É apenas um espaço grande e escuro que, imagino, quando cheio de homens

bêbedos e bailarinas praticamente nuas, proporcionaria uma atmosfera capaz de murchar até mesmo os espécimes mais resistentes.

– Deixe um cartão. Eu certifico-me de que a pessoa certa o recebe.

– Disseram-me para perguntar pelo Darren. – Os meus olhos dançam em redor, à procura das câmaras que sei que estarão espalhadas por aí. – Ou pelo Vaughn – acrescento, arriscando a minha sorte.

– Conhece o Vaughn?

Apanhei-o, penso, ao ver como a expressão de doninha muda de suspeita para receosa.

Confirmo com um aceno.

– Noutros tempos.

– Noutros tempos *quando*? – insiste, olhando em volta como se estivéssemos a ser observados.

– Quando trabalhava para ele, na verdade. – Admitir isto é ainda pior do que dizer o nome dele ou do Darren. Relembro-me de que ninguém de quem gosto ouviu a minha confissão. O meu segredo continua a salvo.

– Então sabe que é dono de muitos sítios, o Vaughn. Mas isso não significa que esteja aqui, pois não?

– Então, continua esquivo. – É verdade; na altura, em Londres, até a menção do seu nome nos deixava nervosas. Felizmente, as suas visitas eram escassas, destruindo a falsa sensação de segurança que tínhamos montado à nossa volta. Quando vivíamos nos Claustros, adaptávamo-nos, à nossa maneira, ao que nos era dado, sem questionar o que se esperava de nós, apenas moldando as nossas jovens vidas em torno disso. – E o que quer dizer com «também»?

O homem com ar de doninha parece confuso.

– Perguntou se eu *também* estava à procura de trabalho.

– Aquelas raparigas. Uma esteve cá por causa de um trabalho.

Outra parte de mim encolhe-se por dentro só de pensar que a Belle esteve aqui, quanto mais a perguntar por trabalho.

– Disse que esse tal Jack lhe tinha prometido um emprego. Se calhar também era o Darren. – Solta uma gargalhada, revelando vários dentes em falta. – O parvalhão mudou de nome. – Emborca o *whisky* quando ouço alguém a chamar atrás de mim.

– Assina aqui, Derek, sim?

Viro-me e vejo o homem das entregas parado com uma prancheta. O

homem com ar de doninha vai até lá e eu deslizo do meu banco e dirijo-me para a saída para me ir embora enquanto posso.

– Volto noutra altura – digo, enquanto o Derek está ocupado a conversar e a verificar a encomenda.

Regresso ao corredor escuro, aliviada por me ir embora, mas é precisamente quando estou a passar por uma das outras portas que ouço algo que me faz gelar o sangue.

23

MOLLY – ANTES

Molly nunca esperara fazer uma amiga, muito menos uma tão glamorosa e confiante como Hannah. Se tivessem andado juntas na escola, apostaria toda a sua mesada inexistente em como a rapariga mais velha teria implicado consigo ou, no mínimo, a teria ignorado. Todas as raparigas más que conhecera na sua vida tinham agido e tinham-se parecido com Hannah. Isso era parte da razão pela qual odiava a escola: a impossibilidade de se integrar. A inexplicável exclusão de alguns poucos como ela, que eram postos de parte, intimidados ou ignorados sem falha. Ela supunha que era um diagrama de Venn de circunstâncias infelizes; se a pobreza, a negligência, a aparência mediana ou invulgar e a timidez se encontrassem no centro, então as hipóteses não eram boas. Em vez de uma tatuagem gravada na coxa, como Molly tinha agora, era como se antes tivesse uma na testa a dizer FALHADA em letras maiúsculas. Os outros miúdos tinham-se mantido ao largo. E, se não o fizessem, era apenas para a magoar de alguma forma.

Mas, naquele contexto, Hannah era simpática para ela. Protetora. Tornaram-se íntimas.

Nos Claustros, tinham direito a um dia de folga por mês e, no primeiro dia de folga de Molly, que parecia ter sido há séculos, Hannah dissera-lhe que não podia desperdiçá-lo. Foi nesse dia que Hannah atirou algumas roupas na direção de Molly, enquanto esta estava sentada no velho sofá a fumar erva, e lhe disse que iam sair. Desde que se mudara para os Claustros, a sua vontade de fazer o que quer que fosse tinha-se evaporado. Provavelmente por causa de todo o cheiro a lixívia.

– Não vou ficar a ver-te sentada toda macambúzia – dissera Hannah.

E, assim, foram sair, desfilando por Camden com as suas botas de salto alto, calças de ganga justas e *tops* curtos resplandecentes, fazendo um

desvio para um bar que Hannah disse conhecer. Foram abordadas por vários homens, mas afastaram-nos. Naquele dia não estavam a trabalhar.

– Tu não és como as outras – dissera-lhe Hannah, exatamente a mesma coisa que Molly tinha pensado sobre ela. Enquanto a maioria das raparigas se mantinha reservada, especialmente as do terceiro andar, que tinham vindo da Europa oriental e mal falavam uma palavra de inglês, Hannah tinha uma maneira de ser que a tornava não só uma das mais populares entre os homens, mas também entre as raparigas. Todas queriam ser como ela. – Acho que és inteligente, não és? – Olhou para Molly por cima da borda do copo de *gin* em balão, com os seus grandes olhos redondos contornados com sombra cinzenta esfumada. Era a sua imagem de marca, que Molly tentara copiar: pestanas como pernas de aranha e um beicinho escarlate. Tinham feições semelhantes, embora Molly não tirasse o máximo partido das suas. Hannah recebia as melhores gorjetas. – Quem *me* dera ser esperta.

Depois do *pub*, snifaram umas linhas na casa de banho com o material secreto de Hannah e apanharam o metro antes de irem a pé para Brick Lane. Molly nunca tinha andado de metro e fechou os olhos enquanto se agarrava ao corrimão e a carruagem passava pelas estações. Imaginou que estavam num foguetão a caminho do espaço.

– Onde está a tua mãe? – perguntou Hannah enquanto caminhavam pela multidão.

Molly não hesitou.

– Morreu. E a tua?

– Também. A cabra.

Era a primeira vez que Molly via lágrimas nos olhos de Hannah e isso fê-la pensar que as mães de todas as raparigas dos Claustros deviam estar mortas. Ou mortas para elas, pelo menos. Ninguém queria ter de admitir ou explicar o que realmente se tinha passado antes de lá chegarem; como não havia ninguém nas suas vidas que se importasse o suficiente para evitar que acabassem num bordel.

Entraram numa loja de roupa *vintage* enorme, do tamanho de um campo de futebol, onde Molly gastou algum do dinheiro que tinha poupado das gorjetas em roupas melhores do que as que tinha.

– Para quando me for embora – gritou para Hannah por cima da música alta, justificando o *top* da *Adidas* preto e branco que lhe custou dez libras.

– Nunca ninguém *se vai embora* – contrapôs Hannah, com as pupilas tão grandes e negras como as pepitas de carvão com que a sua mãe costumava alimentar a caldeira das traseiras. – Desaparecem simplesmente – sussurrou-lhe ao ouvido enquanto passavam pelo segurança à porta da loja. – Queres ver o que eu tenho? – perguntou Hannah quando viraram a esquina. Tirou um *top* sem alças de lantejoulas de debaixo do seu casaco de ganga, depois um cinto de cabedal cor-de-rosa e um lenço com cornucópias como se estivesse a fazer um truque de magia.

– Roubaste-os? – Molly parou, lançando um olhar furtivo para trás.

– Não, caíram para debaixo do meu casaco, estúpida – disse Hannah, mastigando com força a pastilha elástica. – Um presente – acrescentou, atirando o lenço a Molly.

– A sério? – Molly observou enquanto Hannah atava o tecido sedoso à volta do seu pulso.

– Anda, Milly Molly Mandy, conheço um sítio. – E Hannah levou-a, segurando-a pela ponta do lenço.

Faltava apenas uma semana para o Natal. Era uma época como qualquer outra nos Claustros, embora Darren e a namorada, Luba, tivessem decorado o *hall* de entrada e a sala de espera no andar de baixo com uma árvore de plástico branco e faixas de papel que as raparigas tinham colado uma manhã. Os enfeites prateados e as bolas vermelho-rubi davam uma aparência festiva, mas, assim como assim, Molly não sabia bem qual era o aspeto que a época festiva deveria ter.

– Vou tratar das toalhas e dos lençóis – disse Molly quando ficou com a língua seca e pegajosa de lamber centenas de tiras de papel com goma.

Fazia parte das suas tarefas diárias abastecer os quartos de trabalho com roupa lavada quando esta era entregue pela lavandaria. Era uma das poucas coisas de que gostava ali: o cheiro a roupa de cama lavada pelo menos dez vezes por dia. Cada cliente recebia um conjunto limpo e Molly podia apreciar o cheiro químico do detergente da roupa. Algo com que não estava familiarizada em sua casa.

– Não te esqueças de contar as tuas bênçãos – disse Hannah.

Molly sabia que se iam cruzar enquanto faziam a ronda para preparar tudo para a abertura mais tarde, quando as diria a Hannah. A tarefa de Hannah era certificar-se de que havia óleo de massagem, lenços de papel, brinquedos limpos e preservativos em quantidades suficientes nos muitos

quartos espalhados por andares aparentemente intermináveis, bem como verificar todas as mesas de cabeceira para se certificar de que os artigos de beleza estavam abastecidos – artigos para retocar a maquilhagem e a manicura entre clientes. Luba era muito exigente com a apresentação das raparigas.

– Número um, *tu* – disse Molly por cima do ombro antes de ir para a cave.

Era algo que Hannah lhe tinha ensinado a fazer todos os dias, especialmente quando se sentia em baixo, o que acontecia muitas vezes, e a sua amizade com Hannah estava sempre no topo da lista. Era apenas cinco anos mais velha do que Molly e ela nunca o admitiria, mas às vezes fingia que Hannah era sua mãe. Embora, na realidade fosse mais provável ser sua irmã mais velha. Também nunca tinha tido uma.

– Dois, o Pai Natal está a chegar – sussurrou para si própria enquanto contava quinze lençóis de cetim vermelho. Tinha prometido comprar alguma coisa para si própria e fingir que o Pai Natal lhe tinha deixado um presente. Quando era pequena, ele nunca tinha ido a casa da mãe e, para ser sincera, não o culpava. Ela também não o teria feito. – Vou-me embora daqui em breve – disse ela, tirando fronhas pretas e brilhantes do fardo de roupa suja na prateleira, outra bênção sempre na sua lista. – Não tenho mãe. Não tenho escola. Estou em Londres, a cidade mais entusiasmante do mundo.

A verdade é que tinha pavor da cidade e raramente saía do edifício sem Hannah. As ruas confundiam-na e o metro parecia um vaivém para o inferno, enquanto a quantidade assoberbante de pessoas a esmagava, e toda a gente parecia sempre tão zangada. Ocasionalmente, quando saía com Hannah, avistava homens que a tinham ido visitar. E, às vezes, estavam com as suas mulheres ou namoradas. Olhava para eles, para ver como eram nas suas vidas reais, não nas fantasias que realizavam com ela. Também gostava de fazer questão de que reparassem nela, aproximando-se e esbarrando contra eles ou sentando-se numa mesa próxima se estivessem num café. Gostava de os ver desconfortáveis.

Surpreendia-a sempre como pareciam diferentes nos seus fatos e roupas em que normalmente só os via de forma fugaz. Estava mais familiarizada com o que se encontrava por baixo do tecido – a sua crueza e a vulnerabilidade – e, mesmo que quisesse esquecer os seus cheiros e gostos e cicatrizes e cabelo, ou se tinham um problema de pele ou eram gordos ou

magros ou esqueléticos ou musculados, não conseguia. Podia ter uma tatuagem na coxa, mas o corpo de cada homem estava tatuado na sua mente.

– Tenho um teto sobre a minha cabeça, uma cama e comida – continuou Molly, citando a sua lista habitual.

Transportou uma pesada braçada de lençóis e toalhas pelas escadas acima até ao rés do chão, com a receção, o aquário, a máquina de café e a sala de espera, onde os homens escolhiam a sua rapariga. Depois, subiu para o primeiro andar; os quartos desse piso estavam fora dos limites, pois eram os aposentos de Darren e Luba, com um escritório e o quarto onde Vaughn ficava quando os visitava. Chamavam-lhe «aposentos da direção».

De repente, Molly parou no patamar. Quando passou, ouviu um barulho estranho vindo de trás da porta do quarto de Darren e Luba. Gemidos e sons de carne a bater em carne, gritos de prazer e batidas rítmicas eram comuns no prédio, estavam essencialmente entrelaçados na sua estrutura, tal como as tábuas que rangiam, os canos de água que gorgolejavam e as janelas velhas e rígidas. Afinal de contas, era um bordel.

Mas aquilo foi diferente. Era alguém a ser ferido.

Os gritos de socorro foram abafados pelo bater repetido de um punho num osso. Depois, osso contra parede. Molly estava prestes a continuar a subir com a roupa, sem se querer envolver, mas o rápido e quebradiço estalar de vidros paralisou-a outra vez. Tinha visto Darren sair há cerca de uma hora e ainda não tinha voltado, mas não sabia onde estava Luba.

Palavras ininteligíveis mas zangadas – a voz de um homem – aproximaram Molly da porta. Como uma traça atraída pela luz. Colocou a pilha de lençóis no chão do corredor e aproximou-se pé ante pé, agachando-se e alinhando lentamente os olhos com o buraco da fechadura antiga. Uma réstia de luz do outro lado foi interrompida por um movimento – alguém de calças escuras a andar de um lado para o outro. Depois, viu as pernas nuas de uma mulher em posição fetal na cama. Estava a encolher-se de medo. Foi quando Molly se inclinou para ver melhor que vislumbrou a arma. Não se lembrava de alguma vez ter visto uma e ficou surpreendida com o seu tamanho.

– Traz-me essas raparigas ou eu mato-te – cuspiu ele, mais alto do que qualquer tiro.

Vaughn.

Molly pegou na pilha de lençóis e toalhas e correu para o patamar e para o andar seguinte no momento em que a porta por onde tinha estado a espreitar se abriu. Por cima da balaustrada, olhando para baixo, viu o olhar do homem quando a encarou. Por um segundo, ficaram os dois petrificados, até que Vaughn levantou lentamente o braço, com a arma ainda na mão. Apontou-a a Molly e a seguir fez um movimento brusco, como se tivesse mesmo puxado o gatilho. Depois riu-se e foi-se embora. Passado um momento, Luba apareceu à porta em roupa interior, com sangue a escorrer do nariz. Foi então que Molly continuou a subir as escadas a correr, acrescentando «nunca levei um tiro» à sua lista de bênçãos.

24

HANNAH – AGORA

Consegui evitar ficar sozinha com o Rob durante vinte e quatro horas, mas, quando cheguei a casa, a minha mente ainda estava em alvoroço por causa do que ouvi atrás da porta fechada no Scarlett's: a voz perversa do Vaughn, as suas palavras a disparar pelo altifalante enquanto alguém na sala discutia com ele. Não esperei para ver quem se atrevia a contrariar o Vaughn e corri para o carro; só queria sair dali.

Agora, encontro o Rob no escritório, sentado atrás da secretária. Chama-me quando tento passar despercebida pela porta semiaberta a caminho da cozinha.

– Olá – respondo. – A Natalia e a Amber ainda não chegaram?

O Rob abana a cabeça, olhando para mim com os dedos a pairar sobre o teclado.

– Ainda estás a trabalhar?

Acena novamente com a cabeça. Não posso dizer que saiba com cem por cento de certeza o que é que ele passa o tempo a fazer exatamente, debruçado sobre a secretária até altas horas da madrugada, mas estou contente por ter deixado o banco há alguns anos. No fim de contas, não tinha nada a ver com ele. Durante o tempo em que lá trabalhou, chegou a diretor regional, e qualquer pessoa podia ver que o homem que era não se enquadrava facilmente num fato cinzento e num gabinete sem janelas. Tinha escolhido a profissão para tentar seguir o mais possível as pisadas do pai e ter um trabalho de escritório, mas toda a gente sabe que sapatos de tamanho errado não nos levam muito longe.

– Onde estiveste? – pergunta inexpressivamente.

Hesito antes de responder. Há qualquer coisa que não bate certo.

– Primeiro fui ao grossista. Depois tive de fazer uma visita a um potencial

cliente. Depois disso, voltei para o escritório. – Normalmente não explicaria de uma forma tão mecânica, mas não quero que ele saiba que fui ao Scarlett's. – Onde está a Belle?

– Foi com a Natalia buscar a Amber – diz ele. – Esteve em casa o dia todo.

– Pequenas bênçãos – comento, virando-me para me ir embora.

– Porque é que mudaste o código do cofre?

Detenho-me, virando-me lentamente. Naquela fração de segundo em que os nossos olhos se encontram, vejo o sentimento de traição nos olhos do Rob.

– Por nenhuma razão especi…

– O que é que lá puseste, Hannah?

Encolho os ombros, abanando a cabeça.

– Nada, são só os documentos do costume e isso. Mudei o código quando tirei as joias de aniversário da Belle. Devemos fazê-lo de vez em quando, por causa do seguro. – Dirijo-lhe um sorriso e viro-me para me ir embora.

– O que é isto? – pergunta o Rob. Ouço algo a cair em cima da secretária e, quando me viro novamente, vejo uma pasta lisa à frente dele.

A pasta que contém as fotografias.

Não me vem nada à cabeça enquanto olho para a secretária do Rob. Esgotei as mentiras. Só sei que não sou capaz de olhar para ele. A minha boca abre-se e sai um coaxar, que rezo para que se transforme em palavras inteligíveis… *Não faço ideia… Quem raio fez isto?… Nunca as vi na minha vida… O que devemos fazer?…*

Mas as palavras não são necessárias quando a porta da frente se abre e as minhas duas filhas aparecem no corredor, com a Natalia na retaguarda a carregar a mochila da Amber.

– Olá, mãe – diz a Amber. – Hoje o ATL foi espetacular. Andámos nas plataformas elevadas e fui a única corajosa o suficiente para experimentar a tirolesa grande.

– Isso é fantástico, querida. Muito bem. – Devolvo-lhe o abraço quando ela se enrola à minha volta, respirando a excitação do seu dia.

A Belle passa silenciosamente pela porta do escritório e sobe as escadas.

– Acho que 'tá chateada – sussurra-me a Natalia, com os olhos a seguir a Belle enquanto se aproxima de onde estou, colada à porta do escritório. – Olá, Rob – cumprimenta, vendo-o. Mas é a mim que está a confidenciar

sobre a Belle.

– Certo, obrigada, Natalia.

Viro-me e sigo-a para a cozinha, grata pela fuga oportuna. Embora saiba que a pasta não vai desaparecer por si só e que vou ter de enfrentar o Rob mais cedo ou mais tarde. O que quero saber é como é que ele acedeu ao cofre. O novo código que defini é algo que só eu saberia. A minha mente agita-se, tentando inventar uma razão para ter as fotografias… para não mencionar a última fotografia da pasta.

– A Belle está chateada com o Jack? – pergunto à Natalia enquanto lava as mãos no lava-loiça. Tenho o cuidado de não usar o nome verdadeiro.

– Sim, acho que é isso – diz ela, abrindo o frigorífico e tirando de lá um pouco de carne picada, uma cebola e um pacote de cogumelos. – Faço bolonhesa como ela gosta. Eu sei o que é ter rapaz que trata mal.

Foi a sua franqueza e honestidade que me atraiu para a Natalia quando a entrevistei para o papel de *au pair*. Não teve medo de me contar os erros da sua vida… e muitos deles coincidiram com os meus. Toda a gente tem uma história e, quando aprofundamos o suficiente, é surpreendente como, na maioria das vezes, a raiz do trauma das pessoas começa com o amor. Ou, mais precisamente, com a falta dele.

Deixo a Natalia a preparar o jantar para as miúdas e subo até ao quarto da Belle. Bato à porta, mas ela não responde, e abro-a um pouco. Está sentada de pernas cruzadas na cama, debruçada sobre o telemóvel com os auscultadores. Tirando o tamanho e o estilo das roupas no roupeiro, o quarto dela não é muito diferente do que era quando tinha onze anos. O mesmo papel de parede das princesas da Disney – dei-lhe o nome de Belle por causa de *A Bela e o Monstro* – e a cama de solteiro com o seu dossel de *voile* cor-de-rosa a cair em dobras sussurrantes e finas. O seu toucador branco está cheio de maquilhagem e mais produtos de beleza do que alguma vez soube que existiam, alisadores de cabelo e um secador, escovas e pentes e uma variedade de bijuteria barata que tem vindo a colecionar ao longo dos anos.

Olha para cima quando entro, tira os auscultadores e deixa-os pendurados ao pescoço.

– Se vieste para me fazer outra vez o teu discurso de mãe, esquece – diz a Belle. Nunca a ouvi soar tão fria.

– A Natalia disse que estavas chateada. Vim ver se estavas bem.

– Estou ótima. – Olha para o telemóvel e brinca com o nó da camisa que atou mesmo acima da cintura.

– Tiveste notícias do Jack hoje?

– O que é que tens a ver com isso? Tu odeia-lo de qualquer maneira.

Sento-me na beira da cama, presumindo que o seu tom zangado significa que não, não teve notícias dele. É evidente que a ânsia por algum contacto está a consumir a minha filha. A podridão instalou-se.

– Ainda está em Londres?

A Belle acena com a cabeça.

– Eu já vivi em Londres – digo-lhe, surpreendendo-me a mim mesma. Agora que o Rob sabe, é apenas uma questão de tempo até que a Belle também saiba, e prefiro que o ouça de mim. – De facto, foi onde tu nasceste.

Levanta a cabeça e vejo a confusão na sua cara.

– Mas eu pensava que tinha nascido aqui em Bristol.

Nunca houve qualquer razão para a Belle ver a sua certidão de nascimento e, quando a registei, só tínhamos chegado a esta cidade há duas semanas – perdidas e sozinhas, só as duas. Foi o comboio que ia sair de Paddington a seguir que me trouxe até aqui – não tinha planos para ir para nenhum sítio em particular, mas sabia que não podia ficar em Londres. Dizer à funcionária da conservatória que a minha filha tinha nascido em casa, em Londres, foi uma das poucas vezes em que não menti. Talvez tenha ficado com pena de mim quando lhe contei que tinha chegado inesperadamente, que estava sozinha e aterrorizada, que não tinha tido oportunidade de chegar ao hospital. Parecia satisfeita e, no final, desinteressada na longa história triste que tinha ensaiado mil vezes em frente ao espelho partido da casa de banho da pensão. Havia uma fila de pessoas na sala de espera que ela tinha de atender antes de fechar. Quando perguntou o nome do pai, disse-lhe que não sabia. Também era verdade.

– Mas saímos de Londres pouco depois de teres nascido – admito. – Não era um bom sítio para criar uma criança – acrescento, querendo que conheça as minhas razões. E é verdade; se tivesse ficado onde estava, a Belle ter-me-ia sido tirada, talvez deixada à porta de uma loja ou abandonada numa esquadra da polícia… ou pior. Os bebés significavam erros, perda de rendimentos, descuido, e eu já lhes tinha custado o suficiente.

Acena com a cabeça, pensativa por um segundo.

– Perguntei ao Jack se podia ir para Londres com ele – diz a Belle baixinho.

– E…?

– Ele disse que não valia a pena. Que voltaria em breve. – Olha para mim, esperando que eu seja capaz de a tranquilizar, mas não sou. Parece tão triste.

Imagino-o a levá-la para os Claustros, supondo que é por lá que ele ainda pára, e a cara da Belle ao entrar. A perspetiva de uma viagem à capital seria entusiasmante para ela ao início. Nunca lá esteve. Mas, depois, imagino o brilho das luzes da cidade a ser manchado pela realidade sombria da vida no cimo da escadaria suja – o cheiro a sexo, álcool e drogas a fazê-la sentir medo à medida que entra no mundo sórdido do Darren.

O *meu* mundo.

Estremeço. Pensamentos como este não têm lugar no quarto da Belle. O seu ambiente inocente não pode ser manchado pela vida que deixei para trás.

– Nunca falas do meu pai biológico – diz a Belle, tirando-me o fôlego. Os meus dedos enrolam-se à volta da capa branca do edredão, agarrando as pequenas flores bordadas. – Conhecia-lo sequer?

Fecho os olhos e visualizo-o. Quero dizer-lhe que sim, que o conhecia… que era bonito, meigo e amoroso, e que só queria estar na vida da Belle, embora as circunstâncias não o tivessem permitido na altura. Mas não posso, porque isso seria a maior mentira de todas.

Abano a cabeça.

– Estava num sítio mau – digo, sem mudar muito a minha lógica ao longo dos anos nas poucas ocasiões em que me perguntou. Tive o cuidado de usar respostas adequadas à idade sempre que ela me questionava sobre o assunto.

– Então, basicamente, eu fui um erro? – É a primeira vez que diz isto.

– Não, meu Deus, não, querida. Isso não podia estar mais longe da verdade.

A Belle não parece convencida, a julgar pela sua profunda carranca. Mas percebo que a ideia se adequa ao seu estado de espírito neste momento. Se acredita que não foi desejada, o produto de um erro descuidado, então isso fará com que seja mais fácil para ela afastar-se de mim; menos angustiante

estar com *ele*.

– Lembro-me da primeira vez que te peguei ao colo. Amei-te desde o momento em que te vi. Saber que tínhamos o mesmo sangue a correr nas nossas veias… de alguma forma, isso deu-me um objetivo. A partir do momento em que olhei para os teus olhos, escuros e perscrutadores, sabia que tinha de fazer tudo o que fosse possível para cuidar de ti.

A agonia do seu nascimento nunca me abandonou; os gritos e a dor que acompanharam a chegada da Belle ao mundo ainda assombram o meu sono, sendo *A Bela e o Monstro* da Disney a banda sonora ao longo do trabalho de parto – era o único DVD que tínhamos nos nossos aposentos sujos e estava a passar em modo de repetição. Ao longo dos anos, o trauma foi diminuindo à medida que construí novas vidas para nós aqui. Mas, agora que o perigo está de novo à minha frente, parece que foi ontem que a envolvi num cobertor e fugi.

– Alguma vez o quiseste contactar? – pergunta a Belle. – Ao meu pai verdadeiro?

Não consigo deixar de pensar se isto terá vindo do Jack… do *Darren*.

– O passado é o passado – respondo. Como é que lhe digo que o pai dela pode ser um de entre as centenas, se não milhares, de homens que nos visitaram? Que pode estar morto, ter a sua própria família, estar a viver nas ruas ou na prisão, ou não querer ter nada a ver com ela? Uma coisa é certa: ele não sabe o que nos aconteceu. – Seja como for, o Rob é o teu pai. Tu sabes quanto ele te ama.

A Belle consegue esboçar um sorriso.

– O Jack acha que eu devia encontrá-lo – diz, mas é o equivalente de me dar uma bofetada na cara. – Convidá-lo para o nosso casamento.

– Estou a ver – digo, hesitante. – Quero dizer, se é isso que queres, embora não saiba por onde hás de começar.

– O Jack diz que conhece pessoas que podem ajudar – responde a Belle, com o rosto a iluminar-se ao mencioná-lo. – Ele é muito bem relacionado.

– Tenho a certeza de que sim – replico, retribuindo o sorriso, embora ela não saiba o que quero dizer com isso, que ele só está relacionado com as pessoas erradas. Estendo a mão para agarrar a dela. – A Natalia está a fazer esparguete à bolonhesa para ti.

Faz um breve aceno.

– Ele alguma vez te pediu para fazeres alguma coisa que não te

agradasse… o Jack?

– Como o quê? – A Belle afasta a mão, pousando-a em cima do telemóvel.

– Enfim… Coisas sexuais, talvez?

– Coisas sexuais? – A Belle faz uma careta e salta da cama. – *Não* vamos ter esta conversa, mãe. Nunca.

Senta-se no toucador de costas para mim, embora os nossos olhares se cruzem brevemente no espelho. As suas bochechas estão rosadas e está a morder o lábio inferior – um hábito que costumava ter quando era pequena. Mordia a pele até sangrar, mas só quando estava chateada ou preocupada com alguma coisa.

Estou prestes a arriscar e ir mais longe, desesperada por perguntar sobre as fotografias que em breve vou ter de explicar ao Rob, mas o som do telefone da Belle a tocar na cama põe um fim a isso. Talvez seja pelo melhor, penso, enquanto a vejo saltar e lançar-se a ele. O problema é que sei exatamente por que motivo aquelas fotos foram tiradas.

– Jack, *olá* – diz a Belle alegremente enquanto lambe a gota de sangue do lábio.

25

HANNAH – AGORA

É verdade que estou a conversar com a Natalia durante mais tempo do que o habitual só para que ela fique na cozinha. Depois de ter terminado o jantar, a Belle pediu licença e voltou para o quarto, arrastando o peso da falta que sente do Jack atrás de si. Ao telefone, continuava a insistir que não era necessário que ela fosse ter com ele a Londres.

A Amber está sentada à mesa perto das grandes portas de vidro que dão para o jardim, com os auscultadores nos ouvidos enquanto vê algo no *tablet*. Tem uma embalagem de iogurte vazia à frente. Se a Natalia sair da divisão, cabe-me a mim meter conversa com a Amber para a manter por perto. Ponho mais pratos na máquina de lavar loiça, perguntando-me como é que vou evitar ficar sozinha com o Rob para o resto das nossas vidas.

– Tenho de me arranjar para ir ao *pub* – diz a Natalia enquanto limpa as superfícies. Diz «*pub*» como se fosse «páb». – Vamos jogar… como se diz? – Inclina-se para a frente na bancada, fecha um olho e estica a mão esquerda, enquanto o braço direito fica para trás.

– Hum, bilhar?

– Espero brilhar, mas não é isso. Que jogo é com bolinhas na mesa verde?

Apesar do nó de ansiedade que se esconde dentro de mim, consigo dar uma gargalhada.

– Sim, o jogo chama-se *bi-lhar* – digo-lhe. – Eu própria costumava jogar. Era bastante boa.

– Oh, podes vir ensinar. Eu vou com outras *au pairs*.

O Rob ergue o olhar da mesa, onde está a ganhar raízes desde que falou com as miúdas enquanto comiam. O olhar que me lança é um aviso: *não vais a lado nenhum*.

– Noutra altura – digo à Natalia. – Como correu a aula de Inglês? –

pergunto, pressentindo que está prestes a subir para o quarto para se arranjar.

– Bem – responde. – Aprendemos palavras iguais que significam diferente.

– Como «cinto» e «sinto»? – pergunto, gesticulando.

– Exatamente. E «sessão» e «cessão». Põe-me doida. – Faz uma careta e finge que arranca o cabelo cortado.

– Gosto do cor-de-rosa – comento, reparando que acrescentou um tom subtil à sua cor. – Oh, outra. «Rosa» e «rosa».

Ela parece confusa, por isso aponto-lhe para o cabelo e procuro uma fotografia da flor no Google para lhe mostrar. Quando ela está a olhar para o ecrã, chega uma mensagem do Jack… do *Darren*.

Afasto-o, sentindo as faces a arder. Enfio o telemóvel no bolso de trás sem a ler e fecho a máquina de lavar loiça com um estrondo, ligando-a. Quando olho em volta, a Natalia já se foi embora. E, para meu horror, a Amber também.

– Até que enfim – diz o Rob, olhando para mim do outro lado da cozinha. Estou de pé atrás da ilha, preferindo mil vezes estar sozinha numa agora. Ele levanta-se e vai fechar a porta da cozinha, mas então pensa duas vezes e sai, fazendo-me derreter de alívio. Porém, antes que consiga organizar os meus pensamentos, ele está de volta. Com a pasta nas mãos. Bate com ela na bancada da ilha. – Vais explicar?

A minha mente está em branco. Literalmente em vácuo. Sem respostas inteligentes ou histórias complicadas ou mentiras ou… nada. Estou vazia.

– Eu… – é tudo o que me sai. – Eu… – Consigo abanar a cabeça e depois deixo-a descair.

– Mas que raio, Hannah? Isto é uma merda séria. E tu achas que é correto escondê-las e não me dizeres nada?

Não faço ideia se teve a coragem de ver todas as fotografias que lá estão, incluindo a última da pasta. De certeza que, depois de ver uma única fotografia da nossa filha a posar daquela maneira, teria tido a decência de parar.

– Não sabia o que fazer – digo-lhe, o que não está longe da verdade.

– Onde é que as arranjaste?

Abano a cabeça.

Depois, para meu horror, o Rob abre a pasta. Uma a uma, espalha as

fotografias da nossa filha. Agarra-me no queixo e inclina-me o rosto para baixo para que eu tenha de olhar para elas. Cerro os olhos.

– Alteraste o código do cofre. *Querias* escondê-las de mim. Enquanto a nossa filha está a ser… *aliciada*, ou algo igualmente horrível, achas que não faz mal ignorar, deixar que isto aconteça à Belle?

É a única vez que posso dizer honestamente que queria gritar ao Rob que ela é *minha* filha, não dele, e estar a falar a sério. Que o bem-estar dela não tem nada a ver com ele; que ele devia afastar-se e deixar-me lidar com isto à minha maneira. Literalmente, a única vez. Desde o momento em que conheceu a Belle, no parque e depois no banco, sentiram-se atraídos um pelo outro. Sempre a tratou como se fosse sua.

Ao fim dessa tarde no banco ele ligou-me, para o telefone comum e sujo do alojamento onde alugava um quarto – o número que dera no meu pedido de abertura de conta bancária. Normalmente, ninguém se dava ao trabalho de o atender, incluindo eu, e também raramente tocava. Mas, por acaso, estava a debater-me com o carrinho da Belle para entrar quando a coisa retiniu no seu suporte na parede.

– Estou? – disse, com os braços a cederem por causa dos vários sacos de compras e da minha filha encavalitada na minha anca. Não conseguira carregar tudo de uma só vez pelos degraus de pedra do edifício e voltara atrás para ir buscar o carrinho. Largara as compras no chão antes que caíssem.

– É a Hannah Greene? – perguntou ele.

O meu instinto continuava a ser dizer não. A fuga de Londres ainda estava demasiado presente na minha mente, apesar de já ter decorrido algum tempo desde que tínhamos partido. Muitas vezes dava por mim a olhar por cima do ombro, a certificar-me de que não estava a ser seguida, a ser prudente com as minhas informações pessoais.

– Quem fala? – respondi cautelosamente.

– É o Rob. O Rob Mason do banco.

– Oh, olá – disse, pensando que devia haver algo de errado com a minha conta.

Tinha depositado cem libras em dinheiro para a abrir, embora me interrogasse se ele me ia perguntar onde estava o resto do dinheiro que tinha visto, se de alguma forma teria descoberto as dezenas de milhares que ainda precisava de depositar. Sabia que não podia fazer tudo de uma vez.

– Na verdade, só preciso de mais uma coisa de ti – disse ele.

– Há algum problema?

– Só se disseres que não.

Era óbvio que estava nervoso, mas eu não sabia bem porquê.

– Olha, sei que não devia usar a informação privada que me forneceste para te contactar, mas… bem, nunca fui bom com regras. – Depois soltou uma gargalhada atrapalhada. – Estava a pensar se gostarias de te encontrar comigo para uma bebida um dia destes. Ou uma caminhada. Ou qualquer outra coisa. Traz também a Belle.

– Uma bebida? – Por alguma razão estúpida, o meu primeiro pensamento fora que aquele era o protocolo habitual do banco para conhecer novos clientes, não que o facto de ele me ligar por razões pessoais era provavelmente uma enorme violação da ética bancária. De alguma forma, a minha mente esquecera-se disso.

– Desculpa. Sei que é pouco profissional e que provavelmente seria despedido se o meu patrão descobrisse. Mas… enfim. Quando nos conhecemos… gostei de ti, e pensei que…

– Ah, uma *bebida*, bebida? – disse.

– Ou um *passeio*, passeio, se for mais fácil com a tua filha.

Ri-me.

– Claro – dei por mim a dizer, aliviada por não ser nada de sinistro, enquanto encavalitava mais a Belle ao meu lado.

– Estás livre no fim de semana, talvez? – perguntou ele, a sua voz praticamente inaudível sob o choro crescente da Belle enquanto combinávamos o encontro.

De alguma forma, depois de terminada a chamada, pareceu-me um pouco mais fácil do que o habitual carregar tudo pelas escadas acima.

– Hannah… por amor de Deus, diz alguma coisa.

Assusto-me quando o Rob me agarra pelos ombros.

– Desculpa – digo, com sinceridade. Olho fixamente para as fotografias, aterrorizada com a possibilidade de a Belle entrar a qualquer momento e as ver. A última fotografia está meio escondida debaixo de todas as outras, embora eu veja uma perna nua esticada e parte de um pé a espreitar. E não pertence à Belle. – Eu… eu vou falar com ela. Tens razão. Estas fotos não são bom sinal. Vou garantir que nada disto volta a acontecer.

– Isto é tão, *tão* errado – diz o Rob, baralhando-as com a mão.

Uma coxa e algum sangue são revelados na última fotografia, embora o Rob não repare, pois os seus olhos estão fixos em mim. Lembro-me de como o sangue ficou escuro e pegajoso, como uma maçã caramelizada deixada ao sol. E o cheiro, enjoativo e metálico, o fedor da própria morte enquanto a vida se esvaía dela. Também olhei para ela nessa altura, tal como estou a olhar para a fotografia agora. Incapaz de me mexer e sem saber o que fazer. Sem saber o que tinha *feito*.

– Foi o Jack que as tirou, não foi? – cospe o Rob.

De repente, sinto-me a balançar para a frente e para trás. O Rob está a abanar-me. O meu cérebro vibra no crânio.

– Como é que as tens e porque é que as escondeste? A nossa filha está noiva de um monstro, por amor de Deus, e tu ias ignorar isso?

Abano a cabeça, perguntando-me se posso deslizar as outras fotos para cima da que tem o sangue sem o Rob perceber, tapando o horror com a imagem de Belle. *Não estás muito longe da verdade*, penso.

Mas, na sua raiva, a mão do Rob mistura ainda mais as fotos enquanto me implora para falar, para lhe dar respostas. Estou a preparar-me para ele chamar a polícia – ou pior, para que me diga que já o fez. Não sabe que não posso fazer isso. Não vê a corda que me prende as mãos atrás das costas.

Depois, suspira, expelindo toda a sua frustração enquanto recolhe as fotografias uma a uma, colocando-as na pasta. É então que vê.

A última fotografia. A rapariga morta deitada de lado no chão de madeira áspera, com as pernas e o corpo encharcados de sangue. O cabelo comprido está emaranhado na cara, mas não tanto que seja difícil perceber que não é outra fotografia da Belle.

– Quem é esta? – pergunta o Rob, lentamente. – Santo Deus – diz, estudando-a.

Vira-a, vendo-a de vários ângulos, tentando dar sentido à figura contorcida. *Tal como eu fiz em tempos*. O Rob enfia a fotografia debaixo do meu nariz. Quase consigo sentir o cheiro dela, o sabor dela, ouvir os seus últimos gritos suplicantes enquanto a vida se esvaía e ela se deixava ir. A mais indigna das mortes. Depois de tudo o que fez por mim, não merecia isso.

– O que é que eu *fiz*? – sussurrei na altura, agarrando-me à Belle… não que lhe tivesse dado um nome nessa altura. Mesmo a doçura que sentia ao agarrá-la contra mim, aquele cheiro adorável com que os bebés nascem, não

disfarçava o cheiro a morte. A bebé choramingou nos meus braços e, instintivamente, virei-a para longe da confusão no chão para que não pudesse ver.

– O que *é* isto? – grita o Rob perto da minha cara, fazendo-me sobressaltar.

As minhas narinas dilatam-se e respiro fundo, incapaz de tirar os olhos da fotografia.

– É… é uma rapariga – digo, forçando-me a olhá-lo nos olhos. Mas não lhe digo que a matei.

26

BELLE – AGORA

Todos saíram, até a Natalia. Graças a Deus. Saiu com o seu grupo da faculdade, uma viagem de autocarro para Birmingham ou algo assim. Belle sorri sarcasticamente. *Horrível*, pensa, mas está feliz que esteja fora do caminho. Nunca gostou muito de Natalia. Não há nada de intrinsecamente errado com ela, além do seu cabelo espetado – ah, e aquelas tatuagens nos antebraços são um pouco sombrias. Mas, de alguma forma, parece estar sempre por perto, a pairar, seja com um prato de comida, roupas limpas, a oferecer-lhe boleia no velho *Fiesta* que a mãe lhe comprou, ou a sentir que Belle pode precisar de um ouvido para a escutar. Às vezes precisa, mas não de Natalia. Já teve de a relembrar várias vezes de que só está ali para tomar conta de Amber e que, tendo dezoito anos, não precisa do raio de uma *au pair*.

Natalia responde normalmente com aquele seu olhar exasperante e de aço, que também está carregado de uma espécie de sabedoria que irrita Belle. Um olhar *conhecedor* – é isso. Sendo apenas alguns anos mais nova, Belle não gosta disso. Quer ter as suas próprias experiências de sabedoria e não ser apaparicada por uma rapariga que mal conhece.

– Provavelmente tem ciúmes de mim – murmura Belle para si própria enquanto se remexe na cama, afastando a ideia de que talvez seja o contrário.

Afinal, Natalia está num país estrangeiro, é independente, ganha dinheiro, aprende a língua, faz novos amigos. Tudo o que Belle sonhava fazer quando era mais nova, até há poucos meses. Mas agora está noiva de Jack e em breve será sua mulher, e já não precisa de se preocupar com essas coisas todas. Não é assim?

Belle espreguiça-se. Ainda nem sequer se vestiu e a única coisa que conseguiu fazer até ali foi beber duas doses de café expresso e olhar para o

telemóvel durante uma hora à espera de que Jack lhe respondesse. Mas não responde. *Deve estar ocupado com o trabalho em Londres*, pensa. Coisas importantes para poder dar uma boa vida aos dois. É o que a mãe sempre disse de Rob quando está com o nariz enfiado no portátil e às vezes trabalha aos fins de semana. *A trabalhar para termos uma boa vida*.

No chuveiro, Belle canta languidamente para si mesma enquanto depila as pernas. Não pode ficar deitada o dia todo a lamentar-se. Como é que isso a vai fazer parecer aos olhos de Jack? Como uma menina mal-humorada, é isso. Depois de se ter enxugado e secado o cabelo com a toalha, molhando as madeixas grossas com um *spray* de sal e torcendo-as em ondas de praia com o modelador, olha para as roupas novas que Jack lhe comprou. Fica entusiasmada ao imaginar um quarto de vestir na nova casa que vão comprar juntos. Tira do cabide um vestido curto e justo, cor de jade, e veste-o. Não é o que normalmente usaria durante o dia, mas quer impressionar.

Não, pensa. *Quero influenciar*.

Lá fora, com a mala pendurada ao ombro, Belle olha para o *BMW*. O *seu BMW*. O seu sorriso desvanece-se quando vê que um pássaro estúpido fez cocó no capô. Olha para o ramo da árvore pendurado, para o caso de o pássaro ainda lá estar e sentir algum tipo de remorso enquanto olha para ele. Mas não há pássaro nenhum. Volta para dentro de casa e regressa com um pedaço de papel de cozinha húmido, limpando a sujidade. Atira o papel sujo para a sebe ao lado da entrada. Depois, entra no carro.

– Espelho, sinal, manobra – diz para si mesma, tentando lembrar-se de tudo o que Jack lhe ensinou na meia dúzia de vezes em que a levou para ter aulas de condução antes de partir para Londres.

Tem de admitir que foi bastante boa a seguir as suas instruções, embora a maior parte do seu tempo ao volante fosse passado a contornar um parque de estacionamento velho e esburacado num terreno destinado a uma nova propriedade nas traseiras de um cinema que tinha fechado. Mas chegaram a ir para a estrada uma ou duas vezes, apesar de o carro não ter matrícula. Jack dissera que isso não importava, que ninguém havia de querer saber. E, pelo menos, tinha uma carta de condução provisória que o pai lhe tinha arranjado quando fizera dezassete anos. Mas as aulas de condução que prometera nunca se concretizaram.

– O que tens de aprender na vida, meu amor – disse-lhe Jack, inclinando-

se para ligar os limpa-pára-brisas para limpar as gotas da chuva que tinha começado a cair –, é que as regras não são para pessoas como nós. Se te concentrares apenas no que estás a fazer *mal*, como é que vais perceber quando estás a fazer as coisas *bem*?

Ela tinha pensado muito nisso. Fazia eco nela. Provocava-lhe um formigueiro na espinha e trazia-lhe um sorriso ao rosto. *Palavras para a vida*, decidiu então, e é por isso que decide ligar o *BMW* que mal sabe conduzir e fazer marcha-atrás na estrada para o trânsito. Alguém buzina e ela trava com força.

Daqui a trezentos metros, vire à esquerda, diz a voz do GPS quando ela se faz à estrada. Belle ouve as instruções durante os quinze minutos seguintes, enquanto agarra o volante com toda a força, olhando pelo pára-brisas com o rosto tão perto dele que a sua respiração pesada quase o embacia à medida que avança devagarinho. Quando se aproxima do Scarlett's, o coração dispara no peito. Ao virar na rua lateral onde se situa o clube noturno de Jack – com sinais circulares vermelhos e brancos a ladeá-la (que não sabe o que significam) –, vê-se confrontada com a perspetiva de estacionar o enorme carro. A rua é estreita e tem traços amarelos duplos de cada lado, mas pensa que mais ninguém vai conduzir por ali. No final, deixa-o meio no passeio estreito, em frente à porta descascada do Scarlett's. Vai fazer questão de que o estabelecimento tenha uma nova camada de tinta quando começar a trabalhar lá oficialmente. Para o tornar um pouco mais elegante.

– Tu outra vez – diz o homem ao abrir a porta depois de Belle tocar à campainha. Reconhece-o da última vez.

– Olá, Derek – trina ela. Pergunta-se se se lembrará do nome dela. – É Belle – acrescenta, pensando que é melhor habituar-se a que ela esteja por perto.

Derek acena-lhe rapidamente com a cabeça – meio tique e meio reconhecimento.

– Vim para conhecer os cantos à casa. Percebes. Habituar-me às coisas antes de começar a trabalhar a tempo inteiro.

Mais um tique de cabeça, mas desta vez os olhos de Derek percorrem de cima a baixo o corpo de Belle. Abre mais a porta, sorrindo e mostrando os dentes manchados de nicotina, vários dos quais em falta.

– Onde é o escritório, Derek? – pergunta ela, parando a meio do corredor. Aquele sítio precisa de um ambientador. Cheira como a gaiola do seu velho

gerbo. – Preciso de ver como as coisas funcionam.

– O patrão mandou-te, não foi?

– Claro – diz Belle, sem querer admitir a verdade. Da última vez, Derek nem sequer parecia saber quem era Jack. – Uma espécie de visita de integração, se é que me entendes.

Já ouviu a mãe usar essa expressão em relação a novos empregados. Parece uma coisa profissional a dizer. Não consegue deixar de pensar que Derek tem um ar divertido com alguma coisa, mas segue-o na mesma, decidindo que não se vai embora até conseguir o que quer. O vestido de jade parece já estar a funcionar, se a mão de Derek a deslizar pelas suas costas e a pousar no seu traseiro ao levá-la para o escritório sujo quer dizer alguma coisa. Afasta-se dele.

– É aqui – diz Derek, acendendo um cigarro depois de abrir a porta. Belle pergunta-se se é permitido fumar lá dentro. – Não é muito, mas é onde tudo acontece. Se é que me entendes.

Belle não tem a certeza se entende.

– Mas não é onde *tudo* acontece, certo? – É o que ela quer saber, o que foi ali descobrir.

Senta-se ao canto da secretária desarrumada, certificando-se de que tem a coxa à mostra, enquanto espera que se faça luz no cérebro lento de Derek, que perceba o que a leva ali. Uma das jovens professoras da escola costumava sentar-se assim à frente da turma e deixava todos os rapazes loucos. As coisas que Belle os vira fazer a coberto das carteiras teriam feito a pobre jovem professora fugir se soubesse. Os rapazes são tão horríveis, pensa, totalmente grata por ter um homem. Um homem *a sério*.

– Então, relembra-me lá onde é o estabelecimento em Londres outra vez. Onde o *resto* acontece.

Derek olha para ela sem perceber.

– Caso eu precise de comunicar alguma coisa ao… ao patrão.

– Ao Vaughn?

– Sim – diz Belle, sem fazer ideia de quem é Vaughn. Não pode ser assim tão importante porque Jack não o mencionou. Mas enfim. Só quer saber onde está Jack, porque ainda não respondeu à sua mensagem e isso não é típico dele. Desde que estiveram em França, pergunta-se se ele não terá ficado um pouco distante. Mas não quer pensar nisso ou, pior ainda, que possa estar a perder o interesse no noivado. – Sim, o Vaughn – repete.

– Referes-te aos Claustros de Winlow Court?

Belle fica-lhe grata por clarificar a que ela se poderá estar a referir, porque certamente não o sabe. Está a tornar as coisas muito fáceis.

– Sim, sim, os Claustros. Esse mesmo. – *Seja o que for*, pensa, sem sequer saber realmente o que é um claustro.

– Então, porque é que estás aqui outra vez? – pergunta Derek. Coça o queixo. Por detrás da barba a crescer, parece que a pele está inflamada.

– Já te disse – responde Belle, deslizando da secretária. – Para me orientar. – Caminha lentamente pelo pequeno escritório, encarnando o papel. Não há muito para ver. Alguns armários de arquivo cinzentos amolgados, estantes com papéis soltos ao monte, um cabide com um par de corta-ventos garridos pendurados e uma secretária velha… o tipo de coisa que se encontraria em lojas de caridade. – Antes de começar a trabalhar – acrescenta, porque Derek não parece convencido. Franze o sobrolho e continua a coçar-se.

– Vais trabalhar no escritório, ou quê? – Derek parece confuso. – Ou vais trabalhar com as outras raparigas?

– Provavelmente as duas coisas – diz Belle, abrindo uma das gavetas do armário de arquivo. – O Vaughn mandou-me… para ver o que precisa de ser limpo. Incluindo o pessoal – acrescenta, virando-se abruptamente para o encarar.

Derek recua visivelmente e endireita a postura. *Apanhei-o*, pensa Belle.

– Estamos numa missão de redução de custos. Sabes como é. Coisas. Ou *pessoas* – acrescenta, apreciando a autoridade que brotou dentro de si. Derek parece certamente preocupado agora. – O Vaughn está a apertar o cinto. – Finge que está a apertar um cinto e o movimento atrai os olhos de Derek para a sua cintura fina.

– Bem, certo – diz ele. – Claro que sim. Estou aqui há muito tempo. Posso dizer-te tudo o que precisares de saber. Os registos estão todos, pronto, atualizados.

– Eu é que decido isso – diz Belle. – Uma *Coca-Cola Diet* iria bem enquanto trabalho. – Encolhe o corpo na cadeira de plástico atrás da secretária desarrumada.

– Certíssimo – diz ele, agradecido por poder escapar-se. Mas não tarda a voltar com a bebida, pousando-a na secretária em frente ao lugar onde está agora sentada, fingindo ler umas contas e uns números sem sentido. Olha

para ele.

– Obrigada, Derek. Por agora é tudo. – Observa-o a sair, com toda a intenção de se ir embora também muito em breve. Mas, por acaso, o olhar cai diretamente sobre a pasta aberta à sua frente. E a verdade é que não gosta do que vê. Nem um bocadinho.

27

HANNAH – AGORA

Estou a pedir um café quando o vejo. Não sei se me viu, pois estou ao balcão e sou a próxima na fila para ser servida. Viro-me de costas para a porta, por onde ele acaba de entrar, para evitar conversas de circunstância, ter de falar com alguém. Ainda estou a recuperar de ontem à noite – das fotografias. Quais eram as probabilidades de *ele* estar aqui?

– *Latte* de soja, por favor – digo ao empregado e tiro o cartão da carteira. Já tenho uma mesa, depois de ter posto as minhas coisas na última disponível antes de fazer o pedido. À hora de almoço está sempre cheio. – E isto. – Pouso o *wrap* de pato com molho à Pequim que tirei do frigorífico no balcão.

– Nome? – O rapaz olha para trás, para a fila que não pára de crescer.

– Hannah – digo baixinho.

Depois, avanço um pouco para esperar junto ao balcão, dando uma olhadela por cima do ombro para verificar se é mesmo ele. Tenho a certeza alguns minutos mais tarde, quando, ainda de costas para as pessoas atrás de mim, sinto uma mão no ombro.

– Hannah? – pergunta uma voz grave.

Com isto, sou obrigada a virar-me. Finjo surpresa.

– Olá… Grant, não é? – digo, fingindo que não tenho a certeza. Deitei o cartão com o seu número para o caixote do lixo do quarto, enterrando-o debaixo dos discos desmaquilhantes usados e dos tufos de cabelo da minha escova. Afinal de contas, não ia precisar dele.

– Mundo pequeno – comenta.

– Muito – respondo, tirando o telemóvel do bolso e fingindo que estou a ver os *e-mails*.

– O senhor Zangado voltou a incomodar-te?

– Não – digo, olhando para cima com um sorriso distraído.

Acena com a cabeça e faz uma pausa.

– Isso quer dizer que posso convidar-te para uma bebida? Uma em que não tenha de me livrar de idiotas?

Fico paralisada.

– Oh, é melhor não – replico, sem saber para onde olhar. – Mas obrigada.

Uma expressão ligeiramente embaraçada percorre-lhe o rosto.

– Tenho um parceiro. Chama-se Rob – acrescento, na esperança de que ouvir o nome dele o impeça de prosseguir com o assunto. Não impede.

– Importas-te que partilhe a tua mesa, então? – Olha para o local onde já coloquei o casaco e o chapéu de chuva para reservar o meu lugar. – Não há lugares livres.

– Hum… claro – anuo, pegando no meu café quando o empregado chama o meu nome. Vou sentar-me e, alguns minutos depois, o Grant, o homem do *rugby*, com a barba cor de areia e o nariz torto, junta-se a mim. Bolas.

– O Rob é teu marido? – pergunta, tirando a tampa de uma caixa de *falafel* e salada de húmus. De alguma forma, ele e a comida que escolheu não combinam. Parece mais uma pessoa que gosta de presunto numa baguete com mostarda.

– Parceiro, na verdade. Mas já estamos juntos há muito tempo. – Rasgo o celofane em volta do meu *wrap* e tiro uma metade, com cuidado para não sujar a mesa. A atividade impede-me de encarar o Grant. Não me apetece falar.

– O que é que ele faz, o Rob?

– É consultor financeiro – digo-lhe, dando uma grande dentada.

Finjo que estou olhar para o telemóvel, percorrendo os *e-mails* sem pensar.

Foi o que fiz ontem à noite; tentei olhar para todos os lados, menos para o Rob, rezando para que não me questionasse mais sobre aquela última foto, como se uma rapariga morta não levantasse mais questões ainda. O que é que haveria de fazer? Ligar a televisão, sentar-me com uma boa chávena de chá e continuar com a minha noite? Não sei como é que não lhe contei tudo, como é que não lhe disse o que tinha feito, que vivi com a culpa durante tanto tempo e que ela me está a pesar há quase duas décadas. Pensando bem, não sei se foi apenas o choque de ver o seu corpo na fotografia, torcido e ensanguentado, que quase me fez confessar, como se procurasse a

catarse, o perdão, uma consciência limpa para o futuro. De qualquer modo, não consegui nada disso. Não senti qualquer purga instantânea da alma. Habituei-me tanto a viver com o que fiz, dia após dia, que também me habituei a viver com a vergonha. Não a *ultrapassei*, claro. Isso nunca vai acontecer. Mas estou familiarizada com ela. Como se a minha culpa fosse um membro a mais, deformado, ou uma doença incurável que me transformou, célula a célula, numa pessoa que não reconheço.

– *O quê*? – disse-me o Rob ontem à noite. Muito calmamente, tendo em conta a imagem que estava entre nós. Senti-me como se quisesse tossir uma bala de canhão que estava presa na minha garganta desde que a Belle nascera. Mas sabia que isso não ia facilitar-me a respiração. – O que *é* isto? – Ele estudou a fotografia, segurando-a perto da cara como se a rapariga morta lhe fosse sussurrar a verdade. – Onde é que a arranjaste?

Encolhi os ombros. A bala de canhão era demasiado grande.

– Por amor de Deus, estamos a falar da Belle, daquelas fotos lascivas. E agora *isto*.

– Deve ser um engano – disse, o mais perto da verdade a que consegui chegar.

– Consultor financeiro? – diz agora o Grant no café. – Dava-me algum jeito – acrescenta com uma gargalhada, olhando para mim enquanto põe uma bola de *falafel* com húmus na boca. A forma como os seus olhos se semicerram diz-me que não gosta. Que se limitou a tirar qualquer coisa do frigorífico enquanto estava na fila. – Na verdade, tenho uma herança. Não é muito grande, mas gostava de ter algum aconselhamento.

– Estou… estou a ver, pois – respondo. É mais difícil do que se pensa não olhar para uma pessoa quando ela está a tentar meter conversa. – Desculpa – digo, espreitando por baixo da mesa quando o meu pé bate acidentalmente no dele. Cruzo os tornozelos e prendo-os debaixo da minha cadeira. – De momento, está muito ocupado. Não sei se está a aceitar novos clientes. – Acima de tudo, não quero ter de explicar ao Rob porque é que conheci um homem num *pub* onde ele me deu o seu número e depois o vi num café, onde se juntou a mim para almoçar. Depois de ter encontrado as fotografias, isso pode não lhe cair bem.

– Posso ficar com o contacto dele? Marcar uma reunião, talvez?

– Não sei quem ela é – disse ao Rob enquanto estávamos na ilha da cozinha, com as fotos espalhadas à nossa frente. Ele abanou a cabeça

lentamente, sem saber com qual das fotos devia preocupar-se mais: as da nossa filha nua ou a da rapariga morta. Por isso, voltei a metê-las todas na pasta. – Vou queimá-las. Livrar-me delas. Depois fica tudo resolvido.

A boca do Rob torceu-se de uma forma que não reconheci. Agarrou-me no pulso.

– Diz-me o que raio se passa, Hannah, ou juro que vou à polícia. A nossa filha anuncia que se vai casar com um homem com idade para ser pai dela, depois descubro por ele que o conheces, que me mentiste sobre teres vivido em Londres, que talvez tenhas trabalhado para ele, mas não tens a certeza…

– Não te menti sobre isso. Só não me perguntaste.

– Cala-te – explodiu ele. – Depois descubro que escondeste fotografias da Belle nua e de uma *rapariga morta*.

– Sim – disse. Queria tanto que o nó à volta do meu pescoço se soltasse para poder respirar, mas não aconteceu. Durante muito tempo, não me apercebi do quão apertado ficara. E, agora, parecia mais apertado do que nunca. – Já te disse, vou falar com a Belle.

– Foi *ele* que tirou estas fotografias, não foi? O Jack. Aliciou-a e agora vai pô-las na Internet. O que é isto? Chantagem agora? Vai pedir-nos dinheiro? *O quê*? – gritou na minha cara. Nunca tinha visto o Rob verdadeiramente assustado, mas ontem à noite estava. Depois bateu com o punho na pasta.

Levanto os olhos do *wrap* de pato, do café e dos *e-mails*, e vejo o Grant a olhar para mim na expectativa, com os óculos sem armação pousados no nariz enquanto segura o telemóvel, pronto para inserir o contacto.

– Tens o número do Rob?

E, por alguma razão desconhecida, dou por mim a recitá-lo. E, depois, repito-o, para que ele possa verificar se anotou bem. Talvez esteja a pensar que, se arranjar um novo cliente ao Rob, isso possa fazer com que caia nas suas boas graças. Ou talvez não esteja a pensar de todo.

– Obrigado – diz o Grant, continuando a comer a sua sanduíche como se tivesse conseguido o que quer que fosse que se propusera fazer. – Diz-lhe que entrarei em contacto. – Por alguma razão, toca na aba do nariz, como se fôssemos coconspiradores num plano para apanhar o Rob.

– Claro. Claro, eu digo-lhe. – De repente, o meu *wrap* de pato não me sabe tão bem, por isso volto a fechar a tampa do café fumegante e pego na mala, no casaco e no guarda-chuva, atrapalhando-me com tudo, e levanto-me. – É melhor voltar para o escritório – digo. – Dia ocupado. – E deixo o

wrap e saio do café sem saber para onde raio estou a ir.

28

HANNAH – AGORA

Quando a Belle era pequena, fazia tudo por ela. Não estou a falar das coisas habituais, como dar-lhe de comer ou banho, certificar-me de que tinha roupa lavada para vestir ou de que o cabelo estava penteado e os dentes lavados. Isso é óbvio e, mesmo na altura, já ia muito além do básico. Refiro-me a fazer o possível e o impossível enquanto mãe – espremer-me até à última gota para o seu bem. Levei-me aos limites da maternidade, fazendo com que os meus instintos protetores se esticassem, mas sem rebentarem. Aterrorizava-me a ideia de a perder.

Por isso, se a Belle dissesse que queria *Choco Krispies* para o pequeno-almoço, mas eu só tivesse *Cheerios*, por mais atrasada que estivesse para o trabalho e independentemente do tempo que estivesse lá fora, metia-a no carrinho de bebé e íamos até à loja da esquina comprá-los. E mais umas guloseimas extra para acrescentar. E se a Belle não quisesse usar sapatos azuis na escola, então certificava-me de que ela tinha o tipo de sapatos que queria, mesmo que fossem vermelhos e lustrosos e tivessem brilhantes colados em cima.

Uma vez, quando tinha cerca de seis anos, a Belle quis ter aulas de *ballet*. Procurei e verifiquei todos os estúdios de dança num raio de 16 quilómetros, inscrevi a minha filha em aulas experimentais, andei a correr com ela para aulas, ensaios, espetáculos, a coser fatos até ficar com os dedos em carne viva e a visão turva às duas da manhã. Quando decidiu que odiava *ballet*, meti-a em aulas de música e comprei-lhe um violino, um piano, um clarinete. Dormia em casa de amigos todos os fins de semana em festas temáticas – as de princesas eram as suas preferidas. E eu ia regularmente à escola, marcava reuniões com a diretora da turma, com o diretor do ano, com o diretor da escola, acompanhando todas as queixas que a Belle relatava. Refeições escolares pouco saudáveis, não conseguir um

papel principal na peça de teatro da escola, ser despromovida para a segunda divisão da equipa de hóquei, demasiados trabalhos de casa.

E a Belle não era mimada. Não era uma pirralha.

Era eu que estava em falta, e sabia-o. Mas não sabia mais o que fazer para compensar tudo o que já tinha feito.

Mais tarde, antes de ir para casa, faço uma visita improvisada à C-Tech, sabendo que a Leanne e alguns dos meus outros empregados estarão lá. Passa um pouco das seis da tarde e ainda tenho a cabeça em água depois de ter esbarrado com o Grant no café. No edifício da C-Tech, encontro a Leanne a encher um frasco de *spray* na cozinha dos funcionários.

– Como é que está a correr? – pergunto-lhe.

Dá meia-volta e acena-me com a cabeça.

– Bem.

– A tua irmã está bem?

Encolhe os ombros.

– O companheiro da tua mãe ainda está lá em casa?

Outro aceno. Dirige-se para a área da receção e eu sigo-a, vendo-a humedecer a coleção de orquídeas espalhadas pelo espaço, verificando-as na aplicação Greene & Clean do seu telemóvel.

– Estás bem de dinheiro? – pergunto, sabendo que foi por isso que ela roubou, para ajudar a irmã. – Posso dar-te um adiantamento, se precisares.

Disseram-me isso uma vez, naquela *altura*, embora fosse outra promessa falsa. E pouco vimos do dinheiro que ganhámos, contando apenas com as gorjetas dos clientes e uma esmola ocasional para nos manter caladas. Não, para nos manter com *esperança*. Todas poupávamos o máximo que podíamos, confiando nos nossos esconderijos secretos de dinheiro para tentarmos comprar uma saída. Se mergulhássemos suficientemente fundo nos nossos cérebros viciados em drogas e álcool, sabíamos que nenhuma de nós queria estar ali, embora ninguém se atrevesse a admiti-lo. Fingir que estávamos a viver a melhor versão das nossas vidas era pura negação, mas permitia-nos continuar. Então, o vislumbre de algo normal – uma visão de como a vida poderia ser um dia – plantava a semente. Podia ser a compra de um *top* novo, de um batom, de um lenço ou de um livro, ou talvez esbanjar gulosamente em bolos, depois do qual voltávamos para os Claustros, com os braços carregados de sacos de coisas de que não precisávamos. O que acabava com qualquer fuga no futuro próximo e tínhamos de começar a

poupar do zero. No fundo, todas sabíamos que nunca iríamos sair de lá. Não até estarmos demasiado velhas ou doentes, ou mortas.

– Eu sobrevivo – diz a Leanne. – Não estou a roubar, se veio controlar-me.

Sigo-a enquanto entra e sai dos gabinetes separados que ladeiam o corredor circular em torno da receção. Cuida de cada planta, regando-a e alimentando-a, e corta as folhas quebradiças e flores mortas quando necessário. Tal como lhe foi mostrado. Depois, vai ao armário da limpeza e tira o aspirador, ligando-o e passando-o ao longo da alcatifa azul-acinzentada do escritório.

Desligo a corrente na tomada. O aspirador pára.

– Leanne… – Ela não me sai da cabeça desde a reunião em que se foi embora a correr, perturbada. A vontade de a ajudar, a ela e à irmã, de fazer o que for preciso para lhes dar uma vida melhor, é avassaladora, como se, ao salvar os outros, estivesse a salvar uma parte de mim. Mas sei que é uma ideia arriscada no momento em que as palavras me saem da boca. – Tu e a tua irmã querem vir viver comigo?

A Leanne vira-se para mim com o tubo do aspirador pendurado ao lado.

– O quê? – Vai ligar a corrente outra vez, mas impeço-a.

– Estou a falar a sério – insisto, apanhando-me de surpresa.

Não perguntei ao Rob, nem às raparigas, nem pensei nisto como deve ser de forma alguma. Mas, desde que fui buscar a Leanne ao seu apartamento no outro dia, desde que vi a sua irmã com medo, conheci aquele homem e ouvi falar da sua vida em casa, que isso não me sai da cabeça. Muito dela cheira a mim, ao meu passado, e quero fazer tudo o que puder para evitar que tenha isso no seu futuro.

– É que… bem, estou preocupada contigo – continuo. – Temos espaço no último andar para ti e para a Kate. A Natalia, a minha *au pair*, também está lá em cima e é adorável. Além disso, tenho duas filhas que seriam uma boa companhia para ti. A Amber é muito engraçada e querida, e a Belle… – Faço uma pausa, sem saber o que dizer sobre a minha filha mais velha. Ainda há pouco tempo, teria dito que é uma rapariga feliz, simpática, responsável, atenciosa e carinhosa, que se esforçaria por fazer com que a Leanne e a irmã mais nova se sentissem bem-vindas. Mas, agora, nem sei se a conheço. – Bem, a Belle está… está noiva.

– Fixe – diz a Leanne, atirando-se de novo à tomada. Eu impeço-a,

colocando a mão sobre o seu braço.

– Então, vens?

– Disse «fixe» por a sua filha estar noiva.

Por um segundo, vejo um olhar sonhador no rosto da Leanne, como se às vezes pensasse em como seria conhecer um bom rapaz, apaixonar-se, casar e ter filhos. Mas depois a realidade regressa e vejo o seu rosto voltar à forma familiar, todo linhas duras e ansiedade fixas numa carranca semipermanente.

– Vens? – Quero dizer-lhe que não, não é nada «fixe» a minha filha estar noiva. Na verdade, é o meu pior pesadelo, que por acaso se tornou um milhão de vezes pior porque está noiva de um homem que aliciou centenas de raparigas vulneráveis e que agora está a fazer o mesmo à Belle para me castigar.

– Não acha que isso seria um pouco estranho? – pergunta a Leanne, apoiando-se no comprido tubo prateado do aspirador. – É minha patroa. E a minha mãe?

– Já disseste que trabalha muitas horas, que tem dificuldade em lidar com a situação. E que não gostas do namorado dela. Pode ser só por uns tempos, até poupares algum dinheiro.

A Leanne olha para mim enquanto estamos frente a frente no corredor e as luzes fluorescentes do teto lançam uma luz forte sobre ela, realçando-lhe as órbitas oculares cinzentas, as covas fundas das bochechas, o brilho gorduroso do seu cabelo por lavar.

– Vais pensar nisso?

– Talvez – diz ela, voltando a ligar o interruptor com o pé.

O aspirador volta a funcionar e a Leanne vira-se para continuar o seu trabalho, enquanto eu caminho lentamente de volta para o meu carro, sem querer regressar ao local onde acabei de a convidar para viver.

29

HANNAH – AGORA

Não sei porque é que procuro o nome dela no Google. Talvez seja porque o Rob está fora num dos seus encontros – algo que faz de dois em dois meses há anos. Um grupo de colegas da indústria reúne-se periodicamente para discutir «tudo o que diz respeito ao mundo financeiro», segundo o Rob. Quando me contou pela primeira vez o que era, sorri, pois ambos sabíamos que era apenas uma desculpa para passarem a noite num hotel decente, comerem comida sofisticada, beberem muito vinho caro e, de ressaca, no dia seguinte, darem umas tacadas no campo de golfe antes de cada um ir à sua vida, muito provavelmente sem terem discutido nada do mundo financeiro. Mas, esta noite, não tenho um sorriso na cara. Apenas uma sensação de alívio por ele não estar aqui, mesmo que desta vez tenha partido com menos entusiasmo, como se não quisesse participar no encontro. Presumi que fosse porque não poderia interrogar-me mais sobre as fotografias e continuar a pedir-me informações. Ainda não o convenci de que não sei nada sobre a rapariga morta e ele não consegue confrontar a Belle com as fotografias. Isso ficou a meu cargo. E eu não o fiz.

Escrevo o nome da minha mãe no motor de busca. Há anos que não procuro informações sobre ela, desde que a Belle andava na escola primária. Da última vez que procurei, tinha uma conta privada no Facebook com uma fotografia de perfil que me fez arquejar. Nunca uso o meu perfil desatualizado e só tenho cerca de dez amigos na minha lista, e ela não é um deles. Embora continuasse a parecer-se com a minha mãe, com os seus inconfundíveis olhos franzidos como se houvesse uma luz brilhante permanentemente apontada a eles, os lábios finos e os lóbulos das orelhas pesados com argolas de ouro volumosas, havia algo nela que gritava que estava *diferente*. Por baixo das feições da mulher negligente de que me

lembrava, havia um inegável sentimento de felicidade. Doía profundamente pensar que não pôde sentir isso enquanto eu estava ao seu cuidado. Enquanto era filha dela.

E agora, ao clicar novamente no seu perfil privado do Facebook, vejo que há uma fotografia mais recente dela a olhar para mim. Nesta, os seus olhos estão completamente abertos, como se tivesse finalmente acordado, e os lábios parecem mais cheios, talvez tendo recebido um beijo que os devolveu à vida. Uma parte de mim está feliz por ela. Enquanto a outra parte está zangada como o raio.

Num impulso, tiro o cartão que o Grant do café me deu do caixote do lixo do quarto. De volta ao portátil, também procuro o nome dele no Google. Não estou à espera de encontrar muito ao pesquisar Grant Webster e, de facto, aparecem dezenas de resultados com o mesmo nome, mas nenhum parece ser ele, ou sequer relevante. Não sei nada sobre ele – o trabalho, onde vive, a idade (na casa dos quarenta, suponho), e mesmo uma pesquisa de imagens não me dá nada para continuar. Nenhum dos rostos que me devolvem o olhar é reconhecível como o homem do café. Uma pesquisa no Facebook dá no mesmo. Zero.

– Mamã, o que se passa com a Belle? – diz a voz da Amber, vinda da porta. As mãos dela estão agarradas à ombreira de cada lado, enquanto se balança para a frente e para trás. – Tenho fome.

Fecho rapidamente a tampa do portátil e deslizo do banco da cozinha.

– Porquê? Chateou-se com alguma coisa?

Será que é errado esperar que seja porque o Jack não lhe enviou nenhuma mensagem durante todo o dia, que as coisas estejam a arrefecer entre eles? Talvez, agora que voltou a Londres, tenha decidido que não vale a pena importunar-me a mim e à minha família e vá desaparecer. O que é que chamam a isso…? *Ghosting*?

– Ela não fala comigo. Disse asneiras. Disse-me para sair do quarto dela.

Respiro fundo e preparo umas sandes de manteiga de amendoim – algo para acalmar a fome da Amber e uma desculpa para ir ver a Belle e levar-lhe um prato.

– Querida, sou eu. – Bato à porta e, como não há resposta, entro. A Belle está deitada na cama a olhar para o teto. Invulgarmente, não está concentrada num ecrã e tem os auscultadores na mesinha de cabeceira. – Estás bem?

– Nem por isso – diz ela. Reconheço o tom da sua voz, aquele que me diz que quer falar, que quer que a ajude, que faça desaparecer o que quer que a esteja a incomodar. Mas vai fazer-me suar por isso.

– Toma, trouxe-te isto. – Pouso o prato ao lado dos auscultadores dela, juntamente com uma chávena de chá. – É o Jack?

Inesperadamente, abana a cabeça.

– Então, o que é?

A Belle senta-se e ajudo-a a afofar as almofadas atrás dela, tal como costumava fazer quando era hora de lhe contar uma história. Como ela adorava que lhe lessem histórias! Não me lembro exatamente quando é que o ritual parou, nem porquê, mas há muitos anos que ela não se debruça sobre as páginas de um livro comigo, com a sua respiração quente e doce no meu pescoço, a pedir-me para ler certas frases uma e outra vez, maravilhada com o desenrolar da história.

– Hoje fiz uma coisa estúpida – diz ela sem olhar para mim. – Conduzi o carro que o Jack me deu.

– Oh, Belle, *não*… Em que é que estavas a pensar? – Tento abafar o meu choque. – Estás bem? – Imagino o *BMW* esmagado contra um poste de iluminação, a cabeça da Belle contra o *airbag*, com a polícia a rodeá-la. Por alguma razão, à espreita no passeio, fora de vista, imagino o Jack parado a rir-se.

– Não sei porque o fiz – confessa. – Podia ter matado alguém. – A mão dela treme quando pega no chá.

– Ou a ti própria – digo-lhe eu, com um arrepio. – Onde é que está o carro agora? –pergunto, apercebendo-me de que não reparei que não estava na entrada quando cheguei a casa. Estacionar no lugar habitual foi fácil sem ele no caminho, mas na altura não percebi porquê.

– No trabalho.

– Trabalho? – Demoro um momento a aperceber-me. – Queres dizer… naquele lugar horrível?

– Não é horrí… – A Belle interrompe-se, e é óbvio que talvez esteja a pensar que sim, não é um lugar ao qual queira estar associada. – Sim, aí. O Jack vai ficar tão zangado comigo. Não sabia como dar a volta ao carro depois de o ter estacionado naquela rua estreita, por isso apanhei o autocarro para voltar. Não está num sítio muito seguro.

– Está bem, está bem – digo-lhe. – Não te preocupes. O teu pai e eu

vamos buscá-lo. Trazemo-lo de volta.

– Não, não contes ao pai. – A cara da Belle enruga-se de preocupação. – Por favor?

Suspiro.

– Está bem. Vou pedir à Natalia para me levar lá. Onde estão as chaves, amor? É melhor fazermos isso já.

A Belle vai à mala e tira-as, enquanto lhe peço para tomar conta da Amber. Depois chamo a Natalia, que está lá em cima, e pergunto se me pode ajudar.

– É aqui sítio certo? – pergunta a Natalia quando, vinte minutos depois, encostamos numa rua secundária.

– Sim. Olha – respondo, apontando para o *BMW* mal estacionado, meio em cima, meio de fora do passeio.

Está a bloquear completamente a faixa de rodagem estreita. Mesmo que as intenções do Jack fossem boas, comprar um carro à Belle, ainda por cima um *BMW* vistoso como este, foi uma escolha ridícula para um condutor novato. Mas sei que as suas intenções estão longe de ser boas. Faz parte do processo de a conquistar, de a fazer ficar em dívida para com ele.

– Outro homófobo – diz ela, orgulhosa, enquanto o motor do pequeno *Fiesta* fica em ponto morto. – Passeio e passei-o. De passar.

– *Homófono,* queres tu dizer – corrijo, sem conseguir esboçar sequer um sorriso. Pego na mala para tirar as chaves do *BMW*. – Vai para casa, Natalia – digo. – Obrigada pela boleia. – Indico-lhe como se volta para a estrada principal e dirijo-me para o grande carro preto. Estou prestes a entrar quando ouço vozes.

Três raparigas, um pouco mais velhas do que a Belle, sobem a rua lateral, de braços dados, enquanto caminham de saltos altos em direção à porta fechada do Scarlett's. Duas estão a fumar, enquanto outra está ao telemóvel a ter uma conversa acalorada que envolve muitos palavrões da sua parte.

Ficam lá fora a acabar os cigarros e a conversar em grupo.

– Olá – dou por mim a dizer, saindo do carro e aproximando-me lentamente delas. Elas viram-se como se fossem uma só, olhando-
-me de cima a baixo. Estou muito longe delas, uma mulher a aproximar-se dos quarenta anos, vestida com calças de fato de treino cinzentas e uma *T-shirt* velha, e com o cabelo preso com um gancho. Sem maquilhagem e com uma expressão azeda que provavelmente lhes faz lembrar as próprias mães.

– Trabalham aqui? – pergunto, olhando para o letreiro de néon partido por cima da porta.

Uma das raparigas acena com a cabeça, a mais alta, com o cabelo loiro quase branco a cair à volta dos ombros num rio de extensões de *nylon*.

– Porquê? – pergunta ela. – Tem… tem uma massagem marcada?

Engulo em seco. *Massagem marcada*. Nunca se fizeram massagens, nunca mesmo. Claro, havia óleo e alguma fricção na pele para aquecer as coisas, mas nenhuma de nós fazia massagens a sério… a não ser que houvesse uma rusga da polícia e fôssemos interrogadas.

– Não, não, não tenho – digo-lhe. – Estás aqui há muito tempo? – pergunto-lhe. – Estás bem? Quero dizer, sabes, a fazer isto? – Mudo o peso de um pé para o outro, sabendo como detestava este tipo de interrogatórios de pessoas bem-intencionadas.

Vejo-as a eriçarem-se, as suas posturas a tornam-se defensivas quando me atrevo a questionar as suas escolhas. Só que eu sei que não é uma escolha; posso garantir que nenhuma destas raparigas, ou qualquer outra que apareça para trabalhar no Scarlett's, *escolheu* usar o corpo para ganhar dinheiro desta forma. Terá nascido do desespero, da falta de outras opções e, mais insidioso e prejudicial ainda, do aliciamento feito por pessoas como o Darren para as levar a considerarem sequer essa opção.

– És tão bonita – disse-me enquanto estava nua em frente ao fotógrafo, a tremer. – Alguma vez alguém te disse que és perfeita?

Abanei a cabeça, sentindo o cheiro quente e bafiento de mim própria enquanto me encontrava no foco da luz brilhante. Quando começávamos, tirávamos todas fotografias para o *site*.

– Não – sussurrei. E era a verdade. Nunca ninguém me tinha dito isso.

– Quem é a senhora, o raio da boa samaritana? – pergunta uma das raparigas. Volta a enfiar o telemóvel dentro de uma mala grande que traz ao ombro. Sem dúvida que contém roupas para usar em casa mais tarde, roupas que não cheirem a sexo ou chamem a atenção enquanto caminha de volta para onde quer que viva ou apanha o autocarro noturno.

– Desculpa, não… não, não sou. Só… só alguém que quer saber se estás bem.

E, com isto, as três raparigas de saltos altos, saias curtas e *tops* minúsculos feitos de tecido frágil olham-me com escárnio de cima a baixo antes de atravessarem a porta podre e a descascar do Scarlett's.

30

MOLLY – ANTES

– Grávida? – repetiu Molly. Abraçou o roupão à sua volta e afastou-se de Hannah, quase como se estivesse contagiosa. – Não pode ser.

Sentiu-se desesperadamente triste por Hannah ao ver a angústia nos seus olhos. Tinham-se tornado tão próximas desde que chegara aos Claustros, uma sem-abrigo sem dinheiro e assustada, apesar de Molly a ter achado intimidante ao início. Engravidar era o pior pesadelo de qualquer profissional do sexo, especialmente ali, e ela não fazia ideia de como ajudar.

Hannah estendeu um tubo de plástico com duas linhas.

– Estou, porra. – Atirou-se para o velho sofá ao lado de Vanessa, que lhe ofereceu um cigarro. Hannah aceitou. Estavam só as três na sala.

– Há sítios onde podes ir – disse Vanessa, sem tirar os olhos da revista.

– Sim. Certo – disse Hannah, mas, enquanto olhava para o outro lado da sala, Molly viu outra coisa nos seus olhos, algo que dizia que não *queria* ir a nenhum desses sítios. Presumivelmente, a qualquer sítio que fizesse com que deixasse de estar grávida.

Mais tarde, Hannah e Molly ficaram sozinhas. Molly estava suada e precisava de um duche antes do próximo cliente, mas arranjou um momento para se sentar ao lado de Hannah, que dissera a Darren que estava naquela altura do mês e que tinha dores horríveis e não podia trabalhar. Darren, como sempre, não ficou muito satisfeito, dizendo: «Estás sempre com o…». Mas Luba acalmou-o com aquele seu jeito mágico a que homens como Darren pareciam reagir, e Hannah ficou com a noite livre. Luba piscou-lhe o olho por cima do ombro de Darren quando o envolveu nos braços.

– Só esta noite – rosnou Darren enquanto se afastava. – Senão serás tu a explicar ao Vaughn porque é que não estás a ganhar o teu sustento.

Hannah acenou com a cabeça, mas o peso no seu coração fazia com que

até um simples gesto parecesse difícil.

– Como é que aconteceu? – perguntou Molly enquanto estavam sentadas juntas. Todas as outras estavam a trabalhar. Usavam sempre preservativos.

– Ele era jovem, como nós – respondeu Hannah com naturalidade, embora houvesse agora outra expressão nos seus olhos. Algo melancólico. – Um principiante. – Enrolou o cabelo com uma mão e comeu uma barra de *Snickers* com a outra.

Molly fez uma careta. Não percebia. Eram sempre tão cuidadosas.

Hannah deu uma pancada na barriga mesmo por cima da cintura dos calções.

– Ele chorou quando o despi e estava a tremer, por isso deixei-o ir sem ele. Queria que se lembrasse da sua primeira vez como sendo especial. O cabrão não devia ter-se vindo, mas, tipo, tu sabes… – Ela fez um gesto de explosão com as mãos e caiu-lhe um bocado de chocolate na perna. – Só cinco segundos.

Então, Molly percebeu.

– Gostas dele, não gostas? – Leu o rosto de Hannah. Misturada com a tristeza que rodopiava no seu olhar leitoso, estava alguma coisa fresca e nova. Algo que ela não estava habituada a ver nos olhares vagos de nenhuma das outras raparigas. Algo terno e real. – Ele também gosta de ti?

Hannah encolheu os ombros.

– Não lhe contei. – Voltou a tocar na barriga lisa.

– Vais contar? O que é que vais fazer? – A mente de Molly estava às voltas com o que a amiga tinha pela frente. – Eu ajudo-te no que escolheres.

De repente, Hannah estendeu a mão e agarrou a de Molly, apertando-a com tanta força que teve de morder a língua para conter um grito.

– Tenho medo – sussurrou ela. – Quero ficar com ele. Quero mesmo, mas o Darren e o Vaughn vão matar-me.

Molly acenou com a cabeça. Era certamente uma possibilidade… se não fosse no sentido literal, então tornar-lhe-iam a vida impossível.

– Como é que ele se chama? – perguntou Molly. – Vai ajudar-te?

Hannah encolheu os ombros.

– Não passa de um cromo que ainda vive com a mãe. Chorou quando me disse que era virgem. Depois disse que me amava. Mas sim, gosto dele. Ele era… doce e… *diferente* dos outros. – Voltou a apertar as mãos de Molly. – Vem comigo – disse, fazendo-lhe sinal para entrar no quarto. – Quero

mostrar-te uma coisa.

Depois de entrarem, Hannah ajoelhou-se e puxou o tapete para trás, revelando as velhas tábuas abauladas do chão que rangiam a cada passo. Olhou para cima, com um dedo sobre os lábios.

– Não contes isto a ninguém – sussurrou, olhando para a porta. Depois, agarrou numa das tábuas do soalho que parecia ter sido cortada anteriormente, talvez para colocar canos ou fios, e levantou a secção de madeira completamente para fora. Então, escavou o espaço por baixo e tirou uma faca. Tinha um cabo de madeira e uma lâmina de 15 centímetros e, apesar de estar empoeirada, estava claramente afiada. – Tinha-a comigo quando aqui cheguei. Nunca a encontraram, ou ter-ma-iam tirado juntamente com o passaporte e as outras coisas. Era… era do meu pai. Da sua oficina. É… especial para mim. Tirou-me de alguns apuros, posso dizer-te. – Hannah tinha lágrimas nos olhos.

Molly ficou de queixo caído quando se agachou ao lado de Hannah, lançando um olhar furtivo para a porta.

– O que é que vais fazer com isto? – Por um momento horrível, Molly perguntou-se se Hannah iria pedir-lhe para lhe fazer a operação, para a ajudar a livrar-se do sarilho. Mas, em vez disso, Hannah levantou a mão e cortou uma linha fina como papel na parte carnuda da palma da mão. O sangue brotou.

– Dá-me a tua mão.

Cautelosamente, com os olhos arregalados e confiantes, Molly estendeu a palma da mão e permitiu que ela lhe fizesse uma incisão semelhante e indolor. Uma linha de sangue igual apareceu na sua pele. Depois Hannah uniu as palmas das suas mãos, pressionando os cortes finos um contra o outro. Ficaram assim durante alguns minutos, e apenas o som das suas respirações era audível enquanto se olhavam nos olhos, com os rostos próximos.

– Agora somos irmãs para sempre, não é? – disse Hannah, finalmente recuando. – O nosso sangue corre nas veias uma da outra. Significa que cuidaremos uma da outra, *sempre*. Se alguma coisa acontecer a uma de nós, a outra trata do assunto.

Molly acenou com a cabeça, sentindo o peso dessa responsabilidade.

– Claro, Han. Irmãs para sempre. – Inclinou-se e deu-lhe um abraço apertado. – Então… então vais mesmo ficar com ele, com o bebé? – Todas

sabiam que gostar de rapazes era proibido, pelo menos *nesse* sentido. Podia-se gostar deles apenas o suficiente para se sentirem especiais, para que voltassem para mais. Mas amor ou sentimentos não eram permitidos.

– Não vês? – disse Hannah. – É uma razão para sair daqui, Mol. Uma oportunidade para começar a *viver* de verdade. Eu e o meu bebé. – Pela primeira vez, Molly viu verdadeiro entusiasmo nos olhos de Hannah. Pensou que era assim que a esperança se manifestava.

Molly pensou sobre isso, sobre sair dali. Não tinha a certeza se ter um bebé era realmente uma razão para viver, ou se talvez fosse o início de outra coisa – uma morte lenta provocada por se ser tão completamente responsável por um ser humano indefeso que o resto murchava, tornando-se ainda mais indefeso e dependente do que a criança. A sua própria mãe era uma nulidade, afinal de contas. Não se conseguia imaginar a ter um filho; o que é que faria com ele depois de nascer ou como arranjaria dinheiro para o alimentar ou vestir. Havia tantas incógnitas impossíveis de responder que aguardavam Hannah e para as quais Molly não tinha nenhum conselho. Por isso, tudo o que disse foi:

– Podes ficar com todo o meu dinheiro, tudo o que poupei até agora. Não é muito, mas pode ajudar-te.

Hannah apertou-a ainda mais.

Na semana seguinte, Vanessa massajou as costas de Hannah enquanto esta estava deitada no sofá flácido, a contar como o aborto tinha sido horrível, como se sentia doente e arrependida, mas que tinha sido a decisão certa. Antes, no telhado plano, enquanto fumavam, Hannah e Molly tinham delineado um plano: Hannah esconderia a gravidez de toda a gente e, entretanto, poupariam o mais que pudessem entre elas, roubariam os clientes que deixassem as carteiras sem vigilância, furtariam coisas para vender quando fossem às compras e ambas ofereceriam os seus serviços nos dias de folga, pondo-se à beira da estrada conhecida como a «milha vermelha» de saltos altos, meias, saias curtas e maquilhagem. Sabiam que seriam corridas pelas raparigas e pelos seus chulos que trabalhavam naquela zona, mas mesmo que apenas lhes rendesse umas libras a mais, valeria a pena o incómodo. Achavam que tinham alguns meses antes de a gravidez se começar a notar o suficiente para chamar a atenção e, até lá, Hannah encher-se-ia de comida para ficar o mais gorda possível e explicar assim a sua barriga saliente.

– Uma vez vi isso num filme – explicou Molly. – Uma rapariga fez isso para esconder dos pais que estava grávida. Deu à luz no chão da casa de banho antes de o bebé estar pronto para nascer.

Hannah estremeceu.

– O que é que aconteceu?

Molly fez uma pausa.

– Correu tudo bem. Os pais ficaram muito contentes e viveram todos felizes para sempre. Sim, correu tudo bem.

Mas, quando pensou no filme, lembrou-se de que tinha corrido tudo menos bem.

31

HANNAH – AGORA

– Como correu o golfe? – pergunto ao Rob assim que chega a casa, mas é apenas uma maneira de tentar apagar o fogo que vejo a arder-lhe nos olhos quando entra com um pequeno saco de viagem na mão. Sei que vai querer continuar a conversa que tivemos antes de ir para o encontro só de homens; que vai querer saber porque é que tinha aquelas fotos escondidas no cofre, porque imagino que fosse apenas isso que tinha na cabeça enquanto dava tacadas na bola.

– Não vou ficar, Hannah – diz ele, surpreendendo-me. Por uma vez, não parece estar de ressaca e não tem nenhum saco de golfe ou roupa suja evidente.

– O quê? – Estupidamente, olho para o forno. Estou a fazer o seu jantar preferido, frango marroquino, uma tentativa fútil de distração e apaziguamento. – Porquê?

– Isto está tudo errado. – Faz um gesto com a mão entre nós. – Escondeste-me fotografias explícitas da nossa filha e de uma rapariga morta, e não tens qualquer explicação. – O seu rosto está contraído e cansado, como se estivesse a ser comido de dentro para fora. O seu humor está longe de ser aquele com que costuma regressar destas reuniões, entorpecido pelo álcool mas contente.

– Rob, não faças isso. – Aproximo-me dele e agarro-me aos seus antebraços, captando o cheiro rançoso a cigarros. Que eu saiba, o Rob nunca fumou. – Temos de falar. Não é o que estás a pensar, de todo.

Esta é uma boa altura para mudar a minha história. Em todo o tempo que passámos juntos, sempre nos apoiámos um ao outro, sempre jurámos que, independentemente do que o outro fizesse, estaríamos ao lado um do outro – embora nunca tenhamos dito os nossos votos de casamento. Nada disto é para o melhor ou para o pior, na riqueza ou na pobreza. De repente, parece

que é cada um por si.

– Só vim buscar umas coisas. – Afasta-se de mim, prestes a sair da cozinha, mas pára. – Falaste com a Belle sobre as fotografias? *Ele* esteve aqui?

Deixo a cabeça descair.

– Não, ainda não. E não, não esteve. Parece que ainda está em Londres e a Belle anda por aí a lamentar-se de trombas porque ele não lhe manda mensagens. – Decido não mencionar o facto de a Belle ter conduzido o carro.

A expressão do Rob muda, suaviza-se um pouco.

– Tenho esperança de que isto morra por si, Rob, que tudo volte ao normal. – Sei que isso não vai acontecer. Não até o Darren conseguir o que quer; o dinheiro ou a Belle. – Não quero que vás. – Imagino-o enfiado num hotel, a tamborilar com os dedos enquanto tenta perceber o que aconteceu à nossa família: porque é que a Belle está noiva de um homem com idade para ser seu pai e porque é que eu escondi aquelas fotografias. No fundo, sei que quer ir à polícia, mas pergunta-se o que estou a esconder, se ainda me vê da mesma maneira. A resposta para ele é fugir. – Precisamos de nos unir, não de destruir a nossa família. Não consegues ver isso?

Os ombros dele afundam-se e dá um passo na minha direção. Sei que se me puxar para os seus braços, se me deixar derreter contra ele, vamos conseguir resolver tudo. Poderei explicar-lhe tudo, contar-lhe o que aconteceu, como eu e a Belle fugimos para nos salvarmos, a coisa terrível que tive de fazer para escapar, porque é que o Darren me está a chantagear, e depois ele vai perdoar-me. Resolveremos esta confusão juntos e tudo voltará ao normal. Mas isso não acontece, porque a campainha toca. Toca uma e outra vez, a velha campainha a cortar outra linha entre nós, enquanto estamos frente a frente, imóveis.

– Não vais ver quem é?

Aceno. Quando abro a porta da frente, dois rostos jovens olham para mim. Cada uma das raparigas tem uma pequena mochila pendurada nos ombros.

– Leanne – digo, chocada por a ver e à irmã ali paradas. A Leanne põe um braço à volta da Kate.

– Podemos ficar? – pergunta.

– Claro… claro. – Mesmo com tudo o que se está a passar, não posso mandá-las embora. Então, sinto uma presença atrás de mim. O Rob. Ouço-o

dizer qualquer coisa, mas não consigo desenredar as palavras na minha mente. Há *merda* e *era o que faltava* e *hotel* e *confusão* e sei que tem toda a razão, mas as expressões nas caras daquelas raparigas fazem-me alguma coisa quando penso qual é a alternativa para elas. – Rob, elas precisam de nós. Por favor… – Mas, quando me viro, vejo o Rob a subir as escadas, dois degraus de cada vez. – Entrem – digo às raparigas, abrindo mais a porta e trancando-a atrás delas como se isso pudesse de alguma forma impedir o Rob de sair.

Na cozinha, faço-lhes chá quente com açúcar e sento-as no grande sofá que dá para o jardim. Ainda há claridade e os olhos da Kate arregalam-se quando vê os baloiços de madeira e a estrutura de trepar da casa da árvore onde a Amber e a Belle não brincam há anos.

– Tornou-se demasiado – diz a Leanne. – Lá em casa.

– Eu compreendo – digo-lhe. – Compreendo mesmo.

Depois, sirvo-lhes um pouco do frango que tenho no forno, juntamente com um pouco de arroz que aqueço no micro-ondas. Sentam-se à nossa mesa a comer em silêncio, como se não comessem bem há uma semana. Os seus corpos magros dizem-me que provavelmente é o caso.

– Volto já – digo-lhes, e vou à procura do Rob no nosso quarto, onde está sentado na cama com uma mala vazia ao seu lado e a cabeça entre as mãos.

– Dei o teu número a um homem – digo simplesmente para iniciar um diálogo. – Chama-se Grant Webster. Queria conselhos financeiros sobre uma coisa. Ele ligou-te? – A minha esperança é que, ao arranjar-lhe um novo cliente, ganhe mais pontos e ele não faça as malas e se vá embora, e eu não tenha de lidar sozinha com a Belle, a Leanne e a Kate e toda esta triste confusão. – As miúdas vão ficar de rastos se te fores embora.

O Rob abana a cabeça, olhando para o colo.

– Eu… eu não me vou embora – diz-me, e o nó de medo no meu estômago desfaz-se um pouco. Olha para mim. – É a última coisa que quero. Mas… mas aqueles problemas de trabalho de que te falei – continua, passando as mãos pela cara cansada – não são assim tão pequenos como eu pensava. E não desapareceram.

– Oh, Rob… Vai correr tudo bem. *Nós* vamos ficar bem – digo, sentando-me ao lado dele.

Os nossos ombros estão a tocar-se. Somos quase uma frente unida outra vez. Como é que lhe posso dizer que o Darren está prestes a apertar o nó à

volta do meu pescoço e que vou ter de vender a casa? É isso ou perder a Belle para ele. Agora que me encontraram, não me vão largar. Estava a iludir-me com a possibilidade de isto acabar, de o Darren deixar a Belle e a nós em paz. Sei que isso não vai acontecer.

– Quem são aquelas raparigas lá em baixo? – pergunta ele, e eu explico.

O esforço de fazer uma expressão vagamente exasperada parece ser demasiado para ele, mas o breve aceno de cabeça diz-me que não vai resistir, que o facto de as alojar por umas noites não vai fazer mal.

– A Natalia vai olhar por elas – digo, sabendo que é verdade. – Ele telefonou-te? Aquele tipo, o Grant?

O Rob abana a cabeça.

– Um cliente novo não vai mudar nada, Han – confessa. – Ele é um investidor ou algo do género?

– Não sei. É só um tipo que me ajudou quando… – Não contei ao Rob que me encontrei com o Jack… com o *Darren*… no *pub* naquela noite, como o Grant interveio quando ele se enfureceu. – Foi quando tive problemas com o carro, o Grant ajudou-me. Falei-lhe de ti e em que é que trabalhavas. Foi só isso.

– O que achas de um novo começo? – pergunta o Rob de repente, virando-se para mim. Agarra-me nas mãos. – Num sítio completamente novo?

Quero dizer-lhe que parece perfeito – nós os quatro a sairmos das nossas vidas, a deixarmos tudo para trás como se nos tivéssemos evaporado.

– Mudarmos de casa?

Acena com a cabeça.

– Talvez até para o estrangeiro. Seria uma aventura.

– Além de tudo o resto, achas que é uma boa ideia? E a minha empresa? As escolas das miúdas? A Belle vai querer fazer os exames nacionais quando… quando ganhar juízo em relação ao Jack. Não podemos simplesmente ir-nos embora. – Onde quer que vá, sei que terei sempre a sombra do Darren a seguir-me.

– Devo dinheiro a pessoas, Han. Muito dinheiro.

– Mas… não percebo. Não é assim que o teu negócio funciona. Tu não tens riscos. Eles pagam pelos teus conselhos e tu investes e…

– É o melhor que posso fazer para explicar. Há coisas que não te contei e coisas que não precisas de saber. Este fim de semana fora… não foi bem o que tu pensavas.

Levanto-me da cama e vou até à janela. Lembro-me de quando o agente imobiliário me mostrou a casa, há tantos anos. Foi a vista sobre a pequena praça verde que me convenceu. Mães com crianças a fazer piqueniques, pessoas mais velhas a caminhar de braço dado à volta das grades do perímetro, pessoas a passear os cães pelos caminhos diagonais que cortam a área relvada em quatro fatias.

– É perfeita – disse eu.

Nessa altura, já estava tudo em ordem. O dinheiro estava limpo e seguro, e a empresa estava a correr bem. A compra do número vinte e oito de Granville Gardens marcou o fim das minhas lutas e o início da nova vida com que sonhara durante tanto tempo. Tinha a Belle, tinha o Rob, e não sabia na altura, mas uns anos mais tarde, a Amber viria a caminho. Tudo perfeito.

– O que é que queres dizer com isso? Para que é que *foi* a viagem, então?

Nunca me ocorreu que o Rob tivesse os seus próprios segredos, que nem tudo é tão transparente e limpo como sempre fez parecer. Habituei-me tanto a viver a minha mentira que simplesmente não reparei nas dos outros.

32

HANNAH – AGORA

É o cheiro da relva acabada de cortar que me atinge. Não é o aroma doce em si, mas sim o cheiro enjoativo dos fumos da gasolina que o acompanham e me levam de volta à minha infância, deitada na cama com a janela aberta enquanto o vizinho passava o cortador de relva pelo relvado bem cuidado. Ficava a olhar pela janela e a maravilhar-me com o jardim deles, forçando os meus olhos a não se fixarem na confusão de mato e lixo que ficava atrás da nossa casa. Como gostaria de viver na casa ao lado.

Enquanto caminhamos, a mão do Rob desliza para a minha e, por um momento, sinto-me segura e protegida, como se, aconteça o que acontecer, nos tivéssemos sempre um ao outro – uma equipa para proteger a nossa família. Atravessamos a rua tranquila em frente à nossa casa e contornamos a área verde, onde um jovem casal está sentado em cima de uma manta de tartã com uma garrafa de *Prosecco* aberta entre eles. A rapariga está vestida com um macacão floral e o rapaz com calças de ganga e uma *T-shirt* branca. Olham um para o outro enquanto se riem.

– Parece que está prestes a pedi-la em casamento – comento, dando uma cotovelada ao Rob quando olho para eles.

– Meu Deus, não me lembres – diz ele, enquanto nos lembramos do noivado da Belle e do Jack. – Não achas que vão mesmo casar, pois não?

– Espero sinceramente que não – respondo, sabendo que não é a nossa filha que o Darren quer.

Ela é uma arma para me atingir. Mas como é que digo ao Rob que, se não cumprir com o dinheiro, então o Darren vai contar a toda a gente, incluindo à polícia, o que eu fiz e que aí, sim, vai acontecer um casamento? Quando dobramos a esquina, olho para trás, por cima do ombro, para a nossa casa – aninhada, alta e esguia, numa banda de casas semelhantes de três andares.

Reparo que a Natalia fecha as persianas da frente enquanto se prepara para a noite com quatro raparigas ao seu cuidado.

– Elas vão ficar bem – diz o Rob, sabendo no que estou a pensar.

– Só precisava de sair, apanhar ar.

Percorremos a rua residencial que sai da nossa praça e entra na estrada principal em direção ao centro de Clifton. Os cafés e as boutiques da moda estão espalhados ao longo de cada lado da estrada, juntamente com o talho onde compro a carne, a mercearia, o supermercado asiático que vende muitas das especiarias e ingredientes coloridos que enchem os nossos armários. Tendo chegado a Bristol por mero acaso, não me imagino a deixar a zona, a começar do zero num sítio novo. Tornou-se o meu lar.

– Sabes, quando saí de Londres – digo ao Rob –, apanhei literalmente o primeiro comboio que ia partir da estação. Não queria saber para onde ia, mas precisava de um novo começo.

Parece ser o momento certo para lhe dizer isto, agora que sabe que já vivi lá. Estou a pisar o risco, apercebo-me, mas mentir-lhe também parece tão errado. Ao aflorar a verdade, espero que isso me faça sentir um pouco mais genuína.

– Queres saber uma coisa? – pergunta ele, apertando-me a mão. – Também fiz praticamente o mesmo quando finalmente me fui embora. Depois de ter estudado aqui em Bristol, tinha decidido voltar, embora não soubesse o que iria fazer quando cá chegasse. Não posso dizer que os meus anos de universidade tenham sido todos felizes… na verdade, foi uma época solitária, mas quando voltei para casa dos meus pais em Londres para passar as férias, e depois novamente após a licenciatura, sabia que tinha de sair de lá. Lá ainda me sentia mais sozinho. Acho que senti… uma *ligação* a este sítio.

Não consigo imaginar que ele não tivesse um plano. Tudo na vida do Rob tem sido tão preciso e deliberado, previsto e testado.

– Isso nem parece teu – digo, rindo e apertando-lhe a mão.

– Na altura, não fazia ideia do que queria realmente da vida. O meu pai sempre quis que eu estudasse Direito na LSE e a minha mãe nunca discordou. Concordava com tudo o que ele dizia. O meu pai imaginava-me a trabalhar com ele no seu escritório, a tomar conta da empresa da família um dia. Tinha tudo planeado. Era o único filho, sabes? Acho que nunca imaginou que eu me mudasse de Highgate para fora de Londres. O trabalho

de bancário júnior que consegui lá não era o que ele tinha em mente para mim, embora tenha acabado por aceitá-lo quando… quando finalmente me saí bem.

– O engraçado é que consigo imaginar-te a trabalhar em Direito, a resolver os problemas das pessoas.

O Rob ri-se pela primeira vez em bastante tempo.

– A verdade é que também não queria trabalhar no setor bancário ou financeiro. Quando regressei a Bristol, fiquei numa pensão, a viver das poupanças. Depois, vi o anúncio para empregado bancário e, sem pensar muito, candidatei-me. Era o único tipo de trabalho em que tinha experiência. Um rendimento estável permitiu-me alugar aquele quarto na casa partilhada com os rapazes. Lembras-te disso?

Sorrio com a recordação – como todos fizeram um alarido com a Belle da primeira vez que fomos lá ter com o Rob, umas semanas depois de nos termos conhecido. Um deles, o Milo, um tipo homossexual de Itália, disse que tínhamos trazido luz àquela casa a ferver de testosterona. Lembro-me exatamente das suas palavras, a sua cara iluminava-se sempre que eu trazia a Belle. Limitava-me a limpar de vez em quando, trazer algumas plantas, cozinhar algumas refeições. E queria fazê-lo. A nossa fuga de Londres ainda estava viva na minha mente e entreter-me em casa deles era mais um prazer do que uma tarefa. Eu e a Belle estávamos a viver num estúdio nessa altura. Além disso, eu estava a apaixonar-me pelo Rob de uma forma que nunca pensei ser possível. E ele por mim. Por *nós*. Aqueles primeiros e inebriantes dias do nosso relacionamento foram dos momentos mais felizes da minha vida.

– Depois disso… depois de tu e eu nos termos conhecido… – Ele hesita enquanto caminhamos em fila indiana à volta de um grupo de pessoas que conversam à porta de um *pub* na esquina. Quando voltamos a dar as mãos, continua. – Bem, eu habituei-me… a trabalhar no banco, suponho. Promoveram-me rapidamente e não me pareceu possível sair, especialmente depois de a nossa relação se ter tornado séria.

Gosto da ideia de ele se ter empenhado em sustentar-nos – embora a minha empresa estivesse a correr bem quando nos conhecemos. Mas algo no seu tom indica que não é bem isso que quer dizer.

– Ficaste entrincheirado?

– Alguma vez olhaste para trás e te perguntaste quanto o teu passado afeta

o presente? Por exemplo, se uma simples coisa que fizeste ou disseste te levou a um caminho totalmente novo na vida? E se não tivesses sido cruel para alguém, ou não tivesses agido de uma certa maneira, confundido quão importante alguém era, ou não tivesses feito algo que fosse tão pouco típico de ti que influenciasse todas as decisões que tomasses a partir daí?

Todos os dias, quero contar-lhe. Enquanto explora os seus próprios problemas, não faz ideia de que está a pisar fortemente os meus.

Então vejo-o. Agarro na mão do Rob com mais força e puxo-lhe a manga com o outro.

– Aquele carro – digo. – Ali. O condutor… É o Grant Webster, o homem a quem dei o teu número.

O Rob olha para o outro lado da rua. Estacionado numa estrada secundária na esquina à nossa frente está um veículo de cor escura, um *Toyota*. O sol da tarde reflete-se no pára-brisas, mas já o tinha conseguido ver bem. O boné puxado para baixo, o nariz torto, o pescoço grosso e os ombros corpulentos.

– A sério? – diz o Rob. – Devo ir lá e apresentar-me?

Puxa-me para a berma e olha para a esquerda e para a direita antes de me levar a atravessar a estrada. Mas, quando chegamos ao outro lado, ouço o motor do carro a arrancar e os faróis acendem-se no máximo, encandeando-nos, apesar de ainda não estar escuro. Depois, à medida que nos aproximamos, o condutor sai do lugar de estacionamento e vira à direita para a estrada principal, desviando-se do trânsito enquanto acelera.

– Devo ter-me enganado – digo ao Rob, apesar de saber que não.

33

BELLE – TRÊS MESES ANTES

O sol estava quente nas suas costas. Esticou as pernas à sua frente, admirando como estavam suaves e bronzeadas desde que experimentara o novo creme. Não havia manchas cor de laranja nem estrias nos joelhos – apenas duas pernas douradas, compridas e finas, que terminavam nas suas bonitas sandálias brancas, com as unhas dos pés pintadas num delicado tom de rosa. Os calções de ganga que usava eram novos, embora já tivesse o *top* cor de malva, sem ombros, desde o ano passado. Belle sabia que estava bonita enquanto segurava as correntes do baloiço com as mãos, inclinando a cabeça para trás, com o cabelo a esvoaçar atrás de si. Também sabia que um homem a observava de um banco enquanto ela e Jenny conversavam sobre os estúpidos testes de preparação, o que iriam fazer nas férias de verão e quanto dinheiro cada uma tinha para gastar no sábado quando fossem às compras.

– Gostava que pudéssemos ficar aqui no baloiço para sempre – disse Belle. – É tão relaxante.

– Hum – respondeu Jenny, embora Belle soubesse que a amiga não estava a falar a sério.

Enquanto Belle passava com facilidade na escola – a sua boa memória, o seu charme e a sua capacidade de leitura rápida davam-lhe sempre as melhores notas –, Jen tinha de trabalhar por isso. Parecia passar o dobro do tempo debruçada sobre os livros, mas nunca chegava a ter as excelentes notas de Belle.

– Tipo, estou tão farta da escola. Não acredito que ainda falta um ano inteiro para acabar.

– Vai passar a voar – disse Jenny.

Belle olhou para ela, fazendo uma cara de desagrado. A sua melhor amiga estava de *leggings* cinzentas e uma *T-shirt* larga que Belle a vira usar como

camisa de dormir quando fora dormir a sua casa. Tinha arco-íris desbotados na parte da frente e o brilho há muito que desaparecera. No pulso, usava várias pulseiras de amizade sujas, que haviam tecido juntas quando tinham cerca de dez anos, e recusava-se a tirá-las. Tinha as orelhas furadas, mas raramente usava brincos, e quanto à maquilhagem… não; Jen punha creme hidratante de manhã e não passava disso. O seu estilo parecia favorecer o ultrapassado, como se não tivesse reparado que agora era uma jovem mulher e não uma criança. Belle perguntava-se se a sua amizade também não se teria tornado um pouco pequena agora, apertada nos ombros.

– O que é que vais comprar no sábado? – perguntou Belle. – Eu podia ajudar-te, sabes, a mudar de visual, se quiseres. A comprar umas coisas fixes para o verão. Para onde é que vais? Maiorca?

Jen acenou com a cabeça.

– Os meus pais alugaram uma casa no meio de uma montanha qualquer. Vou ficar tãããão aborrecida.

Conversaram sobre a praia e desportos aquáticos e biquínis e rapazes, e durante todo esse tempo, sem que Jen, que agora mal se balouçava, soubesse, Belle olhava para o homem no banco à sua esquerda. E ele estava a olhar para ela, com os olhos a desviarem-se do livro que estava a ler. Ele lançou-lhe um pequeno sorriso.

– É melhor eu ir – anunciou Jen. – Revisão de Biologia. – Saltou do baloiço para o chão esponjoso e pegou na mala que tinha deixado junto ao poste de metal. – Vemo-nos amanhã, sim? – disse antes de se dirigir para casa.

Belle ficou no baloiço, embora de repente se sentisse exposta e constrangida a baloiçar ali com os seus pequenos calções de ganga e sandálias. Jen estava sempre ao seu lado – era a sua muleta, o seu braço-direito, a pessoa com quem falava sobre coisas sem sentido sem ser julgada. Uma barreira segura entre ela e o mundo. O seu estômago remexeu-se enquanto o baloiço se arqueava para trás e para a frente, mas ela deixou-o abrandar, cruzando os tornozelos em vez de dar balanço às pernas. Outro olhar disse-lhe que o homem no banco fechara o livro, deitara o copo de café no caixote do lixo e pegara no casaco. Estava a dirigir-se para ela.

– Olá – disse ele ao aproximar-se.

O coração de Belle colou-se ao estômago enquanto se agitava no seu peito. Durante anos, fora ensinada a não falar com estranhos, mas isso era

quando era criança. A mãe tinha sido obsessiva com isso, o que, mal sabia ela, acabara por produzir o efeito contrário. Belle estava desesperada para falar com as pessoas, com aquele homem. Era uma mulher agora, seria uma adulta dentro de alguns meses, quando fizesse dezoito anos. Tinha a vida toda pela frente. O que havia de fazer, nunca falar com ninguém que não conhecesse já durante toda a vida?

– O que estás a ler? – perguntou-lhe ela, olhando para o livro na mão dele. Tinha o seu melhor sorriso estampado no rosto. Não porque o estivesse a forçar, mas porque não o conseguia evitar. De perto, viu que era alguns centímetros mais alto do que ela, magro e com ombros tonificados por baixo da camisa justa que usava por cima das calças de ganga. O seu maxilar estava coberto por uma fina camada de barba por fazer, algo que os rapazes da sua idade achavam impossível, por mais desesperados que estivessem para a deixarem crescer. A sua mãe não sabia, mas já beijara vários rapazes na escola, sentindo repulsa por caras que pareciam tão lisas como a dela. Ele mostrou-lhe o livro.

– Stephen King – disse ela, acenando com a cabeça em sinal de aprovação.

Não que ela tivesse lido algum dos seus livros, mas as impressões eram importantes. Já se sentia atraída por ele, pela forma como estava ao lado dos baloiços, encostado à estrutura em A, com os olhos a segui-la enquanto se deixava deslizar para a frente e para trás muito lentamente.

– A tua amiga deixou-te sozinha? – comentou, olhando para o baloiço vazio. – Sorte a minha.

Belle riu-se.

– Junta-te a mim – disse ela, agarrando a corrente ao seu lado. – É divertido.

– Sou o Jack – disse ele ao sentar-se. Não tanto a baloiçar, mas sim a esmagar o chão com os ténis brancos.

– Belle – respondeu ela. Estendeu a mão para um aperto, apreciando a sensação da sua pele quente enquanto ele a segurava por mais tempo do que ela esperava.

– Sou novo na zona, por isso estou a avaliar alguns locais agradáveis para visitar.

Belle riu-se outra vez.

– Há parques muito melhores do que este – disse-lhe ela. – Como Clifton

Downs.

– Mas não estaria a falar contigo se tivesse ido lá, pois não?

– Porque é que te mudaste para Bristol? – perguntou ela, decidindo fingir-se desinteressada e não responder à sua frase de engate. Pelo menos, ainda não. Era fácil ver que era bastante mais velho do que ela, mas isso não importava. Não era como se fosse um dinossauro nem nada, e ela nunca tinha tido muito em comum com rapazes da sua idade.

– Por causa do trabalho – disse Jack. – Temos uma… uma sucursal aqui.

– Fixe – respondeu Belle enquanto a sua mente se esforçava por pensar em alguma coisa para dizer se ele lhe perguntasse o que ela fazia. Esticando um bocadinho, poderia passar por uma jovem de vinte e poucos anos, por isso ele provavelmente esperaria que tivesse um emprego se lhe perguntasse. Mas não o fez. – De onde é que te mudaste?

– Londres – disse-lhe ele. – Ando para trás e para a frente entre as duas. – Ela ficou com a impressão de que a conversa fiada o aborrecia. – Então, o que é que andas a fazer?

– Não muito – respondeu Belle. – Só a andar de um lado para o outro. – Depois riu-se, empurrando-se no baloiço para indicar que era literalmente isso que estava a fazer.

– Queres dar um passeio? Tenho algum tempo.

– Claro – disse Belle, e começaram a caminhar pelo limite do parque.

Quando chegaram à zona arborizada para lá do parque infantil, ele parou e virou-se para ela.

– És muito bonita – afirmou. – Já pensaste em ser modelo?

– Obrigada – disse Belle, sentindo-se corar. – E não, não pensei. Achas que devia?

– Seria uma pena desperdiçar o que tens. Ganha-se bastante dinheiro.

Belle perguntava-se se ele seria um olheiro de uma grande agência de Londres, enviado para Bristol para encontrar novos talentos.

– Estou em línguas – disse-lhe ela. – Na verdade, sou estudante. – Pensou que, se mantivessem contacto depois desse dia, podia deixar escapar que era na escola e não na universidade. Aclimatizá-lo primeiro.

– Então diz-me alguma coisa noutra língua.

Belle pensou por um momento.

– *J’aime rencontrer des étrangers au parc* – recitou com um risinho.

– *Moi aussi* – respondeu Jack, e Belle não conseguiu evitar o olhar

arregalado que lhe lançou, mas não estava consciente de como ele achava atraente a forma como os lábios dela se abriram um pouco em choque, expondo os dentes brancos e direitos que a mãe tinha pago uma fortuna para aperfeiçoar com aparelho quando tinha catorze anos.

– Também falas francês?

– Não. Foi só um bom palpite – admitiu Jack com uma gargalhada. Afastou a franja da testa e Belle reparou no brilho dourado que o sol da primavera lhe dava ao cabelo. – O que é que disseste mesmo?

– Disse: «Gosto de conhecer estranhos no parque.»

– Sorte a minha outra vez – disse ele. – Mas a tua mãe não te avisou sobre este tipo de coisas?

– Não – Belle deu por si a responder. – A minha mãe é muito fixe. – Pigarreou, quase acreditando nisso por um momento.

– Bem, dizem que as filhas se transformam nas mães. Só posso assumir que a mamã Belle também seja deslumbrante, com uma alma resplandecente.

Uau, pensou Belle. Nunca ninguém tinha dito que a sua alma era «resplandecente». E só se conheciam há dez minutos.

– A lisonja leva-te a todo o lado – brincou ela.

Então, de repente, sentiu uma mão firme à volta da sua cintura enquanto caminhavam. A sua reação inicial foi retesar-se e afastar-se. O instinto assinalou-lhe que era um pouco cedo para o contacto físico. E estavam a entrar numa zona arborizada, longe do parque infantil. Ele podia ser qualquer pessoa.

Mas o instinto acabou por não ganhar. Por alguma razão, Belle empurrou o sentimento para o fundo de si mesma, onde, subconscientemente, lhe disse para se pirar. Estava a divertir-se e isso era o que importava.

– *Gosto* de estranhos – disse ela numa voz que raramente usava. – É excitante.

Os rapazes da escola nunca teriam reconhecido a carga que as suas palavras transmitiam, a intenção por detrás delas, a forma como os seus olhos fitavam. O ar estava quente, o sol brilhava com a promessa de um longo e luxuriante verão pela frente e parecia que a sua existência restrita e ordenada, ligada à escola, estava finalmente a descongelar, e que ela estava a desabrochar na pessoa que sempre sonhara em tornar-se. Assim, sem mais nem menos.

– Então é *mesmo* o meu dia de sorte, não é, Belle-do-baloiço?

Mal sabiam uma única coisa um do outro, além dos nomes e de que Belle falava francês e usava calções de ganga e tinha as unhas dos pés pintadas de um cor-de-rosa bonito, e ele tinha uma boa aparência e uns olhos que lhe mostravam que era um homem, não um rapaz, gostava de ler Stephen King e não falava francês. Mas ela podia ensiná-lo, se ele quisesse.

– Adoro estas árvores – comentou Belle enquanto passavam por uma área de castanheiros com as folhas em forma de mão a ondularem por cima deles, exibindo flores brancas e cor-de-rosa.

A pequena área de floresta para lá do parque infantil juntava-se às traseiras de uma zona industrial e à linha férrea, onde os comboios de mercadorias passavam durante a noite. Da janela do seu quarto, a duas ruas de distância, Belle ouvia o ruído noturno quando não conseguia dormir ou estava a percorrer o Instagram, a ver as vidas glamorosas das pessoas que seguia. Ficava aborrecida por todas estarem a fazer coisas entusiasmantes e, nos últimos tempos, cada vez mais se queixava de que a sua vida era um tédio, que estava tão pronta para que algo diferente a arrebatasse que se perguntava se um dia não iria explodir. Talvez, pensou, Jack fosse o seu arrebatador.

– Eu também – respondeu Jack. – São tão… serenas e majestosas. Imagina tudo o que conseguem ver lá de cima.

– Todo o tipo de coisas, diria eu. – Belle gostava que ele fosse um pensador. Era uma coisa que tinham em comum. Sentiu o aperto dele à volta da sua cintura a intensificar-se.

– Mas achas que viram isto? – perguntou ele e, antes que Belle tivesse oportunidade de responder, virou-se para ela e levou a sua boca à dela. Aconteceu tão lentamente, mas também tão depressa como um relâmpago. O beijo foi perfeito, apanhando-a de surpresa e tirando-lhe o fôlego, mas também foi desejado. *Tão* desejado.

Depois, ela fitou-o.

– Acho que nunca viram um beijo *assim* – disse ela numa voz que lhe pareceu ter cerca de vinte e cinco anos.

Rezava para que fosse essa a idade que ele pensava que tinha. Gostava dele. Queria continuar a conhecê-lo. Agora que a tinha beijado, não conseguia suportar a ideia de não o conhecer. Quem é que beija um estranho no parque apenas alguns minutos depois de falar com ele pela

primeira vez? *Alguém excitante*, disse a si própria. Era isso.

Três horas mais tarde, Jack acompanhou Belle até casa. Caminharam e conversaram, compraram chá de menta e sentaram-se à porta de um café que vendia bolos veganos, e Belle comeu um também, dizendo a Jack que não era realmente vegana. Achou que ele parecia o tipo de homem que gostava de um bife e comprava sapatos de pele verdadeira. Ele pagou e, no final, Belle teve a sensação de que haviam esgotado todas as palavras do repertório conversacional. Mas também sabia que já se estavam a reabastecer para a próxima vez.

– Quando é que posso voltar a ver-te? – perguntou Jack, inserindo o número dela no seu telemóvel. Depois enviou-lhe uma mensagem de texto para que ela tivesse o dele. – Adorava tirar-te umas fotografias. Ver como ficam. Quero dizer, profissionais. Uma beleza como a tua merece isso.

Uma beleza… merece isso. Ouvir essas palavras trouxe um sorriso ao rosto de Belle, mas a sua mente saltou para a frente. Tinha aquela viagem estúpida, que chegaria antes que ela se apercebesse.

– Antes de… julho, espero – disse ela, parando mesmo antes de dizer «antes de a escola acabar».

Perguntou-se se fotografias profissionais seriam a sua grande oportunidade – um encontro casual no parque, enquanto estava no baloiço a pensar na própria vida, que moldaria todo o seu futuro. Se mais não fosse, seriam algo para o Instagram. Embora nunca pudesse contar aos pais. Eles nunca descobririam, caso contrário, a mãe ficaria maluca.

– Vou para França durante uns meses no verão.

– Ainda falta muito para julho – disse ele. – Ainda tens muito tempo para uma sessão de estúdio e para nos conhecermos bem. Antes de irmos juntos para França.

Os olhos de Belle estavam dilatados enquanto subia os degraus de sua casa, olhando para trás por cima do ombro para apanhar um último vislumbre do homem do parque enquanto flutuava para o interior, leve como uma pena.

34

MOLLY – ANTES

Os dias transformaram-se em semanas que se transformaram em meses. Luba estava ocupada a reunir as quatro novas raparigas da Roménia para substituírem as que tinham desaparecido a meio da noite alguns meses antes, sem deixar qualquer rasto além de pilhas de *lingerie* e saias curtas descartadas no chão, como se as tivessem simplesmente despido e fugido.

Fizera a viagem a Bucareste depois de Vaughn a ter ameaçado e regressara com algumas raparigas frescas que nem alfaces, todas com dezasseis anos. Dizia-se que tinha sido tudo às claras e que Luba se encontrara com os pais delas e lhes dissera que estava a recrutar para a indústria do entretenimento em Londres, explicando-lhes as carreiras promissoras que teriam e quanto valiam os novos talentos numa cidade tão multicultural e acolhedora. Sendo ela própria oriunda de uma aldeia nos arredores da capital, Luba era a prova viva, com as suas botas brancas e calças de ganga justas, casaco de cabedal e mala de marca falsa, de que uma vida em Londres seria a melhor coisa que poderia acontecer àquelas raparigas. Mais persuasivo ainda era o facto de as raparigas poderem enviar dinheiro regularmente para casa, a fim de ajudarem as suas famílias. Foi isso que fechou o negócio.

Na realidade, quando chegaram a Londres, Darren tirou-lhes os passaportes, fechou-as no terceiro andar dos Claustros e tratou de que lhes tirassem fotografias, enquanto Luba lhes explicava o que era a indústria do entretenimento em Londres, pelo menos no seu mundo.

Mas continuava a tratá-las como se fossem de porcelana e se pudessem partir, lidando com elas com delicadeza e cuidado. Não queria que ninguém fugisse.

– Sinto-me tão maldisposta – sussurrou Hannah a Molly enquanto se

vestiam. – Sempre que tenho de trabalhar, sinto que vou vomitar em cima do tipo.

Molly sentia isso sempre, embora não o dissesse. Nesse aspeto, não era única ou especial naquele sítio. Ninguém queria verdadeiramente estar ali, apesar de algumas nunca se queixarem nem falarem de planos para *depois* das suas vidas nos Claustros, porque simplesmente não tinham nenhum. Aprendera a desligar-se do que tinha de fazer assim que as portas se abriam. Se não levantasse a ponte levadiça que dava para a sua alma de cada vez que desabotoava a camisa a um homem, esguichava óleo de um frasco para as suas costas peludas, dançava e se contorcia nua à sua frente (com exceção da sombra de uma tanga à volta das ancas até que esta saísse também) ao som de música aguda canalizada para os quartos, então achava que havia uma boa hipótese de já ter perdido a cabeça por aquela altura. Parte dela tinha ciúmes de Hannah e daquele bebé que crescia dentro dela. Dava-lhe uma razão para sair dali, uma razão para saber que algo melhor estava ao virar da esquina. Menos de quatro meses para o virar da esquina, segundo os seus cálculos.

– Consegues ver alguma coisa? – perguntou Hannah, só de sutiã e cuecas, peças brancas que eram confortáveis e elásticas. Virou-se de lado para que Molly pudesse vê-la bem de perfil e avaliar a curva suave que se formara entre as suas ancas.

– Agora já tens um alto decente. – Desceu do beliche e apertou o braço de Hannah, sentindo a sua gordura. – Não há dúvida nenhuma. *Ooh, homenzinho* – disse ela com uma voz de bebé, enquanto acariciava a protuberância de Hannah. Hannah tinha decidido que era um rapaz… *esperava* que fosse um rapaz, para seu próprio bem. Estava com muito medo de que uma rapariga acabasse por ter uma vida como a delas. – Mas estás a ganhar peso por todo o lado. Acho que por enquanto estás bem. – Molly tinha passado a comer menos, dando a Hannah a maior parte da sua comida para a ajudar a ganhar peso.

Ambas sabiam que estar grávida significava, normalmente, idas ao médico, deixar que a parteira pressionasse suavemente as pontas dos dedos na barriga, a sentir a cabeça, os pés e o rabinho do bebé lá dentro, exames, análises ao sangue e *check-ups* regulares. Mas não havia médicos nos Claustros. Se uma delas adoecesse, Luba trazia comprimidos ou remédios da farmácia e, se fosse algo realmente mau, como uma ferida infetada ou

algo desagradável lá em baixo, Darren chamava Vaughn, que chamava o seu amigo, «o Doutor». O Doutor fazia uma breve visita ao domicílio para dar uma vista de olhos e era isso. Toda a gente duvidava de que fosse um médico a sério. Apenas tinha acesso a medicamentos, que enviava para lá, e ninguém perguntava como ou porquê. Mas os comprimidos normalmente funcionavam.

Luba entrou de repente na sala, apanhando-as desprevenidas. Trazia consigo uma mala grande e parecia perturbada. As suas bochechas redondas estavam avermelhadas e os ombros tensos junto às orelhas, o que era invulgar nela.

– Onde está a Madalina? Viram-na? – Luba estava sem fôlego e as suas pupilas estavam dilatadas, preenchendo os seus olhos cinzento-claros. Parecia desequilibrada, derreada pelo que quer que estivesse na mala. Madalina era uma das raparigas novas.

Molly e Hannah abanaram a cabeça. Molly pôs-se à frente de Hannah, tentando agir naturalmente a esconder-lhe a barriga, enquanto Hannah se atrapalhava a vestir o seu roupão, embora a forma como o cinto se esticava à volta da cintura dilatada só servisse para a fazer parecer maior.

– Não, porquê? – disse Molly. – Não está com as outras?

– Não, não, desapareceu. – Olhou furtivamente para o saco, tocando na testa com a mão livre. Foi então que Molly reparou no corte na sua têmpora. Parecia recente e tinha manchas de sangue nas bordas, como se Luba o tivesse limpado com um lenço húmido. – Oh, qu'porra, o Vaughn vai m'tar-me – choramingou ela, com o sotaque a realçar a sua angústia. – Pensei que ela estava aqui com vocês. Santo Deus. – Benzeu-se e murmurou qualquer coisa para o teto. – É segunda que desaparece em dois meses. O que é que se passa? Não querem trabalhar? Pensam que casa ficarem melhor? Pfff. – Fez um som de indignação.

– Queres um pouco disto? – Molly abriu uma gaveta da cómoda onde guardavam a roupa interior de trabalho e tirou uma garrafa de *vodka*. – Vamos beber um pouco. Não vamos, Han?

Hannah acenou com a cabeça. Ambas sabiam o que estava no saco. Não era segredo para ninguém que Luba tratava do dinheiro pouco antes do fim de semana, depois de uma grande entrega de Vaughn. E ambas sabiam que o dinheiro não tinha ido para nenhum banco. Pelo menos, ainda não. No tempo em que Molly estivera nos Claustros, aprendera muito sobre como

funcionavam. Ela e Hannah, e também Vanessa, eram as que estavam atentas, as que tinham objetivos além daquela espelunca imbuída de sexo. À primeira vista, os quartos eram bastante agradáveis, tinham comida e tinham-se umas às outras como companhia e, na verdade, não havia muito de que se queixar. Os seus dias tinham uma estrutura – um princípio, um meio e um fim. E sabiam exatamente o que ia acontecer de uma hora para a outra. Mas não havia dúvidas de que, por agora, estavam presas.

Luba deixou-se cair na beira da cama de Hannah. Apoiou a cabeça nas mãos até Molly lhe passar meia caneca de *vodka*. Molly olhou para Hannah e depois para a mala que estava aos pés de Luba. O que continha seria decisivo para a fuga de Hannah. Era o dinheiro que elas tinham ganho, todas as raparigas dali. E era muito. Também sabiam que havia mais de onde esse dinheiro viera, pilhas de dinheiro guardadas no escritório trancado, cuja chave Darren levava consigo para todo o lado. O trabalho de Luba era fazer a ronda regularmente, distribuindo-o pelos outros negócios de Vaughn para poder ser lavado a conta-gotas, até acabar no banco. Molly aprendera ao longo do tempo – ao ouvir coisas atrás de portas fechadas, ao escutar conversas privadas sub-repticiamente e até mesmo ao fazer perguntas a Luba e a Darren, quando ele estava de bom humor – que Vaughn possuía uma lavandaria a cerca de um quilómetro e pouco de distância. Não só fornecia todos os lençóis limpos para os Claustros, como também fornecia dinheiro de clientes para declarar – complementado pelo dinheiro sujo, o *grande* dinheiro, que Vaughn ganhava com a droga. Mas, claro, uma única lavandaria não era suficiente para lavar tanto dinheiro. Era por isso que Vaughn também tinha outros estabelecimentos – várias casas de massagens, como os Claustros, onde quase não se faziam massagens, um restaurante em Chinatown e um pequeno casino e bar, assim como dois estúdios de tatuagens, uma loja de bebidas e um local de aluguer de bicicletas. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Lavar, lavar, lavar.

– Não te preocupes, Luba – disse Molly, sentando-se ao lado dela. Esfregou-lhe as costas, sentindo o volume da sua carne por cima e por baixo da alça do sutiã apertado que lhe cingia o corpo. Sentiu também a humidade da sua *T-shirt*. Estava calor para maio e Luba não era a pessoa mais em forma do mundo, estando especialmente cansada depois de ter subido todas as escadas até ao último andar, e a sua transpiração era agravada pelo *stress* de ter perdido outra rapariga. – Tenho a certeza de que

ela volta quando tiver fome.

– Não é isso. Não importa ela, a rapariga. Se ela estúpida suficiente para se ir embora, então vá. É o Vaughn. Come-me viva se eu fizer mal coisas. Diz que me mata. Ele precisa que este sítio faça dinheiro, sabes como é.

Molly e Hannah acenaram com a cabeça. Nem todas as raparigas sabiam como era. Mas elas sim.

Depois de Luba ter bebido o seu copo, limpando a boca com as costas da mão, pôs-se de pé, puxando as calças de ganga que lhe tinham descido pelas ancas, com uma protuberância de carne branca a dobrar-se sobre a cintura.

– Não te esqueças da tua mala – lembrou-lhe Molly, lançando um olhar a Hannah.

Um olhar que dizia: *Vamos ficar com a mala. Vamos ficar com a mala e com mais malas depois, e seremos livres e ricas e nunca mais teremos de pôr os pés neste sítio*. E enquanto Luba murmurava qualquer coisa na sua língua, que soava a mais palavrões, baixou-se para correr o fecho da mala, que estava aberta, e Molly viu os maços de dinheiro a sair. Dinheiro lindo, lindo.

Depois de Luba ter saído, Molly disse:

– Vou roubar a chave do escritório e depois o dinheiro, tal como o teu passaporte e os teus documentos, para que tu e o teu bebé sejam livres, Han. Estás a ouvir-me? *Livres*.

Hannah acenou com a cabeça, pondo uma mão na barriga.

– Ele está a dar pontapés – disse ela, com a cara a iluminar-se.

35

HANNAH – AGORA

Estamos na cama. Não consigo dormir e percebo pelo som da respiração do Rob que ele também ainda está acordado – respirações curtas e deliberadas que não soam nada ao seu habitual ronco suave quando apaga.

– O que querias dizer antes? – sussurro, consciente de que estão quatro meninas a dormir, mais a Natalia, cá em casa.

Foi preciso uma eternidade para acalmar a Kate, a irmã mais nova da Leanne, depois daquilo por que passou. A Leanne tinha dito à mãe delas onde estavam, mas, como era de esperar, ela não estava muito preocupada por não terem voltado para casa. Vou ter de decidir o que fazer de manhã – sabendo que provavelmente vou contactar os serviços sociais ou a polícia, embora nenhuma das duas opções pareça apelativa neste momento, dadas as circunstâncias. Não quero ninguém das autoridades a farejar a nossa casa. Mas, por agora, estão a salvo.

– Quando disseste que há coisas que não me contaste sobre o teu trabalho? – continuo. – A quem deves dinheiro?

É a razão pela qual tenho estado aqui deitada de lado, a olhar para a parede e para a pilha de roupa que está à porta, à espera de que um de nós a leve para a máquina. Enquanto passeávamos há pouco, ambos contornámos as coisas sobre as quais íamos falar e nenhum quis reconhecer as brechas que crescem entre nós. Depois, o catalisador volta a surgir-me na cabeça – *o Darren*. Nos últimos dias, não falou com ninguém, incluindo a Belle. Sinto-me aliviada, mas enervada – que é a intenção dele, sem dúvida. A calma antes da tempestade.

O Rob vira-se, fazendo a cama afundar-se. Sinto a sua respiração nas minhas costas.

– Se eu te contar, vai mudar tudo, Han.

Viro-me também, para ficarmos frente a frente. Mas não há nenhum beijo, como normalmente acontece quando não conseguimos dormir, quando estamos sozinhos e nus e nos queremos um ao outro. Não há qualquer toque entre nós ou olhar partilhado. Apenas o medo nos seus olhos, refletido nos meus.

– Podes contar-me tudo – digo, sabendo que o contrário não é verdade.

Suspira e vira-se de costas.

– Há muito tempo, antes de sair de Londres, tive a oportunidade de ganhar algum dinheiro. Estava num mau momento a nível emocional e desesperado por alguma coisa… que *qualquer coisa* mudasse. Na altura, pareceu-me uma jogada inteligente. Estava falido e não sabia o que fazer com a minha vida. Sentia-me uma desilusão para o meu pai.

Apoio-me no cotovelo, vendo o rosto do Rob recortado pelo brilho da luz da rua através das nossas cortinas.

– Era jovem e ingénuo e, para me livrar de uma confusão, acabei por me meter noutra.

– Não estou a perceber.

– Alguém me pediu para… investir algum dinheiro por eles e… – Hesita, passando as mãos pelo rosto cansado. – Bem, não foi bem uma escolha, como acabei por perceber.

– Não, ainda estou perdida – digo. O problema é que, com o Rob, sei que quanto mais insistir mais ele vai fechar-se em copas. Volto a deitar-me de costas. – Fizeste um mau investimento? Perdeste o dinheiro?

– Não, pelo contrário – disse o Rob. – E, ao fazê-lo, eu próprio ganhei uma boa quantia. Uma espécie de comissão. – Fica em silêncio por uns instantes, mas não o pressiono. – Naturalmente, queriam que o fizesse outra vez. E outra vez. E outra.

– Parece que estavas em maré de sorte.

Sinto-o a mexer a cabeça e, quando olho para o outro lado, vejo que a está a esfregar.

– Nem por isso. Não gostei do… trabalho. Nem deles. Deixei tudo para trás quando me mudei para cá. Mas, agora, querem que volte a fazer tudo, essas pessoas. – A sua voz treme.

– Pessoas?

Não diz nada.

– Então diz que não. Não há pressão. O negócio vai voltar a crescer.

Não sabia de nada disto, mas depois penso no quanto ele não sabe sobre mim. Como o meu passado foi manchado pelo tempo passado nos Claustros, com a tatuagem na minha coxa que me relembra disso todos os dias. Outras pessoas podem ver o ramo de flores inócuas que tatuei por cima, perguntando-se porque é que escolhi fazer a tatuagem, mas, por baixo dela, ainda vejo a forma das iniciais do Vaughn, com a coroa simbólica e grosseiramente desenhada por cima, indicando que ele era rei, que nos governava a todos. É verdade – governava. E, para ser sincera, continua a governar.

– Como posso ajudar? – pergunto.

– Não podes, Han. Ninguém pode. Preciso de fechar este negócio e depois… e depois…

– Um novo começo?

– Se eles não souberem onde estou, não podem continuar a perseguir-me. Como as coisas estão, têm-me encostado à parede.

– Estou a ver – digo eu, sem ver realmente nada.

Ficamos os dois deitados em silêncio durante algum tempo, e começo a pensar como os nossos passados são semelhantes, sobre como ainda há tanto por revelar entre nós, até que ouço o ruído da respiração do Rob quando ele finalmente adormece.

Acordo com o meu telemóvel – não com o despertador, que me esqueci de pôr, mas com o som agudo do toque insistente. A minha mão tateia pela mesa de cabeceira enquanto tento alcançá-lo, deitando-o ao chão. É quando o agarro, esforçando-me para me concentrar no ecrã e ver quem está a ligar, que reparo que o lado da cama do Rob se encontra vazio, só estão os lençóis amarrotados onde ele esteve.

– Estou? – atendo, sem estar suficientemente acordada para me aperceber de que o número, que termina em três, um, um, quatro, devia ter desencadeado um aviso na minha cabeça. O Darren.

– Lembras-te de quando… – começa ele. Depois deixa um silêncio, como se quisesse que eu preenchesse o espaço em branco.

Levo os joelhos ao peito, olhando para o relógio do lado do Rob. Seis e vinte.

– O que é que queres?

– Estava só a recordar, Hannah. Achei que podia ser divertido.

– Deixa-me em paz – respondo. Levanto-me e vou até à janela, abrindo as

cortinas. Não ouvi o Rob sair do quarto. – Não te vou dar dinheiro nenhum. Não o tenho, e nunca…

– Oh, anda lá, Hannah. Porque é que és tão fria comigo? Nem sempre foste assim, se bem te lembras. Foi isso que me fez recordar, na verdade. A noite que passámos juntos.

– Metes-me nojo. – Vejo que o carro do Rob não está na entrada. Ele não disse que ia sair mais cedo para o trabalho.

– Tu gostaste. Eu sei que sim.

– Vai-te lixar. E desaparece da vida da minha filha também. Não vais conseguir nada de mim nem dela. Ela disse-me ontem à noite que não quer ter nada a ver contigo. Finalmente, ganhou juízo. Acabou-se.

Ouve-se uma gargalhada pela linha.

– Estás a dizer que não sentiste nada por mim? Não foi isso que disseste na altura.

Durante todo este tempo, bloqueei-o, recusando-me a permitir que o que aconteceu entre nós entrasse na minha mente. De todas as coisas que fiz, dormir com o Darren não foi a pior, mas a vergonha só cresceu ao longo dos anos, em vez de diminuir. Talvez seja porque isso levou a tudo o resto que aconteceu… à morte de uma rapariga inocente.

– Eu era jovem e ingénua. Não sabia…

– Não tinhas nada de ingénua – diz-me ele. – Sabias exatamente o que estavas a fazer. As coisas poderiam ter sido muito diferentes entre nós. Teríamos feito uma boa equipa.

– Oh, então é isso? – digo, a fazer-se luz de repente. – O teu ego ficou com uma mossa, não foi? – É a minha vez de lhe cuspir em cima.

– Tomei conta de ti. De todas vocês, raparigas, e é assim que me pagas. Não passas de uma puta mentirosa e ladra, Hannah. E agora está na hora de pagares pelo que fizeste. Por *tudo* o que fizeste.

Ao ouvir aquilo, desligo, com a mão a tremer. Não aguento… que faça do meu passado o presente, que infete a minha existência cuidadosamente controlada com a pessoa que já fui. Não o tolero. Ela não é eu. Caio na cama, a tremer, a suar, a perguntar-me se o Rob não terá razão; precisamos de um novo começo, só nós os quatro, onde ninguém saiba o que fiz.

36

HANNAH – AGORA

A o início, quando descobri que a Belle não estava em casa, pensei que o Rob a tinha levado quando saiu mais cedo, talvez à padaria para comprar *croissants* ou pão fresco, numa tentativa de normalizar a manhã que ambos sabemos que não é normal. Por isso, inicialmente, não entrei em pânico. Depois de ter desligado a chamada do Darren, deixei-me cair na cama durante alguns minutos, recompondo-me e sabendo que, se não me controlasse, a minha família se iria abaixo. Arrastei-me para o duche, vesti roupa lavada e desci as escadas antes que os outros se levantassem. Entre tentar manter a empresa a funcionar, abordar a Belle sobre as fotografias e decidir o que fazer em relação à Leanne e à Kate, havia muito para fazer hoje. Já para não falar da revelação do Rob sobre as suas preocupações com o negócio e de perceber o que tudo isto significa para nós. A constatação de que ambos guardávamos segredos tinha-me enervado, embora o que me enervasse mais fosse o facto de o Rob não saber a extensão total dos meus.

Quando a Leanne e a Kate apareceram, por volta das sete e meia, de mãos dadas e paradas à porta da cozinha com um ar perdido e assustado, dei-lhes sumo de laranja e tentei tranquilizá-las de que tudo ia correr bem, e fui acordar a Amber. Ia chegar atrasada ao ATL e ainda não havia sinal da Natalia. Mas encontrei a Natalia a descer as escadas com a Amber atrás dela, ambas vestidas e prontas para o dia.

– A Belle já se levantou? – perguntei, mas elas encolheram os ombros, sabendo que incomodá-la demasiado cedo teria provavelmente resultado em algumas palavras severas.

Subi as escadas.

– Belle? – chamei, batendo à porta dela.

Estava um pouco entreaberta e, quando a abri, vi que a cama estava vazia

– o edredão estava puxado e bem direito, o que por si só era invulgar para a minha filha. O resto do quarto também parecia estranhamente arrumado, mas calculei que tivesse feito uma limpeza ontem à noite, talvez para se distrair de o Jack não ter telefonado nem enviado mensagem. *Ainda bem*, pensei. Talvez tivesse finalmente decidido esquecê-lo e seguir com a sua vida. Mais tarde, falaria sobre as fotografias, dir-lhe-ia que não estava a julgá-la, mas também lhe explicaria como estava a ser manipulada pelo Jack. Depois, falaria de ela voltar à escola no início do ano letivo e de continuar a estudar. Tinha-me convencido de que em breve as coisas voltariam ao normal.

Mas, agora, regressada à cozinha, enquanto estou a fazer ovos mexidos para as meninas, o Rob chega a casa, arrastando-se para a cozinha vestido com calções caqui e uma *T-shirt* velha que usa quando corta a relva. Parece esgotado.

– Não conseguia dormir – diz ele, despenteando o cabelo. E, de facto, foi à padaria e pousa os *croissants* frescos e um pão de forma na bancada. – Pensei em comprar isto enquanto estava fora. Fui dar uma volta, para desanuviar a cabeça.

Olho para trás dele na expectativa.

– Onde está a Belle?

O Rob parece confuso.

– Na cama?

– Pensei que estava contigo.

O Rob abana a cabeça.

– Não, como te disse, saí cedo. Não te preocupes, querida. Ainda deve estar a dormir.

– Não, não – atalho, com a garganta a fechar-se. – Já fui lá ver. Não está no quarto.

– Na casa de banho? – O Rob vai até à máquina de café e os seus movimentos são lentos, como se tudo fosse um esforço. Tem o cabelo espetado em tufos e suspira pesadamente enquanto carrega nos botões da máquina.

Corro lá para cima para verificar, para ver se o Rob acertou… talvez não me tenha apercebido do som do chuveiro a correr ou da Belle a cantar para si mesma enquanto se arranjava na casa de banho… mas a porta está aberta e não está ninguém lá dentro. Volto a ir ao quarto dela, e ao da Amber – na

verdade, percorro todo o andar de cima –, mas não há sinal dela em lado nenhum. Desço as escadas o mais depressa que consigo, aproximando-me do Rob, que está a bebericar o seu expresso. Agarro-lhe no braço.

– Ela não está lá em cima. Desapareceu.

Franze o sobrolho.

– Talvez tenha ido dar uma volta. Está uma bela manhã.

Abano a cabeça.

– Não – argumento. – Não o faria. Sabes tão bem quanto eu que ela não faria isso, especialmente a esta hora. – Vejo pela preocupação crescente no rosto do Rob que concorda comigo. Não seria nada típico da nossa filha. – O que é que fazemos? – sussurro. Pego no telemóvel para lhe ligar, mas vai diretamente para o *voicemail*. A minha voz treme quando lhe digo para me ligar o mais depressa possível. – Rob, devia ligar para a polícia. E se… – Mal consigo dizer as palavras, por isso sussurro: – E se o Darren a levou contra a sua vontade?

O Rob faz uma cara de choque.

– O Darren? Quem… quem é o Darren?

Fico tensa, apercebendo-me do meu erro um segundo antes de ele sequer mo apontar. Olho de relance para a Leanne e a Kate, que estão juntas no sofá, a conversar baixinho. E é então que sinto o cheiro a queimado. Viro-me e tiro a frigideira do fogão, com os ovos estragados e colados ao fundo. Por um momento, tenho a tentação de mentir, de tentar convencer o Rob de que me ouviu mal, que queria dizer Jack, claro, mas não consigo. Algo dentro de mim quer deitar tudo cá para fora e deixar que ele torne tudo melhor e que, de alguma forma, apague o meu passado. E este presente perigoso. Mas tudo o que digo é:

– O Darren é o Jack, Rob. Ele tem estado a mentir à Belle. Tem estado a mentir a toda a gente. – Só não acrescento *que eu também*.

Meia hora mais tarde, depois de a Natalia ter tomado conta da casa, feito um pequeno-almoço novo para as miúdas e levado a Amber para o ATL, e de eu ter dado várias voltas pela vizinhança à procura da Belle, eu e o Rob sentamo-nos juntos no escritório – cada um de nós esmagado pelas suas próprias inverdades.

– Certo, vamos dar prioridade a… *tudo* – diz ele. – Descobrir onde está a Belle primeiro.

– Como é que consegues estar tão calmo? – Não consigo estar quieta.

Estou outra vez à janela, a olhar para a estrada para ver se o *BMW* ainda lá está, se ela não voltou para o ir buscar. – Ela conduziu-o, sabias? Aquele carro. Sem a porcaria da carta de condução. É assim que se está a comportar agora, depois de *o* conhecer. Imprudente.

– Jesus – diz o Rob, pensando por um segundo. Depois bate no portátil. – Qual é o número da matrícula? – pergunta ele, e eu olho pela janela novamente, recitando-o. O Rob abana a cabeça. – Teve sorte em não ser parada ou apanhada por uma câmara. Essa matrícula pertence a um *Volkswagen* vermelho. – Vira o ecrã para mim, mostrando-me o *site* do IMT. – O *BMW* provavelmente é roubado.

– E há pior – digo, enterrando a cara nas mãos. – A Belle convenceu-me de que ele tinha tudo tratado, que estava tudo pronto para ela ter aulas. Que ele ia tratar de todos os seguros e outras coisas para ela.

– Olha, onde quer que esteja – diz ele –, ela não é estúpida. Tenho a certeza de que vai ficar bem.

– Não sabes isso – replico. – E ela *foi* estúpida. Foi enganada por aquele sacana e nós também. Vou telefonar à polícia para participar o seu desaparecimento. – De repente, não quero saber das repercussões, nem do que me vai acontecer, nem do que vão descobrir… só quero a Belle em segurança e em casa. Durante dezoito anos, protegi-a, mas desviei o olhar e agora falhei-lhe. O meu pior pesadelo concretizou-se.

A expressão do Rob muda quando me vê tirar o telemóvel do bolso. Olha para o relógio.

– Ela só saiu há duas horas, Han. Eles não vão começar já à procura dela.

– Tretas – digo-lhe. – Claro que vão. E, tanto quanto sabemos, pode ter saído de casa ontem à noite e, nesse caso, está desaparecida há doze horas ou mais.

O Rob faz uma cara de exasperação.

– Tens noção de que, se chamarmos a polícia, eles vão cair-nos em cima como uma erupção cutânea. Os pais são sempre os primeiros suspeitos, sabes? Se já conheces o Jack… ou o Darren… não te fica bem, é só o que te digo.

– Rob, já não me interessa o que me vai acontecer. O telemóvel da Belle está desligado ou sem bateria… já lhe liguei uma centena de vezes. Ela está desaparecida! Serei a única aqui que se preocupa?

– Sabes que ela não tem sido muito fiável com o telemóvel ultimamente.

Não significa nada.

– Rob, é da minha filha que estamos a falar! Desculpa, mas vou ligar-lhes agora e depois vou…

– É outra vez a *tua* filha, não é? – Abana a cabeça, recostado na cadeira da secretária. – Porque é que, sempre que discordamos em relação a ela, de repente é tua? Não sou um pai suficientemente bom? Não estive lá para ela todos estes anos tanto quanto tu?

– Porque ela *é* minha filha, Rob, e tu não estás a agir como pai dela neste momento. – Desbloqueio o telemóvel.

– Eu é que queria acabar com este disparate do Jack antes de começar, se bem te lembras. Foste tu que me convenceste a não lhe dar um murro.

– Não percebes, Rob. Não percebes mesmo, *mesmo* nada. – Deixo descair a cabeça, com o dedo a pairar sobre o ecrã do telemóvel.

– E tu também não. – O Rob respira fundo. – Quando saí há pouco, aquele carro estava lá outra vez. Seguiu-me.

A minha cabeça levanta-se.

– Que carro?

– Aquele para que apontaste quando fomos dar um passeio.

– Do Grant Webster?

O Rob anui.

– Vocês têm alguma coisa os dois, é isso?

– Não! – exclamo, chocada por ele ter pensado nisso. – Não vires isto contra mim. Claro que não. Como te disse, é um homem que conheci em… que me ajudou com o carro.

– O que se passou com o teu carro? – Os olhos dele semicerram-se quando se apercebe da minha voz vacilante.

Engulo em seco, sem saber que falha mecânica poderia justificar que um estranho parasse, me ajudasse, pusesse o meu carro a andar novamente e depois me desse o seu número de telefone.

– Não pegava. Ele ajudou-me.

O Rob fica em silêncio por um momento, a pensar.

– Seja como for – continuo. – Se estivéssemos a ter um caso, por amor de Deus, porque é que ele havia de estar a *seguir-te*?

– Não sei, Han – responde, abanando lentamente a cabeça. – Não sei mesmo.

Mas o olhar na cara dele diz-me que sabe.

37

HANNAH – AGORA

Cancelei todos os meus compromissos de trabalho e dei instruções à Amy sobre algumas tarefas urgentes que precisam de ser tratadas hoje – principalmente a escala de pessoal, uma reunião com um novo cliente e uma chamada importante com outro cliente sobre a gestão da sua carteira de Airbnb. Ela trata facilmente destas tarefas e aproveita a oportunidade para me mostrar que a Greene & Clean não se vai desmoronar se eu tirar o dia de folga. *Por razões pessoais*, disse-lhe, mantendo-me vaga sobre o motivo por que não iria para o escritório.

– Acho que posso saber onde a Belle está – disse ao Rob enquanto estávamos sentados no escritório, com a mesa dele a fazer de barreira entre nós enquanto silenciosamente tentávamos ler os pensamentos um do outro. Eu estava inquieta e nervosa, e foi uma atitude corajosa da minha parte admitir que podia saber algo, embora não fosse preciso ser matemático para descobrir que ela muito provavelmente tinha ido ter com o Jack a Londres. E não fui específica quanto ao local. Nem pensar que ia revelar isso. – E eu vou lá buscá-la e trago-a.

O Rob concordou relutantemente comigo – que o buraco deixado dentro da minha filha pelo «Jack», a forma como se lamentava e sentia a falta dele, a sua súbita ausência de contacto, parecendo ignorá-la depois do noivado, tinha criado um vazio interior demasiado grande para ela aguentar e tinha-a feito correr atrás dele. Precisava de que ele o preenchesse.

– Vou-me mantendo em contacto – digo-lhe enquanto me dirijo para o carro, depois de ter reunido algumas coisas essenciais.

Inicialmente, insistiu em vir comigo, mas convenci-o a ficar para estar em casa com a Amber, bem como com a Leanne e a Kate, no caso de haver algum problema com a mãe delas e o companheiro. Relutantemente, ele concordou, deixando-me grata que a presença delas tenha servido de razão

para ele não vir.

Vou-me embora, saindo da estrada em direção à autoestrada, mas não demoro muito a ver um carro familiar estacionado à porta de uma fila de lojas, o que me faz olhar duas vezes para a matrícula. As últimas três letras são as mesmas do carro que eu e o Rob vimos ontem à noite. O *Toyota* cinzento-escuro encontra-se à porta de uma loja de conveniência a cerca de quatrocentos metros da nossa casa. Não está ninguém lá dentro. Sem pensar, faço inversão de marcha na rua seguinte, volto para trás e encosto num lugar vários carros atrás dele.

Não há dúvida de que parece o carro do Grant Webster, o que me faz pensar se ele foi à loja buscar alguma coisa. Talvez o Rob tivesse razão e *estivesse* a ser seguido há pouco… mas porquê? É o tipo de carro que se mistura facilmente, não é incomum, e as minhas suspeitas são confirmadas quase imediatamente quando vejo o Grant a sair da loja com uma garrafa de água e um pacote de sanduíches. Olha em volta por um momento, como se estivesse à procura de alguém, antes de voltar para o carro. Depois arranca e, contra o meu bom senso, sigo-o.

– Não mudes, não mudes… – murmuro enquanto o *Toyota* passa por um conjunto de semáforos à frente.

Outro carro meteu-se entre nós, mas não o quero perder. O Grant está a sair do nosso bairro e quero saber para onde é que vai e, mais ainda, porque é que está tão interessado na nossa família. O instinto diz-me que não é porque quer investir dinheiro ou porque estava preocupado com a minha segurança no *pub*.

Consigo passar um amarelo à risca, mantendo-me atenta ao *Toyota*. Alguns minutos depois, vira à esquerda para outra estrada principal que leva ao centro da cidade. O carro à minha frente faz pisca para uma rua lateral, deixando-me diretamente atrás do Grant outra vez, por isso afasto-me o suficiente para que não me veja pelo espelho. Não terei como explicar se ele parar e me confrontar.

Quase o perco numa rotunda, quando tenho de esperar que passem vários carros, mas apanho-o pouco depois – mesmo a tempo de me desviar para a faixa da direita para o seguir noutro conjunto de semáforos. Cerca de oitocentos metros mais à frente, abranda e faz pisca para a esquerda numa pequena estrada de acesso. Não sei se devo fazer o mesmo ou se devo empatar, ver para onde ele vai e continuar. Ele está a passar lentamente por

uma mistura de escritórios e lojas, com vários blocos de apartamentos baixos e… arquejo, mal acreditando no que estou a ver.

O Grant parou à entrada de uma esquadra da polícia.

Sem pensar, faço rapidamente sinal e sigo-o, passando por ele enquanto estaciona lentamente o carro num lugar. Continuo durante cerca de vinte metros, até parar e pôr o motor em ponto morto. Pelo retrovisor, vejo-o sair do carro e, enquanto se dirige para o edifício, pára e conversa com dois polícias fardados.

Viro-me no meu lugar para me certificar de que não estou enganada. Os três estão a falar e a rir, como se se conhecessem. Depois, aparece outro agente fardado e dá uma palmadinha nas costas do Grant ao passar rapidamente a caminho de um veículo da polícia. Depois, o Grant vira-se e continua, mas, em vez de entrar no edifício pelas amplas portas de vidro deslizantes que o público usa, desvia-se para uma entrada mais à frente, parando brevemente para passar um cartão que tira do bolso pela fechadura da entrada. Depois desaparece lá dentro.

– Merda – sussurro para mim mesma, fechando os olhos por um segundo.

O Grant é polícia.

Estou na bomba de gasolina a ver os números no mostrador a aumentar à medida que o depósito se enche. Achei que era melhor encher o depósito antes de entrar na autoestrada e, além disso, não confio em mim para conduzir em trânsito rápido até ter ultrapassado o choque do que acabei de testemunhar. Um polícia… um maldito *polícia*, continuo a repetir mentalmente, tentando convencer-me de que a presença do Grant nestes últimos dias é apenas uma coincidência. Ele estava no *pub*, interveio quando o Jack… o *Darren*… se atirou a mim. Depois, encontrei-o no café, onde insistiu em juntar-se a mim, fazendo-me sentir desconfortável. De alguma forma, arrancou-me o número de telefone do Rob e, depois disso, estava à espreita numa esquina, no seu carro, perto da nossa casa. Depois, o Rob disse que estava a ser seguido e, agora, acabei de o ver entrar pela entrada lateral de uma esquadra da polícia. A única conclusão a que chego é que está interessado num de nós. Só não sei qual.

Volto a colocar a tampa do depósito e, antes de pagar, tiro um café na máquina para levar para a viagem. Tenho de mudar o foco da minha mente e concentrar-me em encontrar a Belle e levá-la para casa em segurança. O que quer que o Grant esteja a fazer terá de esperar – embora, no fundo,

saiba que é por minha causa. Será que a polícia me esteve a investigar este tempo todo? Será que o meu envolvimento com o Darren desencadeou a reabertura de um caso arquivado – e eu acreditei que me tinha safado do que fiz? A tremer, afasto isso da minha mente enquanto saio da estação de serviço e continuo em direção à autoestrada.

38

BELLE – AGORA

O comboio atravessa o campo e Belle observa-o a passar, num borrão de cores, por quintas, aldeias e, ocasionalmente, por pequenas cidades. A sua cabeça balança contra o vidro, os pensamentos voltam-se para o que viu na pasta do Scarlett's. As raparigas nas fotografias eram bonitas, não há dúvida, mas não consegue perceber porque é que as fotografias seminuas e em poses sequer ali estavam. Ou melhor, pensa, não sabe o que isso implica sobre Jack e o seu negócio. Mas, à medida que o cenário passa, convence-se a não se precipitar com julgamentos. Afinal de contas, o Scarlett's é um clube noturno – um clube com bailarinas exóticas –, por isso, uma pasta com fotografias para o que poderiam ser audições e parte do processo de seleção não pareceria errado. Pois não? Mas, de qualquer forma, vai perguntar a Jack sobre isso.

O comboio pára em várias estações, a carruagem esvazia-se e enche-se de outros passageiros. Belle não tira os olhos da janela quando alguém se senta ao seu lado, enchendo a mesa para quatro. Era a única que estava ali sentada quando o comboio partiu de Bristol.

O homem esbarra acidentalmente no braço dela enquanto se acomoda, enfiando a mala entre os pés.

– Desculpa – diz ele, mas Belle limita-se a aproximar-se mais da janela, tentando ocupar o mínimo de espaço possível.

Não lhe apetece falar e já está farta de observar a paisagem. Em vez disso, olha para as capturas de ecrã do Google Maps que tirou antes de partir, estudando a rota que vai seguir quando chegar a Paddington. Colocou o telemóvel em modo de voo antes de partir, verificando que a partilha de localização com a família também estava desligada, caso precisasse de usar o telemóvel por qualquer motivo. Tinha desativado a partilha de localização antes de ir para França, claro, embora a tivesse ligado várias vezes nas

últimas semanas, principalmente para apaziguar a mãe quando ela se passava com isso. Mas, como estava sempre a lembrar-lhe, já tem dezoito anos e pode fazer o que quiser. É uma adulta. A perceção de que já não tem de fazer nada do que os outros lhe dizem impregna-se nela como os primeiros goles de álcool quando bebe ou o formigueiro do primeiro trago de um cigarro. Meu Deus, é disso que precisa neste momento. Um cigarro. Jack dar-lhe-á um quando ela lá chegar. Hão de sentar-se num café de rua com dois *Aperol* a ver passar todas as pessoas interessantes. *Londres, aqui vou eu*, pensa ela com um sorriso.

Imagina a cara de Jack quando a vir, como vai ficar contente por ela o ter encontrado e surpreendido. Já procurou alguns sítios onde pudessem ir jantar – um mimo dela, dir-lhe-á, agora que é quase uma mulher trabalhadora. Até receber o primeiro ordenado, usa algum do dinheiro que recebeu no aniversário. Tem várias centenas de libras em dinheiro na mala. Traz algumas roupas consigo, incluindo um par de roupas bonitas que Jack lhe comprou. Sabe que se sentirá mais confortável em Londres com os vestidos mais justos. Ninguém vai pestanejar lá, ao contrário dos seus amigos em Bristol. Ainda se sentem felizes em andar por aí com porcarias de lojas de rua, com ar de quem tem quinze anos. Não tem culpa de ser madura, de estar pronta para a próxima fase da vida. Quer mais do que dias intermináveis de estudo e de convívio com pessoas que não a compreendem. Graças a Deus que conheceu Jack.

Olha para a mão esquerda, sorrindo ao ver o anel de noivado. Só um homem total e completamente apaixonado por ela, um homem que quisesse passar o resto da vida com ela, lhe teria dado um anel tão bonito.

– Queres uma? – ouve de repente. Olha para o homem que está ao seu lado a estender-lhe um pacote de bolachas. Belle abana a cabeça e desvia novamente o olhar. – É um anel muito bonito – continua, sem desistir da sua tentativa de conversa. – Estás noiva?

Belle acena com a cabeça. Depois, suspirando, vira-se para ele.

– Sim, sim, por acaso estou. – Lança-lhe um pequeno sorriso e, pensando melhor, pega numa bolacha. – Obrigada. – Volta a olhar pela janela, embora sinta que ele ainda está a olhar para ela, um homem com entradas, calças de professor de Geografia e dedos rechonchudos. Usa um anoraque azul-marinho fechado até ao pescoço e Belle não ficaria surpreendida se pegasse numa revista de observação de pássaros para ler a qualquer momento. Está

a receber vibrações libidinosas dele.

– Tenho uma filha – diz o homem. – Tem mais ou menos a tua idade. De facto, faz dezasseis anos na próxima semana. Ficaria muito aborrecido se soubesse que ela se ia casar tão nova.

Belle sente as faces ruborizarem. Olha para as duas mulheres à frente, que apanharam o comboio juntas e parecem ter vinte e poucos anos. Uma delas está a fazer um *puzzle* de *sudoku* e a outra está a ler um livro. Ambas vestem roupas semelhantes, em bege suave, que gritam conforto e não darem nas vistas.

– Na verdade, sou adulta, não sou uma criança – diz Belle ao homem. Dá uma dentada na bolacha, mas está seca e sem sabor. Põe-na em cima da mesa. Uma das mulheres em frente olha para cima e depois para o homem. Faz uma cara de pena.

– O que é que os teus pais pensam? – insiste o homem. – De te ires casar.

Belle olha para o corredor, desejando poder fugir, mas ele tem a mala estacionada ao seu lado.

– Sou uma mulher adulta. Posso fazer o que quiser.

– É o que a minha menina me está sempre a dizer – diz com um risinho, tirando um frasco do saco que tem entre os pés. Desenrosca o copo de plástico do topo, revelando um segundo copo por baixo, e deita um líquido leitoso e fumegante em ambos. – És demasiado crescida para chá? – Desliza um para o outro lado da mesa, na direção dela.

Belle fica paralisada, sem saber o que fazer. Ouve o homem a trincar uma bolacha, vê migalhas a cair-lhe pela frente. Depois vê a sua mão a alcançar o copo de plástico.

– Obrigada. – Bebe o chá e o sabor é quente, doce e reconfortante. *Isto sabe bem*, ouve na sua cabeça. Um estranho, chá, bolachas e duas mulheres de roupa bege a ler e a fazer um *puzzle*. Estou rodeada de coisas normais, de pessoas normais. A viver a *minha* vida, à *minha* maneira. – Na verdade, os meus pais não gostam muito dele – confessa Belle, inclinando-se para o homem e falando em voz baixa.

O homem arqueia a cabeça, comprime os lábios.

– Ah – diz ele, abrindo o fecho do anoraque, revelando um colarinho branco clerical por baixo. – E tu? – pergunta, com a sua voz suave e calmante. – *Gostas* dele?

Belle está de pé na plataforma, com a mochila pendurada num dos

ombros. As duas mulheres com roupas beges confortáveis passam por ela de braço dado e, por um momento, Belle olha em volta para ver se vê o homem que lhe deu chá no comboio. Durante o resto da viagem, falou-lhe da sua filha, Rachael, e de como quer ser enfermeira quando terminar a escola. Falou também da sua mulher, e Belle imagina-os a todos a viver na sua casa geminada e ele a pregar à sua congregação ao domingo. Quase conseguia sentir o cheiro dos chás da tarde e das flores da igreja. Surpreendentemente, tinha sido um momento de calma para a sua mente em constante movimento. E ainda não tinha respondido à pergunta dele: *ela* gosta de Jack?

Claro que sim… diz para si própria, enquanto pega na mochila e caminha ao longo da plataforma. *Não gosto?*

Belle passa o seu bilhete no torniquete e segue os sinais para o metro. Nunca tinha estado no metro antes e fica surpreendida com o número de pessoas que estão todas juntas. É o início da tarde, nem sequer é hora de ponta, mas mesmo assim parece que o mundo inteiro está a usar este comboio. Olha para os pés enquanto se agarra à pega acima de si, tentando garantir que ninguém abre o fecho da sua mochila e rouba alguma coisa. Não está a usar o seu precioso colar ou brincos e, instintivamente, roda o anel para que os diamantes fiquem escondidos na palma da mão.

Muda de comboio, percorrendo a rede do metro com facilidade e, pouco depois, emerge em Tottenham Court Road, pronta para percorrer o resto do caminho até Winlow Court. Antes de sair, pesquisou no Google sobre os Claustros, para tentar encontrar uma morada precisa, mas não aparece nada, além de alguns *sites* obscuros sobre massagens e danças privadas, que conclui que deve ser outro lugar com o mesmo nome. Pensa que descobrirá exatamente onde fica quando chegar à rua certa. Mas, primeiro, precisa de água, por isso entra numa loja de esquina para comprar uma garrafa.

A Charing Cross Road parece não ter fim, com a sua mistura de escritórios com fachadas de vidro, velhos edifícios de tijolo vermelho e um fluxo constante de trânsito. Desvia-se e passa por entre grupos de pessoas, uma mistura de turistas, habitantes locais e trabalhadores, embora passem apenas alguns minutos até avistar a curva à direita que tem de fazer para Old Compton Street. Essa rua é mais estreita e está repleta de bares e cafés, e Belle sorri por dentro quando vê casais sentados em mesas exteriores com os seus cafés e bebidas, imaginando-se com Jack a fazer exatamente a

mesma coisa. Já está animada com o burburinho da cidade, a sua mistura eclética de pessoas e lojas, a azáfama constante que sabe que não vai parar mesmo à noite. À medida que avança para o Soho, repara que os sinais estão a mudar: *Massagem… Raparigas… Sex Shop… Striptease… Salão Privado… Bailarinas… Massagem Tailandesa…*

Belle vai absorvendo tudo à medida que abranda o ritmo, maravilhando-se com a forma como tudo isto se situa entre livrarias, gelatarias, *pubs* e restaurantes londrinos. Imagina como será a zona à noite, toda iluminada e ainda mais movimentada com pessoas desejosas de jantar antes de irem para os teatros próximos. Mais uma coisa que ela e Jack vão fazer, pensa com um sorriso, sacudindo-se quando é empurrada bruscamente por trás.

– Desculpe! – ouve uma voz quando um homem esbarra nela, agarrando-a e rodando-a enquanto se equilibra. Depois, continua apressado.

Por um segundo, fica desorientada enquanto se recompõe, mas depois vê uma placa de rua por cima do que parece não ser muito mais do que um beco ou uma passagem enfiada entre dois edifícios altos – Winlow Court. Graças a Deus.

Belle passa os dedos pelo cabelo e reaplica o brilho labial antes de se enfiar no beco, mais escuro e com um cheiro diferente do da rua em que acabou de passar. Os aromas tentadores de todo o tipo de comida dão lugar ao fedor a urina seca e caixotes do lixo. *Mas Londres é assim…* pensa ela. *Tão eclética*. É tão espantosa como imaginara.

– Desculpe – diz ela a uma mulher que se debate na rua estreita com pesados sacos de compras. – Não sabe onde são os Claustros, pois não?

A mulher, que tem uma cara cansada e magra, não olha para ela. Limita-se a abanar a cabeça e a continuar a andar. Belle pergunta a várias outras pessoas: um homem na casa dos cinquenta anos que parece igualmente perdido e a uma rapariga mais nova que carrega num botão dos auriculares quando pára para falar.

– É mesmo ali – diz com um sotaque cerrado, apontando para um edifício alto, escuro, de tijolos vermelhos, algumas portas adiante. Ela hesita e Belle pergunta-se se vai dizer algo mais, mas não o faz. Lança simplesmente a Belle um olhar suplicante que deve significar alguma coisa, embora ela não saiba o quê.

– Conhece-lo? – pergunta Belle, querendo mais informações. Vê a tinta preta da porta e das janelas, a fachada indefinida do edifício. As janelas

estão escurecidas e não fica claro o que é exatamente… talvez um escritório, apartamentos, algum outro tipo de negócio. Não há sinais.

A rapariga, mais ou menos da idade de Belle, retira completamente os auriculares, agarrando-os na palma da mão.

– Porque é que queres ir lá? – pergunta, lembrando a Belle da maneira como Natalia fala. A rapariga aperta o casaco de ganga à sua volta, tapando a *T-shirt* curta que está a usar por baixo. Muda o peso de um pé para o outro com uns saltos que parecem desconfortáveis.

– Oh… o meu namorado, ele… ele trabalha lá. – Belle não tem a certeza se isso é verdade, mas deve ser porque foi o que o homem com ar de doninha do Scarlett's lhe disse. E é óbvio que os dois sítios têm um ambiente semelhante. Tesouros escondidos frequentados pelas pessoas fixes.

– O teu namorado? – diz a rapariga, parecendo nervosa. Olha para trás e depois para as janelas por cima delas.

– Sim, o Jack – diz Belle, tentando injetar algum orgulho na sua voz.

Embora não possa negar que algo naquela interação está a fazê-la sentir-se um pouco… *desconfortável*. Não sabe se é o beco sombrio, ou aquela rapariga em particular, ou os cheiros… ou o quê. Mas diz a si própria para não julgar pelas aparências. Por instantes, a sua mente volta a lembrar-se do que viu no escritório do Scarlett's em Bristol, a pasta com fotografias de raparigas da sua idade vestidas com menos do que nada, cada uma com um nome e uma breve descrição. Na viagem de comboio, convenceu-se de que a sua reação inicial era púdica e ingénua, um produto de ter sido mimada pela mãe ao longo dos anos. As fotografias eram simplesmente fotos artísticas e glamorosas das empregadas de mesa e das bailarinas do clube. Nada de sinistro. Volta a olhar para o edifício, abanando a cabeça. Sim, está a ser ridícula. Aquilo é Londres, por amor de Deus. Dentro dos Claustros, deve haver um bar enorme e moderno, em espaço aberto, e um escritório – tudo paredes de tijolo, condutas de aquecimento e plantas luxuriantes. A empresa da mãe presta serviços em locais semelhantes em Bristol.

A mãe, pensa, engolindo o nó na garganta. Por um segundo, deseja que ela estivesse ali ao seu lado, que fossem às compras em Oxford Street e depois saíssem para jantar antes de assistirem a um espetáculo do West End. Depois voltavam para o hotel e…

– Enganaste-te no lugar – diz a rapariga abruptamente, quase parecendo

aliviada por Belle. – Não há Jack nos Claustros, tenho certeza. Não vás lá, não há Jack. – E a rapariga volta a colocar os auriculares e continua o seu caminho.

Belle decide que é altura de ligar rapidamente o telemóvel, usar o Google Maps para verificar se está no sítio certo, ou até ligar a Jack, por isso tira a mochila das costas para abrir o fecho do bolso lateral. Mas já está aberto. E o telemóvel desapareceu. Solta um gemido, em pânico, enquanto procura no resto da mala, verifica no casaco, refaz os seus passos para o caso de ter caído, mas não há sinal dele.

Sentindo-se derrotada, sabe que Jack a ajudará, talvez até lhe arranje um telemóvel novo – afinal, vai precisar de um para o trabalho –, por isso regressa ao edifício que a rapariga lhe indicou. Mas, quando se aproxima, fica subitamente especada ao ver um homem sair pela porta dos Claustros. Um homem que lhe parece familiar. Graças a *Deus* – é Jack.

Está prestes a chamá-lo, a correr e a derreter-se nos seus braços, mas uma rapariga – não, uma *mulher* – segue-o pela porta e Jack passa o braço à volta dela. Não vê a sua cara, porque tudo acontece muito depressa e ela não se apercebe, mas as lágrimas toldam-lhe os olhos, tornando difícil ver o que quer que seja. Embora veja o suficiente para perceber que a mulher é loira e mais baixa do que Jack, com o cabelo apanhado para trás num rabo-de-cavalo. Há um espaço descoberto na sua cintura grossa, onde o *top* se encontra com as *leggings* pretas, e ela ri-se para ele enquanto se afastam juntos, com Jack a inclinar-se para lhe dar um beijo demorado.

39

HANNAH – AGORA

Não tenho bem a certeza de onde estou… algures no oeste de Londres, na zona de Hammersmith. O trânsito está parado. Bloqueado. Movi-me cerca de três metros nesta última meia hora. O Rob já me ligou várias vezes a perguntar onde estou e, naturalmente, pergunto se a Belle já chegou a casa, rezando para que tenha chegado, para poder fazer inversão e voltar à autoestrada, aliviada por isto ter sido apenas um grande mal-entendido. Mas não, a Belle ainda não está em casa. O pesadelo continua.

– Telefonei a mais amigos dela – diz-me ele. – Nada. Ninguém tem notícias dela. Tentaram usar o Snapchat e outras formas de a contactar, mas não conseguiram. Desapareceu do radar, dizem eles.

Desapareceu do radar, penso eu, batendo com os dedos no volante. Terá sido isso que a minha mãe pensou de mim quando se apercebeu de que eu não tinha voltado para casa? Pergunto-me muitas vezes quanto tempo é que demorou a reparar que eu não estava no quarto nem na cozinha à procura de restos de comida. Que não estava *em lado nenhum*. Terá chamado a polícia? Reunido grupos de busca, ido a casa dos meus amigos para ver se estava com eles? Não que eu tivesse muitos amigos. Imagino-a a fazer um apelo na televisão, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelos olhos e a implorar ao público que me procurasse enquanto a minha fotografia aparecia no ecrã. Pergunto-me que fotografia teria usado, visto que nunca me tirou nenhuma. Havia algumas fotografias minhas em criança, mas não se pareciam nada comigo quando fugi.

Pensei em escrever-lhe nas semanas seguintes – apenas uma nota a dizer-lhe que estava bem (apesar de não estar) e que não tentasse encontrar-me (apesar de saber que não o faria). Mas não me dei ao trabalho. Por muito duras que tenham sido as primeiras semanas nos Claustros, de certa forma,

era como se tivesse voltado para casa – para a minha verdadeira casa, juntamente com as minhas irmãs, pessoas como *eu*, o lugar que inconscientemente procurei durante toda a minha vida. Afinal, todas tínhamos fugido de mães negligentes, pais abusivos, namorados violentos, padrastos e madrastas zangados, e algumas raparigas tinham sido postas na rua pelas próprias famílias por serem «incontroláveis». Outras tinham sido recrutadas pela Luba, tentadas a vir de países da Europa oriental para Londres com a promessa de uma vida nova. Algumas de nós escaparam. Outras não conseguiram. Embora, em última análise, não exista uma verdadeira fuga dessa vida. Vive dentro de nós, a conspurcar cada minuto de cada dia – afetando as decisões, as escolhas, a autoestima… e o esforço constante de usar uma máscara, de esconder o passado do presente, acaba por ter o seu preço. E agora contagiou a minha filha. A minha preciosa Belle.

Mas não, apercebo-me enquanto estou sentada e impaciente na fila do trânsito a olhar para as faixas de condutores igualmente frustrados; no fundo, sei que a minha mãe não andava à minha procura.

– *Porra!* – grito, batendo com o punho no volante.

Depois ouço o barulho das sirenes atrás de nós. Os carros desviam-se o máximo possível para a esquerda na fila de trânsito, incluindo eu, para deixar passar dois carros da polícia, logo seguidos por uma ambulância e um carro dos bombeiros. Há uma curva alguns metros à frente, à minha esquerda e, quando o carro da frente volta à faixa, subo o passeio com as duas rodas e passo à frente para sair deste engarrafamento. Não faço ideia de onde é que a rua secundária me vai levar, mas pelo menos estou a mover-me.

Mais abaixo, vejo um terreno baldio ao fundo de uma fila de casas em banda, onde estão estacionados vários carros e algumas carrinhas. Encosto e consulto o mapa. Mostra que estou a uma curta distância a pé da estação de metro de Hammersmith. Por esta altura, não me interessa o que acontece ao carro, se é multado ou rebocado, por isso avanço, estaciono-o num lugar nas traseiras da área e tranco-o, caminhando o mais depressa possível para a estação.

Meia hora depois, saio do metro em Leicester Square. Sinto-me enjoada com a normalidade de tudo o que se passa à minha volta – a publicidade a piscar, as massas de pessoas, o barulho, os turistas, as buzinas dos carros e

as bicicletas a circular no trânsito. Mas abstraio-me de tudo, dirigindo-me instintivamente na direção em que preciso de ir. Em tempos, conheci bem esta zona, sabia todos os sítios onde passar o tempo, onde arranjar bebidas baratas, os sítios onde costumávamos vender doses de cocaína a quem estivesse suficientemente desesperado para a tirar das nossas mãos. Lembro-me de como vendemos as nossas almas para poupar dinheiro suficiente – chamávamos-lhe a Grande Fuga. E, depois, ela morreu por causa disso. Por *minha* causa.

Não quero que a minha filha esteja nem perto de se tornar parte disso, relembro-me, enquanto empurro a maré interminável de pessoas que se apressam ao longo da rua à medida que desço a Shaftesbury Avenue. Embora me aperceba de que já faz.

Uma ou duas vezes, ao longo dos anos, atrevi-me a olhar para os Claustros no Google *Street View*, embora tenha sido preciso meia garrafa de vinho e estar completamente sozinha em casa para o fazer. Foi uma tempestade perfeita de emoções que desencadeou uma sensação de quase querer magoar-me a mim própria que me levou a fazê-lo dessas duas vezes. E não senti nada enquanto olhava para o edifício sombrio, para a sua fealdade e janelas com caixilhos pretos, para os muitos andares que se estendiam até ao céu, sem revelar nada do que se passava lá dentro. Como se nunca tivesse entrado no edifício.

Até tinha recuado no tempo no *Street View*, olhando para como a rua à volta tinha mudado ao longo dos anos – um par de *sex shops* a surgir e a desaparecer, um *takeaway* chinês, o beco que foi recalcetado. Apareciam silhuetas diferentes em cada vista, todas com rostos desfocados, que eu ampliei, procurando ver se alguma me era familiar, se conseguia identificar a estrutura magra do Darren ou a gordura da Luba ou a aparência encurvada do Vaughn. Ou até mesmo reconhecer a postura assombrosa de uma rapariga recém-recrutada. Mas, na altura, não fazia ideia de se os Claustros ainda estavam abertos. Nunca tinha havido qualquer sinalização no exterior. Só os que sabiam é que *sabiam*.

E parece exatamente o mesmo agora que estou no fim de Winlow Court, mal me atrevendo a percorrer a passagem suja, como se houvesse um campo de forças no fim a impedir-me. Rezo a Deus para que, se a Belle se dirigiu para aqui, esse campo de forças a tenha detido também. Agora que cá cheguei, não faço ideia do que fazer. Toco à campainha, finjo que sou

cliente e entro? E depois? Ou vigio a passagem, observo e espero, vejo quem entra e sai? Seja como for, nada disso é encontrar a Belle. Nem sequer tenho a certeza de que está realmente em Londres. Tento ligar novamente para o telemóvel dela, mas, como esperava, está desligado.

É quando estou parada no beco, com os braços pendurados inutilmente ao longo do corpo, que vejo um rosto à janela do terceiro andar dos Claustros – um rosto de rapariga com cabelo escuro e olhos perscrutadores. Olha para a rua cá em baixo, avistando-me quando a observo. Por um momento, os nossos olhos fixam-se e parece que estou a olhar para mim própria. Levanto a mão, como se estivesse a estender-lha, para que ela saiba que estou aqui, que a vou ajudar, mas, num instante, ela desaparece de novo.

– Não era ela – sussurro, tentando convencer-me e acalmar-me. – Não era a Belle.

Reconheceria o rosto da minha filha em qualquer lugar e, mesmo a esta distância, sei que era outra pobre alma dentro daquele edifício. Mas isso não quer dizer que não queira salvá-la também. Como se estivesse a salvar-me a mim própria. É o que sempre fiz – e, então, a Leanne e a Kate voltam à minha mente –, movida pela necessidade de intervir, de ajudar.

Forço-me a andar mais um pouco por Winlow Court. Na outra ponta, um camião do lixo parou e ouço o seu sinal sonoro de marcha-atrás. Vários homens com coletes de proteção manobram caixotes de lixo de tamanho industrial em direção a ele para serem esvaziados. É a vida normal… e lembro-me bem dela. O cheiro a comida a apodrecer no verão quando saíamos do edifício para um dos nossos passeios pela cidade, os clientes à espreita, com um ar desconfiado e nervoso se fosse a sua primeira visita, a breve sensação de liberdade quando escapávamos da zona por algumas horas. Não sei porque é que continuámos a voltar uma e outra vez, ou porque é que não corremos para a polícia, para uma instituição para pessoas sem-abrigo, ou implorámos a um estranho que nos ajudasse. Não sei porquê. Era como se estivéssemos presas por um fio invisível, ou por um longo elástico que só se esticava até certo ponto, sempre a devolver-nos ao pesadelo lá dentro se ousássemos ir demasiado longe.

Não, não era um fio, penso enquanto estou mesmo em frente à porta da frente. Era mais forte e mais resistente do que isso. Era um laço *mental*. Uma coleira de segurança, de estatuto e singularidade. Sem ela, sem sermos uma das raparigas do Vaughn, parte do seu submundo obsceno e com a sua

marca nas coxas, sabíamos que não éramos nada. A vida nos Claustros oferecia-nos proteção, uma eminência suja, uma identidade de que nos orgulhávamos. Acreditávamos que lhe devíamos a nossa vida. E algumas de nós sacrificaram-na.

– Sim…? – diz uma voz.

Olho para a minha mão. O meu dedo carregou na campainha sem me ter apercebido.

– Sim – dou por mim a responder. – Eu… – A voz falha-me. Não consigo fazer isto.

– Sim, quem é? – A voz é suave e delicada, uma mulher.

– Venho… Sou… – Respiro fundo. Preciso de dizer alguma coisa que me leve a entrar sem levantar suspeitas. – Desculpe – desisto. – Enganei-me no sítio. Desculpe o incómodo. – E continuo a andar rapidamente pela passagem, para parar subitamente na outra ponta, quando um *Range Rover* preto e reluzente se aproxima, bloqueando-me o caminho.

O condutor de fato sai e abre a porta traseira, esperando que um passageiro surja, uma enfermeira, vestida com um uniforme pálido e sapatos rasos, com o cabelo cor de areia enrolado num carrapito na parte de trás da cabeça. O condutor traz-lhe um andarilho do porta-bagagens e a enfermeira ajuda outra pessoa a sair, certificando-se de que segura bem o andarilho. O motorista fecha a porta.

E é então que vejo o Vaughn ali de pé, curvado sobre o andarilho, com os pés a arrastar enquanto avança. Está a cerca de três metros de mim e quase consigo sentir-lhe o cheiro, quase consigo *senti-lo*, à medida que as memórias me inundam. Sinto-me mal e os meus membros começam a tremer. A sua cabeça está quase sem cabelo – apenas alguns fios de prata brotam da sua calvície cerosa. A camisa branca bem passada está pendurada nos seus ombros ossudos e as calças cinzento-claras parecem que vão cair a qualquer momento. Nunca foi um homem grande, mas de alguma forma sempre teve uma presença régia, aterrorizando-nos e fazendo-nos acreditar que era o nosso governante.

Olhando para ele agora, tudo o que vejo são as suas fraquezas, as suas vulnerabilidades, enquanto a enfermeira o persuade a avançar. O Vaughn dirige-lhe um ataque de raiva quando ela lhe diz alguma coisa, fazendo-a encolher-se enquanto o conduz delicadamente para a entrada dos Claustros.

E depois passam por mim, com a enfermeira a olhar-me rapidamente, na

esperança de que eu saia do caminho. A minha boca fica aberta, querendo desesperadamente dizer alguma coisa – talvez para a avisar, talvez para dirigir ao Vaughn o meu próprio ataque de raiva. Em vez disso, fico ali parada e aceito o olhar furioso que ele me lança enquanto se arrasta. Não deixo de reparar na forma como os seus olhos abrasam com algo quando me vê, na forma como a sua velha mente se esforça por fazer a ligação entre o agora e o passado. Mas não faz. Finalmente, viro-me e corro de volta pelo caminho por onde vim, sem fazer a mínima ideia de para onde vou.

40

MOLLY – ANTES

Molly perguntava-se se iria morrer naquele dia. Acordara com uma sensação de paz enervante dentro do corpo, como se uma música clássica sombria lhe corresse nas veias em vez de sangue. Uma bela e lenta cascata de violinos e piano a afogar-lhe a alma, como se cada nota a preparasse para a vida depois da morte. *Não pode ser pior do que esta vida*, pensou, esfregando os olhos.

– Foi um sonho e peras! – disse, sentando-se na cama e apercebendo-se de que não passara disso mesmo.

Tinha fumado uma tonelada de erva na noite anterior e acabado com meia garrafa de *vodka*. Coçou as pernas e espreitou para debaixo dos lençóis. Tinha um pedaço de pele vermelha a deitar pus por causa da lixívia.

Ouviu um barulho. Hannah estava a vomitar num balde, debruçada sobre o lado do beliche. Os enjoos matinais não tinham parado durante todo aquele tempo. Algumas mulheres tinham isso, tinham aprendido há uns dias com Vanessa. Recentemente, Vanessa apanhara Hannah desprevenida, completamente nua na casa de banho, e tinha percebido o que se passava quando viu a sua barriga dilatada. Que não tinha havido aborto. Que não era apenas comida a mais, como todos julgavam.

No início, ficou irritada por lho terem ocultado, mas depois acabou por prometer guardar o segredo, embora, como dissera com razão, fosse apenas uma questão de tempo até Darren ou Luba descobrirem.

– Um bebé a sério, tipo, vivo, em casa é impossível de esconder, se queres que diga a verdade.

Explicaram-lhe que não chegaria a esse ponto, que Hannah ia fugir antes do nascimento.

– Morri – disse Molly, levantando-se da cama para ajudar a amiga. Estava com as suas calças e um colete. – No sonho.

– Eu estou a morrer agora – respondeu Hannah, espreitando para cima. Cuspiu no balde, limpou a boca e recostou-se na almofada. – Nem sequer bebi nada – acrescentou. – Não é ressaca.

– Hormonas – disse Molly, aproximando-se da amiga. Pôs o braço à volta dela e aninhou-lhe a cabeça. – Minha pobre querida – sossegou, apertando-a e afastando-lhe suavemente o cabelo da cara. – Mas hoje é o dia em que vais estar um passo mais perto, Han – sussurrou, levantando-se de novo e vestindo as calças de ganga. – Não tarda muito e vais sair daqui.

Havia ainda a questão de decidir para onde iria Hannah quando escapasse. Molly só a podia ajudar até ao momento em que partisse, e depois ficava por sua conta. Tinham falado de Molly ir com ela, claro, mas ainda estavam a decidir isso. Perder duas raparigas ao mesmo tempo faria com que Darren entrasse ainda mais em colapso e, se fossem apanhadas, as repercussões seriam muito piores, já para não falar de como a vida se tornaria insuportável para as outras. Molly seria necessária ali durante algum tempo para as proteger, para convencer Darren e inventar uma história credível sobre Hannah, talvez dizendo-lhe que tinha ido cuidar de um familiar doente e que voltaria em breve.

– Quando a poeira assentar, daqui a uns meses – convencera-a Molly –, então vou ter contigo. Podemos viver juntas… só nós e o bebé. Tu vais ficar bem. *Nós* vamos ficar bem.

Entretanto, tinham visto nas lojas de conveniência locais anúncios de vários quartos para alugar, embora só Deus soubesse como seriam ou se ainda estariam disponíveis na altura certa. Mas, em última análise, ficar na zona não parecia uma boa ideia. Hannah precisava de ir para o mais longe possível e já tinha dito que não ia voltar para casa de maneira nenhuma. Não voltava há anos e tinha deixado claro que a mãe a mataria. No final, decidiram que chegar a uma estação de comboios e fugir completamente de Londres seria o melhor. Não importava muito para onde ia, desde que houvesse um hospital onde pudesse dar à luz e uma pensão barata para as primeiras noites. A Câmara acabaria por a alojar, uma vez que ia ter um bebé e, se tudo corresse como planeado, também teria algum dinheiro.

– Um passo mais perto? – Hannah franziu o sobrolho, apoiando-se num cotovelo, enquanto via Molly a ajoelhar-se e a varrer um monte de roupa para fora do tapete. A seguir, puxou o tapete esfarrapado e gasto para revelar as tábuas velhas do chão. Usando o que restava das suas unhas,

arranhou e arrancou alguns pregos soltos e depois levantou a tábua.

– Em breve será dia de receber, Han. *Dia de receber*! – Molly olhou para cima através da sua franja desgrenhada, com um brilho entusiasmado mas aterrorizado nos olhos. Todo o seu corpo estava rígido e a tremer.

– O que é que estás a fazer aí em baixo? – Hannah estava de pé e parecia uma casa ali parada, com a túnica castanho-tijolo que tinha roubado da loja *vintage* da última vez que lá fora. Escondia bem a barriga a crescer.

– Ontem à noite posso ter estado bêbeda, mas não demasiado para esconder isto. – Olhou para cima, a sorrir de orelha a orelha, e depois olhou novamente para as vigas. As fendas entre a madeira estavam cheias de pó antigo e, quando ela meteu a mão lá dentro, tateando, apanhou outra coisa, algo frio e metálico. Molly tirou a faca que lhe era familiar. – Está segura – disse, agarrando-a. A lâmina ainda tinha uma linha escura de sangue seco, de quando ela e Hannah se tinham tornado irmãs *de verdade*.

Hannah ficou a olhar para ela, espreitando para a porta, para o caso de alguém entrar.

– Guarda isso, Mol – disse ela, parecendo nervosa. Um olhar preocupado percorreu-lhe o rosto, embora Molly se perguntasse se seria por causa das náuseas.

Molly ficou em silêncio por um momento, estudando o fio da lâmina.

– Alguma vez a usaste?

Hannah hesitou, abanando a cabeça.

– Guarda-a, está bem? – Foi fechar a porta. – O que é que me ias mostrar?

Molly fez o que lhe foi dito, colocando cuidadosamente a faca no sítio onde a tinha encontrado, depois voltou a tatear debaixo das tábuas do chão e, após apalpar as vigas, tirou duas chaves prateadas penduradas num fio sujo.

– Estas são as chaves para o resto da tua vida. As chaves da tua *liberdade*. – Levantou-se e segurou nos ombros de Hannah. – E, mais tarde, vou trazer-to. O dinheiro, Han, não vês? – Molly esperou por uma reação, mas o rosto de Hannah ficou impassível.

– Onde… onde é que arranjaste isso? Quero dizer… – Fitou Molly, confusa, preocupada e aterrorizada ao mesmo tempo. – Eles vão descobrir que as chaves desapareceram e vão *matar-te*. Matam--nos a todas.

Molly abanou a cabeça e desviou o olhar, com um pequeno arrepio.

– Se soubesses o que tive de passar para as conseguir. – Fecha os olhos

por um momento. – A Luba tem um conjunto sobresselente e o Darren vai pensar que não sabe onde pôs o dele. Não vai dar pela falta para já. E eles os dois vão sair mais logo… ouvi-os a falar ontem à noite. O Vaughn só volta daqui a várias semanas e a sua última entrega ainda está escondida no escritório. A quantidade de dinheiro ainda deve ser bastante neste momento. Conheço a rotina da Luba. É como um eclipse perfeito; não podemos esperar mais, estás a ficar tão grande. Estás de quanto tempo já? Sete, oito meses?

Hannah mordeu o lábio e desviou o olhar, como se não tivesse a certeza. Ou talvez *tivesse* a certeza, mas não quisesse dizer. Fosse como fosse, Molly sabia que o tempo não estava do seu lado. Ajoelhou-se e falou num sussurro excitado para a barriga saliente de Hannah, disfarçada por baixo da túnica.

– Vou fazer com que fiques bem, pequenino. Tu e a tua mamã vão ter uma vida boa. Vais ser livre. – Depois, fechou os olhos com força, desejando poder dizer o mesmo de si própria.

Por sorte, a noite não se afigurava muito movimentada nos Claustros, mas, mesmo que fosse, Molly teria continuado com o plano, sabendo que não haveria outra oportunidade como aquela. Alguns dias eram assim. Ou havia uma fila de clientes impacientes na sala de espera, a andar de um lado para o outro enquanto esperavam que a sua rapariga preferida – ou *qualquer* rapariga – ficasse livre (às vezes traziam a própria bebida para passar o tempo e, embora isso não fosse permitido, Luba fazia vista grossa). Outras vezes, havia apenas cinco ou seis clientes por hora, o que deixava a maioria das raparigas sentadas a ganhar raízes, a pensar se se teria espalhado a notícia de que ia haver uma rusga ou que um polícia à paisana ia aparecer.

Pouco depois das dez da noite, Molly fingiu uma dor de cabeça. Como previra, Darren e Luba tinham saído e, numa estranha reviravolta do destino, Hannah tinha ido para um quarto com o cliente que tinha causado todo aquele problema. Tinha ido visitá-la algumas vezes desde que engravidara, perguntando especificamente por ela, como um cachorrinho atrás de Hannah, que ainda não lhe tinha contado a verdade – embora fosse preciso ser cego para não reparar no seu estado agora. Molly ficou a observar do último andar enquanto Hannah o levava pelas escadas, vendo apenas o topo da cabeça dele enquanto a seguia como um rapazinho obediente. Quer ficasse satisfeito, quer zangado, quando a visse nua, seria

algo com que Hannah teria de lidar. Molly só tinha uma coisa em mente naquele momento: o dinheiro.

– Desculpa, Gail – dissera Molly depois de descer as escadas. – Sinto-me péssima. Vou tomar um duche, tomar dois comprimidos de paracetamol e depois volto para trabalhar.

– Está sossegado, de qualquer maneira – respondeu Gail, que estava a substituir Luba.

Molly não precisou de mais persuasão; foi até ao seu quarto, no último andar, e tirou a chave do esconderijo. Depois, pegou em dois sacos de plástico vazios que tinha escondido e em duas almofadas da cama, enfiando-as dentro dos sacos. A seguir, verificando que o patamar estava livre, desceu as escadas até ao andar de Darren e Luba.

Os aposentos da direção. Deslizou silenciosamente pela passagem lateral ao fundo do patamar, com os pés descalços a pisar cuidadosamente as velhas tábuas que rangiam. Sabia que o escritório ficava mesmo por cima de onde Gail estava sentada na receção e não queria ser ouvida. Apesar de Gail ser apenas uma empregada a tempo parcial, desconfiaria à mesma de qualquer som invulgar e estaria pronta a comunicar qualquer coisa estranha a Darren. Ninguém confiava em ninguém por ali.

Chegou à porta do escritório, a porta pela qual nunca nenhuma das raparigas tinha passado. Claro, tinha tido um vislumbre do interior algumas vezes, quando Darren ou Luba entravam ou saíam, e sabia que era de onde Luba saía com as grandes somas de dinheiro embrulhadas em película aderente para levar para os outros negócios de Vaughn. Havia todo o tipo de histórias sobre a polícia, que ali andava a farejar de vez em quando, sobre como Vaughn conhecia pessoas na polícia metropolitana e as subornava com drogas, raparigas e sabe Deus que mais. Molly sabia que era tudo muito mais complicado do que alguma vez compreenderia e, francamente, enquanto metia a chave na fechadura, experimentando a segunda quando a primeira não encaixou – que, felizmente, entrou e rodou como um sonho –, não queria saber. Representava um bilhete de saída para Hannah e o seu bebé, e era só isso que importava. Lidaria com as consequências mais tarde.

– Credo – sussurrou, entrando na divisão e fechando silenciosamente a porta atrás de si.

Trancou a porta por dentro para que ninguém pudesse entrar pelo lado de fora. O escritório estava uma confusão, cheio de lixo a transbordar de sacos,

garrafas de álcool vazias espalhadas por todo o lado, juntamente com copos e pratos sujos. Havia montes de papéis e pastas espalhados por todo o lado, bem como pilhas de roupa e sapatos e todo o tipo de detritos que Molly não tinha tempo para estudar.

Era o armário que ela procurava, o armário cinzento de metal com duas portas ao canto. Um dia, ao sentir-se especialmente corajosa, espreitara pela fresta da porta aberta e vira Luba a retirar dali grandes quantidades de notas. Ficara maravilhada com a falta de vigilância e de cuidado ao manter tanto dinheiro no edifício… mas era isso que acontecia por ali. Homens como Vaughn e Darren acreditavam que eram intocáveis, que estavam acima de todos os outros, que ninguém se atreveria a contrariá-los, especialmente alguém como ela. Apenas uma prostituta banal que acreditavam que os admirava, que lhes tinha de estar grata, que tinha sorte em viver ali. Presa pela necessidade de ser desejada.

– Enganam-se como a porra – sussurrou Molly, enfiando a outra chave no cadeado do armário grande. Estava a tremer e precisou de ambas as mãos para se firmar o suficiente para a inserir. Foi difícil, mas finalmente fez um clique e rodou, libertando a dobradiça larga que mantinha as portas fechadas.

Havia seis sacos de viagem lá dentro, dois em cada prateleira, e tinha notado nos últimos meses que eram esvaziados por Luba em sentido rotativo. Umas vezes eram os azuis e amarelos, outras vezes os todos pretos de *nylon*, outras vezes levava as malas cinzento-escuras para um carro à espera. Molly apalpou os sacos. Todos cheios.

– C’um caraças – murmurou para si própria, perguntando-se quanto dinheiro estaria ali.

Nem sequer se atreveu a tentar adivinhar. Atordoada com a visão, sabia que tinha de agir rapidamente. Por baixo dela, através do chão, ouvia o que se passava na receção; a campainha da porta da frente soava ocasionalmente à medida que os clientes chegavam, Gail deixava-os entrar, o som abafado da sua voz alegre a cumprimentá-los. Não importava que tipo de escumalha entrava, eram todos tratados da mesma forma: como reis.

Molly abriu o fecho de um dos sacos na prateleira de baixo e engoliu o medo. Outro barulho fê-la parar por um segundo, mas era apenas o som de uma das raparigas a trazer o seu cliente pelas escadas acima, a porta a fechar-se no andar superior quando entraram. Tirou as almofadas dos sacos

de plástico e pegou em alguns maços de dinheiro, enfiando-os dentro dos sacos. Continuou a fazê-lo até a primeira mala estar vazia, depois enfiou uma almofada dentro dela, no lugar do dinheiro – afofando-a para encher a mala antes de a fechar de novo e a arrumar exatamente como estava. Repetiu o processo, mas desta vez esvaziou um dos sacos da prateleira do meio, voltando a enfiar a almofada quando terminou. Sentindo o peso, calculou que deviam estar pelo menos cinquenta mil libras lá dentro.

Foi então que viu o envelope castanho volumoso na prateleira de cima, juntamente com uma lata de metal ao lado. Com as duas mãos, puxou-o para baixo, encontrando uma pilha de papéis, passaportes e outros documentos lá dentro. Demorou alguns minutos a separá-los todos, mas acabou por encontrar o passaporte de Hannah – a sua fotografia mostrava um rosto jovem e inocente que Molly pensou que poderia ser o de qualquer uma das raparigas que ali estavam antes de chegarem – com a certidão de nascimento amachucada e dobrada lá dentro. Juntamente com o dinheiro, ia precisar disso para a sua nova vida, por isso meteu-os também no saco. Depois de voltar a pôr o envelope gasto como o tinha encontrado, deu um abanão rápido à lata. Tilintou como se contivesse objetos de valor – talvez relógios ou joias, todos tirados às raparigas quando chegaram. Não se atrevia a correr o risco de ver o conteúdo agora, perdendo mais tempo, por isso voltou a enfiá-la na prateleira.

Molly olhou para o seu saque, desejando ter trazido algo mais substancial para o transportar. Depois de fechar o armário, levantou-se e sentiu o peso dos dois sacos. As pegas de plástico estavam esticadas e uma delas parecia que se ia rasgar a qualquer momento. Carregou-os até à porta, destrancou-a e abriu-a uma nesga para ouvir. Apenas os ruídos habituais que esperava: os sons de sexo que se tinham tornado parte do tecido do edifício, um som envolvente de prazer e dor. Decidindo arriscar, Molly saiu para o patamar e fechou a porta atrás de si, movendo-se como um rato para não fazer barulho.

– Nessa, estás aí em cima? – gritou uma voz de repente vinda do *hall* de entrada do rés do chão.

A voz de Gail. Molly ficou petrificada no fim da passagem que levava ao patamar principal, quase conseguindo ver o topo da cabeça de Gail. Vanessa gritou qualquer coisa do sótão, o seu rosto aparecendo por cima do corrimão enquanto espreitava pela escada abaixo. Molly olhou para cima,

fixando os olhos nela. Fez um «chiu» com a boca, rezando para que Vanessa ficasse calada.

– Vou já! – respondeu Vanessa a Gail, olhando de novo para Molly.

Depois, desapareceu e, alguns momentos mais tarde, Molly ouviu passos a descerem as escadas, seguidos da voz de Vanessa a apaziguar e a empatar Gail no corredor, perguntando-lhe se podia arranjar uma alça partida, quem era o próximo cliente, se tinha alguma bebida… qualquer coisa que a impedisse de subir. Molly aproveitou a oportunidade e subiu o mais rápida e silenciosamente possível até ao último andar, agarrando nos sacos de dinheiro. Assim que fechou a porta do quarto atrás de si, ouviu passos a subir – Gail a praguejar sobre isto e aquilo, a resmungar sobre o facto de, de repente, haver tanto movimento e os clientes estarem à espera, e que ia fazer ligas das tripas de alguém se não descessem já.

41

HANNAH – AGORA

Como é que se encontra alguém quando se tem uma cidade inteira para procurar? Um *mundo* inteiro para procurar? Como é que se encontra alguém quando essa pessoa não quer ser encontrada, quando não se pode envolver a polícia porque isso vai pôr mais vidas em risco e não se acredita que nos vão levar a sério? E, caso convencêssemos a polícia de que a nossa filha está em perigo, prender-nos-iam por causa do que teríamos de admitir para que acreditassem em nós. Depois, encontrar essa pessoa seria impossível porque estaríamos numa cela.

– Jesus! – digo por detrás das minhas mãos, com a mente a mais de mil.

O banco está frio e duro contra as minhas costas, apesar de o dia estar sufocante, a terra a ferver até ficar em brasa com o calor. Telefono outra vez à Belle, na esperança vã de que tenha o telemóvel ligado, embora saiba que não. Uma última tentativa antes de ter de enfrentar o impensável: entrar nos Claustros.

Percorro as duas ruas de volta a Winlow Court, sabendo que o Vaughn estará no prédio. As suas visitas duravam sempre vários dias para «tratar de negócios». Digo a mim mesma que não me vai reconhecer, que nem sequer se vai lembrar de mim. Muitas, muitas raparigas terão passado por este lugar desde então, mas não consigo deixar de imaginar os fantasmas que terão deixado para trás.

Toco novamente à campainha antes que mude de ideias.

– Sim? – ouve-se uma voz alegre.

– Sim – respondo, aproximando-me do intercomunicador. – É um pouco estranho… – Solto uma gargalhada. – Estava a pensar se me podia ajudar…

Milagrosamente, não tenho de continuar a dizer o que tinha planeado, porque o trinco da porta soa e abre-se quando a empurro, presumivelmente porque sou mulher. Não sou tão ameaçadora. Entro, ignorando as vozes na

minha cabeça, a sensação arrepiante de que não era mais do que uma criança inocente quando aqui cheguei pela primeira vez, sem qualquer ideia do que o futuro me reservava.

Olho para a escadaria sem fim e ouço os ecos *dela* – a gritar… a implorar… a suplicar…

Tapo os ouvidos e fecho os olhos com força.

Depois, atravesso o corredor, sabendo que devia virar à esquerda para a receção. Fico sem fôlego ao ver que pouco mudou, de tal forma que é quase impossível falar quando sou recebida por uma mulher atrás de uma secretária. E é preciso tudo o que tenho dentro de mim para não dizer o seu nome. *Luba*.

– Olá, olá – diz ela daquela forma que tem que faz com que cada palavra soe como uma bolha, como se pudesse rebentar no ar entre nós. Fico a olhar para ela, chocada com a sua cara. Tem o olho esquerdo encovado e semicerrado, uma prótese onde antes estava o verdadeiro. Por baixo, exibe uma cicatriz de sete centímetros na bochecha. Fora isso, não parece muito diferente do que me lembrava, com um pouco mais de peso, mas o mesmo sorriso fixo no seu rosto redondo e desfigurado, o cabelo ainda fino e puxado para trás num rabo de cavalo, embora as linhas à volta da boca sejam mais pronunciadas, o maxilar mais solto. – Como podemos ajudá-la? Não faz mal, pode entrar, nós não mordemos. – Mas não há «nós». Ela é a única pessoa na sala.

– Olá – digo, pondo os braços à minha volta. Quase que consigo *saborear* o passado, a *vodka* que nos deu coragem para o fazer, a *Coca--Cola* que nos fazia continuar e a erva que nos ajudava a dormir. O som dos passos nas escadas, o bater das portas a fecharem-se atrás de nós, os homens que cheiravam a outras casas, a outras vidas. – É um pouco embaraçoso, na verdade – começo.

A Luba sai de trás da secretária e o seu olho bom percorre-me. Reconhece-me? Certamente que não, ao fim de todos estes anos; agora estou completamente diferente, com o cabelo pintado, rugas no rosto, roupas com que ela nunca me teria visto antes.

– Não faz mal – diz ela, rindo. A mão dela pousa no meu cotovelo. – Venha, sente-se. Hoje ainda pouca gente.

Sento-me ao seu lado numa das várias cadeiras por baixo da janela escurecida. Os estores nunca foram abertos.

– Diga-me como ajudar. E já vimos de tudo aqui, acredite, por isso nada embaraçoso. Quer uma massagem, é isso?

Abano a cabeça.

– Não, não, não é isso. – Lembro-me das clientes femininas que ocasionalmente me visitavam, algumas com regularidade, outras apenas para satisfazer uma necessidade. Mas a maioria dos clientes eram homens. – O meu marido faz anos em breve e… ele sempre teve uma fantasia. – Sorrio, desviando o olhar timidamente, a interpretar o papel. – Não é algo em que esteja interessada, mas quero fazê-lo feliz. Compreende.

– Nós satisfazemos todas fantasias, por isso veio sítio certo. – A gargalhada gutural da Luba leva-me de volta ao passado. – Do que é que ele gosta, de ser atado, é isso?

– Sim, sim, é isso. É isso que quer. O que se passa é que… ele gostaria que ela fosse… – Tusso, não querendo ouvir-me a dizer as palavras. – Ele… ele gostava mesmo de alguém jovem. Talvez inexperiente. Pode arranjar-lhe alguém assim? – A minha boca está tão seca que mal consigo falar.

– Oh, sim, não há problema. Quando é que ele quer vir para…? – A Luba hesita. Provavelmente está a tentar perceber se sou polícia ou outra ameaça qualquer, por isso joga pelo seguro. – Ele pode ter jovem simpática para massagem de relaxamento, isso não tem problema. Quer um vale? Podemos fazer pré-pagamento.

– Claro, sim, obrigada – dou por mim a dizer. – Seria possível dar uma vista de olhos? Sabe, como mulher dele, gostava de ver primeiro.

– Lamento, mas não é assim que funcionamos. As nossas raparigas são todas limpas e os quartos impecáveis. Temos muito orgulho na higiene.

– Oh, sim, tenho a certeza – replico, sentindo-me subitamente enjoada. Tenho as mãos a tremer no colo. Não sou capaz de fazer isto. *Tenho* de sair daqui. – Desculpe, se calhar não devia ter vindo. É que…

– O meu cérebro está a trabalhar mais depressa do que a minha boca e não consigo parar. – É que temos tido, enfim, problemas no quarto, e pensei que algo assim poderia reavivar as coisas entre nós. Foi uma ideia estúpida. Eu vou-me embora. Obrigada. – Levanto-me para sair, mas a Luba agarra-me o braço.

E é então que o vejo: um lenço deixado numa das extremidades do balcão da receção.

– Temos rapariga nova que é perfeita para massagem. É muito bonita.

Venha, eu mostro-lhe a casa, está bem? Quero ajudar.

Abro a boca para responder, mas não sai nada. Os meus olhos continuam fixos no lenço.

Quero ajudar, repito na minha cabeça, virando-me para olhar para ela outra vez. Lembro-me das vezes em que foi de viagem à Roménia, à Polónia, à Letónia, para recrutar raparigas. Tal como nós, a Luba não tinha escolha. Estava – *está* – sob o feitiço deles. Não conhece nada diferente.

Depois, algo se passa entre nós. Um olhar conhecedor, o seu olho bom a estreitar-se até não passar de uma fenda, fazendo-me questionar se ela me reconhece. A Luba era a única pessoa aqui que tinha noção daquilo por que nós, raparigas, passávamos.

– Essa rapariga nova – digo eu, com a voz a vacilar. – Tem uma fotografia? – Olho novamente para o lenço. O lenço da *Belle*.

– Começa a trabalhar hoje, mas em breve haverá fotos no *site*. Pode mostrar ao marido. – A Luba ri-se, dando-me uma cotovelada. – Tem cabelo comprido e escuro. – Indica um ponto abaixo do seu peito com a mão. – É linda, como uma princesa. Venha, vou mostrar-lhe a casa enquanto está tudo calmo. Deixá-la descansada.

– A rapariga nova já cá está?

Princesa…

– Não, mas vem esta noite. Olhe, quando homens saem dos Claustros, vejo as suas caras mudadas, como se qualquer coisa dentro deles crescesse de novo. Vai ser bom para o seu marido. E bom para si, não é?

– Pois – respondo. – Eu… vou ter de pensar. – Dirijo-me para a porta. A Belle não está aqui e eu preciso de me ir embora.

Volto para o corredor com os pensamentos a mil enquanto olho para o cimo das escadas. Na minha mente, vejo os rostos das raparigas a espreitarem por cima da borda do corrimão, os cabelos caídos em cascata e as mãos a estenderem-se para mim, implorando-me que as salve.

– Obrigada – despeço-me, agarrando-me ao trinco da porta para a conseguir abrir.

Um segundo depois, o ar quente da rua substitui o cheiro fétido a desespero misturado com um ambientador barato do interior dos Claustros e corro para o fim da passagem sem saber para onde vou. Qualquer sítio que me afaste dali.

E é então que a vejo mais à frente, a atravessar a rua. Caminha a passos

largos, com um ar decidido e o cabelo comprido a esvoaçar sobre os ombros.

Juro que é ela. A minha princesa.

– *Belle!* – grito e começo a correr. – Belle, espera! Sou eu!

Sinto a garganta a arder enquanto corro atrás dela. Mas, quando chego ao fim do beco, virando na mesma direção em que a vi seguir, não há nenhum sinal dela. Desapareceu completamente. Olho freneticamente em volta, no caso de ela ter entrado num carro, mas não há nenhum nas redondezas. Precipito-me para a estrada, parando quando um ciclista grita comigo, quase me atropelando.

– Ela estava aqui… Eu vi-a, eu *sei* que a vi… – soluço, inclinando-me para a frente com as mãos nos joelhos, ofegante e a pensar se terei imaginado aquilo.

Recusando-me a desistir, enfio-me num par de lojas, procurando por todo o lado, empurrando e passando pelas pessoas para não perder nem um segundo. Ela deve estar por perto.

– *Belle!* – grito novamente na rua e toda a gente olha para mim enquanto entro em pânico, em bicos de pés, desesperada para encontrá-la.

A visão do seu lenço, com aquele padrão inconfundível, assombra-me enquanto pego no telemóvel para ligar ao Rob. É então que sinto uma mão no meu ombro. Fico paralisada por um segundo e, quando me viro, vejo o Darren atrás de mim, a olhar-me de soslaio enquanto crava os dedos na minha pele.

42

HANNAH – AGORA

– Olá, *Hannah*… – canta-me ao ouvido. – Achei que não ia demorar muito até te ver por aqui. O Vaughn está na cidade. Tenho a certeza de que ia adorar ver-te.

Ri-se enquanto a sua mão desliza para baixo, agarrando-se firmemente ao meu braço.

Liberto-me com um puxão, mas ele agarra-me os pulsos e puxa-me para junto de si.

– Onde é que ela está? – cuspo-lhe, lutando para me libertar. Examino a rua outra vez para ver se a vejo.

– Presumo que queiras a Belle de volta em troca do dinheiro – diz o Darren em voz baixa. – Chegaste na altura certa. Podes dar o dinheiro diretamente ao Vaughn. Ele vai apreciar o gesto.

– Sabes que não consigo arranjar essa quantia. Por amor de Deus, foi há dezoito anos. Já tiveste a tua oportunidade. De qualquer forma, eu… eu vi o Vaughn há pouco… já quase nem está vivo, o cabrão perverso. – Tento contorcer-me para me libertar, mas o seu aperto é forte. – E a Belle não está à venda. Onde é que ela está? O que é que lhe fizeste? – Não lhe digo que pensei tê-la visto, para o caso de ele nem sequer saber que ela está em Londres.

– Ela está segura. A Luba adora-a, sabes? Vai ser popular. Já tem clientes marcados para esta noite e as suas fotos estarão disponíveis no *site* mais tarde. Pode começar a trabalhar para pagar a tua dívida. Vai deixar-te tão orgulhosa.

– Seu sacana de merda – cuspo, tentando afastar os braços.

Mas ele aperta-me com força e não me atrevo a gritar, com medo do que possa fazer. Um simples telefonema faria com que mandasse outro dos homens do Vaughn levar a Belle para um lugar onde nunca a encontraria.

Onde *ninguém* a encontraria. Mas o que me disse é mais uma confirmação de que ela esteve nos Claustros, que ele lhe contou uma história sobre trabalhar lá, tal como lhe mentiu sobre o estabelecimento do Vaughn em Bristol.

Do outro lado da rua, vejo dois polícias em patrulha, um homem e uma mulher, a caminhar lado a lado, de uniforme completo. Fito-os com ansiedade, na esperança de que olhem para mim, reparem na minha cara, venham perguntar-me se estou bem… que depois prendam o Darren sem ter de lhes dizer nada e a Belle apareça magicamente, saída de uma loja, com a cara a iluminar-se quando me vê e depois vamos para casa e… e…

– Vai lá, então – diz o Darren, empurrando-me para a estrada, a rir-se. – Vai lá e conta tudo à polícia. Diz-lhes o que fizeste… Diz-lhes que não passas de uma puta vulgar e ladra. Uma assassi…

Levanto o joelho direito e enfio-o nas virilhas do Darren com força. Ele dobra-se em dois, uivando de dor, permitindo-me libertar os pulsos. Depois, desando dali – mas não vou atrás da polícia. Não consigo levar-me a isso. Ainda não. Em vez disso, corro por uma rua lateral, sabendo que a Belle está algures por aqui e que não saio de Londres enquanto não a encontrar.

Quando estou longe do Darren, sentada num muro baixo de um pequeno parque isolado, telefono ao Rob. Conto-lhe o mínimo possível do que aconteceu.

– Credo, Hannah, tens de sair daí agora. Isto já foi longe de mais. Onde é que estás, exatamente?

– A Amber está bem? E a Leanne e a Kate? – pergunto, ignorando a sua pergunta. – Desculpa tê-las deixado contigo.

Tudo em casa parece tão distante, como se eu nunca tivesse tido a minha vida com o Rob, as miúdas, a minha empresa, a nossa casa adorável. Talvez *tenha sido* tudo apenas um sonho e eu ainda tenha dezassete anos. Talvez tenha fumado demasiada erva ou tomado *ecstasy* numa discoteca e esteja a alucinar sobre uma vida que nunca tive e, realmente, devia voltar para os Claustros porque o Darren e a Luba vão ficar furiosos comigo e… e…

– Hannah? Estás a ouvir-me? Ainda estás aí?

– Rob? – digo fracamente, baixando a cabeça. Parece que estou a perder o juízo. – Eu *vi-a*. Juro que vi a Belle. Corri atrás dela, mas perdi-a no meio da multidão e depois não consegui encontrá-la. – Soluço através da linha, perguntando-me se terei imaginado aquilo. – Que raio faço agora?

Clientes marcados para esta noite… Fotos na Internet…

Não consigo suportar a ideia de ela estar naquele lugar com as outras raparigas; a ideia de ela ser usada, tratada como um objeto. Não faz ideia de que está a ser manipulada, tal como eu não fazia na altura.

Levanto-me, sabendo exatamente o que tenho de fazer.

– Rob – digo –, tenho de ir. Ligo-te mais tarde. – Termino a chamada e volto a esperar.

43

BELLE – AGORA

Belle corre. Corre o mais depressa que consegue para fugir dos Claustros, sem saber para onde vai, e tropeça, com os pulmões a arder e as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. Só sabe que tem de continuar a correr até que o que viu lhe saia da cabeça. Até estar convencida de que não foi Jack quem viu sair daquele edifício e que ele não tinha os braços à volta de uma mulher, e que certamente não a beijou. E talvez, se continuar a correr, o telemóvel não tenha sido roubado e ela possa ligá-lo e telefonar à mãe. A mãe saberia o que fazer e Belle tem certeza de que isso envolveria vir buscá-la. Para a levar para casa. Porque, naquele momento, não lhe ocorre nenhum outro lugar onde preferisse estar.

– Dupla… *vodka* tónica dupla – diz ela ao barista, ofegante.

Foi o primeiro *pub* a que chegou quando já não tinha fôlego e as pernas estavam quase a ceder. Está a suar e a tremer.

– Identificação, amor – diz ele antes de lhe preparar a bebida.

Merda, pensa Belle, mas depois lembra-se – a carta de condução provisória que o pai pediu quando fez dezassete anos mas que não usou. Pelo menos, não como deve ser. Umas voltinhas num parque de estacionamento e nas estradas locais sem a placa que a identificava como aprendiz e uma condução ilegal sozinha não contam.

– Aqui tem – diz ela, tirando-a da carteira que, felizmente, ainda está dentro da parte principal da mochila.

O barista acena com a cabeça e olha para ela antes de lhe preparar a bebida. Belle entrega-lhe uma nota de vinte libras e dirige-se para uma mesa vazia no canto, lutando contra as lágrimas que lhe brotam nos olhos enquanto bebe a *vodka*. Mas os golinhos transformam-se em goladas e, quando dá por isso, está de volta ao balcão com a carteira e a pedir o mesmo. Depois de ter repetido isto mais três vezes e de o *pub* se ter enchido

de gente à hora do almoço, começa a relaxar e a acreditar que, sim, cometeu um erro ao ver Jack beijar aquela mulher, que provavelmente era apenas uma amiga, uma colega de trabalho, e que estava demasiado entusiasmada e nervosa por estar em Londres. Por isso, termina a sua bebida, decidindo voltar aos Claustros, continuar com o seu plano e deixar de ser tão tola. Tão emotiva. Tão infantil. *Credo, Belle*, diz a si mesma. *Controla-te. Esta é a tua nova vida agora*. Sai do *pub*, tropeçando no degrau quando sai para a rua, para o calor, a luz do sol, a multidão, e faz o mesmo caminho ao contrário, de volta para Winlow Court. Regressa ao edifício com as janelas escurecidas e a fachada sinistra, com os caixotes de lixo malcheirosos por perto. Toca à campainha.

– Sim? – diz uma voz simpática um momento depois.

– Olá, é a Belle – diz ela com a voz arrastada para o intercomunicador, a achar que não soa nem se sente como si mesma, mas que isso é bom porque não o quer ser. – Posso entrar? – pergunta e, um segundo depois, a porta abre-se.

– Santo Deus… – diz a mulher. – És uma beleza. – Sai de trás da secretária e olha-a de alto a baixo. – Sou a Luba. – Há algo de errado com o seu olho.

– O meu namorado está aqui? – pergunta Belle, sentindo-se enjoada. Não se importa com o sabor da *vodka*, apesar de ter bebido sobretudo vinho em França, mas nunca tinha bebido álcool tão depressa. Nem tanto.

A mulher sorri.

– Querida, teus namorados não tardam chegar. Vens por causa do trabalho?

Belle acena com a cabeça, presumindo que Jack avisou o seu pessoal em todas as sucursais de que ela se vai juntar à equipa. É o que o seu cérebro confuso lhe diz, de qualquer forma.

– Só quero que ele se orgulhe de mim, é só isso – sussurra, voltando a lacrimejar.

Deixa-se cair numa cadeira e repara no grande aquário do outro lado da divisão, com os peixes de cores elétricas a saltitar entre castelos cor de laranja e verdes e crânios brancos brilhantes. É essa a sensação que tem agora, que está debaixo de água. Embora não esteja a nadar, mas a afogar-se.

– Oh, não chores – diz a mulher. – Fazer *todos* se orgulhem de ti, vais ver.

Já tiveste experiência?

Belle olha para ela, deixando cair a mochila aos seus pés. Desenrola o lenço rosa-pálido com crescentes laranja, aquele por que se apaixonou na loja em Bristol e que Jack lhe comprou imediatamente.

– Sim, imensa – mente com os olhos pesados. – Faço qualquer coisa. – Soluça, soltando um pequeno arroto.

– Isso que gostamos de ouvir – diz Luba, esfregando-lhe as costas. – Vais ser das favoritas aqui, tenho a certeza.

Belle sorri para esta estranha, a mulher que conheceu há apenas alguns momentos – a mulher que exala conforto e cuidado, apesar da cicatriz feia na bochecha. Belle permite-se absorver tudo. Não o consegue evitar.

– Uma bebida, para te acalmares? – A mulher levanta-se sem esperar resposta e vai novamente para trás do balcão da receção, tirando uma garrafa e um copo de *shot* de debaixo da secretária. – Remédio – acrescenta com um risinho. – Vai correr tudo bem. Agora a salvo.

– Obrigada – diz Belle, pegando no *shot* e bebendo-o de um trago.

Não ouve a voz na sua cabeça que lhe diz para não beber, a débil tentativa da sua consciência de lhe sussurrar para se ir embora, para nunca mais voltar, para ir a uma loja, à polícia, *a qualquer lado*, e telefonar à mãe. Agora é adulta e pode fazer o que quiser.

Luba serve-lhe outro.

– Belle. Sim, já ouvi teu nome antes.

Belle acena com a cabeça. Olha para o peixe.

– Nome perfeito para uma princesa. Princesa Belle.

– Vim fazer uma surpresa ao meu namorado – diz Belle, olhando novamente para Luba. Pensa que ela tem olhos bondosos, mesmo o falso. Bolsas quentes no seu rosto pálido. Bochechas rosadas que irradiam amor.

– O teu namorado – diz Luba, com os olhos a semicerrarem-se pensativamente. Através da sua mente entupida, Belle vê que se está a fazer luz na cabeça de Luba, que ela está finalmente a perceber porque está aqui, para ver Jack. Luba saca do telemóvel. – É este?

A fotografia está granulada; um grupo de pessoas num bar, incluindo Luba, e todos parecem bêbedos ou drogados, mas Belle também acha que parecem felizes e contentes e que se estão a divertir. Demora algum tempo, mas finalmente faz-se luz na sua própria cabeça. Fica irritada.

– Sim, é ele. É o Jack, o *meu* namorado. – Bate com o dedo no ecrã do

telemóvel, como se estivesse a picar a cara dele. – Mas espera… *está*… *está* envolvida com ele? Eu vi-a… vi-a há pouco com o Jack, não foi? – Jura que foi esta a mulher que viu a sair do edifício, com Jack a dar-lhe um beijo. Mas sabe que o cérebro não está a funcionar bem e pode ter-se enganado.

Luba ri-se.

– Oh, não, querida. Não… ele é só amigo. Aqui todos bons amigos. Como grande família. E sim, sim, aquele é o Jack e é o teu namorado, estou a ver isso agora. Por isso, não precisas de te preocupar. Bebe e fica a saber que és bem-vinda aqui. – Luba faz um som trovejante na garganta e Belle não tem a certeza se é um aviso ou um som de contentamento. Só sabe que algo se abre dentro dela, como uma válvula que liberta a pressão que se tem vindo a acumular no seu interior.

O Jack é meu namorado. Ama-me. A Luba é só uma amiga. O Jack é popular. Tem muitos amigos. Não devo ter ciúmes. Esta é a voz que Belle ouve dentro da sua cabeça. A voz da razão.

– Sabe onde é que ele está… o Jack?

– Sim, sim, volta mais tarde – diz Luba. – Agora, diz-me, pronta para começar a trabalhar esta noite? Vamos ter casa cheia. O Jack… vai ficar tão orgulhoso de ti. – Aperta as duas mãos de Belle nas suas e Belle sente como são quentes, exalando bondade e segurança e um sentimento que… bem, se for perfeitamente honesta, é o sentimento de que finalmente voltou para casa. Que ali *há* uma família. E ela quer fazer parte dela.

Belle disse a Luba que ia sair um pouco para ver se encontrava o telemóvel e que voltaria mais tarde para trabalhar e para se encontrar com Jack. Estupidamente, no seu estupor embriagado, tinha-se esquecido de perguntar a Luba o que é que o trabalho implicava, exatamente, mas, a julgar pelo que tinha visto até agora, achava que provavelmente seria ajudar Luba no escritório ou talvez ser anfitriã e dar as boas-vindas aos clientes do clube ou algo do género. Seria boa nisso. Luba tinha prometido mostrar-lhe o clube mais tarde e disse-lhe que ia conhecer as outras raparigas. Até teria o seu próprio toucador e um lugar para se arranjar, bem como uma cama, porque provavelmente estaria demasiado cansada depois do seu turno para ir a qualquer lado. Gostou de ouvir isso. Viver em Londres com Jack. Uma rapariga trabalhadora. Com o seu próprio dinheiro. A fazer as suas próprias regras.

Mas, depois de sair dos Claustros, segurando a porta para duas raparigas

que estão a entrar, sorrindo-lhes e dizendo-lhes olá (apesar de elas ficarem a olhar para ela sem dizer uma palavra), Belle não vai à procura do telemóvel. Sabe que esse já desapareceu há muito. Em vez disso, entra num McDonald's e dirige-se diretamente para a casa de banho, vomitando a *vodka* que circula dentro dela. Depois, bebe da torneira da casa de banho, olhando para si própria ao espelho por cima do lavatório. Parece que é outra pessoa que lhe devolve o olhar – uma mulher que está a começar a conhecer. Depois, compra um batido e um hambúrguer com batatas fritas e leva-os para a rua, encontrando um lugar à sombra para se sentar enquanto come. Meia hora mais tarde, ainda zonza do álcool, está um passo mais perto de voltar a ser ela própria, sentindo até uma ponta de excitação a crescer dentro de si. E se nunca mais voltar para casa? E se ficar em Londres para sempre? Afinal de contas, não há muitas razões para voltar. A mãe está ocupada com a sua empresa e o pai a mesma coisa, tão rabugento e stressado ultimamente com o trabalho. Jen podia vir visitá-la, embora provavelmente não lhe fosse permitido, e podia falar com Amber por FaceTime. Além disso, em breve faria novos amigos. E, quando Jack voltasse para Bristol em trabalho, podia ir com ele e ver a família.

Já está decidida. Sem mais nem menos, é agora uma rapariga de Londres, a viver a sua melhor vida. Segue o seu caminho de volta aos Claustros, decidindo que não quer esperar até mais tarde para se dedicar e aprender sobre o trabalho. Quer que a vida comece *agora*, para se instalar e se refrescar para quando Jack voltar; para o surpreender. É precisamente quando se aproxima do cimo de Winlow Court, prestes a virar para o beco, que vê a mãe a sair dos Claustros. Não havia dúvida. Ali está ela, a uns nove metros de distância, com um ar distraído, stressado e preocupado. Tem os braços apertados à volta do corpo e está cabisbaixa e curvada.

Merda, pensa, em pânico. Aquela vozinha interior sussurra-lhe que esta é a sua oportunidade de ir para casa, de se deixar cair nos braços da mãe e voltar para Bristol com ela, voltar para o seu próprio quarto com os seus cheiros e pertences familiares… tudo o que deixou para trás. Essa voz puxa-lhe a manga enquanto ela desata a correr, sem chegar a virar para Winlow Court, mas sim a apressar-se e a ziguezaguear por entre a multidão até estar dentro de uma loja de roupa qualquer, a agarrar em qualquer coisa do varão e a desaparecer nos provadores para se esconder. Senta-se num banquinho, apertando a cabeça entre as mãos, balança-se, diz ao sussurro na sua mente

para se ir embora… *para se ir embora*… enquanto as lágrimas lhe correm pela cara.

44

MOLLY – ANTES

Durante as vinte e quatro horas seguintes, tudo foi normal nos Claustros. Na verdade, estava invulgarmente calmo. Luba tinha instalado recentemente algumas raparigas novas, por isso havia uma atmosfera revigorada e vibrante no local, com um fluxo constante de clientes a fazer reservas, o que também lhe agradava. Até Darren parecia estar de bom humor e, tanto quanto Molly percebia, não fazia ideia de que as suas chaves tinham desaparecido durante algumas horas e, certamente, nada tinha sido dito sobre o roubo de dinheiro. Ia ser o pandemónio quando se descobrisse.

Depois de Molly ter levado o dinheiro e os documentos de Hannah, ter enfiado os sacos no armário ao lado do beliche e de os ter enterrado debaixo de um monte de roupa, tinha conseguido voltar a guardar as chaves no quarto de Darren e Luba. Não exatamente de onde as tinha tirado, claro, mas ele pensaria que as tinha deixado cair na alcatifa, para onde Molly as tinha conseguido atirar quando Luba deixou a porta ligeiramente aberta. Imaginou que ficaria apenas aliviado por as encontrar e provavelmente nem sequer confessaria o seu erro. Quando se descobrisse que o dinheiro desaparecera, no final da semana, Hannah já se teria ido embora há muito tempo. Molly lidaria com as consequências.

Mas toda aquela paz e relativa normalidade da vida nos Claustros foi virada do avesso quando, enquanto se preparavam para o trabalho nessa tarde, Hannah se dobrou e caiu de joelhos.

– O que é que se passa? – perguntou Molly, levantando-se de um salto. A maquilhagem estava meio aplicada e ela só estava vestida com umas cuecas escarlates e um sutiã a condizer, que lhe ficava demasiado grande.

– Dói… dói – disse ela, agarrando a barriga inchada. – Muito mesmo… – arquejou. – Dói como a porra.

Tinha passado a tarde toda a guardar alguns pertences essenciais, pronta para partir mais tarde nessa noite, e ficara quente e suada com o esforço. Era agosto e o tempo estava abafado há dias, e o sótão sem ar parecia sufocá-las enquanto se preparavam. O peso extra que Hannah carregava não ajudava em nada. Era um milagre que Darren ou Luba ainda não tivessem reparado no seu tamanho, embora não fossem eles que a viam nua, e Molly tinha conseguido passar para si o maior número possível de clientes de Hannah, que ultimamente mal saía do último andar. Uma combinação de roupas largas e soltas e o facto de se manter fora do caminho deles nas últimas semanas parecia ter funcionado. Faltava pouco tempo – ela partia de madrugada – e ambas tinham planeado ficar acordadas toda a noite para não perderem a oportunidade.

– Onde é que te dói? – perguntou Molly, ao seu lado. Envolveu--lhe o rosto entre as mãos, obrigando-a a olhá-la nos olhos. – Onde? Diz-me!

Hannah estava a chorar e Molly pôs-lhe a mão sobre a boca para a silenciar.

– Aqui… – disse ela contra a palma da mão de Molly, agarrando a barriga com as duas mãos. – Tipo, em todo o lado. – Um minuto depois, voltou a ajoelhar-se, suspirando pesadamente, parecendo estar novamente bem. – Vou ficar bem – disse ela, tentando levantar-se. – Tem acontecido um pouco nestes últimos dias. Mas este foi o pior de todos.

– Achas que… – Molly olhou para ela, e as suas expressões coincidentes revelaram o que cada uma estava a pensar. – Achas que o bebé vem aí?

A expressão de Hannah refletia o seu medo.

– Estou a rezar para que não – disse debilmente. – Não pode acontecer agora… é demasiado cedo. Não vou deixar que venha.

Molly não sabia o que fazer. Isto não estava nos seus planos. Os seus cálculos estavam obviamente errados e, juntamente com as possíveis complicações de um parto prematuro, estavam em apuros.

Hannah levantou-se.

– Vou ficar bem – disse, pegando na mala que tinha estado a arrumar. Enfiou mais alguns objetos ao acaso, segurando a barriga com uma mão enquanto fazia novamente uma careta de dor dez minutos depois.

– Há um hospital mais ou menos perto – disse Molly, preocupada. – Talvez devêssemos lá ir. Tipo, *já*?

Hannah abanou a cabeça.

– Não quero – choramingou. – O bebé ainda não pode estar a vir. Não o vou deixar. É demasiado cedo. De qualquer forma, sabes que nunca vamos conseguir passar pelo Darren. A Vanessa disse que hoje está à espreita em todo o lado.

Àquela hora do dia, Molly sabia que isso era verdade. Esperava-se que estivessem prontas para o trabalho e que não saíssem do edifício até à manhã seguinte, e não havia outra forma de sair, a não ser saltando de uma janela. Nem sequer havia uma escada de incêndio – apenas o telhado plano onde, por vezes, se sentavam a fumar. E era demasiado alto para descerem.

– Vou ficar com todos os teus clientes que conseguir – afirmou ela. – Digo que estás doente, que depois passa.

– E se… e se o bebé vier antes de conseguir ir-me embora? – perguntou Hannah, inclinando-se para a frente na beira da cama para aguentar mais uma onda de dores. – Acho que isto são contrações, Mol. As verdadeiras.

Molly passou por trás dela e envolveu-a ao de leve, com os braços à volta da sua cintura, apoiando a cabeça nas suas costas.

– Não sei, Han – sussurrou. – Não sei mesmo.

Toda a noite, entre clientes, Molly não parou de subir ao último andar para ver como estava Hannah. Quando subiu, pouco antes da uma da manhã, encontrou Hannah na cama, sentindo-se um pouco melhor, com a televisão a passar o único DVD que tinham, *A Bela e o Monstro*. Passava muitas vezes em repetição até estarem todas fartas, mas parecia estar a dar algum conforto a Hannah. E, pelo menos, não havia sinais de um bebé.

– As dores abrandaram um pouco nesta última meia hora, graças a Deus – disse ela. – Pelo que ouvi dizer, os primeiros bebés podem demorar muito tempo a nascer. Só preciso de mais umas horas, até as coisas acalmarem lá em baixo. Depois vou-me embora.

Molly reparou que o balde ao pé da cama de Hannah já tinha sido usado, por isso foi esvaziá-lo e trouxe-lhe mais água e uma banana madura.

– Vê se consegues comer isto – disse. – Vais precisar de energia.

E foi então que ouviram a comoção lá em baixo: vozes altas, portas a bater e Luba a gritar com alguém no corredor. Molly foi sub-repticiamente até ao patamar.

Hannah levantou-se da cama e foi ter com ela, espreitando por cima do corrimão e descendo as escadas. Viram Luba a gesticular descontroladamente para um homem que se recusava a sair.

– Só quero vê-la – ouviram-no dizer. – Só dez minutos.

– Ela doente, agora não trabalha – respondeu Luba, segurando a porta da frente aberta. Mas o homem não se foi embora.

– Céus, é *ele* – disse Hannah, encostando-se à parede, embora Molly só conseguisse ver o cimo da cabeça dele. Nunca o tinha conhecido e não queria conhecer, depois de todos os problemas que tinha causado. – Devia ir falar com ele. Se não, ele não se vai embora, e depois vai haver uma cena das grandes… – Teve outra cãibra de dor, abafando o seu grito enquanto se inclinava para a frente, agarrando o corrimão de madeira com toda a força que tinha, balançando-se durante a contração.

– Jesus, Han, respira… Já passou, respira…

Molly acariciou-lhe a testa, sentindo o suor a escorrer-lhe. O homem no corredor continuava a gritar as suas exigências a Luba e Molly presumiu que Darren devia ter ido a algum lado, porque não estava a intervir, embora Luba fosse bastante capaz de lidar com situações complicadas. Por agora, a sua principal preocupação era Hannah, embora tivesse plena consciência de que um cliente estava à sua espera num dos quartos de baixo e que, se não fosse ter com ele rapidamente, ele iria queixar-se e depois Luba subiria as escadas para saber o que se passava. Meu Deus, que confusão.

– Vamos meter-te na cama – disse Molly quando a dor diminuiu. – Anda. – Levou Hannah para o seu beliche, onde ela se deitou e fechou os olhos.

– Eu… eu preciso de o ver – gemeu, levantando as pernas. – Oh, meu Deus… – uivou quando outro ataque de dor a dominou. A sua cara ficou de um tom vermelho-vivo até voltar a relaxar. – Por favor, deixa-me… – implorou. – Diz-lhe para vir cá acima… É importante…

Molly estava dividida. Andou de um lado para o outro, agarrada ao frágil robe preto que a envolvia. De repente, tudo o que não fosse Hannah e o seu bebé parecia insignificante. Duas vidas dependiam dela e ela sentia-se fora de água, a debater-se.

– Está bem, está bem – concordou, com o coração a bater, loucamente acelerado. – Então, depois do meu próximo cliente, terei mais tempo para estar contigo. Podemos ver como estás, se ainda é possível ires-te embora esta noite. Entretanto, vou fazer com que ele suba. Se a Luba ainda não o tiver posto na rua.

Hannah acenou com a cabeça, parecendo agradecida, enquanto agarrava numa almofada e a mordia, lutando para ultrapassar outra contração. Puxou

as pernas para cima outra vez e a sua cabeça balançou de um lado para o outro. Molly desceu um andar e debruçou-se novamente sobre o corrimão, chamando Luba. Ela apareceu no patamar, olhando para cima, com as mãos nas ancas.

– A Hannah diz que vai… que o vai ver – disse Molly. – Mas manda-o para o último andar. Pode ser?

Luba olhou para ela, sem saber o que fazer com aquele pedido incomum. Olhou para a área de espera, onde Molly presumia que o homem ainda estava.

– Mol, não faz mal, estou a ir – ouviu Molly de repente do andar de cima. Quando olhou para cima, Hannah estava a descer as escadas, vestida com a sua enorme túnica e parecendo que todas as células do seu corpo estavam a lutar contra a dor. – Vou vê-lo… aqui dentro… – disse ela sem fôlego, chegando ao patamar e abrindo a porta do quarto quatro.

Molly franziu o sobrolho.

– Tens a certeza?

Hannah acenou com a cabeça e desapareceu, no momento em que o cliente de Molly saía do quarto ao lado.

– Vou ter de esperar a noite toda, ou quê? – rosnou-lhe ele.

– Desculpa, vou já – respondeu Molly obedientemente, com uma expressão que esperava ser sedutora, enquanto se virava para ele.

Depois, no momento em que seguia o seu cliente para o quarto, na esperança de acabar com aquilo o mais depressa possível, ouviu alguém a subir as escadas, a voz de um homem a chamar o nome de Hannah. Rezou para que, se Hannah precisasse de ajuda, ele tivesse o bom senso de ficar calado e fazer o que era preciso por ela. Afinal de contas, a culpa era toda dele.

Foi só quando o seu cliente se foi embora uma hora mais tarde, depois de Molly ter tentado bloquear todos os gritos lancinantes que vinham do quarto quatro – a rezar para que Luba e Darren não tivessem também ouvido a agitação –, que tudo ficou muito pior.

45

HANNAH – AGORA

Ando de um lado para o outro no mesmo pequeno local onde tenho estado a vigiar Winlow Court há horas, certificando-me de que consigo ver ambas as extremidades da passagem, sem saber de que direção a Belle pode vir. Mas não consigo deixar de me preocupar que seja tarde de mais, que a tenha perdido, que ela já esteja lá dentro. O meu plano é, assim que a vir, agarrar nela e levá-la para longe, à força se for preciso. Pelo que a Luba me disse, sei que vai voltar a qualquer momento. Se não tivesse sido o Darren, nunca teria deixado a área sequer. Agora estou a culpar-me por ter perdido tempo a telefonar ao Rob e a comprar um maço de tabaco e um isqueiro, embora eles me tenham ajudado a aguentar a espera. Isso e roer todas as minhas unhas.

Se não houver sinal dela em breve, então é altura do plano B. Entro às sete horas, convencendo de alguma forma a Luba de que mudei de ideias quanto a uma marcação surpresa – o que for preciso. Não quero arriscar ir mais cedo, caso ela não esteja lá, mas também não quero que seja demasiado tarde.

– Oh, céus – murmuro uma e outra vez, com outro cigarro entre os dedos.

Doem-me os pés, tenho a boca seca e preciso de ir à casa de banho, mas não quero saber. Tudo o que sei é que esta noite tem de ser o fim deste pesadelo e que, de uma forma ou de outra, vou sair de Londres com a minha filha.

Enquanto me mantenho de vigia, tentando não chamar a atenção para mim e consciente de que o Darren, o Vaughn ou a Luba poderiam facilmente ver-me se passassem, tento concentrar-me em todos os maravilhosos momentos familiares que tivemos e como em breve estaremos de volta a isso e muito mais, com a Belle de regresso à escola, os problemas de trabalho do Rob resolvidos e este terrível verão esquecido. Mas a minha mente insiste em

voltar à noite em que a Belle nasceu, aos acontecimentos que se seguiram e a como escapei, ainda ensanguentada do seu nascimento, com a Belle embalada nos braços enquanto fugia por esta mesma rua. Tinha menos de uma hora de vida quando me debati com ela e com os sacos, tentando desesperadamente mantê-la em segurança. Não foi a fuga que tínhamos planeado.

Olho para o relógio. Seis e cinquenta e cinco. Não aguento mais, apago o cigarro e vou até à porta dos Claustros, rezando para que só esteja lá a Luba. Além de um par de raparigas antes, não vi mais ninguém a entrar ou a sair, mas quem sabe o que me espera lá dentro?

– Sim? – diz uma voz através do intercomunicador. Não é a Luba.

– Oh, olá – digo nervosamente, olhando para ambos os lados da rua na esperança de que a Belle apareça milagrosamente antes de eu me aventurar a entrar. – A Luba está, por favor?

– Agora não. Posso ajudar?

– Talvez. Estive aqui há pouco para… para fazer uma marcação para o meu marido. Posso entrar?

Demora um pouco, mas eventualmente o trinco da porta soa. A minha pele arrepia-se enquanto respiro o aroma de *sprays* corporais baratos e de roupa lavada. Mas, por baixo, ainda deteto o cheiro de tudo o que se passa nesta espelunca. O cheiro do desespero.

A mulher está à minha espera à entrada, bloqueando a porta da receção.

– Chamo-me Gail. Em que posso ajudar?

Olha-me de cima a baixo, desconfiada como sempre foi, embora não pareça reconhecer-me. Tem os braços cruzados sobre um casaco de malha preto comprido que lhe fica pendurado no corpo magro e o cabelo louro oxigenado preso com uma fita, com as raízes pretas à mostra. Preciso de toda a minha força de vontade para esboçar um sorriso. Não me posso dar ao luxo de ser corrida daqui. Ainda não. Em voz baixa, explico que quero organizar uma surpresa para o meu marido.

– O que se passa é que ando atrás de um tipo particular de rapariga – digo, aproximando-me da área de espera. – Ele é… é muito específico nos gostos. – Sei que, atrás da receção, tinham sempre uma pasta com fotografias das raparigas. – Tem algumas fotos?

– Venha lá, então – diz ela, conduzindo-me, com uma leve carranca.

Está um homem à espera na sala de receção, sentado com uma perna

sobre a outra, enquanto mexe no telemóvel. Olha para cima quando eu entro, talvez pensando que sou a sua namorada e que vim buscá-lo, mas desvia imediatamente o olhar, desinteressado, quando me vê. O lenço da Belle ainda está no balcão e tenho de me conter para não o agarrar e encostá-lo à cara, inalando o seu cheiro.

– Que tipo de massagem é que quer e para quando?

– Oh – digo. – Sabe, o tipo de coisa habitual. O aniversário dele é daqui a duas semanas. – Inclino-me para a frente, mantendo a voz baixa.

A Gail solta um suspiro e remexe no espaço por baixo da secretária. Ouço o tilintar das garrafas escondidas quando toca nelas, tira uma pasta vermelha e a coloca no balcão à minha frente. Havia sempre um esconderijo de bebidas ali para nos manter em movimento quando havia um momento de calmaria, para nos deixar com disposição, para fazer com que não nos importássemos.

Parece impossível que este sítio tenha permanecido igual durante todo este tempo, enquanto eu me tornei uma pessoa completamente diferente. Reparo em tudo: a mobília, a alcatifa, o aquário, o par de ornamentos de cerâmica baratos no parapeito da janela… é tudo familiar. De uma vida que já não reconheço.

– Dê uma vista de olhos – indica-me ela. – As novas estão marcadas com um autocolante dourado. É preciso fazer o pagamento quando marcar.

A Gail desaparece na sala das traseiras por um momento, deixando-me a examinar a pasta. Mal consigo abri-la. Depois, o lenço da Belle chama-me a atenção e, após olhar rapidamente para o homem, que ainda está absorto no telemóvel, faço-o deslizar até mim e enfio-o na minha mala. Não quero que fique nada da minha filha aqui.

Como seria de esperar, as primeiras fotografias são de raparigas com olhares vazios, a posar como bonecas. Uma delas tem uma estrela dourada colada no canto superior direito do plástico que a protege e o nome «Rosy» escrito à mão com marcador preto por baixo. Segue-se a Tilly, depois a Candy, seguida da Serena, da Wendy e da Coco. Loira, morena, ruiva… estão todas lá. A Coco mal parece ter dezasseis anos e tem «inocente» escrito por baixo do seu nome. Engulo tudo, lutando contra a vontade de me passar – de atirar as cadeiras pelas janelas, esmagar o aquário, arrancar as páginas desta pasta e incendiá-las. Estou a ferver de raiva por a minha menina estar presa neste mundo – não foi arrastada da rua, como eu, mas

arrancada de uma família que a ama. E tudo por minha causa.

A página seguinte deixa-me sem fôlego. *Belle*. Uma estrela dourada. «Anjo superdoce» está escrito por baixo do seu nome. Tenho um vómito, passando o dedo pelo seu rosto, tentando ignorar o resto da fotomontagem dela seminua. A mulher volta à receção.

– Já se decidiu?

– Esta – digo, tocando na fotografia da Belle. – É nova?

– Sim – diz Gail, olhando para a porta quando esta se abre. Uma rapariga alta e loira entra, com o *negligé* cor-de-rosa transparente a ondular à sua volta. Mal consegue andar com os saltos de 15 centímetros. – É a tua vez, Mike – diz ela, acenando para o homem. A rapariga aproxima-se dele, puxando-o pelas mãos, com pequenos sons gorjeados a saírem-lhe da garganta enquanto se ri.

– Ela está aqui agora? – pergunto à mulher, depois de os outros dois terem saído. – Esta rapariga, a Belle?

A Gail acena com a cabeça, fazendo-me reprimir um arquejo.

– Sim, ela anda por aí. – Depois franze o sobrolho. – Olhe, temos clientes que querem todo o tipo de coisas aqui, mas a senhora… bem, não me leve a mal, não parece ser do tipo… – Os olhos dela percorrem-me de cima a baixo e a sua suspeita cresce.

Levanto as mãos e forço uma gargalhada.

– Eu sei, eu sei – digo, antecipando-me à pergunta dela. – Já expliquei tudo à Luba. Só queria algum tempo para pensar. Espero que isso injete um pouco de… paixão no nosso casamento. – Sussurro a última parte.

A Gail assente com uma expressão vazia.

– Se assim o diz.

– A Luba ia mostrar-me as vossas instalações, talvez apresentar-me uma rapariga, mas foi chamada para outro assunto. Seria possível conhecer a Belle agora?

– Não sei. O patrão deve estar a chegar.

Fico tensa só de pensar no Darren a encontrar-me aqui. O Vaughn está algures neste edifício, provavelmente lá em cima, no escritório. Por momentos, imagino-o a arrastar-se pelas escadas, o esforço que terá sido necessário, mesmo com a ajuda da enfermeira. Nunca foi um homem em forma e sempre me pareceu velho, mesmo naquela altura.

– Só demoro uns minutos. Por favor?

É então que o meu sangue enregela quando ouço uma voz a chamar lá de cima. A voz de um homem mais velho, rouca e distorcida. Exigente e grosseira. O *Vaughn*.

A mulher revira os olhos e volta a bater com a pasta debaixo da secretária.

– Espere um segundo enquanto vejo o que ele quer – diz ela, suspirando. – É só um momento.

Um momento, penso, a vê-la sair. Quanto tempo é que isso é? O tempo suficiente para eu subir as escadas, procurar a minha filha em todas as divisões, agarrá-la, dizer-lhe que não pode fazer barulho, que temos de sair daqui? *Sim,* digo a mim própria. *Sim, é isso*. Mas preciso de uma distração, algo para desviar a atenção da mulher.

Pensa. *Pensa*.

Corro para trás da secretária e agacho-me, tirando a pasta e outros papéis do caminho, bem como pacotes de sandes vazios e copos de café. Na parte de trás da prateleira, vejo quatro garrafas. A maioria está quase vazia, mas uma parece-me por abrir. Pego nela e os meus olhos passam pelo rótulo. *Vodka* finlandesa, sessenta por cento de álcool.

Tu consegues, Hannah… tu consegues. Os meus olhos ficam enevoados de lágrimas quando me lembro de levar às escondidas uma garrafa para o andar de cima quando acabávamos a nossa, de como passávamos a bebida entre nós, bebendo grandes goles, lavando as nossas entranhas depois de um longo turno. Limpávamo-nos de todas as formas possíveis.

Desenrosco a tampa da garrafa, depois tiro o lenço da Belle da minha mala, ensopando-o com o equivalente a alguns *shots* de *vodka*. A seguir, dobro o lenço comprido em dois e torço-o numa espécie de corda, enfiando a ponta mais estreita no gargalo para fazer um pavio.

É um seguro, digo a mim mesma, *só uma ameaça, se for necessário*. O meu cérebro está em modo de pânico, como se fosse outra pessoa a ver-me fazer coisas que nunca me tinha apercebido de que sabia fazer. É o instinto materno a entrar em ação.

Levanto-me e saio de trás da secretária, segurando a garrafa e o lenço contra o corpo com uma mão, enquanto com a outra vou ao bolso das calças de ganga buscar o isqueiro que comprei há pouco. Abro a porta e ponho-me à escuta. Do primeiro andar, ouço vozes – um homem e uma mulher a discutir acaloradamente. Depois, avanço sem fazer barulho para o corredor e respiro fundo, pronta para subir, agradecendo a Deus por conhecer todos

os cantos e recantos deste edifício.

46

HANNAH – AGORA

O cheiro a álcool enche-me as narinas enquanto subo silenciosa mas rapidamente a escada que range. Não posso perder tempo. Qualquer uma das portas pode abrir-se e o Darren, a Luba ou a outra mulher, a Gail, podem ver-me. Se for apanhada, acabou-se.

No cimo das escadas, atravesso pé ante pé o estreito patamar do primeiro andar, com o nó no estômago a apertar-se a cada passo. Sinto-me mal ao passar pelo quarto do Darren e da Luba, onde muitas vezes discutiam até altas horas da madrugada – o som de vidros a partir, pancadas, gritos que tentávamos ignorar. Vejo a amolgadela familiar que ainda está marcada no estuque, do punho do Darren numa manhã de domingo, quando estava furioso com alguma coisa e a Luba a soluçar e a implorar-lhe que parasse enquanto ele andava a esmurrar coisas. Nós espreitávamos para a escada a partir dos corrimões do último andar, com medo de que ele subisse e descarregasse em nós.

Viro a esquina no fim da passagem, com cada vez mais fantasmas a assombrar-me enquanto olho para o corredor escuro de onde vêm as vozes – o escritório onde guardavam o dinheiro. *E provavelmente ainda guardam*, penso, engolindo em seco, lembrando-me da luta que tive com o saco que continha o dinheiro roubado quando fugi daqui, com a cabeça da Belle encostada a mim, petrificada com a possibilidade de uma mão se estender e me agarrar, puxando-nos para trás enquanto corria porta fora e pelo beco.

Estremeço com as memórias que tentei suprimir – mas aqui estão todas ao vivo e a cores, enquanto avanço à socapa.

Fico paralisada.

Ouço um grito. Vem do escritório, a pouco mais de quatro metros de onde estou. O *Vaughn*. Parece que ele e a mulher lá de baixo estão a discutir – qualquer coisa sobre o Darren e porque é que ele não está aqui… e depois

outra coisa sobre dinheiro. Vozes zangadas e elevadas. O Vaughn solta uma tosse forte e aguda que parece não ter fim. Toco brevemente na coxa, fazendo um pacto comigo mesma de que vou tirar a tatuagem a *laser* o mais depressa possível. Que se lixe a cicatriz. Não pode ser pior do que as cicatrizes que tenho dentro de mim.

Continuo a subir e chego ao lanço de escadas seguinte, aliviada por ter passado pelo escritório sem ser apanhada. Deparo-me com um coro de risos e com o som de camas a ranger. Nos puxadores das portas de três dos quartos estão pendurados pequenos corações vermelhos, indicando que estão a ser utilizados. Na altura, usávamos fitas vermelhas. Paro, olhando para uma das portas, sem conseguir tirar os olhos dela, quando vejo a minha mão a estender-se para a maçaneta. A minha pele é macia, pálida e jovem e, quando olho para baixo, vejo que estou de meias e ligas, e um corpete preto e escarlate tão apertado que mal consigo respirar. Lentamente, espreito para trás, por cima do ombro, a minha franja pesada a tapar-me parcialmente os olhos, enquanto olho para o meu cliente através de pestanas tão longas como pernas de aranha.

– Vamos então, querido – digo. – Queres que te faça sentir bem…? – Sou um robô programado para ignorar o pavor, para me desprender dos meus sentidos quando começa outra noite.

Ouço o rosnar gutural do cliente enquanto o conduzo para dentro, sentindo o cheiro do ambientador barato que espalhei pelo quarto depois de o último cliente ter saído e lembrando-me de como tirei os lençóis usados, apressando-me a colocar um novo conjunto, sabendo que dentro de uma hora estaria a fazer o mesmo. E que o faria novamente, uma e outra vez...

Ouço outro grito do escritório lá em baixo que me traz de volta ao presente. Não tenho muito tempo. Não há tempo para ficar presa ao passado.

Com a mão ainda na maçaneta da porta, abro-a devagar e espreito lá para dentro. Há uma rapariga de joelhos, a cara de choque e de pânico de um homem gordo e de cabelos brancos quando me vê. Fecho a porta, semicerrando os olhos por um instante. Não é a Belle. Abro a porta seguinte, com menos cuidado desta vez, não me importando se sou vista por quem quer que esteja lá dentro. Preciso de encontrar a minha filha, mas ela também não está naquele quarto.

– Mas que porra! – grita a rapariga quando está prestes a desapertar o

sutiã.

– Desculpa, desculpa – digo, rezando para que me ignore e não faça uma cena.

Fecho a porta, encosto-me à parede por um momento, resistindo à minha mente, que quer deslizar para o passado enquanto irrompo no quarto ao lado. Desta vez estão demasiado ocupados para repararem em mim, mas, mais uma vez, não é a Belle.

Mais ruídos vindos do andar de baixo. Desta vez, uma porta a bater. Alguém a marchar escadas abaixo. Apresso-me para o andar seguinte, com a mala a bater-me no ombro e a *vodka* a fazer barulho enquanto a aperto contra o meu corpo. Os quartos aqui em cima espelham os de baixo e olho para dentro de todos eles, mas os três primeiros estão vazios. Passo cuidadosamente pelo patamar até ao último quarto deste piso, com o nó no estômago prestes a rebentar. É o quarto que usava muitas vezes… o quarto onde…

Tapo a cara, abafando um gemido.

O quarto onde a Belle nasceu.

E o quarto onde *ela* morreu. A minha querida amiga.

O quarto onde uma vida terminou e outra vida começou. Onde vidas colidiram.

Ouço vozes atrás da porta.

Ao rodar a maçaneta, lembro-me do seu corpo sem vida deitado nas tábuas do soalho, com a cabeça inclinada para o lado onde tinha caído, onde eu a deixara cair. Falhei-lhe. Matei-a. Mesmo agora, é uma confusão na minha cabeça – um teatro frenético de terror, gritos, pânico; nunca nada fez sentido, da forma como aconteceu. Como é que pude tê-lo *deixado* acontecer. Mas aconteceu.

Abro a porta com cuidado.

Primeiro, vejo uma rapariga sentada na cama, com a cabeça baixa, o cabelo comprido e escuro a esconder-lhe o rosto. Atrás dela está um homem de pé, com as mãos nos seus ombros nus. A rapariga está vestida com uma roupa curta e frágil, feita de renda branca transparente. Usa saltos altos pretos e as suas longas pernas estão cruzadas nos joelhos, com as mãos enroladas timidamente à volta do corpo.

Está a chorar baixinho.

O homem é muito mais velho, está só de cuecas, com a barriga a descair

sobre o elástico da cintura, com mangas de tatuagem a escurecer-lhe ambos os braços. Tem uma barba desgrenhada no queixo e o cabelo desalinhado e despenteado.

A Belle.

– Larga-a! – grito, ao mesmo tempo que ouço outra comoção no corredor, vários andares abaixo, e a voz de um homem a ecoar pelas escadas.

O Darren.

– Belle, sou eu. Anda cá!

Corro para ela, tirando-lhe o cabelo da cara. Ao princípio, penso que me enganei, que apanhei a rapariga errada e que não é a minha filha, porque mal reconheço o seu rosto coberto de base espessa, com as bochechas encovadas pelo *blush* e os lábios cheios e franzidos por detrás do batom rubi. Os seus olhos escuros e maquilhados viram-se lentamente para mim e vejo que tem marcas de rímel nas bochechas.

Agarro-lhe nos ombros, afastando as mãos do homem e sacudindo-a suavemente.

– Belle, levanta-te. Já! Vem comigo, depressa. – Agarro-lhe nas mãos, mas os braços dela estão moles e pesados e há uma expressão vaga nos seus olhos que me diz que tomou alguma coisa. – Desaparece daqui, sai – grito para o cliente, que já está a vestir as calças.

– Estávamos… estávamos só a falar… – gane o homem, fechando a braguilha.

Ajoelho-me e tiro os ridículos saltos altos que a Belle calçou, pego no roupão que está na cama e enrolo-o à volta dos seus ombros. Envolvo-lhe o rosto nas minhas mãos.

– Belle, consegues ouvir-me? Acena com a cabeça, diz alguma coisa, qualquer coisa! Tens de te levantar e vir comigo, *agora mesmo*.

Os seus olhos arrastam-se lentamente para os meus e os seus lábios entreabrem-se como se estivesse a tentar falar. Não sai nada.

– Vamos, querida, vamos a isto. – Agarro-lhe num dos braços e levanto-o por cima do meu ombro e à volta do meu pescoço, mantendo-
-o no sítio. Não me atrevo a largar a garrafa de *vodka* e, de alguma forma, consigo pô-la de pé. – Já te disse para *saíres*! – grito para o cliente, que está a enfiar os pés nos ténis, a olhar para mim como se eu fosse uma louca. Agarra na sua *T-shirt* e desanda, deixando-me a sós com a Belle. Ela oscila como um potro recém-nascido enquanto a ajudo a sair do quarto.

E depois, no patamar, ouço o Darren a subir o primeiro lanço de escadas do rés do chão, com a sua voz a trovejar. Quando olho por cima do corrimão, vejo os seus punhos cerrados ao lado do corpo enquanto sobe dois degraus de cada vez, com a cara vermelha de raiva.

Fico paralisada a olhar para ele a dobrar a esquina do patamar abaixo de nós, sem saber para que lado me virar. A Belle é quase um peso morto encostada a mim, lutando para se manter de pé. Agora resmunga coisas sem sentido, como se estivesse bêbeda ou drogada, ou as duas coisas. Não há maneira de descermos as escadas sem sermos vistas. A mulher, a Gail, está a discutir com o Darren e a voz da Luba vem do corredor, dizendo-lhes para falarem mais baixo. O Vaughn está a praguejar e a bater com coisas no escritório e a enfermeira insiste para que se acalme, para bem da sua saúde. Estão em todo o lado – todas as personagens dos meus piores pesadelos a acontecerem na vida real. E não há por onde fugir.

– Que raio de mulher? – ouço o Darren a gritar. Deve ser a mim que está a referir-se, a Gail disse-lhe que está aqui alguém a perguntar pela Belle.

– Belle, tens de andar. Consegues? – sussurro num silvo, com a boca perto da cara dela. Ela faz um aceno vago, com a cabeça a oscilar. – Temos de subir – digo, virando-a e conduzindo-a até à escada que dá acesso aos quartos do sótão. Mais um olhar por cima do corrimão diz-me que o Darren está a subir outro andar, com a fúria a seguir-lhe o rasto.

Estou sem fôlego e a minha cabeça parece que vai explodir com o esforço quando nos aproximamos do patamar superior. Oh, céus, mal consigo pôr um pé à frente do outro enquanto ouço os ecos do passado, quando todas nós subíamos e descíamos estas escadas inúmeras vezes por dia, por vezes entusiasmadas se tínhamos recebido notícias, ou algum dinheiro, ou bebidas ou drogas, e outras vezes a arrastar os pés e com os corpos a parecer pesados, partidos e cinquenta anos mais velhos do que realmente eram.

Mais três degraus e estamos no último andar, onde a Belle cai de joelhos – em parte porque não aguento mais o peso dela, mas principalmente porque preciso de impedir o Darren de se aproximar mais. Por alguma razão, ficou retido no andar de baixo, a gritar com uma das meninas enquanto ela sai de um quarto em lágrimas.

Tiro o isqueiro do bolso e viro a garrafa de *vodka* de cabeça para baixo várias vezes para ter a certeza de que o lenço está encharcado. Depois, acendo o isqueiro com o polegar… mas, *meu Deus*, são precisos vários

cliques para conseguir que se acenda e as minhas mãos estão a tremer e sinto-me prestes a vomitar… e o Darren vem a trovejar aqui para cima outra vez… e… e pego fogo ao lenço, quase deixando cair tudo quando as chamas praticamente invisíveis do álcool se acendem à frente da minha cara e quase me apanham o cabelo… tenho a visão desfocada e os ouvidos estão cheios de sons de sexo e dor e choro e riso e gargalhadas excitadas e lamentos e medo e… e tudo o que vem do passado está a inundar-me enquanto atiro a garrafa de *vodka* pelas escadas abaixo.

Vejo-a cair em câmara lenta.

O vidro cintilante que brilha com a luz.

As chamas iridescentes de um azul-pálido que saem do lenço.

Primeiro, faz ricochete no corrimão do andar abaixo, não muito longe de onde se encontra o Darren. Ele dá um salto ao ouvir o som, a seguir olha para cima, vislumbrando o meu olhar aterrorizado quando os nossos olhos se cruzam.

Depois, a garrafa continua a cair e, de repente, ouço um grande estrondo quando se parte nos ladrilhos da entrada.

Ao início, penso que não aconteceu nada – que não há chamas suficientes, ou que se apagaram ou são demasiado ténues para se verem. Talvez não haja nada para incendiar lá em baixo e o álcool esteja apenas a arder nos ladrilhos. Mas, depois, uma nuvem de fumo negro e espesso sobe lá de baixo e um bengaleiro sobrecarregado de roupa pega fogo. A Luba aparece, tentando apagar as chamas furiosamente, mas o cabide tomba e cai na escada inferior, encurralando-a num leque de chamas e forçando-a a subir em direção ao Darren. Grita enquanto sobe as escadas a correr.

Não espero mais. Agora é a minha oportunidade. Alguém o vai apagar – eles vão estar todos distraídos enquanto me meto no quarto do sótão com a Belle e nos barricamos lá dentro. Depois posso pedir ajuda.

– Belle, querida, levanta-te, anda lá!

Enfio os meus antebraços debaixo das axilas dela e iço-a, e, por fim, ela consegue pôr-se de pé e cambaleia comigo através do resto do patamar em direção… em direção ao quarto onde nos arranjávamos todas as noites, onde dormíamos, onde ríamos, chorávamos, conspirávamos, planeávamos, sonhávamos e tínhamos pesadelos…

– Cabra de merda! – ouço o Darren gritar enquanto sobe ruidosamente as escadas.

A tremer, obrigo-me a abrir a porta, rodando o pequeno puxador de latão como se fosse a primeira vez.

Depois, arrasto a Belle para o interior, fechando os olhos quando bato com a porta atrás de nós, encostando-me a ela a recuperar o fôlego. Mas não há tempo a perder. A Belle caiu outra vez, agarrada à cabeça e a soluçar. Preciso de algo pesado para manter a porta bem fechada, porque o Darren vai chegar aqui a qualquer momento.

Depois vejo-o… um cadeirão velho e familiar, com uma capa de bombazina castanha desbotada, gasta e esfiapada por todos os corpos usados e exaustos que nela se sentaram ao longo dos anos. Vou para o outro lado e empurro-o com força. É grande e pesado, mas não vai impedir o Darren de entrar por muito tempo. Desliza facilmente pelo chão e sei que vai conseguir empurrá-lo do lado de fora.

Quando está no sítio, tiro a Belle do caminho e deixo-a no velho sofá debaixo da janela do sótão. Depois, procuro algo para manter o cadeirão no lugar. E então vejo um par de sandálias de borracha – com as solas gastas e sujas – abandonadas junto ao toucador.

Por um segundo, não consigo tirar os olhos do sítio onde nos costumávamos sentar para nos arranjarmos – é exatamente a mesma mesa, com o espelho partido e o tampo branco manchado de maquilhagem. Fecho os olhos por mais um instante, mas depois pego nas sandálias, enfio uma debaixo de cada uma das duas pernas do cadeirão para o agarrar às tábuas de madeira do chão.

Então, ouço as pancadas e os gritos lá fora, quando o Darren bate na porta.

– Estás morta, cabra! – grita ele, fazendo com que a Belle se sente, subitamente mais alerta.

– Mãe? – choraminga.

– Está tudo bem, amor, ele não consegue entrar… – *Para já*, penso para mim mesma.

E depois vejo os primeiros indícios de fumo a entrar por baixo da porta.

47

BELLE – AGORA

– Mãe? – diz Belle, com a voz a vacilar.

– Está tudo bem, amor. Ele não consegue entrar.

Belle enrola-se numa bola, observando enquanto a mãe puxa uma cadeira de madeira periclitante para a porta, enfiando as costas debaixo da maçaneta ao lado do cadeirão castanho que já a bloqueava, usando o seu peso para a manter no lugar. Nunca a tinha visto tão em pânico.

– Estou… estou tão assustada… – Tapa a cara e depois arrasta as palmas das mãos para baixo, esborratando o batom, enquanto ouve os sons de pancadas na porta e vê como esta salta na ombreira. A mãe pega no telemóvel, com as mãos a tremer enquanto toca no ecrã.

– Vai buscar uns lençóis ou toalhas ao quarto, Belle. Tapa o espaço por baixo da porta.

Belle não se mexe. Não consegue. Alguma coisa a impede, fixando o seu corpo numa forma enrolada, os joelhos puxados para cima enquanto se mantém sentada no chão. O cheiro nocivo a queimado enche-lhe as narinas enquanto vê nuvens de fumo a entrarem por baixo da porta, subindo até ao teto. Tenta levantar-se, vacilando por causa do que quer que seja que Luba lhe deu para tomar mais cedo para a ajudar a descontrair, mas volta a cair no chão, com a cabeça vazia e sem ser realmente a sua.

– Oh, Belle… – diz a mãe, estendendo a mão para lhe passar o telefone. Vê a mão dela levantar-se para lhe pegar. – Pede para chamarem a polícia e os bombeiros quando atenderem. Dá-lhes a morada.

Belle olha para ela, perguntando-se porque é que a mãe tem quatro rostos, todos a girar à sua volta numa névoa.

– *Belle… mexe-te!* – ouve, embora as palavras soem como se viessem de outro sítio.

Os lábios da mãe estão dessincronizados. Olha para o telefone que tem na

mão, perguntando-se onde é que a mãe vai com tanta pressa.

– Estou…? – tenta Belle dizer quando pensa ouvir uma voz do outro lado da linha.

Mas não tem a certeza. Leva o telefone ao ouvido, mas apercebe-se de que está ao contrário. Quando tenta virá-lo, deixa-o cair no chão. Fica a olhar para ele, sem saber onde está, mas uma coisa é certa: quando olha para cima, o céu é tão bonito… uma massa cintilante de estrelas, arco-íris e brilhos que a deixam sem fôlego, enquanto olha para eles com admiração.

– Belle! – ouve uma voz a gritar. Lentamente, olha em volta e vê uma mulher de joelhos a empurrar um edredão para debaixo da porta. Depois, percebe que é a mãe.

– Não faças isso, mamã – diz Belle, com uma voz que não parece sua. – Vais fazer com que todas as estrelas desapareçam. Consegues vê-las?

– Belle, amor, não estás a fazer sentido. Anda lá…

Sente mãos firmes debaixo das axilas e está a deslizar pelo chão de rabo, com a mãe a arrastá-la para a porta baixa do outro lado do quarto, onde já bateu com a cabeça imensas vezes. Talvez seja dali que vêm as estrelas. Ri-se.

– Belle, levanta-te. Consegues pôr-te de pé?

– Não quero ir para a cama – diz ela, fazendo beicinho. Mas, depois, algo na expressão da mãe dá-lhe um momento de clareza e ela grita, o ruído estridente furando-lhe os tímpanos, embora pareça vir de longe. Belle atira-se para uma cama. Começa a sentir um cheiro estranho. A fumo. A fogueiras. À lareira de casa quando o pai dela a acende. – O que é que estás a fazer? – pergunta Belle, observando enquanto a mãe empurra para o lado toda a confusão no chão: sapatos, pratos, canecas, maquilhagem e toalhas, bem como a sua mala com toda a roupa espalhada. Depois atira o tapete para trás, procurando à volta. – Mamã, não me sinto bem.

– Está tudo bem, querida. A ajuda há de chegar. Quanto tempo é que os bombeiros disseram que iam demorar? – Olha de relance para Belle.

– Bombeiros? – repete Belle, sentindo o rosto franzir-se. Abana a cabeça, subitamente maldisposta.

– Onde está o meu telemóvel? – diz a mãe, com a cara a enrugar-se de pânico.

Belle volta a olhar para a porta baixa e semicerra os olhos.

– Telemóvel? – Não sabe ao que se refere. – Olha – diz ela, sorrindo. – As

estrelas também se veem aqui. – Uma parede de fumo escuro atravessa a porta, flutuando perto do teto. – Será que vai trovejar?

– Belle, concentra-te – diz a mãe. – Temos de sair daqui. Preciso que sejas forte.

– O que é… o que é que estás a fazer? – pergunta Belle, baixando-se no chão ao lado da mãe.

Ela tem as mãos debaixo de uma tábua solta do chão e puxa-a para cima com toda a força, grunhindo. Ou talvez sejam as pancadas que ouve do outro quarto, embora possa ser uma trovoada. Já não percebe nada.

Depois vê a faca. Brilhante e reluzente como as estrelas quando a mãe a ergue.

– Levanta-te, Belle. Põe-te de pé já!

Belle faz o que a mãe lhe manda, embora as suas pernas pareçam ter quinze quilómetros de comprimento quando olha para os pés.

– Mãe, partiste o chão. – Aponta para a tábua levantada do chão, perguntando-se se não se vai meter em sarilhos. – Ele fica tão zangado – diz Belle. – Vai ficar furioso como o raio.

– O Jack? – pergunta a mãe, pondo novamente o braço de Belle à volta do seu pescoço e ombros. Ela sente-se a ser arrastada de volta para a outra sala e ouve a mãe ofegante com o esforço.

Por um momento, Belle pergunta-se quem é Jack, porque é que esse nome lhe parece tão familiar, mas também tão assustador.

– Mas eu amo-o. E amo-te a ti e…

Belle grita quando a porta fica abaulada e cede devido a um forte estrondo do outro lado. Depois, a mãe atira-se a algo que está no chão – o telemóvel. As mãos dela tremem enquanto toca no ecrã, depois ouve-a a chamar os bombeiros, a polícia, *por favor, mandem ajuda agora, depressa*… implora, dando a morada.

– Para trás, amor – diz a mãe, mas Belle não quer recuar.

Algo está a começar a ferver dentro dela, um sentimento que nem as drogas que Luba lhe deu, nem a *vodka* que bebeu com a outra rapariga quando se estavam a preparar conseguem suprimir.

Não, este é um sentimento novo e cru dentro dela – um sentimento *real* e, se não fizer alguma coisa com ele, julga que vai explodir. Tem os nervos a arder e o coração bate como uma metralhadora. Nada daquilo é o que queria – a mãe em pânico e aos gritos, o fumo e as estrelas, estar a usar aquelas

roupas odiosas ou estar em Londres naquele lugar horrível onde já viu coisas que nem sequer sabia que existiam. Não compreende como tudo aconteceu – exceto que *ele* fez parte de tudo. Não, ele fez *tudo*. Jack.

– Ele mentiu-me, não mentiu? – diz Belle através do barulho alto que não tem a certeza se é na porta, na sua cabeça ou em ambos.

Vê a mãe de pé junto à porta, brandindo a faca na mão trémula, enquanto o cadeirão salta com as pancadas do outro lado, afastando-se da porta enquanto Jack a força e empurra, e a outra cadeira com as costas presas debaixo do puxador começa a deslocar-se e cai para o lado. A mãe encosta o seu peso ao cadeirão e, de alguma forma, alimentada por este novo sentimento interior, Belle faz o mesmo. Sente-se prestes a vomitar.

De repente, ouve-se o estalido mais alto até então e um painel de madeira da porta desfaz-se e um punho entra. Depois, mais estrondos de um braço a bater contra a madeira, esmagando-a. Belle ouve gritos, raiva e fúria, que se assemelham bastante ao que ela tem a ferver dentro do peito. E quer usá-la. Já está farta. Não quer mais as mentiras dele – sabe que o viu com aquela mulher, Luba. Ouviu com os próprios ouvidos como ele tentou enrolá-la, dizendo-lhe que estava louca, que estava a ser infantil. Sabe que ia obrigá-la a fazer sexo com estranhos por dinheiro, que estava a transformá-la noutra pessoa. *Uma das raparigas do Vaughn*, dissera ele.

– Não sou uma criança! – grita agora Belle em plenos pulmões.

Sem saber como o faz ou quem está a puxar os cordelinhos dos seus membros fracos, agarra na cadeira periclitante e atira-a contra a porta partida. O fumo negro e espesso entra pelo buraco, preenchendo-lhe os pulmões e fazendo-a tossir descontroladamente, picando-lhe a garganta, os olhos, a pele. A mãe também está a tossir, dizendo-lhe para tapar a cara. Vê Jack do outro lado da porta e atira-lhe com a outra cadeira, querendo acertar-lhe na cabeça, mas, oh, céus, tudo o que faz é tornar o buraco maior… e agora ele está a atravessá-lo.

A raiva dentro dela duplica, duplica e duplica outra vez, até que todo o seu corpo é uma bola trémula de raiva. Atira-se a Jack enquanto ele atravessa a porta com uma mão a tapar a cara para tentar escapar ao fumo. Também está a tossir e é então que Belle vê as chamas a lamberem as escadas, ouve o rugido do fogo que toma conta de tudo, subindo como um monstro, consumindo o interior de todo o edifício.

Tão feroz como o calor dentro dela.

48

HANNAH – AGORA

– Belle, tapa a cara… – Os meus olhos ardem como se alguém lhes tivesse atirado ácido, enquanto o fumo entra na sala pela porta partida. Na escuridão, vejo o rosto franzido do Darren enquanto ele luta para respirar, abrindo caminho com violência.

– Cabra de merda! – grita ele, a tossir os pulmões. – Vou matar-vos às duas…

A Belle uiva e eu agarro no roupão que lhe caiu dos ombros e coloco-o sobre a sua cara. O seu corpo está rígido e o rosto vermelho de raiva enquanto se lança com a cadeira, tentando forçá-lo a recuar. Nunca a vi tão zangada, com os seus longos membros a agitarem-se enquanto luta pelas nossas vidas.

Tenho a faca no punho direito e os nós dos dedos brancos de a agarrar. Foi arriscado assumir que ainda estaria debaixo das tábuas do chão ao fim deste tempo todo, mas ninguém além de nós as duas sabia que ela estava lá. O nosso pequeno segredo – embora nunca tivesse imaginado que a estaria a usar dezoito anos depois.

– Para trás! – grito para a Belle quando o Darren se aproxima.

Empurra o cadeirão para fora do caminho tão facilmente como se fosse feito de espuma. Depois, atira-se a nós, sem saber qual das duas deve atacar primeiro. Arrasto a Belle para trás, pedindo-lhe que se feche no quarto, mas ela agarra num pedaço da cadeira partida e atira-o para o ar, gritando e tossindo enquanto tira o roupão da cara.

Dois andares abaixo, ouço o som de vidros a partirem-se e gritos das raparigas – sons aterrorizados e lancinantes, enquanto as imagino a correrem para fora dos quartos apenas para se depararem com uma coluna de chamas a serpentear pelas escadas e a bloquear a sua fuga. Não faço ideia de quanto do edifício está a arder, mas, a julgar pela densidade do

fumo, o fogo alastrou-se rapidamente. Só queria que fosse uma distração para poder fugir com a Belle.

De repente, o Darren atira-se a mim, mas salto para trás, empunhando a faca.

– Sai daqui! – grito-lhe. – Desce as escadas antes que seja tarde de mais!

Olha por cima do ombro. O patamar está iluminado e cheio de fumo das chamas que se elevam. Rezo a Deus para que os bombeiros sejam rápidos, que tenham ouvido o meu pedido de ajuda.

Mas o Darren ignora-me, agarra-me o braço esquerdo e gira-me. Ao mesmo tempo, a Belle bate com a perna da cadeira com força nas costas dele… no ombro… na cabeça… no pescoço. Bate-lhe uma e outra vez. Quando ele se vira para retaliar, atacando-a a ela em vez de a mim, eu aproveito a oportunidade e golpeio o ar com a faca, cortando-lhe o braço.

O Darren grita, dobra-se e tosse enquanto agarra o braço, com o sangue a escorrer-lhe pela camisa e entre os dedos. Olha para mim com os olhos semicerrados e cheios de ódio, como fendas no rosto manchado de fuligem. Alguma coisa cresce dentro dele e volta a atirar-se na minha direção, movido pela dor e pela raiva. Salto para a esquerda, certificando-me de que estou entre ele e a Belle, golpeando com a lâmina cada vez que ele se aproxima. É uma dança de vingança – uma atuação há muito esperada.

– Sua cabra… puta barata de merda … – cospe o Darren, com as palavras a perderem-se no fumo espesso. Olha para a sua ferida.

– Belle, tenta descer as escadas! – exclamo, na esperança de que não seja tarde de mais para ela. Mas ela fica onde está, dando outro golpe no Darren com a perna da cadeira.

– Odeio-te, odeio-te, *odeio-te*! – grita ela. – Seu… esterco… mentiroso… – Cada palavra é pontuada pelo bater da madeira no seu crânio.

Qualquer que seja a droga que tenha tomado, parece estar a passar e que a raiva ocupou o seu lugar. Enquanto o Darren se contorce com os golpes dela, sem saber de qual de nós se deve defender, dou-lhe outro golpe com a faca, apenas com a intenção de o abrandar, de o distrair.

Mas, nesse preciso momento, ele atira-se para a frente.

A faca desliza para dentro dele.

Ao início, estou demasiado atordoada para me aperceber do que aconteceu.

Tudo está parado.

O Darren está imóvel – há uma imagem da agonia no seu rosto, a boca entreaberta, os olhos fixos nos meus através do fumo, enquanto está dobrado para a frente, com os braços levantados e as pernas afastadas. Já não consigo ouvir os gritos nem o rugido do fogo que grassa por baixo de nós, como se todos os meus sentidos tivessem deixado de funcionar.

Depois, à medida que o mundo volta a ganhar vida, em vez de retirar a faca ou de a impedir de entrar mais fundo no seu abdómen, enfio-a ainda mais. Torcendo-a enquanto pressiono o peso de todo o meu corpo contra ela, forçando a lâmina a entrar totalmente dentro dele. Libertando tudo o que está preso dentro de mim.

O Darren cai de joelhos.

A Belle bate-lhe com a madeira na cabeça, uma e outra vez.

– Pára! – grito, agarrando-lhe o braço. – Temos de sair daqui. O incêndio… agora está *mesmo* mau.

Pego na mão da Belle, passo por cima das pernas do Darren, que se contorcem enquanto ele se esparrama no chão, com o sangue a sair do seu corpo numa poça brilhante à volta. A Belle mantém os olhos fixos nele ao correrm os para a porta, olhando para trás por cima do ombro quando nos aproximamos da escada. O calor atinge-nos como uma parede, queimando-me instantaneamente a cara. Tiro o casaco que tenho vestido.

– Tapa-te! – digo-lhe, atirando-o para cima dela. Passo a passo, comigo à frente, descemos as escadas para o andar de baixo e sinto os braços e a cara a arderem com o calor. O fumo é tão denso que só consigo ver uns poucos centímetros à minha frente. – Está aí alguém? – grito, tossindo e caindo de joelhos. – Belle, baixa-te. Temos de rastejar. – Há um pouco mais de oxigénio aqui em baixo e, à frente, vejo vários pares de pés descalços. – Mantenham-se juntas! – grito para as outras. – Deitem-se no chão!

Um momento depois, vejo um par de raparigas aterrorizadas aninhadas, com os rostos manchados de fuligem e a maquilhagem borrada. De repente, o chão muda por baixo de nós e ouve-se um grande estrondo lá em baixo, quando alguma coisa – talvez uma viga – queima por inteiro e cai. O edifício estremece e range enquanto o fogo o atravessa. Espreito por cima dos corrimãos, horrorizada com o que vejo. Uma parede de fumo espesso e chamas espalhou-se desde o rés do chão. A escadaria está a funcionar como uma chaminé, puxando o inferno para cima pelo centro dos Claustros. E é evidente que o estrondo foi a parte inferior da escada, onde o fogo

começou, a cair.

– Oh, céus, oh, *céus*, isto é tudo culpa minha…

Tateio a parede e a minha mão assenta numa porta – apercebendo-me de que é a porta onde *ela* morreu… onde outrora gritei aquelas mesmas palavras quando me apercebi do que tinha acontecido. Do que eu tinha *feito*.

– Mãe! – grita a Belle, enterrando a cara, tossindo e apontando para o fundo das escadas.

Quando olho, vejo o corpo de um velho de cabelo grisalho a cair no poço de chamas. A Belle está a soluçar e a sufocar… e eu tenho de fazer alguma coisa. Não há maneira de conseguirmos descer. Não agora. O fogo está descontrolado.

– Volta lá para cima – grito, lembrando-me de repente. Levo a Belle e as outras duas raparigas para o sótão. – Vai para a casa de banho e espera lá por mim… Fechem-se lá dentro e ponham toalhas molhadas ao fundo da porta.

A Belle acena com a cabeça e leva as duas raparigas novamente para cima.

Depois, rastejo pela porta aberta para o quarto de massagens onde encontrei a Belle, puxando o lençol da cama, enrolando-o à minha volta e sobre a cabeça e rosto. Há um pacote de toalhetes húmidos em cima da mesa, por isso pego num monte, pressionando-os contra o nariz e a boca. Rastejo para fora do quarto com as mãos e os joelhos, percorrendo o patamar para verificar os outros quartos. Felizmente, estão todos vazios, mas depois ouço uma comoção no patamar de baixo. É a Luba e está a gritar por ajuda, por isso desço as escadas o máximo que me atrevo.

– Ajuda! Estamos presos! – grita vezes sem conta.

Através do fumo espesso, consigo ver a forma de várias pessoas deitadas no chão, incluindo a Luba.

– Aqui em cima – grito-lhe. – Sobe para o último andar!

– Há raparigas aqui – grita ela. – E mais, algures…

– Manda-as todas para cima – respondo. Poucos momentos depois, um grupo de quatro raparigas, todas a tossir e a chorar, sobe o que resta da escada. Quando chegam ao pé de mim, levo-as para a frente. – Continuem até ao último andar – digo-lhes, sem saber se elas falam inglês. – Vão para a casa de banho! – Tenho de gritar para me fazer ouvir por cima dos gritos e

do rugido das chamas. – Luba? – volto a chamar. – Encontraste-as?

Ela não responde, por isso vou para a beira do lanço e desço outra vez, praticamente de barriga para baixo para ter esperança de respirar.

– Luba? Estás a ouvir-me?

A garganta arde-me. Nesse momento, outras três raparigas sobem as escadas aos tropeções, uma a ajudar outra que parece ter magoado o tornozelo. Estão todas imundas e aterrorizadas.

– Toma – grito. – Dá-me a tua mão. – Entre nós, arrastamos a rapariga ferida até ao último andar, conseguindo chegar lá acima antes de outro estrondo lá em baixo me dizer que mais degraus desabaram. – Estão todas? – pergunto, e uma das raparigas acena com a cabeça freneticamente. Mais ninguém vai conseguir subir e a minha única esperança é que a Luba tenha conseguido sair. Mas não posso pensar nisso agora.

Levo-as até à casa de banho no último andar, onde encontro a Belle e as duas raparigas. Depois, ponho-me de pé na banheira e estendo a mão para a claraboia, puxando-a para baixo com todo o meu peso. Ao princípio fica presa, mas depois cede e abre-se.

– Ajuda-me a subir! – grito, agarrando-me à estrutura para me içar.

A Belle abraça as minhas pernas e empurra-me para cima com toda a sua força. Só Deus sabe como é que o faço, mas consigo contorcer-me para cima e através da janela até estar metade dentro e metade fora, a espreitar para as telhas inclinadas até à sarjeta.

E depois vejo-o – o telhado plano em baixo, onde às vezes nos sentávamos e fumávamos, observando a cidade lá de cima, escondendo-nos de tudo aquilo a que tentávamos escapar. Mas não há tempo para pensar no passado, para recordar os fantasmas. Em vez disso, volto a descer para a casa de banho e salto da banheira.

– Temos de sair por aqui – anuncio, com a voz a tremer. É a nossa única hipótese. – Ouçam… quando estiverem em cima das telhas, deslizem com cuidado para baixo e vão dar ao telhado plano e estarão a salvo até nos virem buscar, está bem? – Olho para cada uma das raparigas aterrorizadas, incluindo a minha filha, todas apertadas na casa de banho minúscula. É evidente que várias delas não falam inglês, pois duas delas estão a falar uma com a outra noutra língua, com as palavras sufocadas pelos soluços. – Belle, tu vais primeiro e depois podes puxar as outras para cima. Eu ajudo-as a subir a partir daqui. Depois mostra-lhes para onde devem ir quando

estiveres lá fora.

– Eu vou, mas, mãe, como é que vais subir? – diz a Belle, hesitante.

– Eu… eu cá me arranjo… não te preocupes comigo. Anda, sobe para a banheira.

A Belle faz o que mando e, assim que se agarra bem ao caixilho de madeira da janela, seguro-lhe nas pernas e empurro-a para cima, sabendo que ela é forte e ágil e que sairá com facilidade. Depois, ajudo a rapariga seguinte a subir e a sair, com as pernas pendentes enquanto se contorce para sobreviver, forçando-se a passar pelo buraco com a Belle a puxá-la do telhado. A casa de banho está a encher-se de fumo rapidamente, por isso trabalhamos mais depressa, cada rapariga a tentar passar pela abertura, a tossir e resfolegar enquanto respira ar fresco. Ouço-as a deslizar pelas telhas para se porem a salvo – desde que os bombeiros as encontrem lá.

Finalmente, empurro a última para cima e para fora, sentindo o suor a pingar enquanto gasto as minhas últimas reservas de energia.

– Elas estão bem? – grito para a Belle, que está a olhar para baixo através da claraboia.

– Sim, sim, estão bem. Despacha-te, mãe, tens de sair!

Estende-me a mão enquanto me levanto para a borda da banheira, sabendo que tenho de fazer um último esforço. É o som de mais uma parte do interior do edifício a ruir que me impele a continuar e uso toda a minha força para saltar e agarrar o caixilho da janela. Mas os meus dedos perdem a aderência e caio novamente, aterrando no chão ao lado da banheira. Já não sou tão ágil como dantes.

– Mãe! – grita a Belle.

– Está tudo bem – digo sem fôlego, tossindo.

Levanto-me e tento de novo, determinada a conseguir. Desta vez, agarro-me à estrutura, afastando-me da banheira com as pernas. A Belle agarra-me nos pulsos e puxa com toda a sua força, mas não adianta. Simplesmente não tenho força nem energia para o fazer.

– Belle… – digo-lhe, olhando-a nos olhos. A minha voz vacila e quase não se ouve, vinda da minha garganta rouca e entupida. – Vai… grita por socorro… os bombeiros vêm aí… eles tiram-vos do telhado…

– Não! Mãe! – grita ela, recusando-se a largar-me os pulsos. Chora, e as lágrimas escorrem-lhe pela cara e caem sobre mim.

– Vai, Belle… – digo, perguntando-me se essas serão as minhas últimas

palavras para ela.

Vejo a agonia no seu rosto, como está dividida entre querer salvar-se e não me perder. E depois sinto um par de braços a envolver-me as pernas, a segurar-me, a *empurrar*-me para cima, permitindo que a Belle me puxe para fora com o impulso que vem de baixo. Assim que a minha cintura está no ar, sou capaz de passar pela clarabóia, ofegando e engasgando-me enquanto me viro e olho para baixo.

– Luba! – grito. – Oh, meu Deus… Rápido, sobe para a banheira.

Mas, mesmo antes de ela o fazer, sei que é inútil. É muito mais baixa do que eu e, mesmo que conseguisse alcançar o caixilho da janela, não há ninguém lá em baixo para empurrar.

– Eu… não consigo chegar… – diz ela, balançando-se na borda da banheira, com os braços esticados para cima, na nossa direção. – Não dá… – Volta a cair no chão, olhando à sua volta sem esperança. – Vão vocês… vão, vão, vão…

São essas as suas últimas palavras quando o chão por baixo dela se desmorona e cai no vazio ardente lá em baixo.

49

MOLLY – ANTES

Depois de o seu cliente finalmente sair, Molly vestiu o roupão, querendo desesperadamente ir ver como estava Hannah. Os gritos terríveis que vinham do quarto ao lado tinham diminuído nos últimos quinze minutos, e ela não sabia se isso era bom ou mau. Pensou ter ouvido o cliente de Hannah sair – o homem que a engravidara e que dizia estar apaixonado por ela –, mas não tinha a certeza, pois o seu cliente fizera muito barulho. Tentara fazê-lo despachar-se, mas sabia que tinha estado a beber – o seu hálito tresandava a cerveja.

Abriu a porta sem fazer barulho, espreitando para ambos os lados do longo patamar antes de se aventurar a sair. Não estava lá ninguém. Eram cerca das duas, duas e meia da manhã, achava ela, e embora ainda ouvisse ruídos lá em baixo na sala de espera, sabia que as coisas iam acalmar em breve. Só tinham de passar despercebidas até lá; quando Luba apagasse as luzes e ela e Darren fossem para a cama, Hannah poderia escapar.

Molly arrastou-se até ao quarto quatro e encostou o ouvido à madeira. Silêncio, com exceção de… um som de choramingo e de um fungar. Hannah estava a chorar? Sentia-se apenas aliviada por os gritos terem parado; grata por o barulho não ter atraído Luba lá para cima. Teria sido um inferno se tivessem visto Hannah nua, com a barriga inchada. Precisava de se preparar para se ir embora.

– Han? – sussurrou através da porta. – Estás sozinha?

Nada. Apenas o som estranho de alguém… a chorar. Embora parecesse que Hannah estava a tentar abafar o som.

Girou a maçaneta e abriu um pouco a porta, espreitando para dentro. O quarto estava quase às escuras, apenas com o brilho vago da lâmpada vermelha do candeeiro de canto. Havia uma forma na cama – Hannah. Conseguiu perceber que era ela pelo cabelo suado e emaranhado em torno

da cara. Parecia estar a dormir. Mas, quando abriu mais a porta e se aventurou a entrar, aliviada por o homem já não estar lá, apercebeu-se imediatamente de que algo estava errado. *Muito* errado.

Havia qualquer coisa a contorcer-se na cama, presa nos lençóis de cetim entre as pernas de Hannah. E havia sangue. Litros e litros de sangue, como se todo o colchão tivesse sido mergulhado numa tina. A mão de Molly aproximou-se da boca, como se isso fosse impedir o vómito que lhe subia pela garganta.

A trouxa na cama sacudiu os braços e soltou um vagido, seguido de um choro fraco.

Molly sabia que era um bebé, mas recusou-se a acreditar até se atrever a aproximar-se mais e a abrir o lençol para revelar o seu rosto.

– Meu Deus – sussurrou ela. *Era* um bebé. O bebé de Hannah.

Uma coisinha doce com uma cara enrugada e manchada de sangue e o cabelo espesso molhado e escuro. Os seus olhos piscavam para ela, os punhos cerrando-se e abrindo-se à volta dos seus pequenos lábios.

Molly arrastou os olhos pelos lençóis torcidos e com nós até Hannah. Ainda estava vestida com a túnica, puxada para cima a revelar a sua barriga desinchada. As suas longas pernas estavam pegajosas e riscadas de sangue seco, tal como as mãos, os braços, a cara e a barriga. Toda ela estava encharcada. E entre as suas pernas e o bebé estava… estava… uma *coisa* enorme vermelha e biliosa a nadar numa poça de sangue e ligada à barriga do bebé por um cordão de consistência de borracha.

Molly correu para o fundo do quarto e vomitou. O seu estômago ficou apertado e dobrado enquanto o esvaziava. Depois, passou a mão pela boca e, a tremer, foi ter com Hannah, pondo-lhe a mão na testa.

– Hannah, estás acordada? – sussurrou. Devia estar exausta da provação, foi o seu primeiro pensamento. – Han, sou eu, a Molly.

Mais uma vez, não houve resposta. Molly abanou-a um pouco, com as mãos nos seus ombros, depois bateu-lhe levemente na bochecha. Tinha de levar ambos para cima e limpar o quarto antes de Luba reparar no que tinha acontecido.

– Han, por favor, acorda. O teu bebé precisa de ti. Tens de o alimentar.

Molly não tinha a certeza se era um rapaz ou uma rapariga, por isso puxou o lençol encharcado à volta da pequena trouxa. Por um momento, não se conseguiu mexer, aterrorizada quando viu que era uma menina. Sempre

acreditaram que seria um rapaz – *rezaram* para que fosse um rapaz, para que não tivesse uma vida como a delas. Mas era perfeita de todas as maneiras.

– Oh, minha coisinha linda – entoou, acariciando a cabeça da bebé. – A mamã está muito cansada, pequenina. Mas eu tomo conta de vocês as duas. – Ouvia a sua voz a tremer, sabendo que estava completamente fora de pé. *Não te vai acontecer nada de mal, prometo*, pensou ela, olhando para a recém-nascida.

Molly aproximou os seus lábios da orelha de Hannah.

– Hannah, por favor, *por favor,* acorda. Tens de voltar lá para cima. *Já*.

Foi nesta altura que Molly sentiu um arrepio na espinha. Não queria admitir o que os seus pensamentos inconscientes lhe estavam a dizer. Colocou o dedo debaixo do nariz de Hannah, à espera de sentir a respiração quente. Mas não sentiu nada. Depois encostou a cabeça ao peito dela para ouvir o batimento cardíaco… nada. Não era especialista, por isso agarrou no pulso ensanguentado de Hannah e tateou à procura da pulsação, mas não a encontrou. Tentou então encontrá-la no pescoço, mas mais uma vez… nada.

– Hannah… Hannah… *não*! – lamentou-se, sem saber o que raio havia de fazer.

Aquilo não estava a acontecer… não era verdade. Recusava-se a acreditar. A bebé começou a fazer mais barulho – um gemido lamurioso que rapidamente se transformou num choro mais alto. Molly abanou Hannah com força, batendo-lhe levemente na bochecha para a despertar. A seguir encostou a boca à de Hannah, soprando ar, embora não fizesse ideia do que estava a fazer. Depois disso, pressionou o peito dela cerca de vinte vezes com as mãos entrelaçadas, fazendo força e mais força, desesperada para lhe dar alguma vida. Então apertou o nariz de Hannah e soprou mais ar, e depois repetiu a massagem cardíaca. Mas não conseguiu nada. Hannah ficou deitada na cama, sem vida e imóvel, com os olhos fechados e os lábios ligeiramente afastados.

– Isto *não* está a acontecer – chorou Molly, acariciando a bebé enquanto ela se queixava outra vez. – Chiu, pequenina, está tudo bem.

Agarrou Hannah por baixo das axilas e tentou sentá-la. Talvez a posição estivesse errada e, quando estivesse direita, ficasse bem. Não havia maneira… não havia *maneira* nenhuma de ela estar morta. Levantou-a com

todas as suas forças, arrastando o tronco para o lado para poder ficar atrás dela e levantá-la, com cuidado para não puxar Hannah para cima da bebé. Com grande esforço, conseguiu que Hannah ficasse quase direita, mas sabia que, assim que a largasse, ela voltaria a cair.

– Olha, põe as pernas no chão – disse ela, sentindo as lágrimas quentes a saírem-lhe dos olhos. – Se te sentares, talvez consigas andar. Por favor, Han, *por favor*, vem lá para cima comigo. – Mais soluços e lágrimas, enquanto se esforçava por levantar as pernas de Hannah por cima da bebé e colocá-las no chão. A parte de cima do corpo de Hannah tombou para a frente e só conseguiu apanhá-la antes que caísse da cama, com o cabelo a deslizar-lhe sobre a cara pálida. – Han, tu consegues fazer isto. Levanta-te. A tua bebé está aqui. É linda. É absolutamente linda e precisa de ti, Han, ela precisa *mesmo* da mamã. – Rezou para que as suas palavras a fizessem acordar e ver a sua querida bebé.

Mas não fizeram.

Depois, Molly sentiu algo quente e húmido à volta dos pés e, quando olhou para baixo, viu que jorrava mais sangue do meio das pernas de Hannah, misturado com outra coisa que se parecia muito com urina. Empurrou-lhe a cabeça para trás, de modo que ficasse virada para o teto, puxando para cima as pálpebras dos olhos.

As pupilas estavam paradas e fixas, sem qualquer movimento, e a pele tinha adquirido uma estranha cor azul-acinzentada que não se parecia nada com o habitual.

– Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus, Hannah, por favor, *nãooo*…

Abraçou-a pelos ombros, apertando-se contra o seu corpo sem vida e soluçando no seu pescoço, sabendo que era demasiado tarde, que a sua melhor amiga estava morta e não havia nada que pudesse fazer para a trazer de volta à vida. O ranho e as lágrimas ficaram emaranhados no cabelo encharcado de sangue de Hannah, enquanto se perguntava o que raio iria fazer.

Depois, ouviu vozes lá em baixo – Darren e Luba a rirem-se, provavelmente bêbedos, como era habitual àquela hora da noite. Ouviu portas a bater e música. Por vezes, um ou dois dos clientes habituais ficavam por ali a beber ou a fumar erva até às tantas.

Molly olhou à volta do quarto, com Hannah ainda apoiada nos braços. Havia tanto sangue – e agora também estava em cima dela. E havia uma

bebé na cama – uma bebé pequenina e nua que precisava de ser alimentada e tratada, e ela não tinha ideia de como fazer isso. Hannah tencionara amamentar e, embora tivessem guardado alguns artigos de bebé ao longo das semanas para a sua fuga, não tinham comprado biberões nem leite em pó.

– A culpa é toda minha – chorou Molly, a tremer de dor. – O que é que vou fazer? Foi por minha causa que ela morreu…

Não sabia com quem estava a falar, se com Hannah, com a bebé, consigo própria ou com alguém que pudesse ter pena dela. Não era religiosa, mas, se resultasse, iria à igreja e rezaria todos os dias para o resto da sua vida se isso trouxesse Hannah de volta.

– Matei a tua mamã – disse ela, soluçando enquanto olhava para a bebé que se contorcia na cama. – Se não a tivesse deixado… se não me tivesse ido embora com o meu cliente ou deixado o outro homem entrar aqui, se a tivesse levado logo para o hospital, nada disto teria acontecido. – Tapou a cara por um segundo, tentando racionalizar tudo, mas não conseguiu. A culpa era toda sua. – Os médicos tê-la-iam ajudado, nunca a teriam deixado voltar para aqui contigo se lhes contasse tudo, se lhes confessasse como é a nossa vida.

No fundo da sua alma, Molly sabia que tinham sido a vergonha e o medo que tinham impedido Hannah de concordar em ir às urgências de Obstetrícia. E, se procurasse ainda mais fundo dentro de si, sabia que provavelmente teria feito o mesmo. As pessoas julgavam, olhavam com desprezo, ninguém compreendia o que era ser uma das raparigas de Vaughn – que não tinham escolha porque, sem ele, não eram nada. Estavam contaminadas e marcadas para sempre.

Outro som. Os pés de alguém a subir as escadas. Merda. O que quer que acontecesse agora, Darren e Luba não podiam encontrar a bebé. Mas o que é que havia de fazer com ela? Não podia dizer-lhes que Hannah tinha morrido por sua causa, que ela tinha matado a mãe da bebé. Levariam a bebé de certeza e só Deus sabe o que lhe fariam como castigo.

Decidiu voltar a deitar Hannah na cama, escondê-la debaixo dos lençóis para que parecesse estar a dormir. Talvez ganhasse algum tempo. Mas, quando se desenredou de Hannah, quando tentou puxar o seu corpo para baixo, Hannah caiu para a frente e as suas nádegas deslizaram da cama para o chão, o resto do corpo tombou para o lado à medida que o seu peso morto

se abatia sobre ela, e a sua cabeça bateu na mesinha de cabeceira ao lado. Ficou dobrada de uma forma pouco natural e Molly sabia que não havia hipótese de a levantar outra vez.

E foi aí que soube o que tinha de fazer.

Se alguma coisa acontecer a uma de nós, a outra trata do assunto. Irmãs para sempre, certo?

As palavras de Hannah ecoaram na sua mente quando se aproximou e abriu a gaveta da mesinha ao lado da cama. Cada quarto tinha uma reserva de produtos básicos de beleza para o caso de as raparigas precisarem de retoques, e isso incluía um conjunto de manicure. Tentou abrir a bolsa com fecho de correr, lutou para meter os dedos dentro da tesoura, as mãos tremiam descontroladamente enquanto cortava o cordão umbilical da bebé. Não fazia ideia se iria magoar a pobrezinha, mas tinha visto fazerem-no na televisão, por isso sabia que tinha de o fazer. A bebé não fez barulho enquanto ela abria caminho através da cartilagem. Depois, pegou num elástico de cabelo da gaveta e atou-o firmemente à volta do coto a sangrar. Depois disso, tirou uma fronha e enfiou-a nas pernas e no corpo da bebé, embalando-a nos braços e, finalmente, cobrindo-lhe a cabeça.

– Chiu, pequenina – disse ela, esfregando-lhe as costas minúsculas enquanto pegava na parte de cima da fronha. Conseguiria respirar, mas precisava de a esconder da vista quando subisse as escadas para o último andar. – Pronto, pronto, vai ficar tudo bem. – Os braços tremiam-lhe enquanto pegava no pequeno embrulho, apertando-o contra o peito. Não fazia ideia de quanto tempo um bebé podia sobreviver sem comida, mas achava que não era muito. Precisava de sair dali, e depressa.

E foi isso que fez. Rastejou até à porta, olhou uma última vez para Hannah morta no chão e coberta de sangue, sussurrando uma oração silenciosa por ela, e deslizou, sem que ninguém a visse, até ao último andar, onde deitou a bebé num beliche enquanto vestia umas calças de ganga, um polo e calçava uns ténis. A televisão ainda estava a passar o DVD de *A Bela e o Monstro* que Hannah tinha posto para a ajudar no parto… as canções familiares soavam nos ouvidos de Molly enquanto pegava no que ia precisar.

Depois, abriu as portas do guarda-roupa e tirou alguns objetos, revelando os sacos de plástico com dinheiro que estavam lá atrás. Colocar os maços de notas na mala de Hannah pareceu demorar uma eternidade e teve de se

desfazer de algumas roupas da amiga para que coubesse tudo, embora tenha guardado um pequeno macacão e uma fralda para a bebé. Depois, meteu cuidadosamente o envelope com o passaporte e a certidão de nascimento de Hannah, que também tinha roubado do escritório, dentro da aba da parte de cima da mala e fechou-a.

Dez minutos depois, a bebé estava a contorcer-se, com uma fralda, ainda que mal posta, e um *babygrow* com botões à frente. Parou e olhou para ela por um momento, limpando as lágrimas dos olhos e maravilhando-se com a perfeição. Estendeu o dedo mindinho e colocou-o na mão da bebé. O seu pequeno punho fechou-se à volta dele e os seus olhos encontraram-se. A visão de Molly estava turva por causa das lágrimas enquanto olhava para a bebé.

Depois, olhou para o ecrã da televisão e viu a bela princesa a dançar e a rodopiar no seu vestido amarelo.

– É assim que te vou chamar, querida – sussurrou-lhe. – Belle. Minha linda princesa. A mamã vai tomar bem conta de ti, vais ver. Nunca vou deixar que te aconteça nada de mal. – Olhou de novo para o ecrã. – Nenhum monstro te vai pôr as mãos em cima, prometo.

Molly embrulhou a bebé numa toalha que estava na cama e pegou nela ao colo, aconchegando-a na dobra do braço. Depois, pegou na mala pesada e, de alguma forma, verificando se cada andar estava livre, desceu os muitos lanços de escadas pela última vez.

Foi precisamente quando estava a abrir a porta da frente para a rua que Luba saiu da sala de receção a rir e a cambalear, com uma bebida na mão. Ficaram ambas paralisadas. Ao princípio, nenhuma delas disse nada – só os seus olhos se fixaram, uma expressão de choque a espalhar-se pelo rosto de Luba fez com que o seu olhar baixasse finalmente para a bebé. A sua boca abriu-se para falar, mas não saiu nada.

Em pânico, Molly estendeu a mão e pegou na primeira coisa em que tocou – um guarda-chuva comprido do bengaleiro ao lado da porta – e, com toda a força que tinha, bateu com ele uma e outra vez na cara de Luba. O último golpe atingiu-a diretamente no olho, fazendo-a cair no chão enquanto gritava de agonia, e o copo partiu-se ao seu lado.

Foi então que Molly aproveitou a oportunidade. Agarrou novamente na mala e, segurando Belle com força nos braços, correu para fora dos Claustros e subiu a rua o mais depressa que conseguiu, sabendo que,

acontecesse o que acontecesse, a partir de então nunca mais voltaria atrás. Dez minutos depois, quando finalmente parou de correr, com a respiração ofegante, confortando a bebé que chorava, olhou para o céu noturno com o coração aos pulos ao acrescentar mais uma bênção à sua lista. A partir daquele momento, era Hannah Greene. Eram só ela e Belle contra o mundo.

50

HANNAH – AGORA

Toda a gente tem sido tão amável. Fizeram tudo o que puderam por nós durante a nossa estada no hospital, apesar de as urgências estarem cheias quando demos entrada. Três das raparigas dos Claustros vão permanecer na enfermaria durante mais alguns dias para serem monitorizadas devido à inalação de fumo, mas o seu prognóstico é bom e já foram encaminhadas para os serviços sociais para receberem cuidados depois de terem alta. Expliquei aos médicos quem eram e como eram as suas vidas, como precisariam de ajuda para se reerguerem após a recuperação e possivelmente de ajuda para regressarem aos seus países de origem, se assim o quisessem. Também lhes ofereci emprego se decidissem ficar no Reino Unido. Devo-lhes isso e vou tentar ajudá-las no que puder.

Por isso, eu e a Belle, mais algumas das outras raparigas que tiveram alta connosco, consideramo-nos as mais sortudas. De acordo com a equipa de bombeiros que nos resgatou do telhado, mais ninguém conseguiu sair com vida. As chamas tinham-se alastrado pelas velhas madeiras dos Claustros, uma armadilha mortal com alarmes de fumo obsoletos e sem saída de emergência, segundo o chefe da equipa.

O fogo fez com que andares e mais andares se desmoronassem enquanto o interior cedia e o teto abaulava. Ficou em rescaldo durante mais dois dias.

O Darren, a Luba, o Vaughn e a sua enfermeira, a outra mulher, a Gail, e quatro clientes… todos mortos.

Foram-se.

A minha culpa pela tragédia está ao mesmo nível do papel que desempenhei na morte da Hannah – *a verdadeira* Hannah –, embora talvez seja mais mitigada no que diz respeito ao Darren e ao Vaughn. Já não me podem fazer mal, nem à minha família. O Grant Webster veio ao hospital antes de eu ter alta, explicando-me quem era (não revelei que já sabia que

era polícia), e informou-me de que vai haver uma investigação às causas do incêndio. Com o tempo, vão sem dúvida descobrir a razão pela qual começou, mas, com tanta gente no edifício, não podem atribuir a culpa a uma pessoa específica e, tirando a Belle, que só se lembra vagamente do que aconteceu por causa das drogas, mais ninguém vivo sabe que fui eu. Disse-me para esperar mais interrogatórios e para prestar mais declarações para a investigação, mas vou manter a minha história. Preciso de proteger a minha família. Além disso, há segredos piores para guardar.

– Nem penses em ir a lado nenhum – avisa o Rob quando ponho os pés para fora da cama. – O que é que queres?

– Ir à casa de banho – respondo, a rir. Desde que chegámos a casa, mal me perde a mim ou à Belle de vista. – Pode ser?

– Deixa a porta entreaberta – diz ele. – Assim posso ouvir se precisares de alguma coisa.

– Sim, chefe – digo eu com uma continência, entrando na casa de banho.

Como disse, eu e a Belle, milagrosamente, tivemos sorte, não tendo sido detetados danos pulmonares duradouros, embora cada uma de nós tenha consultas de acompanhamento no hospital dentro de várias semanas. Mas essa não é a minha principal preocupação, penso, lavando as mãos. Apesar de a minha mente se ter habituado a viver com o passado, condicionada a olhar por cima do ombro a cada passo, tendo carregado este segredo durante tanto tempo, o jovem cérebro da Belle não está habituado a isso. Os seus danos são recentes, ainda em carne viva, com a vergonha a envolvê-la. Vejo-o nos seus olhos. Vai precisar de muito tempo para recuperar.

– Vou marcar consulta para ela num psicólogo – digo ao Rob.

O Rob concorda. Tem sido um anjo desde que chegou ao hospital em Londres. A Natalia também esteve à altura, tomando conta da Amber, da Leanne e da Kate enquanto não estava ninguém em casa. Desde então, as duas irmãs foram colocadas numa família de acolhimento de emergência enquanto a sua situação em casa é investigada. A Leanne terá sempre um emprego na Greene & Clean, e sei que ambas ficarão bem. A Leanne é uma lutadora. Tal como eu.

– Há tanta coisa que não percebo – disse o Rob quando regressávamos do hospital.

A Belle estava no banco de trás a dormir, com a cabeça encostada à janela e o corpo embrulhado num dos cobertores que ele nos trouxera. O Rob veio

armado com mantimentos – água, comida, almofadas. E a polícia metropolitana contactara-o para ir levantar o meu carro e levá-lo para casa.

Levei um dedo aos meus lábios quando o Rob olhou brevemente para mim, à espera de respostas. Não havia como revelar tudo então, sobretudo com a Belle no carro. Mas, claro, era só mais uma forma de me proteger, de adiar o inevitável. Embora o Darren, a Luba e o Vaughn estejam mortos e nunca mais viessem a ser uma ameaça, ainda carregava os meus segredos comigo. Afinal, não havia forma de *lhes* pegar fogo. Por isso, podia viver com o que tinha feito para o resto da minha vida, ter o Rob alheio ao meu passado, ou confessar-lhe que a Belle não era realmente minha filha, que a tinha roubado e que a mãe dela tinha morrido por minha causa.

– Anda lá, volta para a cama. Ordens do médico – diz o Rob agora.

– Não posso ficar aqui para sempre. Estou bem. Sinto-me lindamente.

– Descanso, descanso e mais descanso, foi o que disseram no hospital.

Admito que não sou boa a não fazer nada. A Amy é perfeitamente capaz de manter as coisas a funcionar na Greene & Clean, mas estou desejosa de voltar. Ou, pelo menos, de ir lá abaixo arrumar as coisas ou fazer comida.

– Podes dar-me o meu portátil, então? – pergunto-lhe.

– Netflix ou trabalho?

– Ambos?

– Não, se fores trabalhar, não – diz ele. – Vou fazer-vos o almoço. Depois venho cá trazê-lo.

E desaparece lá em baixo durante algum tempo, deixando-me com os pensamentos a remoer na cabeça. Levanto-me e vou até ao quarto da Belle.

– Então? – digo.

Ela ergue o olhar, tirando os auscultadores. Tem o edredão puxado por cima das pernas e está a usar a camisola cor-de-rosa com borboletas. Adoro vê-la com ela – envolve-a em inocência, tal como deve ser. Espero que deite fora todas as roupas reles que *ele* lhe comprou, livrando-se da pessoa em que ele a tentou transformar. Nunca foi o seu estilo e a Belle sempre se orgulhou de ter o seu próprio visual – arrojado mas de bom gosto, com uma mistura de coisas de quando era mais nova, bem como itens que marcaram a sua transição para jovem adulta, mostrando que não estava a crescer antes do tempo. Quero que tudo isso volte, não que se transforme numa pessoa que não é.

– Então? – Dá uma palmadinha na beira da cama e eu sento-me.

– Como é que te sentes?

– Entediada. E tu?

– Igual. – Reviro os olhos.

– Mãe… – A Belle tem uma expressão de dor no rosto, como se falar comigo lhe fosse desdobrar os vincos da testa.

– Sim, amor – digo, pegando-lhe na mão.

Tem palavras na ponta da língua que estão enraizadas em sentimentos que desafiam a linguagem.

– Desculpa – diz por fim, olhando-me nos olhos. – A sério, desculpa.

– Oh, querida – respondo, puxando-a para um abraço. – Não, *eu* é que peço desculpa. – E, mais uma vez, as palavras não conseguem expressar quão profundamente o sinto e, mesmo que conseguissem, ela nunca saberá as razões exatas do meu pedido de desculpas.

– Queria tanto ser crescida, sabes, como uma verdadeira adulta. Era como se estivesse a avançar dez anos na minha vida. Mas, ao fazê-lo, só me fez sentir ainda mais criança.

Envolvo-lhe o rosto nas mãos, afastando uma madeixa de cabelo.

– Acredita que, na próxima fase da tua vida, meu amor, vais aprender imenso sobre ti. Vais aprender o que gostas e o que não gostas, quem e o que queres na tua vida. E mal te vais aperceber disso, porque vai ser um processo natural e gradual. Um dia, vais olhar para trás e lembrar-te deste verão, percebendo que não serias a pessoa em que te tornaste sem o passado a moldar o teu presente.

– Queres dizer, tipo, o que não me mata torna-me mais forte?

– Na verdade, não – esclareço. – Quanto a mim, essa expressão está gasta. – Solto uma pequena gargalhada, tentando encontrar as palavras para explicar. – O trauma é… bem, é devastador. Afeta todas as partes da tua vida e a forma como confias e te relacionas com os outros ou tomas decisões. Nem sempre é verdade que te torna mais forte. Na verdade, pode ter o efeito oposto. Mas leva-te a considerar as coisas com mais cuidado, para que não repitas padrões passados. A ironia é que, se o ignorares, esses padrões repetem-se na mesma.

– Um bocado como água mole em pedra dura, como uma lição de vida?

– Acho que sim – digo, abraçando-a de novo e maravilhando-me com a sua sabedoria. – E prometo não ser tão… – Respiro fundo, porque sei que

vai ser difícil; vai contra tudo a que estou habituada. Mas tenho de mudar, para bem da Belle. – Prometo não ser tão protetora, para te dar espaço para cresceres.

A Belle sorri-me, fazendo um pequeno aceno de agradecimento.

– Mas há uma coisa que não percebo – continua.

– Diz.

– Como é que sabias onde me encontrar? – pergunta ela. – Quero dizer, naquele *sítio*? Não disse a ninguém onde ia.

Esta é a tua oportunidade, penso, *de lhe contares tudo*. Mas detenho-me, não permitindo que as palavras passem do cérebro para a boca. Podia dizer-lhe que, quando conheci o Darren, ainda não tinha dezassete anos, que também fui apanhada nas suas mentiras e que nunca me perdoarei pelo que tive de fazer para lhe tirar as chaves. Como as mãos dele estiveram em cima de mim naquela noite em que a Luba esteve fora, como o meu corpo nu o distraiu durante tempo suficiente para as roubar. Era a única maneira que conhecia de conseguir o dinheiro, de dar à Hannah uma vantagem na vida contigo, Belle. Como, nessa altura, já estava habituada a ser usada – embora, naquele caso, tivesse sido eu a usá-lo. Podia explicar como nunca esperei que a Hannah desse à luz antes de ter a oportunidade de fugir e que nunca pensei que perdesse todo aquele sangue e morresse. Agora sei que o mais provável é que tenha sido uma hemorragia pós-parto e que, com os devidos cuidados médicos, teria sobrevivido. A culpa foi minha por não a ter levado ao hospital.

Também lhe podia contar que, quando a vi em bebé, deitada naquela cama, o meu coração se derreteu por ela, como os seus olhos suplicantes me olharam, como se fosse minha filha – como se eu fosse sua mãe. Como a Hannah tinha dito uma vez que, se alguma coisa acontecesse a qualquer uma de nós, estaríamos lá uma para a outra, custasse o que custasse. E que foi isso que fiz. Também podia explicar que peguei no dinheiro, que a embrulhei e que fugi com os documentos da Hannah, vivendo uma mentira desde o momento em que saí dos Claustros, fingindo sempre ser alguém que não sou. Transformei-me na Hannah. Tanto que, hoje em dia, há muito que me esqueci de quem era realmente. Podia dizer-lhe que a amei como minha filha desde esse dia, sem nunca duvidar da nossa ligação. Afinal de contas, tenho o sangue dela a correr-me nas veias.

Irmãs de sangue.

Mas não o digo. Não lhe conto nada disto.

Não posso.

De que serviria? E isso significa que também não posso contar ao Rob. Embora ele vá fazer perguntas, sei que vai. Como é que *sabia* onde estava a Belle? Porque é que menti sobre conhecer o Darren – ou o Jack, como ambos acreditavam que se chamava? Porque é que *não* mencionei que vivi em Londres há tantos anos?

O segredo vai ficar comigo.

Só de pensar que o Darren fotografou o cadáver da Hannah, fico doente. Sabendo como o Vaughn trabalhava, teria sido fácil para eles livrarem-se dela. Uma fugitiva desconhecida, sem ninguém à sua procura, sem ninguém para participar o seu desaparecimento. Éramos todas dispensáveis, fantasmas do nosso antigo eu, sem que ninguém se importasse se estávamos vivas ou mortas. E depois, esperou, esperou pelo momento certo durante dezoito anos, antes de voltar para me chantagear com a Belle como peão, para me fazer pagar pelo que tinha feito. Pelo que tinha roubado. Mas nós tínhamos merecido aquele dinheiro – e mais algum. E a Hannah tinha pago o preço maior.

Era dinheiro de sangue e não me arrependo nem um bocadinho de o ter roubado. Deu à Belle uma boa vida – a vida que merecia.

Só não sei é como é que o Darren *me* encontrou. E vou ter de viver com isso, em paz por saber que não nos pode magoar mais. Estamos finalmente livres.

– Muito bem, meninas – diz o Rob, entrando no quarto com um tabuleiro, livrando-me de ter de responder à pergunta da Belle. – Pão com queijo e fiambre e uma chávena de chá para cada uma. Como se sentem?

– Entediadas! – eu e a Belle cantarolamos em conjunto.

– Por favor, podemos levantar-nos, pai? Estamos bem. Quero ir dar um passeio ou assim. Tudo menos ficar presa à cama.

– Ela tem razão – digo. – Está a dar-me cabo da cabeça. Porque é que não comemos e vamos até ao parque dar um passeio?

O Rob fica ali, com as mãos nas ancas, a olhar de uma para a outra. Eu sei quanto gosta de nós – e da Amber também, que, no momento certo, entra no quarto e salta para a cama da Belle.

– Quando é que vamos ver o filme, Belle? – pergunta, irrequieta. – Estou tão aborrecida que era capaz de arrancar um pé à dentada.

O Rob e eu rimo-nos. Nunca pensei que ficaria contente por três quartos da minha família estarem tão absoluta e completamente perdidos sobre o que fazer. É uma felicidade.

– Tu também, não – diz o Rob, despenteando o cabelo à Amber. – O que se passa com a minha família que não consegue ficar quieta por um minuto?

Deixa-se cair na cama e juntamo-nos todos. Eu e a Belle comemos o almoço, e olho para cada um deles à vez – o Rob, a Belle e a Amber.

A minha família… As palavras do Rob reproduzem-se na minha mente. É o melhor pai do mundo e estar-lhe-ei eternamente grata por nos ter dado uma hipótese, a mim e à Belle, há tantos anos – uma mãe solteira, com medo, nervosa, sempre a olhar por cima do ombro para ver se o passado não estava prestes a apanhá-la. Não podia ter desejado um padrasto melhor para a Belle, nem se o tivesse escolhido a dedo.

– Adoro-vos – digo, sorrindo, enquanto três caras se viram para mim.

– A quem? – pergunta a Amber, roubando-me comida.

– A todos. Vocês todos.

– E eu também vos adoro – diz o Rob, colocando os braços à nossa volta e puxando-nos para um abraço. – As minhas meninas… – acrescenta, dando um beijo a cada uma.

Epílogo

ROB – UM MÊS DEPOIS

O que é que achas? – pergunta a Hannah, rodando em frente ao espelho do quarto, mostrando o seu novo vestido.

– Nove em dez – digo-lhe, sorrindo.

– Nove? – responde, indignada. – Porque é que perdi um ponto?

– Porque o estás a usar. Seria um dez se não estivesses. – Dá-me um murro no ombro a brincar. – Pronto, mereci essa – digo, olhando para o relógio. – É melhor irmos. A mesa está reservada para as sete e meia.

Acena com a cabeça e pega na mala. Lá em baixo, despedimo-nos da Amber, que está absorta num jogo de xadrez com a Natalia.

– Pai, ela está a dar-me uma tareia – diz a Amber, a olhar para o tabuleiro.

A Natalia levanta a cabeça de supetão.

– Não, não, não lhe fiz mal, juro. – A sua expressão é de preocupação, enquanto os seus olhos saltam entre mim e a Hannah.

A Amber ri-se, mas eu reprimo o meu sorriso.

– Não tem mal, Natalia – responde a Hannah. – Ela só quer dizer que estás a ganhar o jogo.

O rosto da Natalia relaxa e ela recosta-se na cadeira.

– Esta língua, nunca vou aprender. – Abana a cabeça e move o bispo. – Xeque – diz à Amber, despedindo-se de nós com um aceno.

– A Belle volta às dez – diz a Hannah da porta.

Estamos ambos aliviados por ter concordado em ir ao cinema com a Jenny. Apanha o autocarro para casa mais tarde.

No restaurante, puxo a cadeira para a Hannah se sentar, sentindo uma súbita onda de adrenalina no fundo do estômago. O empregado olha para mim quando nos entrega os menus e faço-lhe um aceno impercetível. Está tudo combinado.

– Que restaurante chique – observa a Hannah, olhando em volta. – Estou a

adorar o pianista.

– Queria oferecer-te um mimo – digo, olhando para o piano de cauda colocado na diagonal em relação aos comensais. – Mereces. – Mas alguma coisa na sua cara diz-me que não acredita que mereça.

– Temos dinheiro para isto? – sussurra, inclinando-se para a frente.

Aceno com a cabeça.

– As coisas estão a melhorar – digo-lhe, embora ainda vá demorar algum tempo até que o meu negócio volte a estar totalmente no bom caminho. – Aquele cliente novo e grande deu certo.

Sou propositadamente vago. A preocupação dos últimos meses tem tido o seu preço, mas não quero sobrecarregar a Hannah com tudo isso. Protegi-a até agora e não quero deixar transparecer o quanto as coisas se atrapalharam, como dia e noite fui consumido pelo medo e pela preocupação, aterrorizado com a possibilidade de ir tudo pelos ares. Como foi por pouco. Mas agora não há hipótese de isso acontecer.

– Meu Deus, olha para os preços – diz ela, apontando para a secção de marisco. – A lagosta! – exclama.

– Pede, se quiseres.

O empregado aproxima-se, pronto para anotar as bebidas.

– Uma garrafa deste, por favor – indico, apontando para a carta de vinhos antes que a Hannah possa protestar.

– Com que então és tu que escolhes – brinca ela depois de o empregado se ter ido embora. Ele volta rapidamente com uma garrafa do champanhe mais caro. – A sério? – pergunta ela, olhando para mim com as sobrancelhas arqueadas, enquanto o *sommelier* abre suavemente a rolha, oferecendo-me um pouco para provar. Aceno com a cabeça e ele serve dois copos. – A que é que te soube? – diz ela. – Uma pitada de notas de cinquenta libras com o sabor a cheque especial?

– Saúde – digo, rindo-me e levantando o meu copo. – À nossa – acrescento. – E não, por acaso, soube-me ao que está para vir. Ao nosso futuro. E foi delicioso.

– Então, ainda bem que vamos voltar de táxi – responde a Hannah, levando o seu copo ao meu. Bebe um gole. – Hum, mesmo delicioso – diz ela. – Esperemos que tenha mesmo o sabor do futuro.

– Não tenho dúvidas – digo-lhe. A minha mão pousa no bolso, só para ter a certeza. Pela centésima vez esta noite.

Pedimos a travessa de marisco para começar, por insistência minha, e a Hannah acaba por concordar com a lagosta fresca, enquanto eu peço um bife do lombo.

– Sinto que preciso de abrir uma conta no Instagram só para me gabar disto – diz ela, rindo-se, enquanto chega um enorme prato de prata com ostras, lagostins, lulas, camarões e mexilhões da Nova Zelândia.

Observo-a enquanto espreme o limão fresco sobre uma ostra e depois coloca uma pitada de *Tabasco*. Está totalmente absorta e envolvida em antecipação. Nota-se no seu rosto, na forma como os olhos estão iluminados, no canto da boca virado para cima, que está aberta só um pouco. Delicio-me a ver a mulher que mais amo no mundo a entregar-se a si própria. Claro que nada disto teria sido possível sem o Darren ou o Vaughn. Ou deverei dizer, sem o Darren ou o Vaughn estarem *mortos*. Mas não posso dizer isso à Hannah, nem o verdadeiro motivo do meu encontro com o Darren na noite em que encontrei as fotografias no cofre. Foi o Darren, de facto, que me deu uma pista sobre o novo código que a Hannah tinha usado. Nunca acreditei que o Darren descesse tão baixo, dando-me aquelas fotografias da Belle, mas queria mostrar-me que estava a falar a sério. E não conseguia pensar numa forma pior de o fazer – ameaçar a Belle. A minha *família*.

– Digamos que tivemos um problema com um dos nossos clientes habituais – disse-me, ainda antes de ter posto as garras na Belle ou de ter anunciado o seu noivado, a primeira ameaça velada. Depois, traçou uma linha no pescoço, indicando o que acontece a quem se atreve a opor-se a ele ou ao Vaughn. – Já foste de confiança no passado e precisamos novamente dos teus conhecimentos. A polícia tem andado a farejar à nossa volta em Londres e precisamos de alguém mais distante. És um dos nossos contactos mais antigos, Rob. Não tens escolha.

– Foi tudo há muito tempo. Já não tenho os mesmos meios – disse-lhe, perguntando-me como é que me ia safar.

Não queria de maneira nenhuma voltar a envolver-me nos seus negócios obscuros. Agora tinha de pensar na minha família. O Darren e o Vaughn tinham-me encostado à parede da primeira vez e eu não ia deixar que isso voltasse a acontecer. Foi então que, depois do seu noivado com a minha filha, o Darren me falou das fotografias da Belle, que devia procurá-las em casa. Que estariam por toda a Internet se eu não acatasse.

É certo que manter o fingimento de lhe chamar Jack tinha sido stressante por vezes, assim como ficar calado sobre tudo o resto, embora estivesse habituado a isso. Receber o dinheiro foi uma fonte de angústia ainda maior, assim como o facto de me terem dito que só tinha um mês para o lavar. «Não» não era uma palavra que existisse no vocabulário do Darren ou do Vaughn, e eles tinham-me na mão. Como é que ia lavar meio milhão de libras em tão pouco tempo? Tinha pensado em pedir aos amigos do Doug que lhe dessem uma lição, mas sem dúvida que o rasto acabaria por levar a mim. Além disso, não os conhecia suficientemente bem para confiar que fariam o trabalho como deve ser e, mesmo que o fizessem, a polícia viria atrás de nós em pouco tempo. Na verdade, parece que já estavam. A polícia metropolitana tinha vários agentes à paisana a seguir o Vaughn e os seus comparsas em Londres e, naturalmente, tinham seguido o Darren até Bristol. Daí que o Grant Webster, um polícia, andasse de volta de nós, a tentar perceber se estávamos de alguma forma ligados ao Darren e aos seus negócios desonestos. Estavam a fazer o mesmo a qualquer pessoa com quem ambos tivessem contactado. Mas, no que nos dizia respeito, as suas investigações não tinham revelado nada. E, assim que a polícia ouviu a explicação que a Hannah deu no hospital, acalmaram-se por agora, acreditando que se tratava apenas de uma rapariga inocente, a Belle, a ser enredada por uma personagem obscura de quem ficara noiva e que agora estava morta.

– Sabes o que se diz sobre as ostras – ri-se a Hannah depois de ter engolido. Encara-me com um dos seus olhares, um daqueles que faz a minha pulsação acelerar.

– Esperemos que seja verdade – respondo, tirando uma.

Falamos das nossas filhas e de como estamos aliviados por a Belle ter decidido voltar à escola na próxima semana. Está determinada a pôr em dia o trabalho que não fez durante as férias grandes e a voltar ao caminho certo para os exames do próximo verão. Está de olho num curso de línguas e, apesar de todos os seus amigos estarem encantados e aliviados por a terem de novo no seu círculo, ninguém ficou mais aliviado do que nós.

– A alegria de se ser pai – brinca a Hannah, e quero desesperadamente dizer-lhe o quanto concordo, que ser pai da Amber e da Belle significa mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Mas, por muito que tente, continuo a sentir que há a Amber, *a nossa*, e depois há a Belle, *a dela*.

Sempre foi assim, e mais de uma vez tive de morder a língua por causa disso.

Volto a meter a mão no bolso do casaco para a sentir. A pequena caixa de veludo ainda lá está, com o anel de diamantes em segurança. Nada que se compare ao desastre que tivemos com o presente de aniversário da Belle e não vou correr o risco de o perder ou de me ser roubado. Ao início, a Belle não queria acreditar que tínhamos comprado as joias para ela, agarrando-se à ideia de que o Jack gostava mesmo dela para preservar alguma autoestima, e foi preciso ver o recibo e a avaliação do joalheiro para efeitos de seguro para a convencer de que o Jack tinha de facto roubado a nossa prenda da mala da Hannah. Duvido que as use durante algum tempo e, por agora, estão de volta ao cofre até ela estar pronta.

– Não te consigo dizer o quanto estou ansiosa pela nossa pausa em outubro – diz a Hannah enquanto descasca um camarão. – E não consigo acreditar que vou fazer… que vou fazer quarenta anos. – Desvia o olhar quando fala, como se não tivesse a certeza de que vai mesmo chegar a essa idade, como se quase tivesse de se convencer a si própria de que é possível.

– Bem, se te serve de consolo, não pareces nada.

Toco-lhe na mão e ela não sabe o quanto estou a dizer a verdade. O quanto *sei*. A Hannah – ou devo dizer, a *Molly* – é, de facto, quatro anos mais nova e ainda não vai fazer quarenta anos. E que a data de nascimento da Molly, de trás para a frente, era o novo código do cofre – um palpite fácil, cortesia do Darren. Espanta-me sempre como as pessoas são criaturas de hábitos, de padrões familiares, como o desvio da norma exige tanto esforço que é mais fácil ficar com o que conhecemos, com o que funciona.

– Tens a certeza de que conseguimos pagar? Não me importo de adiar para o próximo ano. Os hotéis em Barcelona devem ser caros.

– Chega de preocupação com poder pagar ou não. Confia em mim, está bem? As coisas estão a melhorar financeiramente.

Só preciso de desviar os montes de dinheiro que o Darren me entregou no fim de semana em que supostamente estive a jogar golfe com colegas – atualmente guardados num armazém seguro que aluguei na periferia da cidade – para vários investimentos ao longo do tempo e pagar o máximo de coisas que puder em dinheiro. E há outras opções para lavar o dinheiro, claro. Sei o que fazer. Sou uma espécie de especialista em como funciona, embora agora seja um homem diferente.

Porém, naquela altura, em Londres, o Darren e o Vaughn tinham arrebitado as orelhas quando lhes disse que trabalhava num banco, embora num cargo muito baixo. O que estavam a propor era uma saída, digamos assim, para os problemas em que estava metido.

Os problemas que lhes *tinha causado*. Uma espécie de plano de reembolso. Porque o Darren e o Vaughn achavam que eu lhes tinha ficado a dever depois do que tinha acontecido. E eu estava desesperado.

Mas, como disse, agora sou uma pessoa diferente. Um homem, não um rapaz, que era tudo o que eu era na altura, apesar de ter vinte e poucos anos. Não sei porque é que nunca tinha tido uma namorada. Talvez porque me interessava mais por números, jogos, programação e livros de *anime*. Enquanto todos os outros rapazes da escola e da universidade tinham raparigas que entravam e saíam das suas vidas, namoravam, ganhavam experiência, eu não tinha ninguém. Era como se fosse invisível. Até então, não me considerava feio – na verdade, nunca tinha pensado na minha aparência. Era apenas eu – um rapaz meio magricela com um sentido de humor decente, uma boa ética de trabalho e um desejo de ser apreciado. Aparentemente, não era suficiente.

Ao fim de algum tempo, o facto de ser ignorado ou de se rirem de mim quando convidava uma rapariga para sair fez-se sentir. Quando cheguei aos vinte anos, acreditava que nunca iria conhecer ninguém, que estava destinado a uma vida sozinha e celibatária. Mas não queria isso. Eu queria uma família. Uma mulher e filhos.

– Em que é que estás a pensar? – pergunta a Hannah, levando um camarão à boca. – Pareces estar noutro mundo.

– Nada de especial – digo com um suspiro. – Só em como o tempo passa, como todos mudamos. Sabes, quando não era muito mais velho do que a Belle, nem por um momento acreditei que viria a ter a minha própria família, uma casa, uma carreira.

A minha boca fica subitamente seca quando me lembro do anel que tenho no bolso. Não posso fazer isto. E se … e se ela disser que não? Estremeço, recusando-me sequer a contemplar a ideia. Além disso, agora lidaria com a rejeição de forma diferente, como um homem. Não como um rapaz. Nada mudaria entre nós. Não haveria raiva como da última vez, não haveria descrença, não haveria pensamentos de vingança ou juras de que, se não a podia ter, então mais ninguém podia. Especialmente porque estava grávida

do meu bebé. Foi ela que mo disse.

– Mas eu amo-te, Hannah – tinha-lhe dito na altura, apertando-lhe as mãos quando ela estava sentada à beira da cama naquele quarto chungoso.

Ela olhou para mim com nojo, com o cabelo comprido caído à volta da cara, as mãos na barriga inchada. A sua expressão dizia-me que me achava uma escumalha, que só tinha pena de mim. Tal como as outras.

– Querem ver o menu das sobremesas? – pergunta o empregado depois de termos terminado os pratos principais.

A Hannah põe uma mão na barriga e olha para mim, indicando que está demasiado cheia para mais alguma coisa. Não consigo deixar de reparar na ironia. Naquela altura, também tinha posto a mão na barriga da Hannah para sentir o nosso bebé a crescer dentro dela. Tinha-me dito que era meu, sem dúvida. Que o Darren e o Vaughn iam matá-la por ter engravidado de um cliente. Era só isso que eu era para ela, um qualquer a querer perder a virgindade.

– Estou cheia – diz a Hannah. – Mas um café seria ótimo.

– Para mim também – digo, olhando para o empregado.

É a sua deixa. Ao chegarmos aos cafés, faz sinal ao pianista para tocar a nossa música preferida – aquela que ouvi vezes sem conta depois daquela noite terrível, a soluçar e a sentir-me mais sozinho do que nunca. E agora tornou-se o *nosso* hino romântico.

– Obrigada – diz a Hannah quando trazem dois cafés para a nossa mesa. – Rob, esta foi a noite mais perfeita. Obrigada. – Estende a mão e pega na minha, apertando-a no momento em que o pianista começa a tocar.

– Não tens de quê – respondo, com intenção. A minha mão direita vai ao bolso, sentindo a suavidade da caixa de veludo. Estou a suar e uma sensação de náusea invade-me.

Avança, digo a mim mesmo. *Pergunta-lhe*…

– Oh, meu Deus, estão a tocar a nossa canção, Rob. – A Hannah sorri para o pianista enquanto ele toca *Candle In The Wind*. – Anda, vamos dançar – diz ela, levantando-se e puxando-me.

Leva-me até à pequena pista de dança ao lado do piano, onde todos os olhos estão postos em nós. Envolvo os meus braços à volta da sua cintura e ela coloca os dela sobre os meus ombros, entrelaçando os dedos no meu pescoço. Movemo-nos lentamente como um só, sentindo a música a flutuar à nossa volta. A Hannah encosta o rosto ao meu pescoço enquanto nos

balançamos juntos.

Fecho os olhos. Volto a estar nos Claustros. Naquela última noite em que insisti em ver a Hannah, em que lhe disse que a ia levar para longe de tudo aquilo, que a amava, que a queria, que faria missão da minha vida cuidar dela e do nosso bebé.

Mas o bebé já estava a caminho. E, enquanto o empurrava para fora naquele quarto – o quarto onde tinha sido concebida –, enquanto a minha linda Belle vinha ao mundo, a Hannah gritava comigo para me ir embora, que ela não prestava, que me odiava, que não queria estar comigo, que eu estava melhor sem ela. Toda a minha raiva, fúria e aversão a mim mesmo se juntaram naquela noite…

o culminar de tudo o que tinha acontecido antes. A prova final de que eu não valia nada.

Então fui-me embora. Deixei a Hannah a contorcer-se em agonia, a sangrar copiosamente e muito mais do que era normal, sei agora, embora na altura não me tivesse apercebido da gravidade do que lhe estava a acontecer. Em vez disso, fiz com que a situação se resumisse a *mim*, sentindo-me rejeitado e sem esperança; acreditando que era bem feito ela sofrer um pouco. Só alguns dias mais tarde, quando o verdadeiro remorso se instalou, é que voltei aos Claustros para a ver. Ia compensá-la, dizer-lhe que a apoiaria, acontecesse o que acontecesse. Depois, o Darren deu-me a notícia de que a Hannah tinha morrido, que a culpa era toda minha, que eu devia ter pedido ajuda. Que eu tinha matado uma das raparigas do Vaughn. E tinham razão. Por razões egoístas, deixei morrer uma rapariga inocente.

Depois de me contarem o que tinha acontecido, entrei em choque e depressão. Especialmente quando soube que o bebé tinha sido roubado por outra rapariga, chamada Molly. E foi assim que fiquei em dívida para com o Darren e o Vaughn. Com a minha dor e culpa, concordei em lavar o dinheiro da droga deles e, em troca, eles disseram que não falariam sobre como tinha deixado a Hannah morrer. Como a tinha *matado*. A minha vergonha sobrepôs-se à racionalidade, levando-me a fazer o trabalho sujo deles. Foi só quando me fartei, vários anos mais tarde, quando lhes disse que já não o fazia e regressei à cidade onde tinha estudado na universidade – afinal, tinha alguns contactos em Bristol –, que a minha sorte mudou, embora a culpa do que fiz nunca me tenha abandonado por um minuto. Foi o *e-mail* que o fez – e normalmente eles eram apagados de imediato, sem

ser lidos –, mas, por alguma razão, cliquei e abri aquele em particular. Era um boletim informativo de antigos alunos da universidade que tinha subscrito quando me licenciei a gabar-se de como os seus antigos alunos se tinham saído bem, da abertura de um novo departamento, da atribuição de várias bolsas de estudo, e por aí fora. Mas houve uma história que me chamou a atenção, que me fez arquejar quando li o título – «Empresária com preocupações ecológicas ganha prémio». Uma empresa local em fase de arranque tinha ganho e tinha havido uma apresentação e um pequeno prémio em dinheiro. Cliquei na fotografia e estudei-a. Um grupo de cerca de seis pessoas olhava sorridente para a câmara e a vencedora, que estava de pé no centro do grupo, a segurar um pequeno troféu, tinha o seu nome impresso por baixo: Hannah Greene.

De repente, senti-me mal e disse a mim mesmo que era apenas uma coincidência, que não era um nome incomum. Mas, quando ampliei a imagem, tive um choque.

Era *ela*. A rapariga dos Claustros. A Molly. Tinha a certeza disso. Já tinha visto a sua fotografia na pasta que guardavam debaixo do balcão vezes suficientes para não ter dúvidas. E, na fotografia, ela tinha uma criança pequena.

A *minha* filha.

Encontrá-la e engendrar um encontro acidental com ela fora fácil – tal como foi apaixonar-me por ela e pela sua filha. A *minha* filha. Embora também me arrependa para sempre de, anos mais tarde, as minhas associações passadas com o Darren e o Vaughn os terem levado diretamente à Hannah e à Belle.

– Hannah – digo agora, com uma mão a deslizar para o meu bolso. Tiro a caixa das alianças enquanto a nossa canção toca, os acordes do piano a flutuar entre nós. Ergo-a, abrindo-a. As lágrimas enchem-me os olhos quando falo. – Queres casar comigo?

A Hannah pára de dançar. Olha para o diamante, cujo fogo se reflete nos seus olhos. Lentamente, inclina o rosto para cima para olhar para mim. Não consigo interpretar a sua expressão… não consigo ler-lhe os pensamentos.

Abre a boca para falar e é como se todos os anos que passaram até agora estivessem reunidos num só, como se ela fosse a Hannah e a Molly ao mesmo tempo e eu fosse o homem mais sortudo do mundo por ter as duas.

Agradecimentos

Como sempre, quero agradecer imenso à Jessie Botterill, a minha fantástica editora na Bookouture, por ter trabalhado neste livro comigo. É sempre um grande prazer e não conseguiria fazê-lo sem ti! Agradeço também de coração à Sarah Hardy, à Kim Nash, à Noelle Holten e à Jess Readett, a equipa de publicidade de sonho que dá tudo por tudo para espalhar a palavra sobre os meus livros. Um grande obrigada e respeito ao Seán Costello pelo seu brilhante trabalho de edição de texto e, da mesma forma, à Jenny Page pela revisão do manuscrito original. Obrigada à Lisa Horton pelo *design* da capa original do meu livro! E, finalmente, um enorme agradecimento a toda a equipa da Bookouture por tudo o que fazem.

Devo um grande agradecimento ao Oli Munson, o meu adorável agente, por estar presente em todas as minhas coisas de autora! Agradeço também, claro, a toda a equipa da A. M. Heath.

Um grande reconhecimento e agradecimento a todos os *bloggers*, críticos e amantes de livros de todo o mundo que dedicam tempo a ler, avaliar e partilhar o seu amor pelos livros. Significa muito para os autores.

Por último, mas não menos importante, muito amor para a minha querida família, ao Ben, à Polly e à Lucy, à Avril e ao Paul, ao Graham e à Marina, e ao Joe.

Uma carta

de Samantha Hayes

Caro leitor,

Muito obrigada por ter lido *A Promessa*; espero que o tenha adorado e que tenha virado as páginas rapidamente enquanto eu partilhava as aventuras das minhas personagens. Estou agora a trabalhar no meu próximo livro, por isso, se quiser estar a par das novidades sobre os meus novos lançamentos e ofertas, pode clicar nas ligações abaixo:

facebook.com/samanthahayesauthor
twitter.com/samhayes
instagram.com/samanthahayes.author
www.bookouture.com/samantha-hayes

Todos os pais querem o melhor para os seus filhos na transição para a idade adulta, especialmente quando se trata de encontrar a pessoa com quem querem passar o resto das suas vidas. E, quando algo tão importante como um noivado e um futuro casamento é anunciado, espera-se que o filho tenha encontrado alguém amável, de confiança e respeitador com quem assentar. Este cenário familiar pareceu-me perfeito para uma autora de *thrillers* psicológicos aprofundar – e um pretexto perfeito para criar alguma tensão!

No início do livro, Hannah tem finalmente tudo com que sempre sonhou: um parceiro amoroso e duas filhas felizes e saudáveis, além da sua adorável casa. Quis desvendar um cenário em que, depois de ter deixado o seu passado sombrio para trás, a juventude da minha personagem principal finalmente a apanhasse, tendo um efeito devastador na sua própria filha com uma idade semelhante. E a única forma de salvar a filha é arriscar-se a expor o segredo que há muito guarda – tudo aquilo de que tanto se *envergonha*.

Embora nem todos os pais imaginem que os seus filhos adolescentes vão deixar a escola para se casarem, isso não é inédito, pelo que tive de aumentar a parada. Perguntei-me: e se Belle acreditasse que tinha encontrado o homem dos seus sonhos, mas ele fosse várias décadas mais

velho? Mais uma vez, as relações com grandes diferenças de idade podem existir e funcionar, mas e se o noivo de Belle for o inimigo da mãe, o homem que aliciou Hannah numa idade semelhante, o homem que conhece o seu terrível segredo… aí torna-se uma situação completamente diferente. Era essa a história que sabia que tinha de escrever.

Tenho os meus próprios filhos adultos, por isso senti uma profunda empatia pela Hannah e pelas suas dificuldades, passadas e presentes. Que mãe não faria o que fosse preciso para salvar a sua filha do perigo? E, à medida que me fui aprofundando na vida das trabalhadoras do sexo e pesquisei as dificuldades que muitas enfrentam, bem como os danos emocionais duradouros que podem sofrer, a minha empatia e desejo de contar a sua história aumentaram.

Espero sinceramente que tenha gostado de ler este livro e seria muito importante se pudesse dispensar alguns momentos para deixar uma crítica rápida na Amazon. É uma ótima maneira de chamar a atenção para um romance de que gostamos e de deixar um autor muito feliz! Como mencionei no início desta carta, estou ocupada a escrever o meu próximo *thriller*, que mal posso esperar por partilhar. Até lá, também pode seguir-me nas minhas redes sociais.

Com desejos de tudo de bom,

Sam x

Contents

1. Prólogo
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. 5
7. 6
8. 7
9. 8
10. 9
11. 10
12. 11
13. 12
14. 13
15. 14
16. 15
17. 16
18. 17
19. 18
20. 19
21. 20
22. 21
23. 22
24. 23
25. 24
26. 25
27. 26
28. 27
29. 28
30. 29
31. 30
32. 31
33. 32

34. 33
35. 34
36. 35
37. 36
38. 37
39. 38
40. 39
41. 40
42. 41
43. 42
44. 43
45. 44
46. 45
47. 46
48. 47
49. 48
50. 49
51. 50
52. Epílogo
53. Agradecimentos
54. Uma carta
55. de Samantha Hayes

Page List

1. 3
2. 4
3. 5
4. 7
5. 8
6. 9
7. 10
8. 11
9. 12
10. 13
11. 14

12. 15
13. 16
14. 17
15. 18
16. 19
17. 20
18. 21
19. 22
20. 23
21. 24
22. 25
23. 26
24. 27
25. 28
26. 29
27. 30
28. 31
29. 32
30. 33
31. 34
32. 35
33. 36
34. 37
35. 38
36. 39
37. 40
38. 41
39. 42
40. 43
41. 44
42. 45
43. 46
44. 47
45. 48
46. 49
47. 50

48. 51
49. 52
50. 53
51. 54
52. 55
53. 56
54. 57
55. 58
56. 59
57. 60
58. 61
59. 62
60. 63
61. 64
62. 65
63. 66
64. 67
65. 68
66. 69
67. 70
68. 71
69. 72
70. 73
71. 74
72. 75
73. 76
74. 77
75. 78
76. 79
77. 80
78. 81
79. 82
80. 83
81. 84
82. 85
83. 86

84. 87
85. 88
86. 89
87. 90
88. 91
89. 92
90. 93
91. 94
92. 95
93. 96
94. 97
95. 98
96. 99
97. 100
98. 101
99. 102
100. 103
101. 104
102. 105
103. 106
104. 107
105. 108
106. 109
107. 110
108. 111
109. 112
110. 113
111. 114
112. 115
113. 116
114. 117
115. 118
116. 119
117. 120
118. 121
119. 122

120. 123
121. 124
122. 125
123. 126
124. 127
125. 128
126. 129
127. 130
128. 131
129. 132
130. 133
131. 134
132. 135
133. 136
134. 137
135. 138
136. 139
137. 140
138. 141
139. 142
140. 143
141. 144
142. 145
143. 146
144. 147
145. 148
146. 149
147. 150
148. 151
149. 152
150. 153
151. 154
152. 155
153. 156
154. 157
155. 158

156. 159
157. 160
158. 161
159. 162
160. 163
161. 164
162. 165
163. 166
164. 167
165. 168
166. 169
167. 170
168. 171
169. 172
170. 173
171. 174
172. 175
173. 176
174. 177
175. 178
176. 179
177. 180
178. 181
179. 182
180. 183
181. 184
182. 185
183. 186
184. 187
185. 188
186. 189
187. 190
188. 191
189. 192
190. 193
191. 194

192. 195
193. 196
194. 197
195. 198
196. 199
197. 200
198. 201
199. 202
200. 203
201. 204
202. 205
203. 206
204. 207
205. 208
206. 209
207. 210
208. 211
209. 212
210. 213
211. 214
212. 215
213. 216
214. 217
215. 218
216. 219
217. 220
218. 221
219. 222
220. 223
221. 224
222. 225
223. 226
224. 227
225. 228
226. 229
227. 230

228. 231
229. 232
230. 233
231. 234
232. 235
233. 236
234. 237
235. 238
236. 239
237. 240
238. 241
239. 242
240. 243
241. 244
242. 245
243. 246
244. 247
245. 248
246. 249
247. 250
248. 251
249. 252
250. 253
251. 254
252. 255
253. 256
254. 257
255. 258
256. 259
257. 260
258. 261
259. 262
260. 263
261. 264
262. 265
263. 266

264. 267
265. 268
266. 269
267. 270
268. 271
269. 272
270. 273
271. 274
272. 275
273. 276
274. 277
275. 278
276. 279
277. 280
278. 281
279. 282
280. 283
281. 284
282. 285
283. 286
284. 287
285. 288
286. 289
287. 290
288. 291
289. 292
290. 293
291. 294
292. 295
293. 296
294. 297
295. 298
296. 299
297. 300
298. 301
299. 302

300. 303
301. 304
302. 305
303. 306
304. 307
305. 308
306. 309
307. 310
308. 311
309. 312
310. 313
311. 314
312. 315
313. 316
314. 317
315. 318
316. 319

Landmarks

1. Cover